Virgílio

Eneida

Estudo introdutivo de
Paulo Rónai
Tradução e notas de
David Jardim Júnior

coleção
UNIVERSIDADE
DE BOLSO
Textos Integrais

Eneida

Virgílio

Eneida

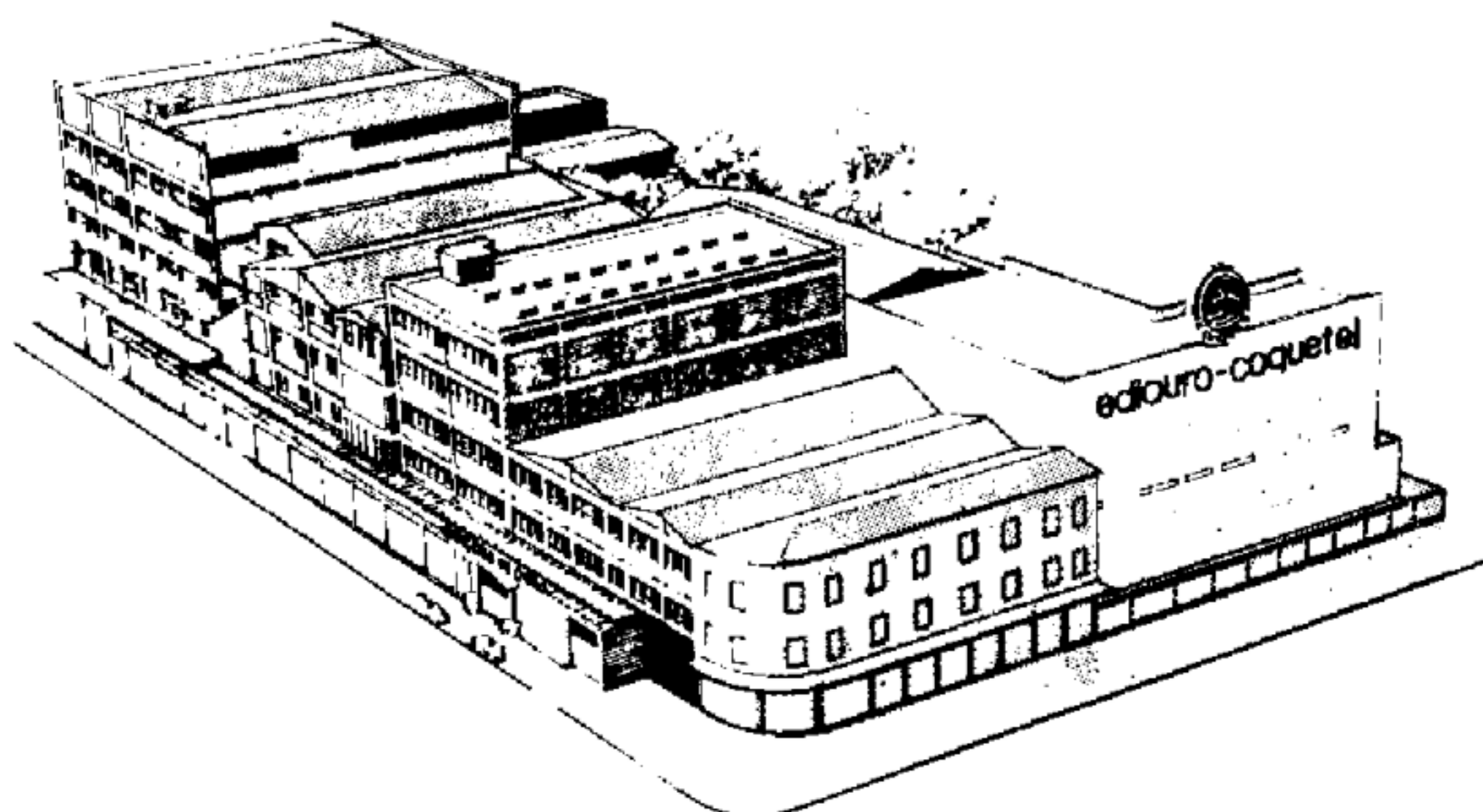
Estudo introdutivo de:
Paulo Rónai

Tradução e notas de:
David Jardim Júnior

Ilustrações de:
Johann Grüninger
de uma edição rara da Ópera Virgiliana

Guia Universitário por:
Assis Brasil

Título do original:
"Eneis"

As nossas edições reproduzem
integralmente os textos originais

EDITORA TECNOPRINT S.A.

Virgílio. Museu do Patriarca, Veneza.

Virgílio entre duas musas. Afresco de Pompéia.

Manuscrito da *Eneida* do século V. Biblioteca do Vaticano.

O encontro de Dante e Virgílio; manuscrito do século XV.
Biblioteca do Vaticano

PVB. VERG. MARO

AENEIS

CVM ERVDITISSIMIS SERVII HONORATI commentarijs, & Ioannis Pierij Valeriani castigationibus, Et lucida Iodoci Badij expositione, Adiectis Donati Fragmentis, & Philippi Beroaldi nonnullis annotationibus. Additur quoque VERGILIJ duodecimo, Tridecimus Mapphei Vegij Liber.

Christophori Landini permulta etiã scitu dignifs. habentur.

Item apposite sunt non sine ingenti sumptu suo vbiq; loco, Insignes Figure.

IEHAN PETIT

Vænundatur via Iacobæa, Apud Ioannem Parvum.

M D XXIX

Frontispício de uma das edições em latim da *Eneida*.

Virgílio, Poeta Épico

Ao espírito prático dos romanos, todo voltado para a conquista, a organização e a administração, toda atividade desinteressada, e portanto toda espécie de arte, inspirava antes desconfiança do que admiração. Entretanto, depois de submetida a Grécia no século II a.C., os seus vencedores passaram a sofrer, malgrado seu, a influência cada vez mais forte dos vencidos. Nessa época as letras gregas tinham chegado ao apogeu. Os escritores romanos começaram por traduzir as obras helênicas, em seguida passaram a imitá-las servilmente; só aos poucos conseguiram infundir conteúdo novo nas formas herdadas. Entre os primeiros que o lograram menção especial cabe a Virgílio.

Publius Virgilius Maro nasceu em 70 a.C. em Andes, perto de Mântua. Filho de um administrador de fazenda, começou os estudos na vizinha Cremona, continuou-os em Milão e terminou-os em Roma. Com mestres gregos aprendeu Retórica e Filosofia, mas a saúde frágil e uma timidez inata fizeram-no desistir do exercício da advocacia, coroamento natural do aprendizado. Consagrou-se inteiramente à literatura a partir de 42 quando suas primeiras Bucólicas (pequenos poemas idílicos e pastoris) chamaram a atenção de vários aristocratas amigos das letras, entre eles Asínio Polião e Cornélio Galo.

O confisco de propriedades rurais praticado para premiar os veteranos de César (Otávio e Antônio mal acabavam de vencer os responsáveis pela morte do ditador, Bruto e seus companheiros) não poupou o sitiozinho de Virgílio. Espoliado, o poeta recorreu a seus protetores e graças à sua recomendação junto a Mecenas, valido de Otávio, ganhou outra propriedade em vez da que fora confiscada. As novas Bucólicas ou Églogas, sobretudo a Primeira, conservam a lembrança desses maus momentos e perpetuam a gratidão do poeta pela reparação da injustiça.

A Quarta Écloga, bastante diferente das demais pela elevação do tom e a estranheza do assunto, teria também, segundo alguns, objetivo semelhante. Nela o poeta anuncia, como que em êxtase, o próximo nascimento de um menino, cuja vinda coincidirá com a chegada da idade de ouro. O menino seria o filho que Asínio Polião esperava. Outros, porém, relacionam a profecia com o nascimento de Marcelo, filho de Otávia (irmã de Otávio) e de Antônio, outros ainda com o de Júlia, filha do próprio Otávio. Não falou quem a considerasse como a predição do advento de Jesus Cristo, e essa maneira de ver seria admitida pela própria Igreja a partir do século IV.

Mas, por enquanto, quatro décadas nos separam ainda do nascimento de Jesus. No momento, Mecenas, tendo reconhecido os dotes excepcionais do poeta seu protegido, assim como a sua predileção pela vida dos campos, entreviu a maneira de pô-lo a serviço do grandioso programa de reconstrução empreendido por Otávio. Urgia, com efeito, encorajar a volta das populações rurais à sua profissão ancestral e res-

taurar, nos campos devastados pela guerra civil, a antiga prosperidade. Virgílio foi convidado a prestigiar esse plano pela composição de um poema didático dedicado à agricultura. Escreveu-o sob o título de Geórgicas de 37 a 30. Nele resume os conhecimentos essenciais da época relativos à lavoura, à arboricultura, à viticultura, à pecuária, à veterinária e à apicultura, e, para torná-los mais atraentes, entremeia-lhes lendas e mitos que lhes dizem respeito, além de um elogio da vida rústica e louvores a Otávio e Mecenas. Apesar da tenacidade do assunto e do caráter de encomenda do poema, a arte do poeta realizou obra harmoniosa e equilibrada.

O êxito desse empreendimento difícil, além de consagrar-lhe definitivamente a glória, deu-lhe confiança no próprio talento. Por isso aceitou novo convite, desta vez emanado do próprio Otávio — que, desde a sua vitória sobre Antônio, concentrava todo o poder nas suas mãos — para compor outro poema, bem mais ambicioso que os anteriores: uma vasta epopéia patriótica destinada a legitimar, pela evocação de suas origens ilustres, as altas aspirações de Roma. A tradição fazia dos romanos descendentes dos troianos e Otávio apontava como fundador da sua estirpe Enéias, um dos heróis da Ilíada. Era preciso dar consistência a essa lenda, fundamentá-la na História e na Mitologia com os poderes da poesia.

Essa tarefa Virgílio realizou-a na Eneida, em cuja composição levou dez anos, os últimos da sua vida. Assunto: as atribuições de Enéias desde a destruição de Tróia até a chegada ao Lácio e a fundação de uma nova pátria em terras da Itália. Faltava apenas a revisão final quando, desejoso de percorrer os cenários da sua epopéia, o poeta embarcou num navio com destino à Grécia; porém adoeceu em Megara e teve de voltar à pátria, vindo a falecer poucos dias depois em Brindisi, no ano 19 a.C. Antes de morrer, incumbiu dois amigos de destruírem a Eneida por julgá-la inacabada e imperfeita, mas, por determinação de Augusto (era esse o nome assumido por Otávio depois que ficou senhor único do Império), esta ordem não foi cumprida.

Imbuído de cultura grega, conhecedor profundo dos poemas de Homero, Virgílio, nesta sua obra mestra, patenteia a influência de ambos. O assunto específico de uma epopéia é uma guerra (como na Ilíada) ou uma viagem (como na Odisséia): o da Eneida é uma fusão das duas, pois conta as aventuras de Enéias, fugitivo de Tróia, à procura de uma nova pátria, e as suas lutas com os donos do Lácio onde acaba por desembarcar. Embora se trate de acontecimentos que, caso fossem verdadeiros, devem ter-se verificado muitos séculos antes da fundação de Roma, o poeta soube fazer deles os motivos de um poema nacional apontando os antepassados de seu povo nos troianos que conseguiram escapar da destruição de sua cidade.

Entre as aventuras de Enéias, Virgílio incluiu o seu encontro com Dido, o que não somente introduziu na trama algo monótona de viagens e batalhas um elemento passional, mas também explicava por antecipação o conflito que, tempos depois, ia opor cartagineses e romanos numa guerra longa e sangrenta. (Admitida a existência real de Enéias e de Dido, ainda assim os dois estariam separados, na História, por alguns séculos; mas Virgílio aproximou-os usando de licença poética.) Com verdadeiro virtuosismo encontrou, por outro lado, o meio de encerrar naquela narrativa de fatos pré-históricos os acontecimentos mais importantes da história de Roma: ora faz desfilar aos olhos de Enéias, em sua visita ao Inferno, as sombras de romanos eminentes, ora dota-o de um escudo, forjado por Vulcano a pedido de Vênus, em que se vêem reproduzidos os eventos mais memoráveis dos anais pátrios.

Acabamos de aludir à intervenção de duas divindades. Estas e outras, com efeito, estão presentes em toda a epopéia, embora não tomem no litígio dos homens parte tão intensa como os deuses de Homero, que chegam a se agredir uns aos outros. Sem realmente acreditar nas fábulas da Mitologia, o poeta latino serve-se delas para realçar a transcendência do assunto. Nem por isso deve-se pensar que o elemento religioso fique ausente da Eneida. Ele é manifesto na fé do poeta numa fatalidade a que os próprios deuses estão submetidos e que impõe a Roma as glórias, mas também os ônus de um alto destino.

É esse destino que dá sentido às peregrinações de Enéias, às vicissitudes do seu périplo, aos combates que sustenta. Em relação a todo o povo romano, ele é formulado pela sombra de Anquises, encontrada pelo filho em sua descida ao Inferno:

Tu regere imperio populos, Romane, memento.
Haec tibi erunt artes, pacisque imponere morem,
Parcere subiectis et debellare superbos.[1]

O fato de ser um instrumento nas mãos do destino força Enéias a desempenhar um papel nem sempre simpático: ordens superiores mandam-no fugir de Tróia, enquanto seus irmãos e amigos sucumbem na luta; mais tarde, elas o obrigam a escapar de Cartago às pressas e abandonar a infeliz Dido, cuja hospitalidade paga com traição. Mas para os romanos, que de bom grago acreditavam a Augusto serem o povo eleito, tais atos representavam outras tantas manifestações da pietas, da aceitação sem reservas do que estava escrito nos astros.

Talvez a teoria das origens troianas de Roma seja apenas uma invenção dos gramáticos gregos residentes na Urbe, desejosos de lisonjear a aristocracia cujos filhos ensinavam, dotando-a de uma genealogia ilustre. Em todo o caso a Eneida integrou-a definitivamente no patrimônio sentimental da nação, numa época em que ela tinha a consciência mais viva da própria grandeza. Mas se a epopéia fosse apenas um trabalho de propaganda ao serviço do expansionismo romano, não nos deslumbraria ainda hoje — como os contos de Rudyard Kipling nos deixariam frios se não tivessem outro mérito além da glorificação do imperialismo inglês. Lemos a Eneida como um testemunho extraordinário da vontade e da energia do homem (tais como Moby Dick, de Melville, ou O Velho e o Mar, de Hemingway), assim como o diário de uma viagem maravilhosa em tempos em que a lenda e a história andam juntas e os imortais se imiscuem na vida de todos os dias. Além das lendas da Ilíada e da Odisséia, o poeta latino inseria no seu afresco mitos transmitidos por toda a poesia ulterior da Grécia, épica e trágica, assim como por seus predecessores romanos; na explicação do universo, de sua finalidade e de seus fenômenos, valia-se das teorias e dos conceitos dos filósofos de várias escolas gregas; incorporava conhecimentos de geografia, história, astronomia, ciências naturais e psicologia prática — e com tudo isso a sua obra tornou-se uma verdadeira soma da Antigüidade clássica.

Ao mesmo tempo cabe ressaltar a perfeição artística do poema, que, aos olhos da posteridade, se tornou o padrão da epopéia. Não lhe falta nenhum dos componentes apontados como essenciais nos poemas heróicos da Grécia: o proêmio, a invocação, os epítetos ornamentais, os versos repetidos à guisa de estribilho, as grandes comparações épicas, as

---

1 "Tu, romano, lembra-te de governar os povos sob teu domínio; tuas artes consistirão em impor as condições da paz, poupar os vencidos e subjugar os soberbos."

perífrases, os parêntesis. O majestoso verso hexâmetro, a que o harmonioso idioma grego emprestava extraordinária sonoridade, ganhava na língua menos flexível dos romanos uma enérgica dignidade.

Virgílio era inovador, comparado com seus predecessores, na pintura dos caracteres. Homero desenhava-os com alguns traços sumários, insistindo numa só qualidade ou paixão preponderante. Virgílio consagra-lhes retratos matizados, modifica-os sob o impacto dos acontecimentos, atribui-lhes sentimentos complexos. E embora de modo compreensível se identifique sobremaneira com as personagens que carregam o destino de Roma, não fica insensível às razões e aos sofrimentos dos que pertencem ao campo oposto. A melhor prova disto é a sua atitude, cheia de comiseração e ternura, para com Dido. A paixão desta por Enéias e o seu abandono por ele decorrem igualmente de ordens divinas, inelutáveis: se ela não recebesse bem os fugitivos, estes não poderiam refazer-se dos estragos da tempestade: se Enéias permanecesse junto a ela, a nova Tróia nunca seria erguida. Virgílio, porém, não vê nela apenas um degrau da ascensão de seu herói, mas também, e em primeiro lugar, a mulher dilacerada entre a paixão e o dever, metamorfoseada de rainha majestosa em amante submissa, depois em pobre fêmea suplicante, por fim em fúria desencadeada — em suma uma verdadeira heroína de tragédia, cujo martírio nos arrebata e consterna.

A mesma compreensiva emoção caracteriza o nosso épico não somente em relação às pessoas, mas também em face dos bichos, das plantas, das paisagens, das coisas inanimadas. Ela se manifesta na escolha dos adjetivos, na disposição das palavras, na precisão e na força das metáforas — isto é, no estilo. A alta qualidade deste estilo, fruto de um lavor tão incansável quanto imperceptível, justificaria por si só o estudo do Latim (do qual aliás a leitura de Virgílio constituiu, durante dois milênios, o corolário mais alto).

A esse respeito vale citar uma passagem da carta em que Voltaire responde, em 1754, *à Sra. du Deffand, uma de suas correspondentes:*

"A Senhora sabe latim? Não. É por isso que me pergunta se prefiro Pope a Virgílio. Ah, Madame, todas as nossas línguas modernas são secas, pobres e sem harmonia em comparação com as que falaram os gregos e os romanos, nossos primeiros mestres. Não passamos de uns violinistas de aldeia. Como quer a Senhora, aliás, que eu compre epístolas a um poema épico, aos amores de Dido, ao incêndio de Tróia, à descida de Enéias aos infernos. Considero o Ensaio Sobre o Homem, *de Pope, como o primeiro dos poemas didáticos, dos poemas filosóficos: mas não ponhamos nada ao lado de Virgílio. A Senhora o conhece por meio de tradução: mas os poetas não se traduzem. Pode-se traduzir a música? Tenho pena da Senhora por não poder, com todo o seu gosto e a sua sensibilidade esclarecida, ler Virgílio."*

Essa incapacidade da Sra. du Deffand é partilhada pela maioria dos leitores de hoje. Com o abandono gradual dos estudos clássicos são pouquíssimos os que ainda seriam capazes de ler a Eneida *nos versos do original latino. Que a leiam pelo menos em tradução portuguesa, na prosa fluente de nossos dias. Embora desprovido dos atavios da forma, o poema há de recompensá-los pela sua rica humanidade, as perspectivas que abre sobre um mundo de mitos e outro de realidade, a multiplicidade dos caracteres, a variedade dos episódios, a beleza arquitetônica da estrutura.*

Resta dizer algumas palavras sobre a "fortuna literária" do poema, quer dizer, o seu destino nos vinte séculos decorridos desde a morte do autor. Festejado pelos contemporâneos e pelos sucessores — Horácio, Tibulo, Propércio, Juvenal — Virgílio em pouco tempo alcançou fama

de clássico. Foi nele que os garotos de Roma estudaram língua e gramática; foram os seus versos que os desocupados escreviam nas paredes. Desde o séc. II d.C. espalha-se o hábito das "sortes virgilianas" que consiste em consultar o poeta como a um adivinho: abre-se-lhe a obra ao acaso, aponta-se um verso qualquer e depois tenta-se aplicá-lo ao problema que se quer resolver.

O advento do cristianismo em nada prejudicou a glória de Virgílio, pelo contrário: Santo Agostinho, São Jerônimo e outros expoentes da nova religião voltavam-lhe verdadeiro culto. Devido à interpretação oficial da Quarta Écloga como poema cristão, à reputação de profeta e de mago atribuída ao poeta e ao espírito de certa maneira cavalheiresco que perpassa ao longo da Eneida, toda a obra de Virgílio foi incorporada na tradição cristã, a ponto de Dante escolhê-lo como guia em sua viagem sobrenatural pelos três reinos de além-túmulo descritos na Divina Comédia. Já os épicos latinos — Estácio, Sílio Itálico, Lucano — adotaram-no como modelo e nisto foram seguidos pelos da Renascença e da Idade Moderna: Tasso na Jerusalém Libertada, Ariosto no Orlando Furioso, Milton no Paraíso Perdido, Voltaire na Henríada, sem esquecermos Camões e os Lusíadas. Entre os muitos românticos que lhe prestaram homenagem, Victor Hugo viu-o como um ser excepcional "deus bem próximo de anjo" e exaltou-lhe o verso "encimado de estranho clarão".

Remanescente das velhas gerações que ainda traziam gravados na memória e no coração os versos de Virgílio, quem assina estas linhas tem-se valido mais de uma vez dos conceitos da sua viril resignação, cunhados em fórmulas imutáveis de tão lapidares. Quem em horas difíceis recordou, de si para si, as palavras mágicas:

Forsan et haec olim meminisse iuvabit,[2]

tem a impressão, ao apresentar o seu autor aos leitores de um mundo tão distante do seu no tempo e no espaço, de pagar uma dívida de gratidão ao amigo duas vezes milenar.

Paulo Rónai

---

2 "Talvez, futuramente, seja prazeroso recordar estes fatos."

Ligeira Explicação

Não é gratuita nem temerária a afirmação de que Virgílio foi o maior poeta de todos os tempos. Pelo menos para quem nunca leu Homero no original. E não ficará em má companhia quem sustentá-la. Bastará invocar o insuspeito testemunho dos próprios poetas, desde o coevo Horácio até Dante, cujo elogio não poderia ser maior:

"O degli altri poeti onore e lume,
Vagliami il longo studio e il grande amore
Che m'ha fatto cercar lo tuo volume.
Tu se'l mio maestro e il mio autore"

Desde os clássicos até a figura máxima do romantismo. Victor Hugo quase repetiu o juízo de Dante:

"O Virgile, ô poète, ô mon maitre divin!"

Como, infelizmente, é cada vez menor o número de pessoas em condições de ler a *Eneida* no original, justifica-se plenamente uma versão brasileira do poema, despretensiosa mas fiel. A que existe, de Manoel Odorico Mendes, foi escrita em um português cuja leitura não é muito mais fácil que a do próprio latim.

Foi isto que se procurou fazer, utilizando-se o texto e as concisas, mas preciosas, notas de E. Benoist, edição de 1915, revista por M. Duvau, e o *Novíssimo Dicionário Latino-Português* de F. R. dos Santos Saraiva, 4.ª edição, complementando, para conferência, em alguns casos, pelo *Dicionário Português-Latino* de Pedro José da Fonseca, edição de 1879. Também houve consulta ao texto dos Livros VII e XII estabelecido por René Durand, edição de 1960.

Ao contrário da lição de Saraiva, no entanto, *pater,* quando precedendo o nome de Enéias, foi traduzido por "patriarca" e não por "herói". Isto foi feito tendo-se em conta o visível intuito de Virgílio, em todo o poema, de exaltar a figura do protagonista muito mais como fundador de uma nação destinada a assegurar a paz ao mundo do que como guerreiro. É de se assinalar que, além de *pater,* o qualificativo que mais vezes precede o nome de Enéias é *pius.* Também se encontram algumas vezes os adjetivos *magnanimus e bonus,* ao passo que não são praticamente usados (a não ser na boca dos inimigos) os adjetivos indicando bravura ou valor guerreiro (*scaevus, durus,* etc.) tão empregados com os nomes dos outros heróis, troianos ou gregos, rútulos ou etruscos. Parece, assim, que a palavra *pater,* tão amplamente usada na *Eneida,* tem por fim apresentar Enéias como o patriarca da nação romana, como predecessor de Augusto, que Virgílio se esforça para apresentar, tal Augusto, fazendo a guerra a contragosto, como único meio de estabelecer, no futuro, a paz e o bem-estar dos povos.

A tradução foi feita tão literalmente quanto possível. Sempre que foi prático e aconselhável, justificou-se, em notas-marginais, o desvio do

texto. Foram suprimidos alguns adjetivos oriundos mais das imposições da métrica que da rigorosa necessidade de qualificação, e quando seu emprego em português se mostrava discutível ou mesmo inconveniente. A tradução também não foi rigorosa, como é bem compreensível, em muitos casos de metonímia (Baco em vez de vinho, Ceres em vez de trigo ou pão, etc.). Foram omitidos os versos geralmente tidos como intercalados (426 do L. I, 230 do L. III, 528 do L. IV, 242 do L. VI, 29, 150 e 528 do L. IX, 278 e 872 do L. X), assim como os quatro primeiros versos, não numerados, e cuja autenticidade é mais que duvidosa, pois não se encontram em nenhum dos manuscritos importantes em que se baseiam os textos da *Eneida*.

Eneida

Livro I

Canto as armas e o varão que, expulso pelo destino das praias de Tróia para a Itália, chegou primeiro ao litoral da Lavínia. Por muito tempo, na terra e no mar, esteve à mercê dos deuses superiores, incitados pela ira sempre lembrada da cruel Juno. Muitas provações, também, sofreu na guerra, para fundar uma cidade e trazer os seus deuses ao Lácio. Daí saíram o povo latino, os antepassados albanos e as muralhas da poderosa Roma.

Faze-me lembrar, ó Musa, as causas, que divindade foi ofendida e por que, incitada, a rainha dos deuses fez com que sofresse tantos perigos e enfrentasse tantos trabalhos um varão insigne pela piedade. Pois tanta ira em corações celestes?

Houve uma cidade antiga, habitada por colonos tírios, Cartago, que se erguia diante da Itália e da foz do Tibre, cheia de riquezas e adestrada nas artes da guerra. Dizem que Juno a amava mais que a todas as outras terras, preferindo-a mesmo a Samos; ali tinha suas armas e seu carro. E, se permitisse o destino, pretende torná-la a rainha das gentes, e para isso se esforça. Ouvira, porém, dizer que uma raça saída do sangue troiano haveria de derrocar os baluartes tírios, e que um povo reinante em grandes extensões e soberbo na guerra viria para a perdição da Líbia: assim fiaram as Parcas. Isto teme a filha de Saturno e se lembra da guerra passada que travara contra Tróia por seus queridos argivos, e traz na alma as causas da ira e do cruel ressentimento. Guarda no coração o julgamento de Páris, injúria feita à sua beleza, a raça odiosa e as honras concedidas a Ganimedes raptado. Inflamada por isso, ela afasta do Lácio os troianos, presa do mar imenso, restos do furor dos gregos e do implacável Aquiles. Por muitos anos eles erraram nos mares, empurrados pelo destino. Tão ingente era a tarefa de fundar a nação romana!

Logo que os troianos perderam de vista as terras da Sicília, fazendo de vela para o alto-mar, com o bronze[1] cortando as ondas salgadas, Juno, tendo no peito a ferida incurável, diz consigo mesma: "Terei de renunciar, não posso afastar da Itália o rei dos teucros? Certamente sou tolhida pelos fados! Não pôde Palas incendiar a frota dos argivos e afundá-los no mar, só pelos agravos e pela fúria de Ajax, filho de Oileu?[2] Ela própria, lançando das nuvens o rápido fogo de Júpiter, dispersou as naves, agitou o mar com os ventos, arrebatou-o e atirou-o, com o peito trespassado expelindo fogo, prendendo-o a um rochedo aguçado. E eu, rainha que precedo os deuses, irmã e esposa de Júpiter, faço a guerra há tantos anos a um só povo! Quem, de agora em diante, adorará o poder de Juno e honrará, suplicante, meus altares?"

---

1 As proas das naves romanas eram revestidas de bronze.

2 Ajax ultrajara Cassandra no templo de Palas.

Com tais pensamentos se revolvendo no coração inflamado, a deusa chega à Eólia, pátria das borrascas, habitada pelos autros furibundos. Ali em sua ampla caverna, o rei Éolo contém os ventos tumultuosos e as tempestades ruidosas e os mantém agrilhoados. Indignados, eles fazem tremer a prisão, com um ruído imenso que se espalha pelos montes em torno. Assentado no alto do rochedo, Éolo, sustentando o cetro, abranda os ânimos e modera as iras. De outro modo, os ventos arrebatariam os mares e terras e o céu profundo e os levariam pelos ares. O pai onipotente, porém, receoso, os prendeu em negras cavernas, colocou por cima deles moles e montanhas elevadas e deu-lhes um rei que, por um pacto certo, sustém ou afrouxa as rédeas, quando mandado.

A ele, então, Juno, súplice, se dirige, com estas palavras:

"Éolo (eis que foi a ti que o pai dos deuses e rei dos homens deu o poder de apaziguar as ondas e de erguê-las, por meio do vento), um povo meu inimigo navega pelo Mar Tirreno, trazendo para a Itália Tróia e seus penates vencidos: desencadeia a fúria dos ventos, submerge os navios ou dispersa e espalha seus corpos pelo mar. Possuo quatorze ninfas de lindo porte, das quais a bela Deiopéia a ti unirei em matrimônio duradouro e, em recompensa, viverá a teu lado por toda a sua vida e te fará pai de formosa prole."

Ao que Éolo respondeu: "A ti, ó rainha, compete determinar o que desejas: cumpre-me executar as tuas ordens. É a ti que devo o meu reinado, o meu cetro e o favor de Júpiter: graças a ti me sento à mesa dos deuses e tenho poder sobre as nuvens e as tempestades."

Assim tendo dito, bateu o flanco do monte cavernoso com o conto da lança; e os ventos, como um exército, irrompem por onde acham saída e, em turbilhão, se lançam contra a terra. Ao mesmo tempo, Euro e Noto, e Áfrico, fecundo em tempestades, irrompem sobre o mar, agitam-no desde as profundidades e lançam contra os litorais as grandes ondas. Elevam-se, então os gritos dos homens e o ranger das enxárcias. As nuvens escondem, de súbito, o céu e a luz do dia dos olhos dos teucros: a negra noite cobre o pélago. Reboa o céu e o éter se ilumina repentinamente, e tudo mostra aos homens a presença da morte. Sem demora, Enéias sente os membros gelados e profere estas palavras, estendendo, súplice, os braços para o céu: "Três e quatro vezes felizes os que encontraram a morte junto de seus pais, sob as altas muralhas de Tróia! Tu, ó mais valoroso da nação grega, filho de Tideu![1] Por que não tombei nos campos troianos e pereci às tuas mãos, onde jaz o temível Heitor, ferido pelo descendente de Eaco, onde jaz o grande Sarpédon, onde o Simoente arrasta em suas águas tantos escudos e cascos e corpos de heróis?"

Ainda falava, quando uma rajada ruidosa de aquilão vindo de frente, atinge a vela e levanta as ondas para o céu. Quebram-se os remos; em seguida, vira-se a proa, oferecendo o flanco do navio às vagas; forma-se um alcantilado monte de água. Alguns são levantados no alto das vagas: alguns, quando a onda se abre, entrevêem a terra entre as águas: o fluxo agita furiosamente as areias. Três naves arrastadas por Noto são atiradas contra rochedos ocultos (rochedos situados no meio das águas, que os italianos chamam de Altares e cujo dorso horrível aflora à superfície do mar), três naves Euro arrasta do alto-mar para os baixios e parcéis, espetáculo doloroso, e as quebra sobre os cachopos e as cobre de areia. Uma, onde vinham os lícios e o fiel Oronte, é atin-

---

1 Diomedes.

gida na popa pelo mar furioso, diante dos próprios olhos de Enéias: o piloto cambaleia e é precipitado, de cabeça para baixo; três vezes as ondas redemoinham em torno dela e um violento turbilhão a engole. Vêem-se no vasto pélago poucos nadadores, armas, tábuas e o tesouro de Tróia ao sabor das ondas. A procela já está vencendo a sólida nave de Ilioneu, a do bravo Acates, e as que levam Abas e o velho Aletes; todas recebem pelo flanco a água inimiga, e fendas se abrem.

Entretanto, Netuno, grandemente comovido percebe o mar atingido por grande ruído e a procela desencadeada que revolve as profundidades das águas: levanta, preocupado, sobre a água a plácida cabeça, vê a frota de Enéias inteiramente dispersa pelo mar, os troianos perseguidos pelas ondas e a chuva torrencial. Chama Euro e Zéfiro; e assim fala, em seguida:

"Tamanha ousadia vos dá vossa estirpe? Já vos atreveis, ó Ventos, a confudir o céu e a terra sem minha vênia e erguer estas massas enormes? Eu vou... Mas convém aplacar, presto, as ondas agitadas. Mais tarde, ireis pagar-me pelo mal que fizestes.

Apressai-vos em fugir e ide dizer ao vosso rei: não a ele, mas a mim, couberam pelo destino o império do mar e o terrível tridente. Ele possui os imensos rochedos, vossa morada, Euros; que Éolo se orgulhe nesse palácio e reine no cárcere onde estão presos os ventos."

Assim falou e sem demora aplacou as águas agitadas, afugentando as nuvens aglomeradas e trouxe de volta o sol. Cinotes e Tritão, ao mesmo tempo, retiram as naves do aguçado rochedo; Netuno levanta o tridente e fende os vastos baixios e acalma o mar e com o leve carro desliza sobre as ondas mais altas. Assim como, muitas vezes, irrompe a sedição em uma grande turba, e, presa de cólera, a ignóbil populaça começa a lançar fachos e pedras, as armas que o furor oferece, e então, por acaso, se apresenta um homem respeitado pela piedade e por seus méritos, a multidão se cala e o ouve com atenção; ele, com suas palavras, domina-lhe o ânimo e abranda-lhe o peito: assim também, cessa de todo o fragor das vagas do mar, depois que o genitor levanta os olhos acima das águas e, transportado sob um céu claro, incita os cavalos e solta as rédeas do carro, que corre velozmente.

Os fatigados companheiros de Enéias procuram alcançar o litoral mais próximo e dirigem-se à costa da Líbia. Existe ali uma baía profunda: uma ilha forma um porto que se estende por dois lados, as ondas vindas do alto-mar se quebram contra essa barreira e ao se retirarem separam-se em duas correntes. De ambos os lados há vastos rochedos e dois cumes ameaçadores se erguem para o céu, ao abrigo dos quais o mar é calmo e silencioso por grande extensão; em cima ergue-se uma escura floresta de árvores agitadas que estende para baixo sua negra sombra. Do lado oposto, sob rochedos pendentes, existe uma caverna: dentro dela há água doce e bancos talhados na pedra viva, moradia de ninfas. Ali as amarras não prendem as naves exaustas, nem se agarra a âncora com o dente recurvado. Para lá se dirigiu Enéias, com sete dos navios salvos entre todos os outros, e os troianos desembarcam e saudosos da terra, estendem-se na areia para descansar os corpos, com os membros castigados pela água salgada. Sem demora, Acates tira uma centelha em uma pedra, rodeia o fogo de folhas e em torno coloca a lenha seca que atiça e sustenta. Então, ainda que cansados pelos trabalhos, eles retiram o trigo, estragado pelo mar e se apressam a secar nas chamas e a moer na pedra o cereal que se salvara.

Entretanto, Enéias sobe a um alto rochedo e contempla toda a expansão marítima, procurando avisar Anteu, à mercê dos ventos, ou as birremes frígias, ou Capis, ou as armas de Caico na elevada popa. Ne-

nhuma nave se acha à vista, mas ele vê na praia três veados errantes: estes são acompanhados por um rebanho inteiro, que pasta, em comprida fileira, ao longo dos vales. Detém-se, e pega o arco e as velozes setas, armas que trazia o fiel Acates, abate em primeiro lugar os próprios guias, cujas cabeças ostentam altas galhadas: depois continua a disparar as armas contra o rebanho até o bosque frondoso: não se detém en-

Sob rochedos pendentes, existe uma caverna; dentro dela há água doce e bancos talhados na pedra viva, moradia das ninfas (pág. 23)

quanto não abate sete dos grandes, igualando seu número ao número dos navios. Volta, então, ao porto e faz a distribuição entre todos os companheiros. Em seguida, divide o vinho que o bom Acestes oferecera em tonéis, quando partiram do litoral da Sicília, e com estas palavras consola seus corações aflitos:

"Companheiros, sem esquecer de modo algum as antigas desgraças, tendes sofrido maiores: um deus dará fim também a estas. Vistes, de perto, a fúria de Sila em seus ruidosos rochedos; enfrentastes a rocha dos ciclopes: erguei o ânimo e deixai de lado o triste tremor; talvez, futuramente, seja prazeroso recordar estes fatos. Através de muitas des-

graças, através de tantos riscos, dirigimo-nos ao Lácio, onde os fados nos reservam tranqüila morada; ali a boa sorte fará ressurgir Tróia. Perseverai e guardai-vos para estes dias favoráveis."

Assim fala, e entre as cruéis preocupações que o consomem simula no rosto a esperança e esconde no coração ingente dor. Os companheiros aproximam-se da presa e tratam da próxima refeição; esfolam os animais e desnudam as vísceras; alguns cortam em pedaços e colocam em espetos as carnes palpitantes; outros dispõem na praia as vasilhas de bronze, e atiçam as chamas. Dentro em pouco, refazem as forças com o alimento e se estendem pela relva fartos de vinho velho e da gorda caça. Depois de saciada a fome e retiradas as mesas, em demoradas conversações, deploram os companheiros perdidos, e partilhados entre a esperança e o medo, não sabem se eles estão vivos ou se já não mais podem ouvir quando chamados.[1] O piedoso Enéias ora lamenta, sobretudo, o destino do ardoroso Oronte, ora o de Amico e a sorte cruel de Lico e a do bravo Gias e a do bravo Cloanto.

E já haviam terminado as lamentações, quando Júpiter, contemplando do cimo do éter o mar coberto de velas e a extensão das terras e as costas e os grandes povos, deteve-se no alto do céu e fixou os olhos no reino da Líbia. Enquanto tinha o coração agitado por tais preocupações, assim lhe falou Vênus, com os olhos brilhantes cobertos de lágrimas: "Ó tu que reges eternamente o destino dos homens e dos deuses e que atemorizas com o raio, que fizeram contra ti meus Enéias e os troianos, para que, depois de tantos sofrimentos, lhes seja vedado o mundo por causa da Itália? Prometeste, sem dúvida, que do sangue revivido de Teucro, um dia, no decorrer dos anos, nasceriam os romanos, dominadores cujo poder se estenderá por mares e terras; revogaste a tua decisão, meu pai? Em verdade, eu me consolava da queda e da lamentável destruição de Tróia, opondo melhores destinos a destinos contrários. Eis, porém, que, depois de tantos infortúnios, a sorte ainda persegue aqueles homens. Que fim darás aos seus labores, grande rei? Pôde Antenor, saindo do meio dos aquivos, penetrar em segurança no golfo da Ilíria e até o fim do reino dos Liburnos e ultrapassar a fonte do Timavo, onde por nove bocas ele sai rugindo das montanhas, como um impetuoso mar, e alaga as terras com suas águas ruidosas. Ali, afinal, fundou a cidade de Patativa e estabeleceu a morada dos teucros, deu à nação o seu nome e levantou as armas de Tróia; agora, tranqüilo, repousa em sossegada paz. E nós, tua progênie, a quem abres a culminância do céu, com as nossas naves — que horror! — perdidas, somos entregues ao ódio de uma só inimiga e afastadas das praias da Itália. É o prêmio de sua piedade? É assim que nos restituis o cetro?"

Sorrindo, o genitor dos homens e dos deuses, com aquele ar que apazigua o céu e as tempestades, beijou a filha, e, em seguida, assim lhe fala:

"Não tenhas medo, Citeréia; continuam inexoráveis para ti os destinos dos teus; verás a cidade e as prometidas muralhas de Lavínia e elevarás aos astros do céu o magnânimo Enéias; não revoguei minha sentença. Ele (eis que vou revelar-te, pois a preocupação te aflige e revolverei de longe os arcanos do destino) levará a cabo na Itália uma guerra ingente, subjugará povos ferozes, imporá leis aos homens e erguerá muralhas, até que tenha visto três estios reinando no Lácio e que tenham se passado três invernos após a submissão dos rótulos. E o jovem Ascânio, ao qual então será acrescentado o cognome Iulo (era

1 Nos funerais, os mortos eram chamados em voz alta.

lo (quando estava de pé o reino de Ílion) estenderá seu reinado pelo longo círculo de meses que constituem trinta anos e transferirá a sede do reino de Lavínia para Alba Longa, que cingirá de muralhas. Ali, a raça de Heitor reinará durante trezentos anos até que uma sacerdotisa de sangue real, Ilia, engravidada por Marte, dê à luz dois gêmeos. Depois, Rômulo, satisfeito de ostentar a fulva pele de uma loba, sua ama de leite, construirá as muralhas de Marte e dará seu nome aos romanos. Não lhes fixo limite no tempo ou no espaço: dou-lhes um império sem fim. E até a severa Juno, que ora fatiga com seu temor o mar, as terras

Rômulo, satisfeito de ostentar a fulva pele de uma loba, sua ama de leite, construirá as muralhas de Marte e dará seu nome aos romanos (pág. 26)

e o céu, seguirá melhores desígnios e juntamente comigo favorecerá os romanos, senhores do mundo e povo togado. Tal é minha resolução. Chegará uma era, depois de transcorridos lustros, em que a casa de Assaraco subjugará Fítia e a ilustre Micenas e dominará em Argos vencida. Nascerá César, de nobre estirpe troiana, que estenderá seu império ao Oceano e sua fama até os astros; seu nome Júlio virá do grande Iulo. Tu um dia o receberás no céu, carregado de despojos do Oriente: e ele próprio será invocado nas preces. Terminadas as guerras, abrandar-se-ão, então, os rudes tempos. A veneranda Fé e Vesta, Remo com o irmão Quirino, ditarão as leis; as sinistras portas do templo da

Guerra serão fechadas com trancas de ferro; dentro o ímpio Furor, sentado sobre as armas cruéis e as mãos presas atrás das costas por cem grilhões de bronze, rugirá horrendo, com a boca coberta de sangue."

Assim falou e manda do alto o filho de Maia para que as terras e os novos baluartes de Cartago se abram hospitaleiramente aos teucros e para que Dido, ignorando os fados, não os afaste de seus domínios. O mensageiro voa levado pelas velozes asas e, cortando o ar imenso, chega presto às praias da Líbia. E sem demora transmite a ordem e os fenícios, abrandando o feroz coração, seguem a vontade do deus; a rainha, sobretudo, assume para com os teucros sentimentos acolhedores e um coração benevolente.

Entretanto, o piedoso Enéias, agitado durante a noite por muitos pensamentos, tão logo surgiu a benfazeja luz do dia, resolveu sair e explorar as terras desconhecidas para explicar aos companheiros exatamente a que praias o vento os levara, e quem as habita, homens ou feras, e eis que tudo vê inculto. Esconde a frota em um ancoradouro junto de uma caverna no bosque, sob as sombras e as frondosas árvores; ele próprio se põe a caminho, acompanhado apenas por Acates e trazendo na mão dois dardos de ferro. Sua mãe mostra-se a ele no meio da floresta, com as feições, as vestes e as armas de uma virgem espartana ou como a trácia Harpalícia quando fatiga os cavalos e vence na carreira o Hebro veloz. Caçadora, trazia, segundo o costume, o destro arco suspenso ao ombro, e deixava os cabelos flutuar ao sabor dos ventos com os joelhos nus, e presa por um laço a flutuante veste. E diz, primeiro: "Eia, jovens! revelai-me se não vistes por acaso uma de minhas irmãs errar por aqui, trazendo uma aljava e uma pintada pele de lince, ou insuflando com seus gritos a corrida de um javali espumante?"

Assim falou Vênus; e assim, em resposta, disse o filho de Vênus: "Não vi e nem ouvi nenhuma de tuas irmãs, ó virgem, por que nome te chamarei? eis que não tens o porte dos mortais nem tua voz tem o som humano; ó, deusa, certamente: acaso és a irmã de Febo? acaso és do sangue das ninfas? Sê benigna, e alivia, quem quer que sejas, o peso de nossos trabalhos e ensina-nos sob que céu e em que plagas estamos. Erramos sem conhecer os homens e o terreno, trazidos pelos ventos e pelas grandes ondas. Nossa mãe fará cair muitas vítimas diante de teus altares."

E Vênus: "Não sou digna de semelhantes honras: é costume das virgens tírias trazer a aljava e apertar nas pernas um coturno de púrpura. Estás vendo um reino púnico, a cidade dos tírios e de Agenor; a região, porém, é dos líbios, raça indomável na guerra. A tíria Dido governa o império, tendo saído de sua cidade para fugir do irmão. Prolongados foram os seus sofrimentos, prolongadas as vicissitudes; relatarei, porém, apenas os fatos principais. Seu esposo era Sicheu, o mais opulento dono de terras da Fenícia, a quem a infeliz muito amava. Foi a ele que seu pai a dera, virgem, unida por bem augurado matrimônio. Possuía, porém, o reinado de Tiro seu irmão, Pigmalião, o mais celerado de todos os homens. Entre eles surgiu a discórdia. Ele, o ímpio, cego pela cobiça de ouro, matou, diante dos altares, ocultamente, o incauto Sicheu, sem temer o amor de sua irmã; oculta o crime por muito tempo e ilude com vãs esperanças e triste amante, dissimulando, astuto, muita coisa. Ela, porém, vê, em sonho, a imagem do esposo insepulto; este, erguendo o rosto de palidez extraordinária, mostra-lhe o peito trespassado pelo ferro no altar profanado e revela o crime secreto cometido no palácio. Depois, ele a persuade a fugir sem demora e deixar a pátria e, para ajudá-la na viagem, revela-lhe antigos tesouros escondidos na terra, grande quantidade oculta de prata e de ouro. Assustada com isso,

Dido prepara a fuga e reúne companheiros. Agregam-se aqueles em que era mais forte o ódio ao cruel tirano ou o medo; apoderam-se de naves que, por acaso, se achavam preparadas e as carregam de ouro. As riquezas do avaro Pigmalião são levadas pelo mar: uma mulher torna-se chefe. Chegaram aos lugares onde agora vês os imponentes baluartes da nova Cartago, compraram o terreno que pudessem rodear com uma pele de touro, de onde lhe veio seu nome de Birsa. Vós, porém, quem sois? De que terra vindes? Que caminho seguis?" A estas perguntas, ele responde suspirando e arrancando a voz do fundo do peito:

"Ó deusa, se eu fosse começar bem do princípio e dispusésseis a ouvir a narração de nossas provações, antes que eu terminasse Vésper teria encerrado o curso do dia no Olimpo. Saídos da antiga Tróia — se o nome de Tróia chegou aos vossos ouvidos — e empurrados de mar em mar, fomos trazidos, ao acaso, pela tempestade, para estas praias. Sou o piedoso Enéias, que trago comigo, na frota, os penates arrebatados ao inimigo, e cuja fama atingiu o alto éter. Procuro a Itália, pátria de minha estirpe, que vem do grande Júpiter. Aventurei-me ao mar, na Frígia, com vinte naves, obediente aos fados, a deusa minha mãe mostrando a rota. Apenas me restam sete, batidas pelas ondas e pelos euros. Eu mesmo, desconhecido e pobre, vago pelos desertos da Líbia, expulso da Europa e da Ásia." Não podendo ouvir mais, Vênus assim atalhou as suas lamentações.

"Seja quem fores, não creio que, detestado pelos celestes, não colhas as brisas da vida, pois chegaste a cidade tíria. Prossegue e dirige-te daqui ao paço da rainha. Eis que te anuncio que recuperarás teus companheiros e que a frota te será restituída em lugar seguro, trazida pelos aquilões, se meus pais não ensinaram em vão a consultar os augúrios. Vê estes doze cisnes, voando, satisfeitos, em fila, que a ave de Júpiter, descendo do alto do éter, dispersou pelo céu aberto; agora, dispostos em longa fila, parecem ou descerem para a terra ou contemplar o lugar que escolheram para o pouso. Assim como eles se comprazem batendo as asas com rumor, reunidos, e escondem o céu, e entoam seu canto, assim também tuas naves e teus homens ou se encontram no porto ou para lá se dirigem de velas pandas. Segue, pois, e vai para onde te leva este caminho."

Disse, e, afastando-se, refulgiu-lhe a rósea cerviz e os cabelos perfumados de ambrosia exalaram um olor divino; a veste lhe caiu até os pés e revelou-se pelo andar uma deusa de verdade. Enéias, tendo reconhecido sua mãe, acompanhou-a, fugitiva, dizendo:

"Por que tu também, cruel, tantas vezes zombas de teu filho com falsas imagens? Por que não me é dado apertar com a minha a tua mão e ouvir-te e falar-te sem disfarces?" Assim a censura, segue em direção à muralha. Vênus, porém, enquanto caminham, obscurece o ar em torno deles, e os envolve de um véu de névoa, para que ninguém os possa ver, nem os tocar, os retardar, ou indagar a causa de sua vinda. Ela própria, elevando-se no ar, retira-se para Pafo, e revê, alegre sua pátria, onde em seu templo, cem altares queimam incenso de Saba e recendem com o perfume das guirlandas.

Entrementes, eles prosseguem por onde leva o caminho. Galgam uma colina que domina a cidade e cujo cimo faz face à cidadela: Enéias admira a grandeza das construções onde antes só havia choças, admira as portas, o ruído do povo e o calçamento das ruas. Os tírios trabalhavam ardorosamente: uma parte levanta as muralhas e os baluartes, erguendo as pedras com as mãos, uma parte escolhe os lugares das casas e abre o fosso. Ali, alguns escavam um porto: acolá outros lançam os

grandes alicerces de um teatro, e cortam na rocha imensas colunas, soberbos ornamentos do futuro palco. Assim, na volta do verão, se executa o trabalho das abelhas, sob o sol, pelos campos floridos, quando são nutridos os filhos ou quando amontoam o mel límpido e enchem de doce néctar os alvéolos, ou quando recebem a carga das que chegam ou, formadas em colunas, expulsam para fora da colmeia o rebanho indolente dos zangões; trabalha-se com ardor e o mel recende com a fragrância do tomilho.

"Felizes estes cujas muralhas já se erguem!", exclamou Enéias, contemplando as cumeeiras da cidade. Caminha cercado pela nuvem (coisa admirável!) no meio da multidão, cercado pelos homens, e por ninguém é visto.

Havia um bosque sagrado no meio da cidade, de sombra gratíssima, onde os fenícios, lançados pelas ondas e pelas tempestades, antes de mais nada, haviam desenterrado o sinal que a soberba Juno lhes mostrara, a cabeça de um fogoso cavalo; assim estavam anunciados à nação fortaleza na guerra e fartura pelos séculos. Ali a sidônia Dido erguia um templo a Juno, rico pelas oferendas e pela bênção da deusa. Era de bronze a entrada para a qual se subia por uma escadaria e em traves de bronze se apoiavam as êneas portas que rangiam nos gonzos. Ali, pela primeira vez o novo espetáculo oferecido apaziguou o temor; ali pela primeira vez Enéias ousou esperar salvação e confiar melhor em sua situação aflitiva. Com efeito, enquanto contempla demoradamente todas as maravilhas desse vasto templo, aguardando a rainha, enquanto admira a fortuna da cidade e as obras dos artistas que trabalham para decorar o interior, vê, em uma série de quadros, as batalhas de Ílion na guerra cuja fama já se espalhou por todo o orbe, o filho de Atreu e Príamo e Aquiles furioso contra ambos. Pára e diz, lacrimoso: "Que lugar, Acates, que região da terra não estão repletos da notícia de nossas provações? Eis Príamo! Mesmo aqui há recompensas para os seus méritos; há lágrimas para os infortúnios e os casos humanos comovem o coração. Bane o temor: esta fama será a tua salvação." Assim falou e sustenta o ânimo com essa vã pintura, lamenta-se longamente, e um rio de lágrimas umedece-lhe o rosto. Eis que vê combates travados em torno de Pérgamo onde, aqui fogem os gregos perseguidos pela juventude troiana e ali os frígios ameaçam em seus carros o carro de Aquiles de capacete ornado de penacho. Não muito longe, reconhece, lacrimoso, as tendas de Reso, de panos níveos, que o sanguinário filho de Tideu, valendo-se do primeiro sono, devastara com grande morticínio, e furtara do acampamento os fogosos cavalos, antes que saboreassem os pastos de Tróia e bebessem no Xanto. Em outra parte, fugia Troilo, tendo perdido as suas armas — jovem infortunado e incapaz de enfrentar Aquiles — é levado pelos cavalos, e seu corpo pendido está preso ao carro vazio, ainda, contudo, segurando as rédeas; a cerviz e os cabelos se arrastam pela terra e a lança virada traça um sulco no chão. Entrementes, as troianas dirigiam-se, desgrenhadas, ao templo da implacável Palas levando o manto sagrado, humildemente, tristes e esmurrando os peitos; a deusa, voltando a cabeça, tinha os olhos fixados no chão. Três vezes Aquiles arrastara Heitor em torno das muralhas troianas e vendeu a peso de ouro seu corpo inanimado. Então Enéias arranca do fundo do peito um terrível gemido, ao ver os despojos, o carro e o próprio corpo do amigo e Príamo estendendo as mãos inermes. Reconhece a si mesmo confundido com os chefes argivos, os exércitos do Oriente e as armas do negro Memnon. A furiosa Pentesiléia comanda os esquadrões das amazonas de escudos em forma de lua, e pelejava no meio das fileiras. Com os seios descobertos e sustentados

por um boldrié de ouro, a virgem guerreira se atreve a medir-se com os homens.

Enquanto o dardânio Enéias contempla os quadros, imóvel de admiração, absorto, chega a belíssima rainha Dido, acompanhada por grande séquito de jovens. Como nas margens do Eurota ou no alto do Cinto, Diana conduz os coros, e mil oréades se reúnem aqui e ali em torno dela, e ela caminha com a aljava no ombro e a todas ultrapassa pela altura, e um júbilo secreto faz palpitar o coração de Latona: assim era Dido, assim alegre caminhava entre os súditos, incitando-os ao trabalho para o futuro império. Depois, chegando ao limiar do santuário, sob os tetos do templo, assenta-se, rodeada pelos guardas, no alto trono. Distribui justiça e dita leis aos seus homens, partilha igualmente os trabalhos ou os sorteia, quando, de súbito, Enéias vê aproximar-se, no meio de grande concurso de povo, Anteu e Sergesto e o valoroso Cloanto e outros teucros que o atro turbilhão da tempestade havia dispersado e lançado a outras praias. Pasma-se e, como ele, Acates fica perplexo de alegria e de medo. Desejam ardentemente lhes apertar as mãos, mas a incerteza lhes perturba o coração. Dissimulam e, escondidos pela profunda nuvem, esperam para saber qual foi a sorte daqueles homens, em que costa deixaram sua frota e para que vieram: eis que se tratava de homens escolhidos de todos os navios, que imploravam a proteção e, clamando, se aproximavam do templo.

Uma vez introduzidos, e tendo a permissão de falar, o venerando Ilioneu, com o coração sereno começou: "Ó rainha a quem Júpiter concedeu construir uma nova cidade, distribuir justiça e conter as leis povos soberbos, imploramos-te, nós, míseros troianos arrastados pelos ventos por todos os mares: afasta de nossas naves o fogo criminoso, poupa uma gente piedosa e examina de perto o nosso caso. Não viemos destruir com o ferro os penates líbios ou para nos apoderarmos de vossas riquezas e as levarmos; não há violência no coração, nem tanta soberba cabe nos vencidos. Existe uma região a que os gregos deram o nome de Hespéria, terra antiga, poderosa em armas e de glebas férteis; foi habitada pelos enótrios: ora é fama que seus descendentes a chamam Itália, do nome de seu chefe. Para ali nos dirigimos, quando de súbito o nebuloso Órion levantando uma tempestade nos empurrou para baixios invisíveis e, desencadeando os turbulentos austros, nos dispersou vencidos pelo mar através das ondas e dos impraticáveis rochedos; poucos de nós chegamos aqui às vossas praias. Que raça é esta de homens? Que terra tão bárbara permite tais costumes? Recusam-nos a hospitalidade na praia; acendem a guerra, impedem-nos de pisar a terra. Se desdenhais o gênero humano e as armas dos mortais, ao menos temei que os deuses se recordem do bem e do mal. Nosso rei era Enéias, e igual a ele não houve outro mais justo na piedade, nem maior na guerra e nas armas. Se os fados conservam este varão, se ele se nutre ainda das brisas do éter, e não se encontra já nas sombras sinistras, não temas; não te arrependerás por o teres primeiro tornado grato pelos teus favores. Há nas terras dos sículos, cidades, e armas e o ilustre Aceste, de sangue troiano. Que nos seja permitido trazer para a praia a frota despedaçada pelos ventos, de preparar traves na floresta e fazer remos, e se nos for dado seguir para a Itália, depois de encontrarmos nossos companheiros e nosso rei, seguiremos felizes para a Itália e para o Lácio. Se, porém, tua salvação nos foi arrebatada, magnífico patriarca dos teucros, se te tragou o mar da Líbia, e não resta mais esperança de Iulo, poderemos pelo menos alcançar os mares sicilianos e as ricas terras de onde para aqui viemos e rever o rei Aceste." Assim falou Ilioneu e todos os descendentes de Dardano o aplaudiram.

Então, em poucas palavras, Dido, baixando os olhos, falou: "Afastai o temor do coração, teucros, acalmai vossas preocupações. As dificuldades e a pouca idade do meu reino me obrigam a agir de tal modo e a proteger de longe minhas fronteiras. Quem desconhece a estirpe de Enéias, a cidade de Tróia, sua bravura, seus heróis e os incêndios de tão grande guerra? Nós, fenícios, não temos o coração embotado, nem o Sol atrela os seus cavalos muito longe da cidade tíria. Seja que escolheis a grande Hespéria e os campos de Saturno ou o território de Ericis e do rei Acestes, partireis em segurança com a minha ajuda e vos auxiliarei com meus recursos. Quereis ficar comigo neste reino? A cidade que fundei e construo é vossa; trazei para terra vossas naves; para mim não haverá diferença entre troianos e tírios. E oxalá que o próprio Noto tenha trazido para aqui o rei Enéias! Quanto a mim, enviarei homens de confiança pela costa, para procurarem até o extremo da Líbia a ver se ele não erra pelos bosques ou pelas cidades, lançando pela tempestade."

Com o coração tranqüilizado por estas palavras, o valoroso Acates e o patriarca Enéias desejam ardentemente, de há muito, sair da nuvem que os cobria. Acates primeiro interpela Enéias: "Filho da deusa, que decisão se apresenta em teu peito? Vês tudo em segurança, a frota e os companheiros reavidos. Falta um, que nós próprios vimos submerso no meio das ondas, os demais atenderam ao chamado de tua mãe." Mal tinham sido proferidas estas palavras, a nuvem de repente se desfez, espalhando-se no éter. Apareceu Enéias, resplandecente de luz, com o rosto e os membros semelhantes aos de um deus; eis que sua própria mãe dera ao seu filho uma cabeleira magnífica e o purpúreo lume da juventude enchera-lhe os olhos de alegre fulgor: tal é o encanto que as mãos do artífice a imprimem ao marfim ou à prata ou à pedra de Paros rodeados pelo ouro fulvo.

Então, surgindo de súbito, inesperadamente, Enéias se dirige à rainha, diante da multidão, e disse: "Eis o que procuras, aqui estou, o troiano Enéias arrancando às ondas da Líbia. Ó tu, a única a apiedar-se das desgraças indizíveis de Tróia, tu que nos abres tua cidade e tua casa, a nós, restos dos gregos, exaustos por todas as provações sofridas na terra e no mar, privados de tudo, não está em nosso poder, Dido, agradecer-te condignamente, nem isso será possível ao que resta da nação dardânia, dispersa pelo grande orbe. Que os deuses, se os deuses protegem os piedosos, e se há justiça, e a consciência de teres feito o bem te dêem a merecida recompensa! Que século tão afortunado te viu nascer! Que tão grandes pais te geraram tal qual és? Enquanto os rios correrem para o mar, enquanto as sombras inclinadas rodearem os montes, enquanto o céu sustentar os astros, sempre teu nome e teus méritos permanecerão comigo seja aonde for que o destino me chame." Assim tendo dito, estende a mão direita a seu amigo Ilioneu e a esquerda a Seresto, depois aos outros, ao valoroso Gias e ao valoroso Cloanto.

A sidônia Dido, impressionada primeiro pelo aspecto, depois por tantas desgraças do herói, assim falou: "Que fatalidade, filho da deusa, te persegue através de tantos perigos? Que potência te trouxe a estas praias inóspitas? És tu, pois, Enéias que a benfazeja Vênus deu ao dardânio Anquises à margem do frígio Simoente. Em verdade, recordo-me que Teucro, expulso de sua pátria, foi a Sidon, em busca de um novo reino, com a ajuda de Belo; então, Belo, meu pai, devastava a opulenta Chipre e, vencedor, ali dominava. Desde aquele tempo conheço por ele as desgraças da cidade de Tróia, e o teu nome e os reis pelasgos. Embora inimigo ele próprio dos troianos, Teucro deles fazia grande elogio e

se pretendia descendente da antiga estirpe dos teucros. Vinde, pois, jovens, entrai em nossas casas. Também a mim o destino submeteu a muitas provações antes de me deter nesta terra; não ignorando o infortúnio, aprendi a socorrer os infortunados."

Assim falou: ao mesmo tempo conduziu Enéias ao palácio real: ao mesmo tempo ordenou cerimônias nos templos dos deuses. Não deixa, entrementes, de mandar aos companheiros na praia vinte touros, cem porcos de enormes dorsos eriçados, e cem gordos cordeiros com suas mães, presentes que os ajudará a passar alegremente o dia. Entretanto, o magnífico interior do palácio é decorado com luxo, e apresta-se o banquete nos amplos aposentos. Há tapeçarias trabalhadas com arte, de esplêndida púrpura, nas mesas soberba prataria e vasos de ouro onde estão cinzelados os grandes feitos dos antepassados, longa série de façanhas, perpetuados tantos heróis desde a origem dessa antiga família.

Enéias (pois que o amor paterno não lhe atormenta o espírito) mandou às naves o rápido Acates, para contar a Ascânio o ocorrido e trazê-lo à muralha: Ascânio é toda a preocupação do pai. Ordena, além disso, que sejam trazidos presentes, arrancados às ruínas de Ílion, um manto com figuras de ouro, um véu bordado de acanto, cor de açafrão, ornato da argiva Helena, admirável presente de sua mãe Leda, que levara de Micenas, quando se dirigia a Pérgamo e ao matrimônio defeso: além disso, o cetro que trouxera outrora Iliona, a mais velha das filhas de Príamo, e seu colar de pérolas e sua coroa dupla de ouro e pedras preciosas. Apressado, Acates seguiu o caminho que levava às naves.

Citeréia, porém, acalenta no coração novos artifícios e novas idéias, para que Cupido, mudando de rosto e de aspecto, apareça como o terno Ascânio, e que, ao oferecer os presentes, inflame a rainha de arrebatamento e lhe penetre as entranhas de ardor. Eis que ela teme o suspeito palácio e os tírios bilíngües. Atormenta-a a cruel Juno e suas preocupações voltam com a noite. Dirige-se, então, com estas palavras ao alígero Amor: "Meu filho, que constituiu sozinho minha força e meu grande poder, meu filho, tu que desprezas a arma do Pai supremo que feriu Tifoeu, é a ti que recorro e, suplicante, apelo para o teu poder. Teu irmão Enéias corre os mares lançado ao redor dos litorais pelo ódio da acerba Juno, tu o sabes e muitas vezes compartilhas-te da nossa dor. Agora a fenícia Dido o retém e o retarda com palavras blandiciosas; e temo o resultado dessa hospitalidade auspiciada por Juno, que não se contentará com este estado de coisas. Por isso, penso em prender a rainha em meus laços e inflamá-la, para que ela não mude ao sabor de alguma divindade, mas um grande amor a prenda, como eu mesma, a Enéias. Escuta agora o que temos em mente para que possas fazer isto; o jovem príncipe, por quem muito me desvelo, a chamado do querido pai, prepara-se para ir à cidade sidônia, levando presentes, o que o mar e as chamas pouparam de Tróia. Vou fazê-lo dormir um sono profundo e depô-lo em um lugar sagrado, nas alturas de Citeréia ou do Idálio, para que não possa conhecer as nossas tramas ou prejudicá-las com sua vinda. Tu, por não mais de uma noite, toma emprestados os traços deste menino que conheces bem, a fim de que, quando, em seu regaço, Dido, alegríssima te acolher, entre as mesas do real banquete e as libações de Baco, quando ela te abraçar e te beijar docemente, sopra-lhe um ardor oculto e instila o veneno."

O Amor obedece às ordens de sua querida mãe, desembaraça-se das asas e, satisfeito, imita o andar de Iulo. Vênus, entretanto, faz correr pelos membros de Ascânio uma plácida quietude, e o leva, em seu doce regaço, para os frondosos bosques do Idálio, onde a delicada man-

jerona o envolve com suas flores olorosas e com sua sombra aprazível.

Já Cupido pressuroso leva aos tírios os presentes reais, caminhando, jovial, conduzido por Acate. Quando chega, a rainha já está assentada no leito de ouro recoberto de magníficos bordados e tomou lugar no meio. Já o patriarca Enéias e a juventude troiana se reúnem e deitam-se nos leitos de púrpura. Os fâmulos lhes derramam água nas mãos, tiram os pães dos cestos e trazem toalhas de pêlo tosado. No interior, cinqüenta servas velam pela boa ordem do banquete e alimen-

O magnífico interior do palácio é decorado com luxo, e apresta-se o banquete nos amplos aposentos (pág. 32)

tam o fogo dos penates; outras cem e outros tantos servos da mesma idade servem a comida nas mesas e colocam os copos. Os tírios, por sua vez, entram em multidão na alegre sala e são convidados a se estender nos leitos cobertos de bordados. Admiram os presentes de Enéias, admiram Iulo, o semblante resplandecente e as palavras simuladas e o manto e o véu pintado de acanto cor de açafrão. A infeliz fenícia, principalmente, votada a uma próxima desventura, não conse-

gue satisfazer a seu espírito e se inflama à vista do menino, igualmente comovida por ele e pelos presentes. Ele, depois de ter abraçado Enéias e de haver satisfeito a grande ternura do iludido pai, aproxima-se da rainha. Esta nele prende os olhos e toda a alma, algumas vezes o aperta de encontro ao peito, e não sabe, desventurada Dido, que deus está sentado em seus joelhos! Ele, porém, lembrando-se de sua mãe Acidália, faz aos poucos desaparecer a lembrança de Siqueu e procura introduzir um vivo amor nesse espírito há tanto tempo arrefecido e nesse coração desabituado.

Depois de terminado o banquete e retiradas as iguarias, são trazidas grandes crateras e coroa-se o vinho.[1] Um grande rumor se faz ouvir no palácio e as vozes se espalham pelos amplos aposentos; nos tetos dourados estão suspensas lâmpadas brilhantes e as tochas vencem a noite com suas chamas. Então, a rainha pede e enche de vinho uma taça ornada de pedras preciosas e de ouro, como Belo e todos os descendentes de Belo tinham costume. Tendo-se feito, então, silêncio no palácio fala: "Júpiter, já que, dizem, és tu que presides a hospitalidade, faze com que este dia seja feliz para os tírios e para os que partiram de Tróia e que nossos descendentes o recordem! Favoreça-nos Baco, doador da alegria, e a boa Juno; e vós, tírios, celebrai, jubilosos, esta reunião."

Disse e derrama na mesa as primícias do vinho e, feita a libação, leva a taça aos lábios, de leve, depois o oferece a Bítias, convidando-o a beber: ele, diligente bebe de um hausto a taça espumante e se sacia no ouro por muito tempo. Coube depois a vez aos outros próceres. Iopas, de cabelos compridos, entoa na cítara dourada o que lhe ensinou o grande Atlas. Canta a lua errante e os eclipses do sol, origem da raça humana e dos animais; a origem da chuva e dos raios, de Arcturo, das Híadas nebulosas e das suas Ursas; porque os sóis do inverno tanto se apressam a se banhar no Oceano ou o que retarda a chegada das noites. Os tírios redobram aplausos e os troianos os acompanham. Entretanto, a infortunada Dido estendia pela noite a conversa e sorvia um grande amor, fazendo muitas perguntas sobre Príamo, muitas perguntas sobre Heitor; ora indagava com que armas viera o filho de Aurora; ora como eram os cavalos de Diomedes; ora quão grande era Aquiles. "Melhor ainda, disse, conta-nos, meu hóspede, desde o princípio, as ciladas dos gregos, e as desgraças dos teus e tuas peregrinações; eis que já a sétima estação te leva errante por todas as terras e mares."

---

1 Coroar o vinho consistia em rodear as taças de uma coroa de flores.

Livro II

Calaram-se todos e, atentos, o encararam. Então, de seu alto assento, assim falou o patriarca Enéias:

"Mandas, ó rainha, renovar uma indizível dor; como os gregos destruíram o poderio de Tróia e seu lamentável reino; desgraças que eu próprio vi e das quais fui grande parte. Quem, narrando tais coisas, conteria as lágrimas, fosse embora mirmidão ou dólopo ou soldado do cruel Ulisses? E já a úmida noite desce pelo céu e o movimento dos astros nos convida ao sono. Se tão grande, porém, é o teu desejo de conhecer as nossas desgraças e ouvir, em poucas palavras, as supremas provações de Tróia, começarei, muito embora o coração se horrorize com a lembrança e procure se esquivar de tanta tristeza. Esgotados pela guerra, repelidos pelo destino, os chefes dos gregos, após tantos anos já passados, constroem, com a divina ajuda de Palas, um cavalo semelhante a uma montanha, e ajustam pranchas de abeto em seus flancos; fingem ser um voto pelo seu regresso; e a notícia de tal fato correu. Colocam em seu tenebroso flanco homens de escol, escolhidos pela sorte, e enchem-lhes as cavidades profundas e o ventre enorme de soldados armados.

"Há, diante da costa, a famosíssima ilha de Tenedos, opulenta enquanto Príamo mantinha o reino, hoje simples enseada e ancoradouro pouco seguro para os navios. Para ali os gregos se transportam e se escondem na praia deserta. Nós os acreditávamos partidos e levados pelo vento para Micenas. Toda a Têucria se libertou, então, de um longo sofrimento: abrem-se as portas; regozija-se em sair e ver os acampamentos dóricos e os lugares abandonados e o litoral deserto. Aqui acampavam as forças dos dólopos, ali o feroz Aquiles; ali ficavam as naves; ali costumavam pelejar os exércitos. Vários contemplam com estupor a oferenda funesta feita à virgem Minerva e admiram a grandeza do cavalo; e, em primeiro lugar, Timoetes nos exorta a levá-lo para dentro das muralhas e a colocá-lo na cidadela, seja por dolo, seja porque já os fados de Tróia assim decretassem. Cápis, porém, e os que tinham o espírito melhor avisado queriam atirar ao mar ou entregar às chamas o presente insidioso e suspeito dos gregos ou furar as cavidades e sondar os esconderijos. A multidão indecisa divide-se em opiniões contrárias.

"Então, à frente de todos, acompanhado por grande turba, Laconte, arrebatado, desce do alto da cidadela e, de longe: "Desgraçados cidadãos, que loucura é esta? Acreditais que os inimigos tenham partido? Julgais que os presentes dos gregos possam ser isentos de dolo? É assim que conheceis Ulisses? Ou há argivos escondidos nesta madeira, ou se trata de uma máquina construída para nossas muralhas, para observar as casas ou acometer de cima contra a cidade; ou outra artimanha está aí oculta: não confieis no cavalo, teucros. Seja ele o que for, temo os gregos, mesmo quando oferecem presentes." Assim falou e,

com todas as suas forças, atirou um enorme dardo no flanco e no ventre arredondado do animal. A arma cravou-se, tremendo, sacudindo o bojo, e as profundas cavidades retumbaram e exalaram um gemido. E se não fosse a determinação dos deuses, se o nosso espírito não tivesse sido tão leviano, ele nos teria impelido a trespassar com o ferro o esconderijo dos gregos, e tu ainda agora estarias de pé, ó Tróia, soberbo baluarte de Príamo!

Assim falou e, com todas as suas forças, atirou um enorme dardo no flanco e no ventre arredondado do animal (págs. 35 e 36)

"Eis, porém, que um jovem, de mãos amarradas atrás das costas, é arrastado, com muitos gritos, para o rei por pastores dardânios, o qual, desconhecido, se entregara ele próprio, para abrir Tróia aos aqueus, disposto, resoluto de coração, seja a pôr em prática suas artimanhas,

seja a sucumbir a uma morte certa. A juventude troiana acorre de todos os lados, ansiosa para vê-lo e compete em escarnecê-lo. Aprende, agora, as insídias dos gregos e conhece todos pelo crime de um só. Eis que tão logo ele parou, perturbado e inerme, no meio, observado, e correu os olhos pelos exércitos frígios, exclamou: "Ah! Que terra, que mar podem agora acolher-me? Que resta ainda a mim, desgraçado, que já não tenho abrigo entre os gregos e para quem, ademais, os próprios dardânios, encolerizados, reclamam sanguinolento castigo?" Os ânimos mudaram-se com seus gemidos e o ímpeto foi contido em todos. Exortam-no a dizer de que sangue procedia, quais os seus intentos; a nos esclarecer por que deveríamos confiar em um cativo. Tendo, então, deixado de lado afinal o medo, disse ele: "Aconteça-me seja o que for, ó rei, vou dizer-te toda a verdade; não negarei que sou de raça argiva: é a primeira confissão; se o destino fez Sinon desgraçado, não o fará impostor e mentiroso. Talvez a fama tenha feito chegar aos teus ouvidos o nome e a grande glória de Palamede, descendente de Belo, ao qual, inocente, os pelasgos acusaram falsamente de traição, com provas criminosas, e o fizeram morrer, por ser ele contrário à guerra, e agora o choram, quando está privado da luz do dia: foi para acompanhá-lo, laços de sangue nos prendiam, que meu pai, homem pobre, me mandou para aqui desde os primeiros anos de guerra. Enquanto ele conservou sua posição e sua autoridade no conselho dos reis, nós mesmos conquistamos alguma glória e algumas honras. Quando, porém, vítima da inveja do pérfido Ulisses (não conto senão o que conheço) deixou para sempre as plagas do alto,[1] aflito arrastei minha vida na solidão e no sofrimento e indignava-me com a desgraça de meu amigo inocente. Insensato, não me calei e prometi que me vingaria, se acaso o destino me desse ocasião e se eu voltasse algum dia vencedor à minha pátria, Argos, e tais palavras provocaram ódios violentos. Foi esta a origem de minhas desgraças. Desde então, Ulisses sempre me perseguiu com novas incriminações, espalhando rumores equívocos entre a multidão e, tendo a consciência de seu crime, trama a minha perda. Não descansou, com efeito, senão quando, graças a Calchante... De que me vale, porém, relembrar estes fatos desagradáveis? Para que prosseguir, se tendes todos os aqueus na mesma conta? Já ouviste bastante, aplicai, sem demora, o castigo; é o que quer o homem de Ítaca e os Átridas dariam a isso alta recompensa."

"Ardentemente desejamos, então, interrogá-lo e indagar as causas, ignorando tantos crimes e artifícios dos pelasgos. Ele prosseguiu, tremendo, e falou, com o coração fingido:

"Muitas vezes os gregos quiseram fugir de Tróia, levantar o cerco e desistir da longa guerra que os havia esgotado; oxalá o tivessem feito! Muitas vezes a tempestade violenta lhes fechou o mar e o Austro aterrorizou os que partiram. As nuvens troaram no éter principalmente depois que se construiu o cavalo armado com traves de bordo. Inquietos, mandamos Eurípilo consultar o oráculo de Febo e ele trouxe do santuário estas lamentáveis palavras: — Com o sangue de uma virgem sacrificada,[2] ó gregos, aplacastes os ventos quando chegastes às praias troianas; tereis de conseguir vosso regresso, imolando uma vida argiva. — Quando estas palavras chegaram aos ouvidos da multidão, os espíritos ficaram atordoados e um tremor gelado correu pelos ossos: a quem o destino reservava a morte, quem Apolo reclamava? O homem de Ítaca

1 As plagas terrestres, em oposição às de baixo, o inferno.
2 Ifigênia, filha de Agamenon.

arrasta ao meio da multidão, com grande tumulto, o adivinho Calchante, pede que ele revele qual é a vontade dos deuses; e muitos já me anunciavam as maquinações criminosas do artificioso, e previam, em silêncio, o futuro. Ele se cala durante dez dias e acautelado se recusa a dar sua própria opinião ou a propor alguém para a morte. Afinal, forçado pelos altos clamores do homem de Ítaca, rompe o silêncio, de acordo com ele, e me destina ao altar do sacrifício. Todos aprovam, satisfeitos por verem recair sobre um só desgraçado aquilo que temiam para eles próprios. Chega o dia nefando; prepara-se para mim o sacrifício, os bolos salgados e as ínfulas em torno de minha fronte. Fugi da morte, devo dizer, e quebrei as correntes e me escondi, graças a uma noite escura, no lago coberto de caniços, até que eles fizessem de vela, se por acaso isso fizessem. Não tenho, pois, mais esperança de rever a velha pátria, nem meus queridos filhos e meu saudoso pai, sobre os quais talvez façam recair o castigo de nossa fuga e o erro que cometi será lavado com o sangue desses infelizes. Por isso, conjuro-te, pelos deuses superiores e pelas divindades que conhecem a verdade, pela imaculada justiça, se é que ainda existe dela sinal entre os homens, peço, tem piedade de tantas provações, tem piedade de um desgraçado, vítima de uma sorte não merecida."

"Comovidos até as lágrimas, concedemo-lhe a vida e, mais do que isso, a misericórdia. O próprio Príamo foi o primeiro a ordenar que ele fosse libertado das cordas que o amarravam e lhe dirige palavras amistosas: "Quem for que sejas, esquece agora os gregos, perdidos para ti; serás um dos nossos, mas peço-te que respondas a verdade. Por que construíram eles este cavalo enorme? Quem teve a idéia? A que visa ele? É uma oferenda religiosa? É um engenhoso bélico?" Disse. O outro, perito na falsidade e nas artimanhas dos gregos, ergueu para o céu as mãos livres das cadeias: "Vós, fogos eternos e vós, divindades invioláveis, eu vos tomo por testemunhas — disse, também vós, altares e espadas sinistras de que fugi, e as ínfulas dos deuses, que levei como vítima: é-me lícito romper os laços sagrados que me prendiam aos gregos; é-me lícito odiar seus guerreiros e revelar o que eles podem esconder; não me prende qualquer lei para com a minha pátria. Tu, porém, sê fiel às tuas promessas e que Tróia salva por mim seja leal, se falo a verdade, se grandemente retribuo. Toda a esperança dos gregos e sua confiança na guerra empreendida repousaram sempre na ajuda de Palas. Depois, porém, que o ímpio filho de Tideu e o artífice de crimes Ulisses arrancaram do templo consagrado o fatal paládio e, depois de terem massacrado os guardas no alto da cidadela, e que se apoderaram da imagem sagrada e mancharam com as mãos ensangüentadas as ínfulas virginais, desde então começou a se desvanecer a esperança dos gregos, suas forças a se esgotarem, a afastar-se o espírito da deusa. Tritônia manifestou-se por prodígios que nada tinham de duvidosos. Mal a imagem foi colocada no acampamento, chamas coruscantes saíram de seus olhos fixos, o salgado suor correu-lhe pelos membros e três vezes (coisa admirável!) viu-se ela própria, no chão, brandindo o escudo e a lança tremente. Sem demora, Calchante anuncia que urge fugir e atravessar de novo o mar, que Pérgamo não poderá cair sob as armas dos argivos se não se regressar a Argos para colher novos augúrios e se trouxer de volta a deusa que, através do mar, levaram para as recurvadas naves. Agora, se, com vento favorável, fizeram-se de vela para sua pátria, Micenas, vão em busca de armas e de deuses propícios, e atravessado de novo o mar voltarão de improviso: assim Calchante interpreta os presságios. Foi por seus conselhos, para substituir o Paládio, para reparar a ofensa feita à divindade, que construíram esta estátua,

para expiar o funesto sacrilégio. Entretanto, Calchante manda levantar esta massa enorme de carvalho e erguê-la até o céu, a fim de que ela não pudesse passar pelas portas nem ser introduzida no interior das muralhas e não fosse defesa do povo, segundo a crença antiga. Com efeito, se vossas mãos profanassem o presente oferecido a Minerva, então uma grande desgraça — que os deuses afastem este presságio do próprio Calchante! — seguir-se-ia para o império de Príamo e para os frígios; se, porém, ele subisse para a cidade por vossas mãos, a Ásia, em uma grande guerra, chegaria além das muralhas do Peloponeso, e tal seria o destino que esperaria nossos descendentes."

"Acreditamos nessas insídias e artimanhas do pérfido Sinon, e viram-se presa de suas palavras e de suas lágrimas fingidas aqueles que não se tinham deixado vencer nem pelo filho de Tideu, nem pelo tessálio Aquiles, nem por dez anos de guerra e um milhar de navios.

"Então, um espetáculo mais impressionante e muito mais horrível oferece-se à vista dos desventurados troianos e perturba de improviso seus corações. Lacoonte, sacerdote de Netuno escolhido pela sorte, imolava um enorme touro diante dos altares consagrados. Eis, porém, que duas serpentes, vindas de Tênedos pelo mar tranqüilo (eu me horrorizo contando!) estendem pelas águas seus anéis imensos e emparelhadas avançam para a praia; seus peitos mostram-se no meio das vagas e suas cristas sangrentas erguem-se sobre as ondas; o resto dos corpos aflora à superfície marinha e seus dorsos imensos se contorcem em espirais. Ouve-se o ruído da espumejante água salgada. Elas já estão chegando à terra e com os olhos ardentes, tintos de sangue e de fogo, lambem, com as línguas vibrantes, as sibilantes bocas. Fugimos, pálidos de susto, diante desse espetáculo. Elas, com um movimento certo, seguem em direção a Lacoonte; e, primeiro, uma e outra serpente, enlaçando os pequenos corpos de seus dois filhos, enrolam-se em torno de suas presas e com suas dentadas despedaçam os pobres membros: depois, se apoderam do próprio Lacoonte, que correra em auxílio, empunhando uma arma, e o sufocam com suas dobras enormes; duas vezes já elas enlaçaram seu corpo pelo meio; duas vezes enrolaram em torno do pescoço seus dorsos cobertos de escamas, ultrapassando-lhe a cabeça e a alta cerviz. Ele esforça-se para afastar os nós com as mãos, molhado nas ínfulas pela baba e pela negra peçonha e ao mesmo tempo lança até os astros os seus gritos terríveis; assim muge o touro quando, ferido, foge do altar sacudindo no pescoço a machadinha mal segura. Entretanto, os dois dragões fogem, rastejando para as alturas do templo, alcançam o baluarte de Tritônia e escondem-se aos pés da deusa sob o disco de seu escudo.

"Então, um pavor verdadeiramente novo penetrou nos corações de todos, e diz-se que Lacoonte foi justamente castigado pelo seu crime. Lacoonte, que com a ponta de seu ferro feriu o carvalho sagrado e atirou contra seu flanco a lança criminosa. Gritam que é preciso levar a estátua para o templo e implorar a proteção da deusa. Fizemos uma brecha na muralha e abrimos os baluartes da cidade. Todos se entregam ao trabalho; colocam-se cordas sob os pés do cavalo e amarram-se em seu pescoço cordas sólidas. A máquina fatal penetra dentro das muralhas, prenhe de armas; em torno dela, meninos e jovens virgens entoam hinos e se divertem em tocar com as mãos o grande cabo. Ela avança, ameaçadora, e penetra até o centro da cidade. Ó minha pátria, Ílion, morada dos deuses, muralhas ilustres na guerra dos descendentes de Dardano! quatro vezes ela se deteve junto da porta e quatro vezes ressoou em seu ventre o ruído das armas. Prosseguimos, no entanto, inconscientes, cegos pelo furor, e colocamos o monstro sinistro na cida-

dela abençoada. Mesmo então, Cassandra abriu a boca para predizer nosso destino, Cassandra em que um deus sempre impediu aos teucros de acreditar. Nós, desgraçados, neste dia que seria para nós o último, engrinaldávamos os templos da cidade.

"Entretanto, gira o céu e a Noite avança do Oceano cobrindo com uma grande sombra a terra e o céu e as perfídias dos mirmidões; espalhados pelas muralhas, os teucros se calam; o sono invade seus membros fatigados. E já a falange argiva, nos navios em boa ordem, sai de Tênedos, na calada da noite,[1] e se dirige às praias bem conhecidas, e Sinon vê um fanal na nave do rei. Sinon, que os fados injustos haviam salvo, liberta ocultamente os gregos escondidos no ventre do cavalo, abrindo a sua prisão de madeira. O cavalo os restitui à luz e se vêem saindo, satisfeitos da cavidade de carvalho e deslizando pelo cabo, o cruel Ulisses, Acamas, Toas, Neoptolemo, neto de Peleu, e Macaonte um dos primeiros e Menelau e o próprio construtor do estratagema, Epeus. Invadem a cidade, dominada pelo sono e pelo vinho, matam as sentinelas e, abrindo as portas, acolhem os companheiros e se juntam às suas fileiras cúmplices.

"Era a hora em que começa o primeiro sono para os atormentados mortais e, por graça dos deuses, penetra-lhes docemente nos membros. Eis que, em sonho vi diante de meus olhos Heitor, tristíssimo, chorando copiosamente, tal como quando sua biga o arrastava escurecido por um pó sangrento, os pés inchados e presos por correias. Ai de mim, em que estado se achava! como era diferente daquele Heitor que voltava trazendo os despojos de Aquiles ou que lançava os archotes dos frígios contras as naves dos gregos! Tinha a barba hirsuta, os cabelos empapados de sangue e no corpo as inúmeras feridas que recebera em torno das muralhas da pátria.

Tive a impressão de que, eu próprio, chorando, primeiro lhe dirigi a palavra e que manifestei minha dor nestes termos:

"Ó luz da Dardânia, esperança mais segura dos teucros, o que te reteve por tanto tempo? De que plagas vens, Heitor há tanto tempo esperado? Depois de tantos enterros dos teus, depois das provações por que passaram os homens e a cidade, como te vemos! Que ultraje perturbou a serenidade de teu rosto? Qual a causa destas feridas que vejo?"

Ele não me responde e não se detém em vãs perguntas, mas diz, arrancando do imo do peito um gemido profundo:

"Vamos! foge, filho da deusa e escapa destas chamas. O inimigo alcançou as muralhas: Tróia desmorona-se de alto a baixo. Bastante fizemos pela pátria e por Príamo: se os braços pudessem defender Pérgamo, estes braços a estariam ainda defendendo. Tróia recomenda-te seus objetos sagrados e seus penates; toma-os como companheiros de teu destino, procura para eles muralhas soberbas que construirás depois de teres vagado sem rumo pelo mar."

Assim falou e, das profundidades do santuário, traz as ínfulas, a poderosa Vesta e o fogo eterno.

"Entrementes, dentro das muralhas confundem-se cada vez mais todas as espécies de desgraças e, conquanto a casa de meu pai Anquises ficasse afastada e protegida por árvores, o ruído torna-se cada vez mais retumbante e o entrechocar das armas se aproxima. Desperto sobressaltado, subo ao alto do palácio e fico com os ouvidos atentos:

---

1 No original: *per amica silentia lunae*, literalmente: "com a ajuda do silêncio favorável da lua".

assim a chama impelida pelos furiosos Austros se alastra pelas searas, a rápida torrente vinda da montanha inunda o campo e as alegres terras semeadas e os trabalhos dos bois, e arrasta a floresta em seu curso impetuoso; imóvel, do cimo no rochedo, o pastor se espanta com o ruído que ouve. Manifesta-se, então, a verdade e as insídias dos gregos se desmascaram. Já ruiu o grande palácio de Deifobo, a casa tornou-se presa das chamas; já arde a casa próxima de Ucalegon; os incêndios iluminam ao longe o mar de Sigeu. Misturam-se o clamor dos homens e o soar das trombetas. Fora de mim, pego as armas; não sei bem como delas me valerei; desejo, porém, ardentemente reunir uma tropa para combater e dirigir-me à cidadela com os companheiros; o furor e a ira incitam minha coragem, penso em morrer bravamente, de armas na mão.

"Eis, porém, que surge Panto, que escapara das armas dos gregos, Panto, filho de Otrieu, sacerdote do templo de Febo, na cidadela, trazendo consigo os objetos do culto e os deuses vencidos e, puxando pela mão o netinho, corre, desesperado, para a entrada da casa. "Onde se trava a batalha, Panto? Ocupamos a cidadela?" Apenas foram ditas estas palavras, ele responde, com um gemido: "Chegou o dia supremo e o fim inevitável de Dardânia. Acabaram-se os troianos, acabou-se Ílion e a glória formidável dos teucros; o cruel Júpiter passou-se para Argos; os gregos dominam a cidade incendiada. O ameaçador cavalo colocado no meio de nossas muralhas vomitou homens armados e Sinon vitorioso mistura o incêndio com os insultos. Uns entram pelas portas de dois batentes escancaradas, tão numerosos como no dia em que chegaram da grande Micenas; outros ocupam com as armas as ruas estreitas; por toda a parte, as pontas das espadas desembainhadas coruscam, prontas para matar; mal as primeiras sentinelas das portas tentam combater e resistem cegamente aos ataques." Instigado pelas palavras do filho de Otrieu e a graça dos deuses, corro através das chamas e da batalha, onde me chamam o triste Erínio e o clamor que sobe para o éter. Juntam-se a mim Ripeu e Epito, grande nas armas, reconhecidos ao luar, e Hipanos e Dimas acorrem a se formar ao nosso lado, e o jovem Corebo filho de Migdon. Ele chegara a Tróia, por acaso, naqueles dias, abrasado por um louco amor por Cassandra, e, como genro, prestava ajuda a Príamo e aos frígios, o infeliz, que não escutou os avisos de uma noiva inspirada!

"Desde que os vi reunidos para o combate, assim lhes falo: "Jovens de coração em vão repleto de valentia, se estais dispostos a seguir um chefe desejoso de tudo tentar, vede com certeza como se apresentam as coisas; todos partiram, deixaram seus santuários e seus altares e seus deuses, para que este império se sustentasse; socorreis uma cidade incendiada: morramos e lancemo-nos no meio dos combates. A única salvação para os vencidos é não esperar salvação." Assim o furor animou o coração dos jovens. Então, como entre as névoas noturnas escura os lobos rapaces impelidos pela fome cruel, saem das cavernas onde deixam os filhotes, esperando-os com as bocas famintas, assim nós, através dos dardos, através dos inimigos, encaminhamo-nos para uma morte certa, seguindo uma rua central. A negra noite nos envolve com sua sombra profunda.

"Quem poderia expressar por palavras os flagelos daquela noite, e as desgraças, ou encontrar lágrimas bastantes para tais provações? Desmorona-se a velha cidade, que fora dominadora por tantos anos; inúmeros cadáveres juncam, por toda a parte, as ruas, as casas e o pórtico sagrado dos deuses. Não são apenas os teucros, porém, que derramam seu sangue; às vezes a coragem renasce no coração dos ven-

cidos, e tombam os gregos vitoriosos. Por toda a parte o sofrimento cruel, por toda a parte o pavor e a múltipla presença da morte.

"Androgeu é o primeiro que se aproxima de nós, acompanhado por um cortejo numeroso de gregos, ignorando quem somos e nos tomando por companheiros dirige-nos estas palavras amistosas: "Apressai-vos, guerreiros; por que esta lentidão tanto vos retarda? Os outros saqueiam Pérgamo incendida: vós apenas acabais de desembarcar dos altos navios!" Disse e imediatamente percebe pela resposta equívoca que lhe foi dada que se encontra no meio de inimigos. Estupefato, parou e contém as palavras. Assim como aquele que em um áspero sarçal pisa inesperadamente em uma serpente, pula assustado, e foge do animal que se enfurece e intumece o pescoço azulado: assim também Androgeu ao ver-nos recuou aterrado. Investimos e, atacando encarniçadamente os inimigos apanhados de surpresa e desconhecedores do lugar, exterminamo-os: a fortuna favorece o primeiro esforço. Então, diz Corebo, animado e de coração exultante: "Companheiros, avancemos por onde a fortuna nos mostrou primeiro o caminho da salvação. Troquemos os escudos, enverguemos as insígnias dos gregos: que importa usarmos, contra os inimigos, artimanha ou bravura? Que eles próprios nos dêem as armas." Assim fala e toma em seguida o capacete empenachado de Androgeu e seu belo escudo e pendura de lado a espada argiva. Rifeu, o próprio Dimas e todos os jovens fazem o mesmo, jubilosos: cada um se arma com os despojos recentes. Caminhamos confundidos com os gregos, sem o favor dos deuses, e protegi-

Surge Panto, filho de Otrieu, sacerdote do templo de Febo, na cidadela, trazendo consigo os objetos do culto e os deuses vencidos e, puxando pela mão o netinho, corre... *(pág. 41)*

dos pelas trevas da noite, travamos muitos combates; muitos gregos mandamos para o Orco. Fogem alguns para as naves e correm a se pôr a salvo na praia; outros tomados de vergonhoso pavor trepam de novo no cavalo e se escondem em seu ventre que conhecem. Ah! Não é lícito esperar quando os deuses são contrários!

"Eis que se tirava do templo e do santuário de Minerva a virgem Cassandra, filha de Príamo, com os cabelos em desordem, e levantando para o céu os olhos ardentes, os olhos, pois trazia presas as delicadas mãos. Corebo ao ver tal coisa, não tolerou, furioso, e atirou-se para morrer no meio dos inimigos. Nós todos o seguimos e avançamos cerrando as fileiras. Do alto do templo, os nossos nos crivam de dardos e começa uma terrível matança, devido ao erro causado pelas armas e pelos capacetes dos gregos. Depois estes, tomados de dor e de ira porque a virgem lhes fora arrebatada, se ajuntam e investem de todas as partes, o ardoroso Ajax, os dois Átridas, e todo o exército dos dólopos: assim é quando irrompem pelo céu ventos contrários e se entrechocam, Zéfiro e Noto e Euro jubiloso com os cavalos da Aurora; reboam as florestas e, com seu tridente, Nereu, coberto de espuma, revolve o fundo do mar. Reaparecem aqueles mesmos que, com o favor das sombras da noite escura, havíamos posto em fuga com o nosso ardil e expulsado da cidade; os primeiros reconhecem logo os capacetes e as armas enganosas e percebem o nosso sotaque. Somos esmagados pelo número; tomba primeiro Corebo às mãos de Peneleu ao pé do altar da deusa guerreira; cai também Rifeu, que foi o mais virtuoso justo que houve entre os teucros e o mais amigo da eqüidade: os deuses decidiram outra coisa! Perecem Hipânis e Dimas, feridos por seus concidadãos; e nem a ti, Panteu, salvou a tua grande piedade e a ínfula de Apolo. Cinzas de Ílion e a última chama dos meus, eu vos afirmo que em vosso último momento não evitei as armas nem os combates dos gregos e, se fosse o meu destino morrer, eu o teria merecido pelo que fiz. Saímos daquele lugar, Ifito e Pélias comigo; Ifito já abatido pela idade e Pélias retardado pela ferida que lhe infligira Ulisses. Sem demora, o clamor nos chamou ao palácio de Príamo.

"Ali, deparamos com um combate realmente encarniçado, como se não se combatesse em mais parte alguma e ninguém achasse a morte no resto da cidade, vemos Marte desenfreado, os gregos investindo contra o palácio e assaltando o limiar protegidos pelos escudos. Escadas são erguidas junto às paredes, e diante da própria porta, os assaltantes procuram subir os degraus; seguram com a mão esquerda os escudos para se protegerem contra os dardos e agarram-se aos degraus com a direita. Por seu lado, os dardânios destroem as torres e os tetos, e é com esses projéteis que tratam de se defender no transe supremo e sob a ameaça próxima: atiram traves douradas, velhos ornamentos de nossos antepassados, outros, de espadas desembainhadas, defendem as portas, em cerradas fileiras. Reanima-se o desejo de socorrer o palácio do rei, levar ajuda aos guerreiros e estimular o ardor dos vencidos.

"Havia uma porta secreta e uma passagem ligando entre si os aposentos de Príamo: era por esta porta, atrás do palácio, que a desventurada Andrômaca, e quando ainda existia o reino, costumava muitas vezes, desacompanhada, procurar os sogros e levar até o avô o menino Astianax. Por ali, subo ao alto do palácio, de onde os desventurados teucros lançavam em vão seus dardos. Havia, junto à ladeira uma torre, cujo teto se erguia até os astros, e de onde se avistava Tróia inteira, as naves gregas e os acampamentos dos aqueus. Atacamo-la com alavancas onde a juntura do madeiramento se mostrava mais fraca, arrancamo-la de seus fundos alicerces e empurramo-la; ela cai, de súbi-

to, com fragor, atingindo em grande extensão as colunas dos gregos. Outros, porém, se achavam próximos; as pedras e projéteis de toda a sorte não cessam, entrementes, de cair sobre eles.

"No próprio limiar do palácio, posta-se Pirro, coruscante com o brilho que lançam as armas de bronze; assim reaparece à luz, saciada de ervas venenosas, a serpente, que se escondera sob a terra durante o inverno, e agora, tendo mudado de pele, e resplandecente de mocidade, desenrola-se, levantando ao sol o peito e o dorso viscoso, e estende para fora da boca a língua tripartida. Ao mesmo tempo, o gigantesco Perifas, o escudeiro Automedonte, condutor dos cavalos de Aquiles, e toda a juventude de Siros aproximam-se do palácio e ateiam fogo ao teto. Pirro, na primeira fila, pega uma machadinha de dois gumes, destrói a soleira e arranca dos gonzos os batentes de bronze; já, arrancada a viga, escava o duro carvalho e abre uma enorme brecha. Aparece o interior do palácio e descobrem-se amplos átrios; aparecem os aposentos de Príamo e dos antigos reis, e se vêem homens armados de pé no limiar.

"O interior do palácio é teatro de lamentações e de um tumulto doloroso, e nos aposentos mais afastados ouve-se o pranto das mulheres; este clamor se eleva até os astros dourados. As amedrontadas matronas vagam pelas salas imensas, abraçam e beijam os umbrais. Persegue-as Pirro, com a fúria herdada do pai; nem as barreiras nem os próprios guardas são bastantes para detê-los; a porta é abalada pelas repetidas pancadas do aríete e cai, arrancada de seus gonzos. Abre-se o caminho à força; os gregos irrompem pelo vestíbulo, forçam a entrada, trucidam os primeiros que encontram e os soldados se estendem por grande extensão. Não é menos furioso um rio quando, rompendo os diques, avança espumejante, derruba os obstáculos que se lhe antepõem, inunda furioso as searas e as plantações. Eu mesmo vi Neoptolemo embriagado de carnificina e os dois Átridas no limiar, vi Hécuba e suas cem noras, e Príamo junto dos altares, manchando de sangue os fogos que ele próprio consagrara. As cinqüenta câmaras nupciais, esperança de tão ampla estirpe, as portas ornamentadas com o ouro e os despojos dos bárbaros, tudo desmoronara; os gregos ocupam o que o fogo poupou.

"Desejas, talvez, saber qual foi o destino de Príamo. Quando viu tomada a cidade e a desgraça penetrar nos convulsos átrios do palácio e o inimigo no fundo dos aposentos reais, em vão o velho recobre com as armas, cujo hábito de há muito perdera, os ombros trêmulos em conseqüência da idade, cinge uma espada inútil e penetra, para morrer, entre as densas hostes dos inimigos. Havia no meio do palácio, ao ar livre, um grande altar e, ao seu lado, debruçava-se um loureiro antiquíssimo e estendia sua sombra sobre os penates. Ali, Hécuba e suas filhas, assentadas em torno do altar, como pombas precipitadas por atra tempestade, muito unidas, abraçavam-se com as imagens dos deuses. Ao ver Príamo revestido das armas da juventude, disse-lhe: "Que funesta idéia te levou a cingir as armas, infortunado esposo? Aonde vais? Não é essa a ajuda nem tais defensores que a ocasião requer: não, meu próprio Heitor, se fora vivo, nada poderia fazer; este altar nos protegerá, a nós todos, ou juntos morreremos." Assim tendo dito, acolheu junto de si o velho e fê-lo sentar-se no lugar sagrado.

"Eis, porém, que, tendo escapado à carnificina de Pirro, Polites, um dos filhos de Príamo, atravessando os dardos dos inimigos, foge pelos compridos pórticos e passa pelos átrios vazios. O fogoso Pirro o persegue, pronto a feri-lo, e já o alcançava e o fere com sua lança. Chegando afinal diante dos olhos de seus pais cai para morrer, e a vida

se esvai num borbotão de sangue. Então Príamo, embora já bem próximo da morte, não se contém diante da dor e da cólera: "Ah! pelo teu crime — exclama — por uma tal audácia, que os deuses, se há no céu piedade para tais provações, saibam recompensar e te dêem o prêmio que mereces, tu que me fizeste assistir ao assassínio de meu filho e manchaste com o seu sangue o rosto de seu pai. Aquiles, de quem dizes mentirosamente ter nascido, não se comportou assim com seu inimigo Príamo; mas respeitou os direitos e a fé de um suplicante, fez sepultar o cadáver de Heitor e mandou-o de volta ao meu reino." Assim falou o velho e, sem forças, atira um dardo, que é de pronto repelido pelo bronze com um ruído seco e fica pendente do escudo. E Pirro: "Irás, então, contar tudo isto a meu pai, o filho de Peleu; lembra-te de contar-lhe meu triste destino e dizer-lhe que Neoptolemo degenerou. Agora, morre." Assim dizendo, arrasta até o próprio altar o velho, trêmulo e escorregando no sangue do filho, agarra-o pelos cabelos com a mão esquerda e, brandindo a espada reluzente com a direita, enterra-a até o punho no flanco. Este foi o fim das provações de Príamo, assim morreu, por decreto do destino, vendo Tróia em chamas e Pérgamo em ruínas, este soberbo soberano da Ásia, senhor outrora de tantos povos e de tantas terras. Jaz na praia um tronco gigantesco, uma cabeça separada dos ombros, um corpo sem nome.

"Então, pela primeira vez, um horror furioso se apoderou de mim. Fiquei imóvel, veio-me à lembrança a imagem de meu querido pai, ao ver exalando o último suspiro aquele rei da mesma idade, cruelmente ferido: vieram-me à lembrança Creusa abandonada e a casa deserta e as provações do pequeno Iulo. Volto-me e olho quem está em torno de mim. Todos me deixaram, exaustos, e se encontravam estendidos no chão, haviam se suicidado saltando ao chão ou se atirando às chamas.

"Fiquei, então, sozinho, quando no limiar do templo de Vesta e dissimulada em silêncio nesse abrigo afastado, vejo a filha de Tíndaro: o clarão dos incêndios ilumina meus passos e olho para aqui e para ali, enquanto caminho. Ela, temendo os teucros furiosos pela queda de Pérgamo e a ira do esposo abandonado, Erínia, igualmente fatal a Tróia e à sua pátria, havia se escondido e se mantinha longe dos olhos, diante dos altares. Meu coração inflama-se; um desejo furioso me impele a vingar minha pátria e impor um castigo que seria um crime para mim.[1] "Assim tornará ela a ver, sã e salva, Esparta e Micenas, sua pátria, e partirá triunfante como rainha? Verá seu esposo, sua casa, seus pais, seus filhos, no meio de um séquito de mulheres troianas e frígias, suas escravas? Caia Príamo morto pelo ferro! Seja Tróia consumida pelo fogo! Que o litoral da Dardânia se empape tantas vezes de sangue! Não há de ser assim: embora castigar uma mulher não nos traga renome, nem seja uma vitória digna de louvor, ser-me-ia lícito eliminar essa celerada e lhe dar o merecido castigo, e grato saciar meu ardente desejo de vingança e satisfazer as cinzas dos meus."

"Proferia tais palavras e o furor me dominava, quando brilhante como jamais meus olhos a viram, aureolada na noite de uma luz puríssima, minha venerável mãe se apresentou diante de mim, manifestando a sua divindade, como costuma mostrar aos habitantes do céu; deteve-me com a mão direira e abriu os lábios róseos para dizer-me: "Que dor é esta, meu filho, que te provoca tanta ira? Por que esta fúria? Onde está teu apreço por nós? Não procurarás antes saber onde deixaste teu pai Anquises, abatido pela idade, e tua esposa Creusa e o

---

1 Helena estava diante dos altares.

menino Ascânio? Todas as coortes gregas eram em torno deles e, se não fossem os meus cuidados, já as chamas os teriam consumido ou o gládio inimigo os ferido. Não lances à lacedemônia, filha odiosa de Tíndaro, nem a Páris, a culpa que cabe à inclemência dos deuses, que destruiu este reino e arrancou Tróia de seu fastígio. Olha; vou afastar a nuvem que se estende diante de teus olhos mortais, cobrindo-os de úmido vapor; não temas o que tua mãe te ordena, nem te recuses a seguir meus conselhos. Ali, onde vês massas dispersas e pedras que se separam de outras pedras, este fumo que ondula misturado com poeira, Netuno abala as muralhas e seus alicerces com as pancadas de grande tridente e arranca de sua base toda a cidade. Ali a feroz Juno é a primeira a ocupar a porta Sea e, furiosa, armada de uma espada, chama os guerreiros que se acham nos navios. Vê; já a Tritônia Palas se acha no alto da cidadela, com uma auréola refulgante, e com a feroz Gôrgona. O próprio Pai incita o coração dos gregos e apóia seus esforços, ele próprio sustenta as armas contra os dardânios. Foge, meu filho, e com a fuga põe um fim aos teus labores. Não te abandonarei jamais e conduzir-te-ei em segurança à casa de teu pai." Disse e escondeu-se nas sombras espessas da noite. Aparecem-me as cruéis figuras das grandes divindades inimigas de Tróia.

"Pareceu-me, então ver Ílion inteira desaparecer nas chamas e desmoronar de alto a baixo a netuniana Tróia. Assim é, quando no alto dos montes, camponeses se esforçam para abater um velho ulmo com repetidas machadadas; a árvore obstinadamente resiste por muito tempo e, tremendo ameaça cair e vacila, balançando a copa, vencida, pouco a pouco, dá, no momento supremo, um gemido, e cai, estendendo-se ao comprido.

"Desço e, guiado pela deusa, avanço através das chamas e dos inimigos; os dardos cedem-me lugar, as chamas recuam. E logo que chego ao limiar da morada paterna, à velha casa, meu pai que eu, a princípio, queria levar para o alto das montanhas, e para a qual a princípio eu dirigia os passos, recusa-se a salvar a vida abandonando Tróia e suportar o exílio. "Vós, cujo sangue não foi afetado pela idade e que conservais intactas as vossas forças, fugi sem demora" — diz ele. Quanto a mim, se os celícolas quisessem poupar-me a vida, teriam me conservado estas moradas. É bastante, e mais que isto, termos visto a queda e sobrevivido à tomada desta cidade.[1] Assim, oh!, assim estou em meu leito fúnebre, dizei adeus e parti. Eu mesmo procurarei a morte por minhas mãos; o inimigo a dará por piedade ou para ter os meus despojos. É fácil prescindir de um túmulo. De há muito sou detestado pelos deuses e, inútil, vivo há anos, desde que o pai dos deuses e rei dos homens poupou-me com seu raio e me tocou com seu fogo."

"Obstinava-se, recordando tais coisas, e persistiu em seu intento. Cobrimo-nos de lágrimas diante dele, minha esposa Creusa e Ascânio e todos da casa, suplicando-lhe que não perdesse tudo consigo e auxiliasse o destino que nos impele. Ele se recusa e mantém-se na mesma disposição e no mesmo lugar. De novo quero voltar ao combate e, desanimado, desejo a morte. Que decisão tomar e que destino me esperava? "Acaso, meu pai, podes esperar que eu parta te deixando? Como puderam palavras tão ímpias sair da boca de um pai? Se agrada aos deuses superiores que coisa alguma reste de uma tão grande cidade e se está assentado em teu coração ajuntar à de Tróia a tua ruína e a dos teus, a porta que conduz à morte está aberta. Dentro em pouco, aqui

---

1 Alusão à primeira conquista de Tróia, por Hércules.

estará, coberto do sangue de Príamo, Pirro, que assassina o filho diante do pai e o pai diante dos altares. E foi para isso, ó deusa benfazeja, que me salvaste entre os dardos e entre os incêndios, foi para ver o inimigo dentro de nossos lares e Ascânio e meu pai e, ao seu lado, Creusa, trucidados no sangue uns dos outros? Armas, guerreiros, trazei-me armas; o momento supremo convoca os vencidos. Deixai-me voltar para junto dos gregos; deixai-me voltar ao combate; não morreremos todos hoje sem vingança."

"Então, cinjo de novo a espada, pego o escudo com a mão esquerda e disponho-me a sair de casa. Eis que minha esposa, abraçando-me os pés, detém-me à soleira e me diz, apontando para Iulo: "Se partes para morrer, leva-me contigo por toda a parte; se, porém, experimentado, depositas alguma esperança nas armas que tomaste de novo, trata de defender primeiro a tua casa. A quem entregas, então, o pequeno Iulo, teu pai e esta que chamavas outrora de esposa?"

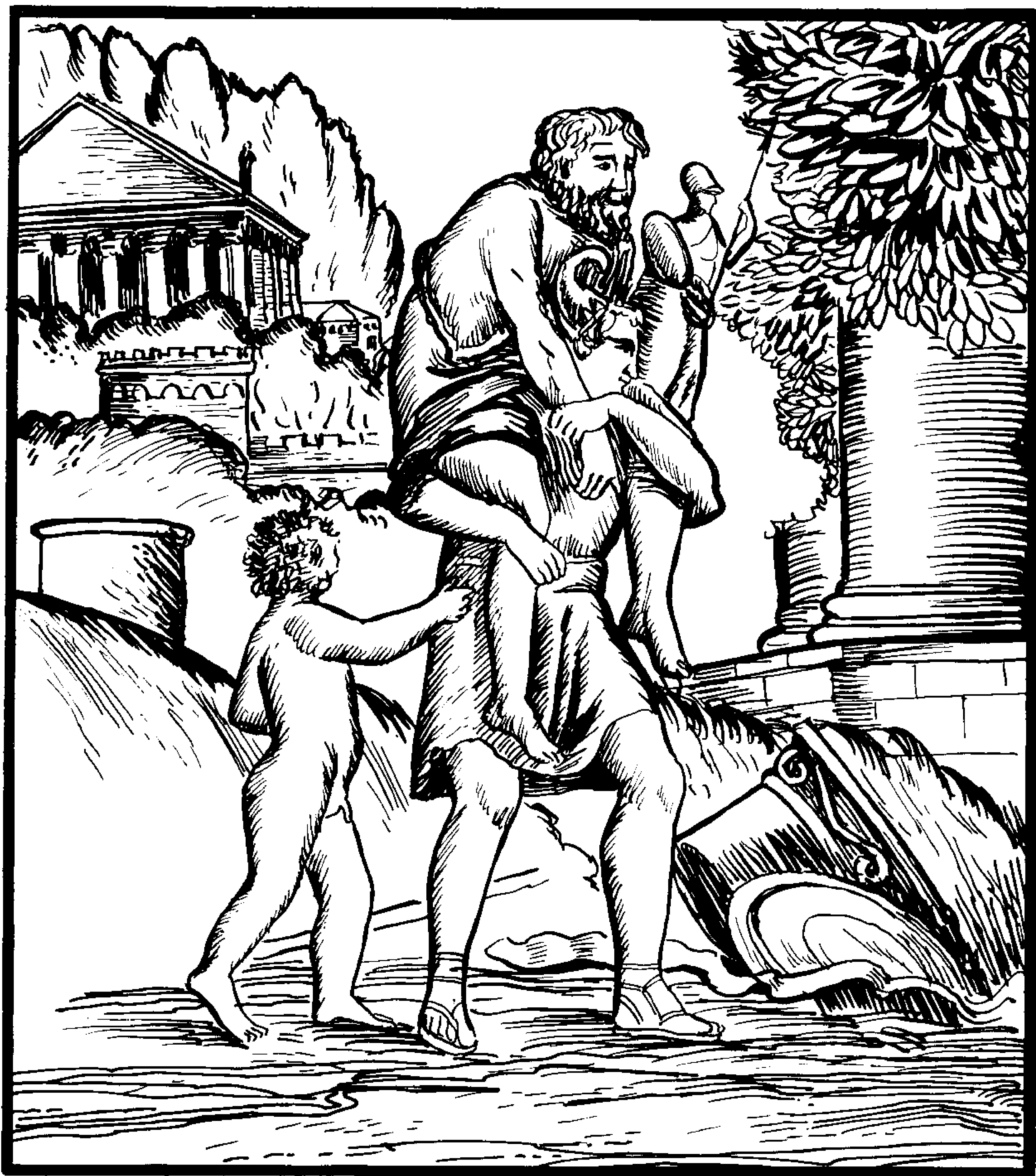
"Assim dizendo, clamava, e seus gemidos ecoavam por toda a casa, quando surge de súbito um assombroso prodígio. Eis que, no meio dos abraços e dos beijos de seus pais em pranto, uma leve chama pareceu crepitar na cabeça de Iulo, espalhando sua luz, e inofensiva lamber-lhe os finos cabelos e entreter-se em torno das têmporas. Nós, pálidos e trêmulos de medo, sacudimos a cabeleira inflamada e procuramos apagar com água o fogo sagrado. Então, meu pai Anquises levantou, jubiloso, os olhos para os astros e de mãos erguidas para o céu exclamou: "Júpiter onipotente, se te deixas comover pelas preces, lança um olhar apenas sobre nós; se o merecemos pela piedade, dá-nos, depois, um augúrio, Pai, e confirma tudo isto."

"Mal se calara o ancião, o troar de um trovão se fez ouvir à esquerda e caindo do céu, por entre as sombras, correu, espalhando muita luz, uma estrela que deixa um traço luminoso. Vimo-la, desviando seu curso sobre o telhado do palácio, perder-se luminosa na floresta do Ida, mostrando-nos o caminho; deixa, depois, atrás de si, um comprido sulco de luz e em grande extensão a terra exala um cheiro de enxofre. Então, vencido, meu pai se volta para as brisas, invoca os deuses e adora o astro santo: "Agora, não nos retardemos mais; seguirei e irei aonde me levardes. Deuses de meus pais, salvai minha casa, salvai o meu neto. De vós vem este presságio e Tróia ainda se encontra sob vossa proteção. Cedo, pois, e não mais me recuso acompanhar-te, meu filho."

"Disse, e já ao longo da muralha se ouve o crepitar mais distinto do fogo e o incêndio traz mais perto o seu calor. "Vamos, pois, querido pai, coloca-te sobre minha cerviz, levar-te-ei em meus ombros e esta carga não me será pesada. Seja o que for que suceder, nosso perigo será comum e nossa salvação uma só. Que o pequeno Iulo me acompanhe e minha esposa siga de longe os meus passos. Vós, servos, guardai no coração o que vou dizer. Fora da cidade, há um outeiro e um antigo templo de Ceres, abandonado, e, ao seu lado, um velho cipreste, conservado há anos pela piedade de nossos pais; é lá que nos reuniremos, vindos de caminhos diferentes. Tu, meu pai, toma na mão os objetos sagrados e os Penates da pátria; eu, que saio de uma grande guerra e de um morticínio recente, não posso tocá-los, antes de me lavar em água corrente."

"Assim dizendo, estendo sobre meus largos ombros as dobras da veste e a pele fulva de um leão e curvo-me sob este fardo; o pequeno Iulo agarra-se à minha mão direita e segue seu pai com passos incertos; minha esposa vem atrás. Avançamos através das trevas; e eu, a quem

antes não impressionavam nem os dardos que eram lançados contra mim, nem as cerradas colunas dos gregos, agora, cada sopro da brisa me aterra, cada ruído me faz hesitar e temer, ao mesmo tempo por meu companheiro e por meu fardo.

"Já me aproximava das portas e parecia-me ter escapado de todos os perigos do caminho, quando de súbito, tenho a impressão de que me chega aos ouvidos um ruído de passos precipitados e meu pai, olhando para a sombra, exclama: "Meu filho, foge, meu filho: aproximam-se. Vejo capacetes chamejantes e rutilantes armas." Não sei

"Vamos, pois, querido pai, coloca-te sobre minha cerviz, levar-te-ei em meus ombros e esta carga não me será pesada" (pág. 47)

que maligna ou malévola divindade perturbou-me, então, o espírito conturbado: porque, enquanto sigo por caminhos desconhecidos e evito os lugares familiares, ai de mim! Creusa, minha esposa, me foi arrebatada pelo destino. Terá se detido, acaso errará pelos caminhos ou sucumbiu, fatigada? Ignoro; jamais depois apareceu aos meus olhos. Não dei por sua ausência, nem pensei nela, senão quando chegamos ao outeiro e

ao templo, morada sagrada da antiga Ceres; somente ali quando todos nós estávamos reunidos, percebi que ela apenas faltava, aos companheiros, ao filho e ao esposo. Quem, enlouquecido, não acusei, dos homens e dos deuses? E o que vi de mais cruel na cidade destruída? Entrego aos companheiros Ascânio, meu pai Anquises e os Penates troianos e os escondo no recôncavo de um vale; eu próprio volto à cidade e cinjo as armas reluzentes. Estou disposto a reviver todos os males, voltar a atravessar Tróia inteira e enfrentar novamente os mesmos perigos.

"Primeiro volto à muralha e à obscura soleira da porta por onde havia saído e sigo com cuidado as pegadas de meus passos através da noite e olho em torno. Por toda parte o horror me enche o coração e o próprio silêncio ao mesmo tempo me aterra. Então, dirijo-me a minha casa, a ver se, por acaso, ela para lá voltara. Os gregos haviam irrompido na casa e a tinham inteiramente à sua mercê. Sem demora o fogo devorador é espalhado pelo vento até o teto; elevam-se as chamas; lavra o incêndio ao sabor dos euros. Continuo a caminhada e volto ao palácio de Príamo e à cidadela. E já no pórtico deserto do asilo de Juno, escolhidos como guardiães, Fênix e o cruel Ulisses vigiam os despojos. Ali estão acumulados, vindos dos quatro cantos, os tesouros de Tróia, arrancados de todos os templos incendiados e as mesas dos deuses e as crateras de ouro maciço e as vestes dos cativos vencidos. Em torno, estão crianças e as pálidas matronas, em compridas fileiras. Atrevendo-me mesmo a fazer ressoar minha voz pelas trevas, encho as ruas de gritos, e, entregue à dor, repetia em vão o nome de Creusa, e a chamava e tornava a chamá-la. E enquanto, como louco, procuro sem fim pelas casas da cidade, um lamentável fantasma, a sombra da própria Creusa, mostra-se ante os meus olhos, mais alta, porém. Parei atônito, meus cabelos se arrepiaram e a minha voz prendeu-se na garganta. Então assim ela me fala e consola-me com estas palavras: "Por que te entregas a uma dor tão insana, ó terno esposo? Não ocorrem estas coisas sem o beneplácito dos deuses; não poderás levar daqui contigo a tua Creusa; proíbe-o o soberano do soberbo Olimpo. Espera-te um longo exílio, e terás de sulcar a vasta planície marítima, e chegarás à terra da Hespéria, onde o lídio Tibre corre, calmo, entre campos férteis e povoados. Ali te estão reservadas grandes riquezas, um reino e uma real consorte; não derrames mais lágrimas por tua querida Creusa. Não verei as moradas soberbas dos mirmidões e dos dólopos, ou irei servir como escrava às matronas gregas, eu, nora da deusa Vênus; a grande mãe dos deuses[1] deteve-me nestas plagas. E, agora, adeus; guarda com zelo o amor de nosso filho."

"Assim falou e deixou-me lacrimoso, tanta coisa lhe querendo dizer, e desapareceu nos ares. Por três vezes tentei apertá-la nos braços; por três vezes fugiu a imagem das minhas mãos impotentes, igual à brisa, semelhante a um sonho. Assim, afinal, passada a noite, volto para junto de meus companheiros.

"E encontro, surpreso, um grande número de novos companheiros que haviam acorrido, matronas e varões, gente reunida para o exílio, turba miserável. Vieram de todas as partes, animosos e dispostos a todos os esforços em qualquer terra para onde eu queira conduzi-los. Já Lúcifer, portador do dia, surgia por cima dos cumes do Ida, e os gregos ocupavam as portas da cidade, e nenhuma esperança de salvação nos restava. Parti e, carregando meu pai galguei as montanhas.

---

1 No original *magna deum genitrix*. Refere-se a Cibele.

Livro III

"Depois que o império da Ásia e a nação de Príamo foram aniquilados pelo injusto decreto dos deuses superiores, e caiu a soberba Ílion e fumegavam as vastas ruínas da netuniana Tróia, os augúrios divinos nos impelem a buscar um exílio longínquo e terras desertas, construímos uma frota junto às próprias muralhas de Andrados, no sopé do frígio Ida, sem saber aonde nos levariam os fados e onde nos seria permitido fixar-nos. Reunimos os guerreiros. Mal começara a primavera, o pai Anquises ordena dar de vela confiando no destino. Deixo lacrimoso as praias da minha pátria, o porto e os campos onde existiu Tróia. Lanço-me ao exílio no mar, com meus companheiros, meus filhos e os grandes deuses Penates.

"Longe, fica uma terra consagrada a Marte, cujos vastos campos são cultivados pelos trácios e onde reinou outrora o cruel Licurgo. Os troianos gozaram de sua hospitalidade e os seus penates eram companheiros dos nossos, enquanto durou a nossa fortuna. Para lá me dirijo e, na curva praia levado pelos maus fados, construo as primeiras muralhas de uma cidade a que dou o nome de Eneada, tirado do meu.

"Ofereci um sacrifício a minha mãe, filha de Dionéia e aos, deuses protetores daqueles baluartes nascentes e imolei na praia um gordo touro ao rei dos celícolas. Perto ficava, por acaso, um outeiro em cujo cimo cresciam salgueiros e uma frondosa murta. Aproximei-me e tentei arrancar do solo aqueles arbustos a fim de cobrir os altares com seus bastos ramos, e vi um horrível e maravilhoso prodígio. Eis que do primeiro arbusto que tiro do solo, arrancando as raízes, goteja um sangue negro, com o qual se mancha a terra. Um arrepio de horror abala-me os membros e meu sangue torna-se gelado de medo. De novo arranco as raízes de outro arbusto para esclarecer a causa oculta; um sangue negro corre também do tronco desse outro. Com o espírito agitado por muitos pensamentos, suplico às ninfas agrestes, e ao pai Gradivo,[1] protetor dos campos cultivados dos getas, que tornem favorável esse presságio e afastem os maus augúrios. Quando, porém, com mais afinco pego uma haste que resiste e, de joelhos, luto com a areia resistente... devo falar ou calar-me? — um gemido doloroso se fez ouvir do fundo da terra e uma voz que dali saía veio ferir-me os ouvidos: "Por que dilaceras um desgraçado, Enéias? Poupa meu túmulo; poupa do crime as tuas mãos piedosas. Não te sou estranho, sendo de Tróia, e este sangue não mana da árvore. Ai de mim! foge destas terras cruéis, foge destas praias vorazes. Eis que sou Polidoro; aqui meu corpo foi coberto por uma seara de aguçados dardos que nele criaram raízes." Fiquei pasmo, então, com o espírito tomado por medo indescritível e a voz se me prendeu na garganta.

1 Marte.

Este Polidoro o desventurado Príamo mandara secretamente ao rei da Trácia, com grande peso de ouro, para ser educado, quando já não confiava nas armas da Dardânia e viu a cidade sitiada. Aquele, logo que se abateu o poderio dos teucros e a Fortuna se afastou de nós e acompanhou as armas vitoriosas do rei Agamenon, violando todos os direitos assassina Polidoro e apodera-se de suas riquezas. A que não impeles o coração dos mortais, ó maldita sede de ouro! Depois que o pavor deixara as minhas entranhas, relato aos próceres do povo e primeiro a meu pai o prodígio vindo dos deuses e peço-lhe a opinião. O parecer de todos é unânime, sair daquela terra criminosa, onde foi violada a hospitalidade, e entregar a frota aos austros. Então, realizamos os funerais de Polidoro e erguemos um grande cômoro sobre sua sepultura: levantamos aos seus manes altares, que enfeitamos de fitas azuis e do sombrio cipreste, e em torno, segundo o costume, postaram-se as mulheres troianas desgrenhadas. Derramamos taças espumejantes de leite tépido e páteras cheias do sangue das vítimas, prendemos a alma no sepulcro e dirigimos-lhe o último adeus em altas vozes.

"Depois, logo que se pôde confiar no mar, que os ventos tornaram as ondas tranqüilas, que o Austro sibilante nos chama com doçura para o pélago, meus companheiros lançam os navios à água e enchem a praia. Afastamo-nos do porto e desaparecem a terra e as cidades.

"Ergue-se, no meio do mar, uma ilha sagrada, a mais querida pela mãe das Nereidas e por Netuno egeu,[1] que errava em torno das praias e dos litorais, até que o piedoso Arqueiro[2] a fixou entre a alta Micon e Giaro e fez com que ela, imóvel e povoada, enfrentasse os ventos. Para lá me dirijo; e ela, acolhedora, nos recebe, fatigados, em seu porto seguro. Desembarcados, saudamos a cidade de Apolo. Acorre o rei Ânio, ao mesmo tempo rei dos homens e sacerdote de Febo, cingido na fronte da ínfula e de louro sagrado; reconhece o velho amigo Anquises. Apertamos a mão como prova de hospitalidade e entramos no palácio.

"Roguei no templo do deus de velha construção de pedra: "Dá-nos, ó Timbreu,[3] uma morada; dá-nos, a nós tão cansados, muralhas e uma nação e uma cidade duradoura; protege uma outra Pérgamo, irmã de Tróia, e os restos que escaparam dos gregos e do cruel Aquiles. Quem seguiremos? Aonde nos mandas ir? Onde nos fixaremos? Oferece um augúrio, Pai, e penetra em nosso espírito."

"Mal eu falara, tudo pareceu tremer de repente, as portas e o loureiro do deus, toda a montanha se mover em torno e gemer a tripeça do sacrifício no santuário aberto. Caímos prostrados em terra e uma voz nos chegou aos ouvidos: "Animosos descendentes de Dardano, a terra que primeiro sustentou a estirpe de vossos pais, há de vos ver voltar ao seu solo fértil e vos acolherá: procurai vossa antiga mãe. Ali a casa de Enéias dominará todas as terras e os filhos de seus filhos e os que deles nasceram."

Assim disse Febo; brotou em nós uma imensa alegria no meio do tumulto e todos indagavam quais seriam aqueles baluartes, para onde Febo chama os viajantes e lhes ordena que voltem.

"Então disse meu pai, revolvendo as velhas lembranças dos homens:

"Ouvi, ó chefes, e conhecei as vossas esperanças. A ilha de Creta, do grande Júpiter, fica no meio do mar, e nela se encontram o Monte

---

1 Segundo Homero, Netuno tinha sua morada na maravilhosa cidade de Egéia.
2 Apolo.
3 Cognome de Apolo, que tinha um templo na planície de Timbra.

Ida e o berço de nossa raça. Cem grandes cidades povoam esse reino fertilíssimo, onde, primeiro, nosso antepassado Teucro, se me recordo da tradição ouvida, chegou às praias do Reteu e ali escolheu a sede de seu reino. Ainda não existiam Ílion e os baluartes de Pérgamo; vivia-se no fundo dos vales. Foi de lá que vieram a Mãe divina de Cíbele,[1] e os címbalos de bronze das coribantes e os bosques do Ida; de lá vieram o silêncio nos cultos e os leões atrelados ao carro da soberana. Ânimo, pois, e obedeçamos à ordem do deus; aproveitemos os ventos e partamos para o reino de Gnósia. A distância não é longa; se Júpiter nos assistir, no terceiro dia a frota chegará à costa de Creta."

"Tendo assim falado, imolou nos altares um touro dedicado a Netuno e um touro dedicado a ti, formoso Apolo, uma ovelha negra à tempestade e uma branca aos favoráveis Zéfiros.

"Corre a notícia de que o chefe Idomeu, destronado, deixara o reino paterno, que o litoral de Creta está deserto, as casas abandonadas pelos inimigos e suas cidades vazias. Ouve-se o clamor dos nautas empenhando-se no esforço: e, exortando os companheiros, dirigimo-nos a Creta e aos nossos antepassados. Deixamos o porto de Ortígia e cortamos o mar; costeamos Naxo, de montes freqüentados pelas bacantes, e a verdejante Donusa, Olearo, a nebulosa Paro, as Cíclades espalhadas pelo mar, e atravessamos estreitos, perto de muitas terras. O vento vindo pela popa favorece a navegação e afinal aportamos à velha costa de Cureto.

"Levanto, então, ansioso, as muralhas da cidade escolhida, dou-lhe o nome de Pérgamo e exorto os homens, satisfeitos com esse nome, a amar os lares e erguer os baluartes da cidadela. Já quase todas as popas estavam a seco na praia; já a juventude se ocupava de alianças matrimoniais e de cultivar as terras e eu distribuía leis e moradas, quando, de súbito, uma peste horrível, provocada pelo ar viciado, ataca os corpos, as árvores e as terras semeadas e destrói a esperança do ano. Deixavam uns a vida e sua doçura, outros arrastavam os corpos inválidos; era na época em que Sírio queima os campos estéreis; emurcheciam as ervas e as searas definhadas negavam o pão.

"Meu pai aconselha que tornemos a atravessar o mar e voltemos ao oráculo de Ortígia e a Febo, para perguntar-lhe que fim porá às nossas provações, onde ordena que procuremos remédio para nossos sofrimentos e que curso devemos seguir.

"Era noite e o sono dominava os que vivem na terra. As imagens sagradas dos deuses e os Penates frígios que trouxera comigo de Tróia e arrebatara às chamas que devoravam a cidade, apareceram no sonho diante de meus olhos, resplandecentes da luz que a lua cheia deixava passar pelas janelas. Então, assim me falaram, afastando as minhas preocupações:

"O que Apolo te diria se voltasse a Ortígia, aqui te anuncia ele que, espontaneamente, nos envia à tua morada. Nós que, depois de Dardânia incendiada, acompanhamos tuas armas, nós que contigo temos percorrido na frota o agitado mar, do mesmo modo ergueremos até os astros teus netos e daremos um império à sua cidade. Tu, prepara para este grande povo grandes baluartes e não fujas aos labores da prolongada fuga. Tens de mudar de morada; o délio Apolo[2] não te aconselhou a vires a estas plagas nem te mandou procurar Creta. Existe um país, a que os gregos dão o nome de Hespéria, terra antiga, de exérci-

---

1 A Grande Mãe dos deuses, a quem o Monte Cíbele, na Frígia, deu seu nome.

2 Apolo nasceu na ilha de Delos.

tos poderosos e glebas férteis; foi povoada pelos enótrios; dizem, agora, que o povo seu descendente a chama de Itália, do nome de seu chefe. Ali está a nossa própria pátria; de lá veio o antepassado Dardano e Jásio, dos quais descende a nossa raça. Ergue-te, pois, e vai, jubiloso, relatar a teu velho pai estas palavras que ouves e das quais não podes duvidar: busca Corito e as terras da Ausônia; Júpiter recusa-te os campos de Creta."

"Atônito com tal visão e com a voz dos deuses (pois não era um sonho, mas me parecera ter visto diante de mim seus rostos, suas cabeleiras cobertas por um véu e sua presença, e um suor gelado correu-me por todo o corpo) levanto-me do leito, ergo para o céu as mãos suplicantes e a voz e derramo no fogo do lar a libação de vinho puro. Satisfeito por ter cumprido esta devoção, ponho Anquises a par do

Partimos também daquelas plagas e, deixando alguns poucos, fizemos de vela e, nas côncavas madeiras, lançamo-nos sobre a vastidão das águas (págs. 53 e 54)

acontecido, contando-lhe os fatos em boa ordem. Ele admite nossa ascendência ambígua, nossos duplos antepassados, e o erro que cometera relativo ao nosso antigo berço. "Ó meu filho, acossado pelo destino de Ílion, somente Cassandra anunciava iguais fatos; lembro-me, agora, que ela predizia esse futuro à nossa gente e muitas vezes se referia à Hespéria, muitas vezes se referia ao reino da Itália. Quem teria acreditado, porém, que os teucros viriam às plagas da Hespéria? E quem daria atenção à profetisa Cassandra? Obedeçamos a Febo e, aconselhados por ele, procuremos uma rota melhor."

"Assim falou; e todos nós seguimos ovantes seu parecer. Partimos

também daquelas plagas e, deixando alguns poucos, fizemos de vela e, nas côncavas madeiras, lançamo-nos sobre a vastidão das águas.

"Quando as naves alcançaram o pélago, e já não se achava à vista terra alguma, mas apenas por toda a parte o céu e o mar, detém-se, então, acima de minha cabeça uma nuvem escura, que carregava a noite e a tempestade, e as vagas se agitaram nas trevas. Ventos contínuos revolvem as ondas e o grande mar se encrespa; somos atirados dispersos sobre o profundo abismo. Pesada névoa esconde a luz do dia e a úmida noite desce do céu; os raios repetidos despedaçam as nuvens. Perdemos a rota e erramos à tontas sobre as vagas. O próprio Palinuro confessa não poder distinguir, pelo céu, o dia da noite e não reconhecer mais a rota certa entre as ondas. Erramos pelo mar durante três dias, ao acaso, em uma escuridão absoluta e durante outras tantas noites sem estrelas: no quarto dia afinal, a terra começou a se mostrar, e a aparecerem ao longe montanhas como uma fumaça ondulante. Caem as velas, levantamos os remos; sem demora, os marinheiros se curvam sobre as espumas e cortam as águas azuis.

"Salvos das ondas, a costa de Estrofrades é a primeira a acolher-me: as Estrofrades, assim chamadas pelos gregos, são ilhas do grande Mar Jônio, onde vivem a feroz Celeno e as outras harpias, desde que a casa de Fineu lhes foi fechada e que deixaram por medo as mesas que freqüentavam antes. Jamais monstro tão horrível, jamais pior calamidade saiu das ondas do Estige, pela ira dos deuses. São aves que têm o rosto de mulher, o imundo fluxo lhes sai do ventre, têm garras aduncas e o rosto sempre pálido de fome.

"Logo que fomos levados para o porto e lá entramos, vimos gordos rebanhos de bois e cabras espalhados pelos campos, sem pastores. Avançamos empunhando as armas e convidamos os deuses e o próprio Júpiter a compartilhar da presa: depois, na recurvada praia, armamos leitos e comemos copiosamente. De súbito, porém, as harpias surgem, vindas da montanha, batendo as asas com grande ruído, arrebatam a comida e sujam tudo com seu contacto imundo; depois, uma voz horrível se faz ouvir entre o cheiro nauseabundo. Refugiamo-nos, então, em uma comprida caverna escavada na rocha, levantamos mesas e tornamos a acender o fogo do altar: de novo, caindo sobre nós do lado oposto do céu e de esconderijos desconhecidos, o barulhento bando voa com suas garras aduncas em torno de nossa presa, poluindo a comida com suas bocas. Mando então os companheiros pegar as armas e atacar aquele bando feroz. Eles fizeram exatamente o que mandei, colocam as espadas escondidas entre a relva e escondem os escudos, dissimulando-os. Logo que as harpias baixam o vôo, fazendo ressoar a curva praia, Miseno dá o sinal, da atalaia, com uma tuba de bronze: investem os companheiros e, em um combate inusitado, procuram atingir com suas armas as imundas aves do mar. Suas penas não são afetadas pela força nem seus corpos podem ser feridos, e, em um vôo rápido, desaparecem no céu,[1] deixando nossa presa meio comida e um rasto nauseabundo.

"Pousando sozinha em um elevado rochedo, Celeno, profetisa maldita, arranca do peito estas palavras:

"É, pois, a guerra pelos bois mortos e pelas novilhas degoladas, ó raça de Laomedonte, guerra que nos declaraste, e estais dispostos a

---

1 No original: *celerique fuga sub sidera lapsae*, literalmente: "e em rápida fuga refugiam-se sob os astros".

expulsar as inocentes harpias do reino paterno. Ouvi-me, então, e guardai bem estas palavras no coração: o que o pai onipotente predisse a Apolo e que Febo Aplo me predisse, eu, a mais velha das Fúrias, vos revelarei. Procurais a Itália e, graças aos ventos invocados, ireis à Itália, e podereis entrar no porto; não cingireis, contudo, de muralhas a cidade que vos caberá antes que a fome cruel, castigo do vosso atentado contra nós, vos obrigue a mastigar e comer as vossas mesas."

Disse, e, batendo as asas, refugia-se na floresta. E um arrepio de horror gelou o sangue de meus companheiros; abateu-se-lhes o ânimo e já não é pelas armas, mas pelos votos e preces, que querem conseguir a paz, concedam esta as deusas ou as ferozes e nojentas aves. E meu pai Anquises, erguendo os braços, na praia, invoca as grandes divindades e prescreve os ritos adequados: "Deuses, afastai as ameaças! Deuses, afastai tal desgraça e conservai tranqüilos os piedosos!" Depois, manda recolher os cabos e largar as amarras. As velas são empurradas por Noto; fugimos sobre espumantes ondas, para o lado em que vento e o piloto levavam.

"Já aparece entre as vagas a numerosa Zacinto e Dulíquio, e Samos e Nerito de rochedos escarpados. Fugimos dos escolhos de Ítaca, reino de Laércio, e amaldiçoamos a terra que alimentou o feroz Ulisses. Em breve avistamos os cumes cobertos de nuvens do Leucate e o templo de Apolo, temido pelos nautras. Fatigados, para lá nos dirigimos e chegamos à pequena cidade; a âncora é lançada da proa, as popas abicam na praia. Eis que, tendo chegado à terra embora inesperadamente, purificamo-nos em honra de Júpiter, acendemos o fogo nos altares para cumprir nossos votos e celebramos com jogos troianos o litoral de Ácio. Meus companheiros nus e com o corpo escorrendo óleo, executam as lutas de seu país, felizes por terem escapado a tantas cidades argivas e fugido no meio dos inimigos.

"Entrementes, o sol percorreu o grande círculo do ano e o glacial inverno encrespa as ondas com os Aquilões. Prendo à porta do templo o escudo de bronze que pertencera ao grande Abante e assinalo o fato com esta inscrição: ENÉIAS OFERECE ESTA ARMA DOS GREGOS VITORIOSOS.

"Ordeno, então, que os homens deixem o porto e tomem lugar nos bancos dos remadores. À porfia meus companheiros cortam as ondas e sulcam o mar. Sem demora perdemos de vista os altos baluartes dos feácios, costeamos o litoral do Epiro, entramos no porto de Caônio e subimos à alta cidade de Butroto.

"Ali uma inacreditável notícia chega aos nossos ouvidos; Heleno, filho de Príamo, reinava sobre cidades gregas, possuía a esposa e o cetro de Pirro descendente de Eaco e Andrômaca voltara a um marido de sua nacionalidade. Pasmei-me e domina-me o coração um desejo extraordinário de interpelar aquele homem e conhecer tão importantes fatos. Saio do porto, deixando a frota e a praia; por acaso, então, em um bosque sagrado à entrada da cidade, à margem do falso Simoente, Andrômaca oferecia um sacrifício solene e libações funerárias às cinzas de Heitor e invocava os manes perto de um túmulo vazio coberto de relva verde e de dois altares, que provocavam lágrimas. Ao ver-me aproximar e percebendo em torno as armas troianas, desvairada, abalada por essa aparição prodigiosa, quedou-se hirta, e fugiu-lhe o calor do corpo; desmaiou e somente depois de prolongado silêncio foi que me disse:

"És tu realmente que vejo, vens como um mensageiro de verdade, filho da deusa? Por acaso vives? Ou, se a benfazeja luz te abandonou, onde está Heitor?"

"Disse, derramou lágrimas e encheu de gritos os arredores. Diante de seu desespero, mal lhe respondo e digo em palavras entrecortadas:

"Estou vivo, sim, e arrasto a vida por todas as amarguras; não duvides pois vês a realidade. Ah! privada de tão grande esposo a que condição estás reduzida? Ou que destino meritório acolheu Andrômaca de Heitor? Compartilhas o leito de Pirro?"

"Ela abaixou o rosto e respondeu em voz baixa:

"Ó feliz entre todas a virgem filha de Príamo,[1] condenada a morrer no túmulo de um inimigo, sob as altas muralhas de Tróia, que não teve de sofrer os azares do destino e nem foi levada cativa para o leito do vencedor! Nós, depois de destruída pelo incêndio a nossa pátria, levadas através de mares longínquos, sofremos o desdém do filho de Aquiles e suportamos esse jovem orgulhoso e o cativeiro nos impôs um parto. Depois, ele seguiu Hermiona descendente de Leda e casou-se na Lacedemônia, e me entregou como serva ao seu servo Heleno. Inflamado, porém, de grande amor por sua noiva raptada e agitado pelas criminosas Fúrias, Orestes o surpreende indefeso e o mata junto dos altares pátrios.[2] Com a morte de Neoptolomeu, o reino se divide e uma parte coube a Heleno, que deu o nome de Caônios aos campos e de Caônia a toda a terra, em homenagem à Caônia troiana, e ergueu nas montanhas Pérgamo e a fortaleza de Ílion. Tu, porém, que ventos, que destino te conduziram? Que deus te guiou, desconhecido, até as nossas praias? Que aconteceu com o menino Ascânio? Ainda vive? Quando ele nasceu Tróia já...[3] Embora tão criança, sente falta da mãe? Ser Enéias seu pai e Heitor seu tio o anima a mostrar o antigo valor e o ânimo viril dos antepassados?"

"Assim falou, desfazendo-se em lágrimas, e lançava em vão longos gemidos, quando se aproxima, vindo das muralhas o herói Heleno filho de Príamo com muitos acompanhantes; ele reconhece seus compatriotas e alegre os conduz ao seu palácio e derrama muitas lágrimas a cada palavra. Avanço e fico conhecendo uma pequena Tróia, uma Pérgamo que imita a grande e um rio dessecado com o nome de Xanto, e abraço-me com os umbrais da porta Sea. Os teucros também se regozijam com esta cidade acolhedora. O rei os recebe em amplos pórticos; no pátio do palácio fazem as libações de vinho, oferecendo as iguarias em pratos de ouro e empunhando as taças.

"Já um dia e outro dia se passaram e as brisas convocam as velas e o austro infla os panos. Procuro o profeta e assim lhe falo: "Troiano, intérprete dos deuses, que és inspirado pelo poder de Febo, pelos tripecas, pelo loureiro de Claros, que lês nos astros, nos cantos dos pássaros e em seu rápido vôo, responde-me (pois oráculos favoráveis predisseram-me toda a rota e todos os deuses me persuadiram a buscar a Itália e procurar novas terras; só a harpia Celeno anunciou um prodígio desusado, horrível de ser dito, e me denuncia tristes ressentimentos e uma fome nefanda), que perigos devo evitar primeiro? Que rota devo seguir para superar tantos labores?"

"Então, Heleno, após ter, primeiro, imolado novilhos de acordo

---

1 Polixena.

2 Virgílio altera aqui a versão apresentada por Eurípedes nas tragédias "Andrômaca" e "Orestes".

3 O verso 340 do Livro III está incompleto: *Quem tibi jam Troja...* Parece que Virgílio queria dizer: "quando ele nasceu, Tróia já se encontrava sitiada". Por outro lado, é possível, também, que se esclarecesse, no trecho faltoso, como Andrômaca ficou a par da morte de Creusa, o que, de outro modo, não tem explicação.

com os costumes, implora o favor dos deuses, tira da ínfula sagrada da cabeça e me leva pela mão ao limiar do teu templo, ó Febo, tolhido pela tua majestade, e então o sacerdote anuncia por sua boca divina:

"Filho da deusa (pois tenho manifesta certeza de que irás pelo mar sob poderosos auspícios: assim o rei dos deuses regula os destinos, anula as vicissitudes e determina a ordem) vou, da melhor e mais breve maneira, assegurar tua rota por mares acolhedores e te deter em um porto da Ausônia, revelar-te alguns poucos dos numerosos segredos do futuro; eis que as Parcas impedem Heleno de conhecer os outros e Juno filha de Saturno proíbe-me de falar. Antes de mais nada, a Itália que tu já acreditas próxima e os portos vizinhos onde tu, ignorante, já preparas para entrar, uma longa viagem te separa deles, por terras longínquas e de difícil acesso. Os remos se vergarão nas ondas da Sicília e as salgadas águas da Ausônia serão cortadas pelos teus navios, e os lagos do inferno e a ilha de Circe, antes que possas sobre terra firme construir uma cidade. Indicar-te-tei os sinais; guarda-os bem em tua mente. Quando, inquieto, encontrares às margens de um rio distante, sob azinheiras, uma enorme porca branca, estendida no chão com trinta leitõezinhos brancos, em torno das tetas da mãe, neste lugar será a cidade, e ali descansarás de teus trabalhos. Não te horrorizes de teres de morder as mesas no futuro; os fados encontraram seu caminho e Apolo ouvirá teus votos. Foge, porém, destas terras da Itália, nossas vizinhas, que são banhadas pelo nosso mar; todas as cidades são habitadas por gregos malévolos, Aqui, os lócrios de Narícia ergueram suas muralhas e o cretense Idomeneu cobriu de soldados os campos de Salento; ali, a pequena Petélia foi fortificada com uma muralha pelo chefe de Melivéia, Filoctete. Quando, no final de tua viagem, a frota descanse além dos mares, e quando fizeres tuas oferendas nos altares erguidos na praia, não te esqueças de cobrir os cabelos com um manto de púrpura, a fim de que entre os fogos sagrados acendidos em honra dos deuses nenhuma figura hostil se apresente e perturbe os augúrios. Teus companheiros deverão observar este rito religioso e tu mesmo deverás observá-lo; que teus descendentes se conservem religiosamente fiéis a esse rito. Quando, porém, o vento te afastar e te aproximar das praias da Sicília, e que se apresente a entrada do estreito de Peloro, procura, por um longo circuito, a terra e o mar da esquerda; foge das costas e das ondas da direita. Estes lugares, arrancados outrora de seus fundamentos por um grande e profundo desabamento (tanto pode o longo correr do tempo mudar as coisas!) se separaram, então, ao passo que, antes, uma e outra terra não passavam da mesma; o mar abriu a força uma passagem entre elas separou a Hespéria da Sicília e banhou com suas ondas as cidades e os campos de ambos os lados do estreito. À direita, fica Sila, à esquerda a implacável Caribdes, que, três vezes, nas profundidades abrutas de seu abismo, engole frotas inteiras, que traz à luz de novo, navio por navio, atirando as suas ondas até os astros. Quanto a Sila, guarda-a, em seus esconderijos tenebrosos, uma caverna e lá ela avança a cabeça e arrasta as naves para os rochedos. Tem o alto do corpo humano e é até a cintura uma virgem de belo busto; o resto é um peixe monstruoso com a cauda de delfim e o ventro de lobo. Será preferível costear o promontório siciliano de Paquino e fazer uma longa volta, do que ver em sua caverna a informe Sila e os rochedos que retumbam com os latidos de seus cães azuis.[1] Depois, se é real

---

1 Costumava-se representar Sila rodeada de cães e lobos, naturalmente porque as pancadas das ondas nos rochedos lembram os latidos ou os uivos desses animais.

o dom da profecia de Heleno, se ele merece fé, se Apolo encheu seu coração de verdade, há, filho da deusa, um conselho que coloco antes de todos e que repito e torno a repetir: adora acima de tudo o poder da grande juno; oferece de coração votos a Juno e a apazigua o poder soberano com suplicantes oferendas: será assim que, afinal, vitorioso, deixando a Sicília, chegarás às terras da Itália. Ali, quando tiveres chegado à cidade de Cumas, ao lago divino e ao Averno de bosques retumbantes, verás uma profetisa arrebatada, que, no fundo de uma caverna rochosa, anuncia o destino, e escreve nas folhas letras e nomes. A virgem coloca em ordem e os conserva em sua caverna todos os oráculos escritos nas folhas. Eles ficam imóveis, sem que sua ordem se modifique. Quando, porém, a porta gira nos gonzos e sopra uma leve aragem que agita aquelas tenras folhas, ela não se preocupa em impedir que as folhas esvoacem pela caverna, nem em colocá-las em ordem e restabelecer a ordem dos versos: tem-se de retirar sem resposta a maldizer a morada da Sibila. Não receies perder algum tempo nesse lugar, ainda que os companheiros protestem, e o vento chame com força suas velas para o alto mar: não deixes de visitar a pitonisa e pede-lhe os seus oráculos; que ela fale, que se disponha a abrir a boca e responder-te. Ela falará sobre os povos da Itália e as guerras futuras e como poderás vencer ou ultrapassar cada obstáculo e, venerada por ti, indicar-te-á uma rota favorável. Tais são os conselhos que podemos te dar. Eia, pois, vai e, por altos feitos, ergue ao céu Tróia poderosa."

"Depois que o profeta dissera estas palavras amigas, mandou levar às naves como presente, grande peso de ouro e de marfim, e carregou os navios com prataria em grande quantidade e vasos de Dodona, uma couraça de malhas entrelaçadas tecidas com três fios de ouro e um capacete de grandes penachos, armas de Neoptolomeu. Meu pai também recebeu presentes. Heleno nos deu ainda cavalos e guias para a viagem, completou os remadores e abasteceu do necessário nossos companheiros.

"Entrementes, Anquises mandava preparar a frota para aproveitar sem demora o vento que nos conduzia. O intérprete de Febo dirige-lhe estas palavras, com muito respeito:

"Anquises, julgado digno da união com Vênus, caro aos deuses, duas vezes salvo das ruínas de Pérgamo, tens diante de ti as terras da Ausonia; faz de vela para lá. No entanto, será preciso primeiro costeá-la sem deter-se: fica mais longe a parte da Ausônia que Apolo te destina. Vai, venturoso pai de um filho insigne pela piedade! Para que te retardar por mais tempo e continuar falando com os austros favoráveis?"

Também Andrômaca, triste por esta separação decisiva, oferece a Ascânio vestes ornadas de bordados de ouro e uma clâmide frígia, e não se mostrando menos generosa,[1] oferta-lhe ricos tecidos e diz-lhe:

"Aceita também, criança, estes presentes, obra de minhas mãos e um testemunho durável da afeição de Andrômaca, esposa de Heitor. Recebe estes últimos presentes que te oferecem os teus, ó tu, última imagem que me resta de meu pequeno Astianax! Assim eram seus olhos, suas mãos e as feições de seu rosto. E agora teria a tua idade e estaria adolescente."

Quanto a mim, afastei-me, dizendo com lágrimas nos olhos:

1 Subentende-se: "do que Heleno".

"Vivei felizes, vós cujo destino já se cumpriu; nós somos arrastados de provação em provação; vós conquistastes o repouso; não tereis de sulcar a vasta planície marítima, não procurareis os campos da Ausônia sempre fugitivos; vedes a imagem do Xanto e uma Tróia construída por vossas mãos, sob melhores auspícios, desejo, e menos exposta aos gregos! Se algum dia eu chegar ao Tibre e aos campos vizinhos do Tibre, e se vir os baluartes prometidos à minha gente, quero que essas cidades irmãs e seus povos consanguíneos partentes, o Epiro e a Hespéria, ambos descendentes de Dardano, e unidos pelas mesmas vicissitudes, constituam, pelo coração, a mesma Tróia; perdure estes sentimentos até os nossos netos."[1]

"Vogamos pelo mar e aproximamo-nos de Cerâunia, de onde o caminho por mar para a Itália é muito curto. Entrementes, o sol se pusera e as montanhas se cobriram de espessas sombras. Procuramos a almejada terra e, sorteados os remos,[2] estendemo-nos na praia para refazermos as forças; o sono domina nossos corpos cansados. A Noite, conduzida pelas Horas, não chegara à metade do céu, quando Palinuro se levanta, observa os ventos, apura os ouvidos e perscruta o ar; contempla todos os astros que se movem em silêncio no firmamento, o Arcturo, as Híadas que trazem as chuvas, as duas Ursas e olha Órion com sua armadura de ouro. Vendo que tudo está calmo no céu sereno, dá, do alto da popa, um sinal bem claro; levantamos acampamento, pusemo-nos a caminho e abrimos as velas.

"Aurora já enrubescia as estrelas fugidas quando avistamos ao longe montes mal distintos e a costa baixa da Itália. "Itália", grita Acates primeiro e, jubilosos, os companheiros saúdam a Itália, com grande clamor. Então meu pai Anquises reveste de uma coroa uma grande cratera, enche-a de vinho e invoca os deuses, de pé na alta popa:

"Deuses poderosos dos mares, das terras e das tempestades, dai-nos uma rota fácil ao vento e propícia, e virações favoráveis!"

"As brisas desejadas aumentam e o porto já se mostra próximo e aparece um templo de Minerva na cidadela. Os companheiros colhem as velas e viram as proas para a costa. O porto curva-se em arco do lado oriental; promontórios rochosos são cobertos de espuma pelas ondas salgadas; o próprio porto se esconde; penhascos semelhantes a torres o rodeiam como um muro duplo e o templo fica afastado da praia.

Vi, então, como primeiro augúrio, quatro cavalos brancos como a neve, pastando na relva, espalhados pelos campos. E disse meu pai Anquises:

"Trazes a guerra, ó terra estrangeira: os cavalos são armados para a guerra, é com a guerra que o rebanho nos ameaça. No entanto, estes mesmos quadrúpedes às vezes são atrelados dos carros e toleram o freio; esperança e paz." Dirigimos, então, preces à santa divindade de Palas, de armas retumbantes, que primeiro nos recebera jubilosos, e, diante dos altares, cobrimos a cabeça com um véu frígio e, obedecendo aos conselhos que com tanto empenho nos dera Heleno, oferecemos, segundo o rito, sacrifícios a Juno.

"Logo depois de termos cumprido, segundo a ordem prescrita, este culto, viramos as extremidades das antenas e deixamos aquelas suspei-

---

1 Provável alusão ao fato de Augusto haver fundado uma cidade no Epiro, Nicópolis, para comemorar a vitória de Ácio, determinando que seus habitantes fossem tratados pelos romanos como aliados.

2 No original: *sortiti remos*, "tendo tirado os remos na sorte", isto é, tendo-se verificado a quem competia ficar junto dos remos, para guardar os navios.

tas terras e casas dos descendentes dos gregos. Dali se avista o golfo de Tarento, cidade fundada por Hércules, se é verdadeira a tradição; em frente se elevam o templo de Lacínia e os baluartes de Caulon e Silaceu onde os navios naufragam. Depois, ao longe, surgindo do mar, avista-se o Etna siciliano, e ouvimos, à distância, o ruído formidável do mar que vem se quebrar de encontro aos rochedos; os baixios refervem e a areia se mistura com as ondas.

"E o pai Anquises: "Eis, certamente, aquela Caribde; os cachopos, aqueles rochedos horríveis que Heleno anunciou. Fugi, companheiros, curvai-vos todos sobre os remos."

"Assim se faz, Palinuro, primeiro, vira para a esquerda a proa uivante; toda a frota vira para a esquerda, valendo-se dos remos e do vento. Somos levantados do fundo do abismo até o céu e depois, quando a onda se abaixa, descemos até as profundidades dos mares. Por três vezes os escolhos retumbaram entre as escavações de seus rochedos, por três vezes vimos a espuma despedaçar-se e orvalharem-se os astros.

"Entrementes, os ventos nos deixa fatigados com o sol e, ignorando a rota, aproximamo-nos da costa dos ciclopes. O porto, protegido contra os ventos, é grande e sossegado; muito perto, porém, troa o Etna com suas terríveis erupções, e ora lança para o éter uma nuvem negra, onde turbilhonam fumaças sombrias e cinzas candentes, e globos de chamas que atingem os astros, ora, às vezes, vomitando rochedos arrancados de suas entranhas, enche, gemendo, o ar, de pedra liquefeita e referve em suas profundidades. Conta-se que o corpo meio carbonizado de Encelado está soterrado sob essa mole e que o enorme Etna, que o esmaga com seu peso, exala a chama de suas fornalhas hiantes e que, cada vez que ele volta seu flanco fatigado, toda a Sicília treme com um gemido e o céu se cobre de fumo. Durante aquela noite, sob a coberta dos bosques, assistimos àquele prodígio monstruoso, sem ver qual era a causa do ruído. Eis que não havia fogo nos astros, nem luz na região superior onde brilham as estrelas, mas vapores cobriam o céu escuro e uma noite profunda envolvia a lua em seu nimbo.

"No dia seguinte, mal surgira a estrela matutina e Aurora desfizera a úmida escuridão, saindo de súbito, da floresta, um desconhecido de uma magreza extrema e de aspecto lamentável, avança e estende as mãos súplices para a praia. Examinamos; uma horrível imundice, a barba crescida, as vestes laceradas por espinhos; o resto, porém, indicava um grego outrora enviado a Tróia, revestido das armas de sua pátria. Quando viu ao longe as vestes dardânias e as armas troianas, espantado com essa visão, hesitou um pouco e se deteve; pouco depois, porém, precipitou-se para a praia e, chorando, implorou: "Pelos astros, que tomo como testemunhas, pelos deuses superiores, por este ar luminoso que respiramos, levai-me, teucros; conduzi-me para uma terra qualquer: isto me basta. Reconheço: sou dos da frota dos gregos e fiz a guerra aos Penates troianos; se tão grande é o nosso crime, atirai-me às ondas, mergulhai-me no alto-mar. Se tenho de perecer, será grato perecer às mãos dos homens."

Disse e, abraçando nossos joelhos, ficou prostrado. Exortamo-lo a dizer quem é, de que sangue procede e quais foram depois as suas aventuras. O próprio Anquises meu pai estende sem demora a mão ao jovem, estimulando-o com essa garantia eficaz. O outro então, perdendo o medo, fala:

"Sou natural de Ítaca, companheiro do desventurado Ulisses, chamo-me Aquemônides e a pobreza de meu pai Adamasto (oxalá tivesse me cabido essa pouca fortuna!) levou-me a Tróia. Meus compa-

nheiros esqueceram-me, aqui, quando fugiam assustados deste lugar calamitoso e me abandonaram na vasta caverna do ciclope. Essa morada, cheia de sangue putrefato e de carnes sangrentas, tem o interior espaçoso e escuro. Ele próprio é de estatura gigantesca e atinge os astros (deuses, afastai de terra essa calamidade!). Não é grato vê-lo nem ouvi-lo. Nutre-se das entranhas dos desgraçados e do sangue escuro. Eu mesmo, deitado no meio de sua caverna, o vi agarrar com suas grandes mãos dois dos nossos, arrebentar seus corpos de encontro a uma pedra e inundar com seu sangue a entrada da morada; eu o vi devorar seus membros, de onde fluía um líquido negro e os membros palpitantes tremeram sob seus dentes. Não ficou impune, porém; Ulisses não se resignou a tais provações, e o homem de Ítaca não se esqueceu de si mesmo nessa conjuntura. Com efeito, logo que o ciclope, farto de comida e embriagado de vinho, deixou cair a cerviz curvada e estendeu o corpo imenso na caverna, vomitando, durante o sono, sangue e pedaços de carne misturados com vinho ensangüentado, suplicamos aos deuses, escolhemos as posições, e caindo sobre ele, de todos os lados, todos juntos, furamos com haste comprida seu olho enorme, que se escondia sozinho sob a fronte, semelhante ao escudo de Argos à lâmpada de Febo,[1] e felizes, contudo, de podermos vingar as sombras dos companheiros. Fugi, porém, desgraçados, fugi e rompei as amarras com a costa. Eis que, tais como se vê o gigantesco Polifeno prender seu gado lanígero na caverna profunda e ordenhá-las, cem outros horríveis ciclopes habitam, aqui e ali, o recurvado litoral e erram pelas altas montanhas. Três vezes já os cornos da lua se encheram de luz depois que vivo nos bosques, entre os lamaçais desertos e os esconderijos das feras, e contemplo do rochedo os enormes ciclopes e tremo com o ruído de seus passos e de sua voz. Como parco alimento, os ramos das árvores oferecem as uvas e os pilritos de caroço duro como pedra[2] e as ervas que arranco das raízes. Olhando para todo o horizonte, avistei a frota que se aproximava da costa: entrego-me a ela, qualquer que possa ser: é bastante ter escapado dessa raça nefanda. Disponde de minha vida, qualquer que possa ser o gênero da morte."

"Mal ele acabara de falar, vimos no alto da montanha enorme massa se mover entre rebanhos, o pastor Polifeno que se encaminhava para a praia, um monstro horrível e informe, imenso, cujo único olho fora arrancado. Um tronco de pinheiro guia-lhe a mão e sustenta-lhe os passos; suas lanígeras ovelhas o acompanham: são seu único prazer, o consolo de sua desgraça. Logo que ele chegou ao mar e pôs os pés nas águas profundas, lava o sangue que escorre do olho furado, rangendo os dentes com um gemido, e avança no meio da líquida planície sem que ondas molhem seu alto flanco. Quanto a nós, tremendo de medo, fugimos apressadamente, depois de havermos recolhido o suplicante, que bem merecia essa recompensa, e, sem ruído, cortamos a amarra; recurvados, singramos o mar, impelindo com as proas, impelindo os remos. Polifeno percebe e caminha na direção de onde vem o ruído. Na verdade, como não nos podia alcançar, e nem conseguia igualar-se em rapidez com as ondas do Mar Jônio que nos levavam, lança gritos altíssimos, um imenso rumor, que abalou o mar e todas as ondas, enche de susto a terra da Itália e faz surgir o Etna em suas profundas cavernas. Entrementes, a raça dos ciclopes, saindo dos bosques e das

---

1 O escudo redondo usado pela infantaria grega era tido como inventado por Argos. Lâmpada de Febo, isto é, o disco solar.
2 No original: *lapidosaque corna*, "e pilritos pedregosos".

altas montanhas, corre em direção ao porto e enche a praia. Vemos de pé esses irmãos habitantes do Etna, voltando em vão para nós no seu olho turvo e elevando até o céu as cabeças altivas, horrível assembléia! Assim, em elevado cume, se erguem os altaneiros carvalhos e os coníferos ciprestes, na elevada floresta de Júpiter ou no bosque sagrado de Diana.

"Presa de violento temor, desembaraçamos ao léu o cordame e logo estendemos as velas ao vento propício. Tínhamos sido advertidos por Heleno que, entre Sila e Caridbe, a morte de ambos os lados é

Logo que ele chegou ao mar e pôs os pés nas águas profundas, lava o sangue que escorre do olho furado... (pág. 61)

quase inevitável e que de nada valia escolher a rota; resolvemos retroceder o caminho. Eis, porém, que soprando ao estreito de Peloro, Bóreas nos ajuda: passo pela foz do Pantágias de rocha viva, pela baía de Megara e por Tapso que se estende junto do mar. Foi Aquemênida que nos mostrou esses lugares, que havia percorrido outrora, como companheiro do desventurado Ulisses.

"À entrada do golfo da Sicília, em frente de Plemira, onde o mar é agitado, fica uma ilha, que os antigos chamavam de Ortígia. Dizem que ali chega Alfeu, rio da Elídia, que, abrindo um caminho oculto em baixo do mar, ó Aretusa, mistura suas águas com as tuas nas ondas da Sicília. Seguindo as ordens recebidas, adoramos as grandes divindades do lugar e de lá costeamos os fertilíssimos campos do pantanoso Elori. Passamos, depois, por perto dos altos penhascos e dos rochedos salientes de Paquino e aparece ao longe Camarina, que os fados agora não permitem

mover-se, os campos Geleus e a grande Gela, assim chamada pelo nome do rio. Depois, a escarpada Agrigento mostra ao longe as suas grandes muralhas, cidade outrora fecunda em esplêndidos corcéis; afasto-me de ti levado pelos ventos, Selinus coberta de palmeiras, e passo diante dos impiedosos baixios de Lilibéia, cheios de cachopos ocultos. Afinal, acolhe-me o porto de Drepano e a árida costa. Foi lá que, depois de haver sido assolado no mar por tantas tempestades, perdi, ai de mim!, meu pai Anquises, consolo de todas as provações e desgraças. Foi ali, ó melhor dos pais, que me abandonaste às minhas fadigas, depois de haver escapado, ai de mim!, a tantos perigos! Nem o profeta Heleno, apesar de suas horríveis advertências, nem a feroz Celeno, tinham me predito essa dor. Esta foi a minha última provação e o fim da longa viagem. Partindo dali, um deus me chamou às vossas plagas."

Assim o patriarca Enéias, com todos atentos, relatava os destinos traçados pelos deuses e contava as suas peregrinações. Calou-se, enfim, terminando a narrativa.

Livro IV

A rainha, porém, atingida de há muito por profunda aflição, nutre uma ferida nas veias e se consome em um fogo invisível. Volta-lhe ao espírito o grande valor do herói e a grande glória de sua estirpe; tem fixadas no coração suas feições e suas palavras e a preocupação não lhe dá repouso aos membros.

No dia seguinte, quando Aurora iluminava as terras com a lâmpada de Febo e dispersava do céu a úmida sombra, ela, perturbada, assim falou à irmã e confidente:

"Ana, minha irmã, que visões me atemorizam nesta expectativa! Quem é esse hóspede estranho que entrou nesta casa! Que nobres feições! Que bravo coração e que façanhas nas armas! Creio verdadeiramente, não por uma vã ilusão, que ele é da estirpe dos deuses. O medo revela a vileza dos corações. Ah! quantos fados ele enfrentou, que guerras, que venceu, nos narrou! Se eu não estivesse disposta de coração, firme e imutável, a jamais ligar-me a alguém pelo vínculo conjugal, depois que o primeiro amor me deixou desiludida, com a morte; se não me desgostassem o tálano e o facho nupcial, este seria talvez o único erro ao qual eu poderia sucumbir. Confesso-te, Ana, que, depois da morte de meu desventurado esposo Siqueu, e que os nossos penates foram dispersados pelo crime de nosso irmão, somente este homem me afetou os sentidos e abalou o coração: reconheço os vestígios da antiga chama. Antes, porém, se abra o fundo da terra diante de mim, ou o Pai onipotente me empurre com seu raio para as sombras, para as lívidas sombras do Erebo e para a noite profunda, do que eu te ultraje, Pudor,[1] e desrespeite teus mandamentos. Aquele que comigo primeiro se uniu levou o meu amor; que ele o guarde e conserve em seu sepulcro."

Assim fala e cobre o seio de lágrimas. Ana replica.

"Ó irmã que prezo mais que a luz do dia, irás passar, então, a juventude na solidão perpétua e não conhecerás a ternura dos filhos e as recompensas de Vênus? Acreditas que te peçam tal coisa as cinzas e os manes sepultados? Seja: nenhum marido não te consolou o sofrimento, nem os da Líbia, nem os vindos antes de Tiro; foi recusado Jarbas, assim como os outros chefes que nutre a terra africana, rica em triunfos; vaias, porém, combater um amor que te apraz? Não te vêm à mente as terras onde te estabeleceste? Aqui, rodeiam-nos cidades dos gétulos, povo insuperável na guerra, e os númidas indomáveis e as inóspitas Sirtes; ali, uma ardente região desértica e os devastadores barceus em grande extensão; falarei das guerras que vêm de Tiro e das ameaças de nosso irmão? Na verdade, creio que foi sob os auspícios dos deuses e com o favor de Juno que as naves troianas foram trazidas para aqui pelos ventos. Que cidade poderás construir, que reino pode-

1 Havia em Roma, um templo da deusa do Pudor (*Pudor* ou *Pudicitia*).

rás fundar com tal união, minha irmã! Com a aliança das armas dos teucros, por quantos feitos se elevará a glória púnica! Suplica a proteção dos deuses, e aceitos os sacrifícios, concede hospitalidade, inventa motivos para o retardamento, até que o inverno e o chuvoso Órion agitem o mar, as naves se despedacem e o tempo se torne intolerável."

Com estas palavras inflama de amor um coração já ardente, enche as esperanças a mente hesitante e afrouxa o pudor.

Vão primeiro aos templos e, de altar em altar, imploram a paz; sacrificam, segundo o costume, ovelhas escolhidas a Ceres que faz leis, a Febo, e ao pai Liceu e, ante de todas, a Juno, que protege os laços conjugais. Ela própria, a lindíssima Dido, empunha com a mão direita a pátera e a derrama entre os chifres de uma vaca branca, ou caminha

Ela própria, a lindíssima Dido, empunha com a mão direita a pátera e a derrama entre os chifres de uma vaca branca... (pág. 65)

para os grandes altares diante das imagens dos deuses, e prossegue o dia fazendo oferendas e, debruçada sobre os corpos abertos das vítimas, consulta suas entranhas palpitantes. Ah! espírito ignaro dos adivinhos! De que valem os ídolos e os votos a quem está louco de amor? Uma chama sutil queima-lhe as entranhas e pulsa no coração a ferida secreta. Consome-se de amor a desventurada Dido e, como louca, vaga por toda a cidade, como a corça incauta atingida por uma seta lançada, nos bosques de Creta, por um pastor, leva consigo a flecha, sem que o

caçador o saiba: percorre, na fuga, as matas e bosques de Dicteu: traz no flanco a arma fatal. Ora Dido leva Enéias consigo no meio das muralhas e mostra-lhe as riquezas sidônias e a cidade preparada para recebê-las, e começa a falar e se detém no meio; ora, pelo fim do dia, repete um banquete igual, pede, inflamada, a repetição das provações troianas e fica ainda uma vez presa aos lábios do narrador. Depois, quando se separam, quando a lua se obscurece e, por sua vez, esconde a sua luz[1] e o movimento dos astros convida ao sono, sozinha, em seu palácio deserto, entrega-se à tristeza e se estende no leito que ele deixou[2]. Ele está longe e de longe ela o ouve e o vê; ou, então, toma no regaço Ascânio, levada por sua semelhança com o pai, para iludir, se puder, o indizível amor. Não se erguem mais as torres começadas, a juventude não se exercita nas armas, a construção do porto e dos baluartes se paralisa, os trabalhos ficam interrompidos, enormes muralhas, ameaçadoras, e máquinas que atingiram o céu.

Quando a esposa querida de Júpiter a viu presa de tal desgraça, sem que seu renome lhe obstasse o delírio, assim falou a Vênus a filha de Saturno:

"Na verdade conquistastes egrégia vitória e grandes troféus, tu e teu filho; grande e memorável façanha de vosso poder, conseguir que uma única mulher seja vencida pelas artimanhas de duas divindades! Não me iludo, tu receias as nossas muralhas e desconfias da permanência da soberba Cartago. Como, porém, pôr termo a isso? A que nos leva tanta discórdia? Por que, ao contrário, não estimulamos uma paz eterna e o matrimônio? Tens tudo quanto quiseste: Dido arde de amor e a paixão penetrou-lhe até os ossos. Reinemos, pois, sobre um povo comum, com os mesmos poderes; que ela sirva a um marido frígio e ponha em tuas mãos direita seus tírios como dote."

A isto (compreendendo que estas palavras fingidas tinham por fim roubar o império da Itália para estabelecê-lo nas plagas líbicas) Vênus retrucou: "Quem seria tão insensato de recusar e preferiria travar a guerra contigo? Resta saber se o que propões é favorecido pelo destino. Eu, porém, ignoro a preferência dos fados, se Júpiter quer reunidos em uma mesma cidade os tírios e os que saíram exilados de Tróia e se aprova essa mistura de povos e essas alianças. Tu és a esposa; a ti compete pedir para que ele concorde. Vai; eu te seguirei." Assim replicou, então, a majestosa Juno: "Competirá a mim esse encargo. Agora, vou dizer em poucas palavras, o que se deve fazer; presta atenção. Enéias e também a desventurada Dido se preparam para uma caçada amanhã, nos bosques, logo que o Titã[3] tenha se levantado e espalhado seus raios sobre o mundo. Enquanto os caçadores estenderem as alas[4] e cercarem os bosques com redes, farei desabar em cima de suas cabeças uma nuvem negra misturada com granizo e abalarei todo o céu com o ruído do trovão. Dispersar-se-ão os companheiros de Enéias, e lançarei uma noite opaca. Dido e o chefe troiano se refugiarão na mesma gruta. Lá estarei e, se tal é tua firme vontade, eu os unirei por um laço durável e a ele a entregarei. Ali se encontrará Himeneu. Longe de se opor a estes propósitos, Citeréia concorda e sorri da artimanha encontrada.

---

1 Perífrase para dizer que a noite acabou.

2 Como é bem sabido, os romanos tinham leitos para os convivas em torno das mesas de banquete.

3 O Sol, filho do titã Hiperion.

4 No original *alae*, os grupos de caçadores, comparáveis às alas de um exército.

Entrementes, Aurora, surgindo, abandona o Oceano. Ao amanhecer sai das portas uma juventude escolhida; armados com redes de grandes malhas, laços e chuços de grande ponta de ferro, os cavaleiros massilienses avançam, seguidos de uma matilha de faro apurado. Os próceres púnicos esperam, na soleira do palácio, a rainha que ainda se encontra em seus aposentos, e ajaezado de púrpura e de ouro, lá se encontra seu cavalo sonipede, mordendo fogoso o freio coberto de espuma. Afinal, ela se aproxima, acompanhada de um grande séquito, vestindo uma clâmide sidônia de orla bordada; sua aljava é de ouro, os cabelos estão presos por um grampo de ouro e um broche de ouro prende seu manto de púrpura. Com ela avançam os companheiros frígios e o belo Iulo; o próprio Enéias, o mais belo de todos, coloca-se ao seu lado e se junta ao grupo. Tal é Apolo, quando deixa a hibernal Lícia e o curso do Xanto e vai ver a materna Delo, organiza bailados e, misturados em torno dos altares, agitam-se cretenses, e as dríopes e os pintados agatirsos; ele próprio avança pelos cumes do Cinto, prende com a coroa de delicada folhagem a cabeleira, e suas armas ressonam nos ombros: não mais majestoso caminhava Enéias; tão grande é a beleza que resplandece em seu rosto.

Depois de se chegar à montanha e aos bosques inacessíveis, eis que cabras selvagens desalojadas de um cimo rochoso, descem correndo das alturas; de outro lado, atravessando a correr os vastos campos, onde seus rebanhos levantam poeira, bandos de cervos deixam a montanha. E o pequeno Ascânio, no meio do vale, incitando com alegria seu fogoso cavalo, ultrapassa na corrida ora uns, ora outros, e faz votos para que se encontre, entre aqueles bandos indefesos, um javali espumando de raiva ou um fulvo leão descido da montanha.

Entretanto, grande troar se faz ouvir no céu; desaba a chuva misturada ao granizo; e, em desordem, os companheiros tírios e a juventude troiana, e o neto dardanio de Vênus, tomados de medo, procuram pelos campos abrigos dispersos; torrentes rolam das montanhas. Dido e o chefe troiano dirigem-se à mesma gruta. A Terra e Juno, deusa do casamento, dão primeiro o sinal; raios fulgem, brilham no éter cientes do conúbio, e as ninfas gritam do alto monte. Aquele dia foi a primeira causa da morte e das desgraças de Dido; já não cuida ela de salvar seu nome e sua reputação, nem mais medita em um amor furtivo; chama-lhe consórcio; com este nome procura encobrir a culpa.

Sem demora voa a Fama pelas grandes cidades da Líbia, a Fama, o mais veloz de todos os males; ela vive de movimento e recupera as forças caminhando; pequena pelo medo, a princípio, logo se ergue nos ares, marcha no solo e conserva a cabeça entre as nuvens. Tem por mãe a Terra, que, irritada pela ira dos deuses, gerou, segundo dizem, esta última irmã do Céu e de Encelado, de pés ligeiros e asas incansáveis, monstro horrível, enorme, que tem tantas penas no corpo quanto olhos vigilantes sob as penas,[1] coisa admirável!, quantas línguas, quantas bocas retumbantes, quantos ouvidos atentos. À noite, ela voa a meia distância da terra e do céu, murmurando nas trevas, e o doce sono não lhe fecha os olhos; durante o dia, postando-se como sentinela monta guarda no cimo de elevados tetos, ou nas altas torres e aterroriza as grandes cidades, mensageira tão decidida da mentira e da fraude quanto da verdade. Ela se comprazia, então, em espalhar entre os povos inúmeros boatos, e contava igualmente o que havia e o que não havia: que chegara Enéias, nascido de sangue troiano, que a bela Dido

---

1 Os olhos da Fama estão ocultos: ela nos vê sem que percebamos.

se dignara de unir-se com este herói, que os dois passavam agora todo o longo inverno entregues aos prazeres, esquecidos de seus reinos e presa da vil concupiscência. Tais são os rumores que a torpe deusa difunde de boca em boca. Sem demora, dirige-se ao rei Jarbas, e, com suas palavras, incendeia-lhe o coração e provoca-lhe a ira.

Filho de Amom e da ninfa, que raptara, Garamante, ele erguera a Júpiter, em seus vastos reinos, cem templos imensos, construíra cem altares, consagrara-lhes o fogo perpétuo, entretido por constantes vigias; o chão estava cheio do sangue das vítimas e as entradas dos templos floriam com toda a sorte de guirlandas. E ele, dizem, fora de si, abalado pelos amargos rumores que ouvira, diante dos altares, no meio dos deuses,[1] de mãos estendidas, implorou, súplice, a Júpiter por muito tempo:

"Júpiter onipotente, tu que, agora, nos leitos bordados da nação dos mouros, és honrado, no meio de seus festins, por libações de vinho, vês o que se passa? Por acaso, pai, será em vão que trememos quando lanças o raio e serão impotentes esses fogos que, escondidos nas nuvens, aterrorizam nosso coração e não passarão de um inútil murmúrio? Uma mulher, que errando em nossas plagas, e a poder de dinheiro, construiu uma pequena cidade, a quem demos para cultivar uma praia e impusemos condições para a posse, repelindo nossa aliança recebeu Enéias como senhor em seu reino. E, agora, esse Páris, com seu séquito de efeminados,[2] de mitra frígia e cabeleira untada, goza de sua presa: nós, em verdade, cumulamos de oferendas os teus templos e acolhemos com complacência uma fama vã!"

Tais eram as palavras que dizia, abraçando os altares. O Onipotente e ouviu e voltou os olhos para as muralhas reais e para os amantes esquecidos de seu renome. Então assim falou a Mercúrio e lhe deu estas ordens:

"Vai, meu filho, chama os Zéfiros e toma tuas asas. O chefe dardânio, que se detém agora na tíria Cartago, não pensa mais nas cidades prometidas pelos fados; fala-lhe o rápido leva-lhe as minhas determinações, transportando-te pelas auras. Não é ele o que sua belíssima mãe nos prometeu e que salvou duas vezes das armas dos gregos; ele deveria reinar na Itália, prenhe de impérios[3] e fremente de guerra, prolongar a estirpe vinda do nobre sangue de Teucro e ditar leis a todo o orbe. Se não o entusiasma a glória de tantos feitos, e se nenhum esforço faz em prol de seu próprio renome, não recusará acaso ele a Ascânio a cidadela de Roma? Que pretende? Que esperança deposita em gente inimiga? E não cuida da descendência da Ausônia e dos campos da Lavínia? Que navegue: é de suma importância; anuncia-lhe isto."

Disse. Mercúrio prepara-se para cumprir a ordem de seu grande pai; primeiro, colocou nos pés as asas talares de ouro, que o sustentam nas alturas e o transportam sobre a terra ou sobre o mar com a rapidez do vento. Pega depois a vara; é com ela que chama do Orco as lívidas almas e mergulha outras no triste Tártaro, que dá e tira o sono e reabre os olhos fechados pela morte.[4] Com ela, empurra os ventos diante de si e atravessa as nuvens borrascosas. Já, em seu vôo, avista o cimo e os

---

1 No original *media inter numina*, literalmente: "no meio da ação das atividades".

2 Na época de Virgílio, os frígios eram desprezados, pela frouxidão de seus costumes.

3 *Gravidam imperiis* corresponde, segundo Benoist, a *multos habituram populos potentes*, isto é, "será habitada por muitos povos poderosos".

4 No original *lumina morte resignat*. O sentido, segundo a lição de Benoist, é: Mercúrio abre com sua vara os olhos dos mortos, a fim de que eles vejam o caminho.

flancos escarpados do rude Atlas, que sustenta o céu na cabeça, Atlas que está sempre rodeado de nuvens negras e coroado de pinheiros e sempre castigado pelo vento e pela chuva; a neve se espalha sobre seus ombros; do queixo do velho correm rios torrenciais e o gelo enrijece sua barba hirsuta. Foi aí que Cilênio[1] parou primeiro, planando com suas asas iguais; depois, com todo o peso do corpo, precipita-se sobre as ondas, semelhante a uma ave que voa em torno da costa e dos rochedos piscosos bem baixo sobre o mar. Da mesma maneira, entre as terras e o céu, Cilênio voava para o arenoso litoral da Líbia e se afastava do avô materno.

Apenas toca com os pés alados os casebres, vê Enéias erguendo baluarte e construindo casas. Sua espada era cravejada de jaspe amarelo e caía-lhe dos ombros um belo manto de púrpura tíria; eram presentes oferecidos por Dido, e ela mesmo havia recamado os tecidos com leve fio de ouro. Sem tardança diz Mercúrio: "És tu, agora, que lanças os alicerces da soberba Cartago e constróis uma cidade para uma bela mulher, esquecido, ah! — do teu próprio reino e do teu próprio interesse! O próprio deus soberano, cujo poder dirige o céu e as terras, mandou-me do claro Olimpo procurar-te; ele mesmo mandou-se transmitir, através das rápidas brisas, estas ordens: Que pretendes? Que esperas no ócio em terras da Líbia? Se não te move a glória de tantas grandezas, nem te esforças para conquistar o próprio renome, olha para Ascânio que surge e para a esperança de teu herdeiro Iulo, a quem são devidos os reinos da Itália e da terra romana". Assim falou Cilênio e, enquanto fala, abandona a forma humana e foge aos olhos desaparecendo ao longe na leve brisa.

Enéias diante dessa visão calou-se, estarrecido, e seus cabelos se arrepiaram de horror e a voz faltou-lhe na garganta. Desejava ardentemente fugir, deixar aquelas terras amáveis, atônito diante de tal aviso e de tal ordem dos deuses. Ah! que fazer? Que explicações apresentar agora à rainha tomada de delírio? Por onde começar? E seu espírito ora segue célere em uma direção, ora toma uma outra, medita várias decisões, volta-se em todos os sentidos. Assim hesitante, eis a decisão que lhe pareceu melhor: chama Mnesnesteu e Sergesto, e o valoroso Seresto: que eles preparem a frota e, calados, conduzam os companheiros à praia; que preparem as armas e bagagens e dissimulem o motivo dessas providências inesperadas; entrementes, ele próprio enquanto a magnânima Dido ignorasse, sem esperar o rompimento de um tão grande amor, procuraria falar-lhe no momento mais propício e da maneira melhor. Sem demora todos, de boa vontade, tratam de obedecer a ordem e fazer o que lhes competia.

A rainha porém (quem pode enganar a quem ama?) pressente o engano e logo percebe o movimento que se prepara, temendo tudo, até as coisas seguras. A mesma Fama ímpia denunciou ao seu delírio o preparo da frota e da viagem. Ela se entrega ao furor e corre por toda a cidade, como uma bacante fogosa: assim, ao sinal dos excessos sagrados, é uma tíada, enquanto as orgias trienais fazem soar aos seus ouvidos o nome de Baco que a excita e que o Ceteron chama com seu clamor. Afinal, tomando a iniciativa, interpela Enéias com estas palavras:

"Esperavas realmente, pérfido, esconder tal traição e deixar em silêncio minha terra? Não podem te reter, então, nosso amor, e esta mão que outrora te dei, e Dido pronta a morrer de morte cruel? Ainda mais: é no inverno mesmo que aparelhas tua frota e no meio dos Aquilões

---

1 Mercúrio, nascido no Monte Cilene, na Arcádia.

que partes para enfrentar o mar, cruel! Por que, se não procurasses campos estrangeiros e moradas desconhecidas e subsistisse a antiga Tróia, irias, com a frota, procurar Tróia no mar tempestuoso? Acaso foges de mim? Por estas lágrimas, por tua mão que aperto (pois na minha desgraça nada mais me resta), por nossa união, pelo himeneu principiado, se algo mereci de ti, se alguma coisa minha te foi doce, tem piedade de uma casa prestes a arruinar-se, e, se, ainda podes acolher as minhas súplicas, desiste desse intento! Por tua causa, incorri no ódio dos povos da Líbia e dos tiranos nômades e malquistei-me com os tírios; por tua causa, ainda, morreu o meu pudor e o renome que antes só me elevava aos astros. A quem me abandonas moribunda, meu hóspede? Este é o único nome que me resta de um esposo. Que esperarei? Que meu irmão Pigmalião derroque as minhas muralhas ou que o gétulo Jarbas me aprisione? Se ao menos de ti me tivesse ficado, antes de tua fuga, um filho, se brincasse no palácio, um pequeno Enéias, que se parecesse contigo, não me sentiria tão traída e abandonada!"

Disse. Ele, seguindo as advertências de Júpiter, tinha os olhos imóveis e se esforçava para dominar no coração a amargura. Dentro de pouco tempo, porém, fala: "Jamais negarei, ó rainha, os muitos benefícios que me prestastes e pode enumerá-los sem medo; jamais esquecerei de Elisa, enquanto lembrar de mim mesmo, enquanto o espírito me animar o corpo. Pouco tenho a dizer, nestas circunstâncias. Não pretendia, e nem o suponhas, esconder a fuga, partindo às ocultas, nem jamais tive como regular nossa união,[1] nem vim para esta aliança. Se os fados me permitissem conduzir a minha vida de acordo com os meus desejos, e resolver os problemas segundo a minha vontade, eu cuidaria, antes de mais nada, da cidade troiana e dos restos queridos dos meus; os altos tetos de Príamo perdurariam, pois eu teria, com as minhas mãos, construído uma nova Pérgamo para os vencidos. Agora, porém, é na grande Itália que Apolo Grineu, é na Itália que os oráculos lícios me ordenaram que eu me fixasse: ali está meu amor e minha pátria. Se para ti, fenícia, os baluartes de Cartago e o aspecto da cidade líbia têm atrativos, por que levas a mal que os teucros procurem a terra da Ausônia? É-nos lícito procurar um reino no estrangeiro. A sombra furiosa de meu pai Anquises, quando a noite cobre a terra com sua úmida escuridão, e se levantam os astros ignívomos, exorta-me e atemoriza-me nos sonhos; e há o infante Ascânio e o mal que cometo contra uma pessoa tão cara deixando de lado o reino da Hespéria e as terras prometidas pelos fados. Agora, além disso, o intérprete dos deuses, enviado pelo próprio Júpiter, juro por nossas duas cabeças, veio, através das brisas rápidas, para advertir-me; eu mesmo vi o deus, à luz do dia, entrar na cidade e ouvi com estes ouvidos a sua voz. Cessa, pois, de atormentar a mim e a ti com estas queixas; não é por minha vontade que sigo para a Itália."

Enquanto ele assim fala, Dido, por muito tempo, olha de revés para aqui e para ali, e contempla Enéias da cabeça aos pés, e assim fala, furiosa: "Não tens uma deusa por mãe, nem Dardano como gerador de tua estirpe, pérfido! Foi o Cáucaso, com seus duros penhascos, quem te gerou, foram os tigres da Hircânia que te amamentaram. Com efeito, para que dissimular? E a que maiores ultrajes ainda estou reservada? Te comoveste com o nosso pranto? Voltaste para nós teu olhar? Derramaste lágrimas ou apiedaste-te da amante? Pode haver um trata-

---

1 No original *nunquam praetendi taedas*, textualmente: "jamais trouxe diante de mim os fachos nupciais".

mento mais cruel? A grande Juno e o pai, filho de Saturno, não vêem tal coisa eqüitativamente. Não há mais boa-fé. Recolhi-te lançado à costa, carente de tudo e, insensata, dei-te um lugar em meu reino; salvei a frota perdida, salvei teus companheiros da morte. Ai de mim! sou arrebatada pelas Fúrias! Ora, é o oráculo Apolo, ora os áugures líbios, ora o intérprete dos deuses enviado pelo próprio Júpiter que conduz através das brisas, estas ordens funestas. Sem dúvida este é um trabalho dos deuses superiores, uma preocupação que lhes perturba a quietude! Não te deterei, nem contesto o que dizes; vai, segue para a Itália à mercê dos ventos, procura um reino através das ondas. Espero, em verdade, se têm algum poder as divindades, que encontres a desgraça no meio dos escolhos e que muitas vezes invoques o nome de Dido. Ausente, hei de seguir-te, com fogos sinistros,[1] e quando a fria morte tiver separado a alma do meu corpo, minha sombra irá a todos esses lugares. Hás de ser castigado, miserável. Eu ficarei sabendo, e a notícia me chegará na morada profunda dos manes."

Interrompe no meio as suas palavras, foge, acabrunhada, das auras, evita os olhos de Enéias e se afasta, deixando-o trêmulo, irresoluto e disposto a dizer-lhe muita coisa. As servas a sustentam, levam-na desfalecida para o quarto de dormir e colocam-na no leito.

Entretanto, o piedoso Enéias, embora deseje amenizar-lhe a dor e consolar-lhe o sofrimento com palavras adequadas, lastimando-se muito e abalado no coração por um grande amor, não deixa, porém, de obedecer à ordem dos deuses e volta à frota. Então os teucros põem mãos à obra e arrastam as altas naves ao longo de toda a praia. Flutuam as quilhas untadas e são trazidos da floresta os remos ainda com folhas e os mastros ainda por fazer, tal era a pressa de partir. Os homens eram vistos sair, precipitadamente, de toda a cidade. Assim quando as formigas, lembrando-se do inverno, pilham um grande montão de trigo e levam-no para o formigueiro, sua negra coluna avança pelos campos e conduz a presa por um estreito caminho através da relva: algumas trazem nas costas curvadas grandes grãos de trigo, outras empurram a coluna, castigando as retardatárias: todo o caminho se agita com o trabalho.

Que pensavas, então, Dido, vendo tal coisa? Como te lamentavas quando, do alto do palácio, avistavas, ao longe, a praia em efervescência e vias, diante de ti, o mar inteiro agitado por tanto ruído? Cruel amor, a que não obrigas o coração dos mortais! De novo forçada a derramar lágrimas, a submeter-se suplicante ao amor, não querendo morrer sem ter tudo tentado.

"Vês, Ana, como tudo se agita na praia? Reuniram-se de todas as partes; as velas já chamam o vento e os alegres marinheiros colocaram coroas nas popas.[2] Não pude prever esta dor e não poderei suportá-la, minha irmã. Concede, Ana, uma só graça a esta infeliz; eis que somente a ti o pérfido estima a ponto de confiar-te seus segredos: somente tu conheces a oportunidade e a maneira de falar-lhe. Vai, minha irmã, e dirige-te, súplice, àquele inimigo soberbo. Não jurei com os gregos em Aulide exterminar a nação troiana, não mandei naves a Pérgamo, não

---

1 No original *atris ignibus*. O sentido é duvidoso, mas parece dar a idéia de uma Fúria.

2 Os marinheiros costumavam enfeitar a popa do navio com coroas de flores, antes da partida.

ultrajei as cinzas e os manes do patriarca Anquistes.[1] Por que se recusa ele, implacável, a ouvir minhas palavras? Aonde corre? Que conceda um último favor à desgraçada amante: assistir à fácil fuga e aos ventos favoráveis. Não mais apelo para o antigo laço, que ele atraiçoou, nem para sua promessa de renunciar ao belo Lácio e abandonar seu reino; peço-lhe algum tempo inútil, um descanso, uma trégua no delírio, até que vencida aprenda a me conformar com o destino. Imploro-te o último favor (tem piedade, minha irmã!) e se ele o conceder, hei de pagá-lo fartamente com a morte."

Tais eram as suas palavras, tais as lamentações que sua desventurada irmã vai contar a Enéias. Ele, porém, não se comove com o pranto e fica insensível diante do que ouve; os fados o impedem e um deus tampa os tranqüilos ouvidos do herói. Assim os Bóreas Alpinos se porfiam em derrubar um frondoso carvalho de cerne enrijecido pelos anos; ouve-se o fragor e o tronco sacudido cobre a terra de folhas caídas; a árvore, porém, agarra-se aos rochedos e tanto se elevam para os céus os galhos quanto as raízes pelo chão se afundam: assim também o herói ouve as repetidas lamentações e seu grande coração sofre profundamente, porém o espírito permanece firme e em vão derrama lágrimas.

Então, na verdade, a desventurada Dido, atemorizada pelo destino, invoca a morte; causa-lhe tédio contemplar a abóbada celeste. Para mais arraigar-lhe o anseio de abandonar a luz do dia, quando apresentava as oferendas nos altares em que queimavam incenso, viu (coisa horrível!) enegrecer o líquido sagrado e em repugnante sangue transformar-se o vinho do sacrifício. Não contou a ninguém esse prodígio, nem mesmo a sua irmã. E mais: havia, no palácio, um templo de mármore consagrado a seu antigo esposo objeto de um culto especial e que era ornamentado com alvos velocinos e grinaldas festivas: ali pareceu-lhe ouvir a voz e os gritos do marido que a chamavam, quando a noite escura cobria a terra; muitas vezes a coruja solitária no telhado lançou seu canto fúnebre e arrastou a voz numa lamentação demorada. Além disso, muitos augúrios antigos a assustam com sua terrível advertência. Até mesmo o cruel Enéias, nos sonhos, excita-lhe o delírio; ela se vê sempre só, abandonada, sempre caminhando desacompanhada por uma longa estrada e procurando os tírios na terra deserta. Assim, Penteu, demente, vê as turbas das Eumênides, dois sóis e duas Tebas, ou o filho de Agamenon, Orestes, no teatro.[2] foge de sua mãe armada de fachos e de negras serpentes, enquanto as Fúrias estão sentadas no limiar do templo.

Eis que, vencida pela dor, Dido abandona-se ao desespero e resolve morrer, marca ela própria o momento e o modo de sua morte, e, dirigindo-se à irmã, acabrunhada com suas palavras, esconde na fisionomia a resolução e a fronte mostra-se serena com a esperança: "Congratula-te comigo, minha irmã: encontrei um meio de prendê-lo ou de libertar-me do amor. Junto das margens do Oceano, onde o sol se põe, nos confins da Etiópia, fica um país onde o gigante Atlas faz girar sobre os ombros o eixo do céu, constelado; de lá me veio uma sacerdotisa da nação massiliense, guarda do templo das Hespérides, que alimentava o dragão e velava pelos ramos sagrados na árvore, espalhando o delicado mel e a soporífera papoula. Ela se propõe pelos seus encan-

---

1 Alusão a uma lenda segundo a qual Diomedes teria profanado o túmulo de Anquises, lenda, aliás, a que Virgílio só faz menção neste trecho.

2 Alusão às tragédias em que Penteu e Orestes são os heróis: as "Bacantes", de Eurípedes, e as "Eumênides", de Ésquilo.

tamentos a apaziguar à vontade os corações e lançar sobre outros corações cruéis cuidados, deter a água dos rios e inverter o curso dos astros: invoca os manes noturnos; verás rugir sob teus pés a terra e os freixos descerem da montanha. Afirmo-me, querida, pelos deuses e por ti, minha irmã, e por tua cabeça que me é cara, que é obrigada que recorro às artes mágicas. Vai, às escondidas, levanta, no interior do palácio, ao ar livre, uma fogueira e coloca ali as armas de guerreiro que o malvado deixou penduradas em meu quarto de dormir e todas as vestes e o tálamo onde encontrei a minha perdição: é preciso destruir todas as lembranças desse homem perjuro, como me ordena a sacerdotisa."

Tendo dito estas palavras, cala-se; ao mesmo tempo uma palidez mortal cobre-lhe o rosto. Ana, no entanto, não acredita que a irmã oculte sob esse estranho sacrifício os preparativos da própria morte, nem seu espírito pode conceber tal delírio: nada receia de mais grave do que houve quando da morte de Siqueu. E, assim, faz os preparativos ordenados.

Entretanto, a rainha, depois que, no fundo do palácio, ao ar livre, foi erguida a imensa fogueira, feita de achas de pinho e de azinheiro, enfeita o lugar com grinaldas e coroas de folhas funerárias; em cima do leito coloca as vestes, a espada deixada por Enéias e a imagen,[1] consciente do que a esperava. Altares foram erguidos em torno, e a sacerdotisa, com os cabelos soltos, invoca, com voz retumbante, os trezentos deuses, o Erebo e o Caos, a tríplice Hécate e as três faces da virgem Diana. Esparge água simulada como procedente do Averno; procura ervas macias tendo por suco um atro veneno, cortadas, ao luar, com foices de bronze: também procura o filtro do amor arrancado ao potro e furtado à gula da mãe.[2] A própria Dido, tendo nas mãos piedosas a farinha sagrada,[3] junto do altar, com um dos pés despojados dos laços, as vestes desatadas,[4] prestes a morrer, invoca o testemunho dos deuses e dos astros, cônscia de seu destino: então, se existe alguma divindade que cuide dos que amam sem ser amados, implora sua justiça e sua vingança.

Era noite e os homens fatigados dormiam placidamente pelas terras e estavam quietas as florestas e os mares furiosos, quando os astros fizeram metade de seu curso e tudo fica em silêncio nos campos, os rebanhos, as aves multicores, os habitantes dos grandes lagos límpidos ou dos ásperos sarçais, dominados pelo sono, na calada da noite. A infeliz fenícia, porém, não conciliou o sono, nem a noite trouxe alívio aos seus olhos e ao seu coração; lastima-se de dor, volta e ressurge o fero amor e flutua nas grandes ondas da ira. E assim fala e medita no coração:

"Então, que farei? Irei voltar para suportar, zombeteiros, meus antigos pretendentes, e solicitar suplicante, uma aliança com os nômades, que tantas vezes já desdenhei como maridos? Seguirei, então, a frota troiana e receberei as ordens dos teucros? Acaso não os socorri outrora

---

1 No original, *effigiem*, parecendo indicar uma imagem de cera de Enéias, tal como se usa, até hoje, nas feitiçarias.

2 No original: *Quaeritur et nascentis equi de fronte revulsus/Et matri praereptus amor*. Literalmente: "procura também o amor arrancado da fronte do cavalo nascido e subtraído à mãe". Virgílio refere-se ao *hippomanes*, carúncula que se encontra nos potros recém-nascidos e é comida pelas éguas; os feiticeiros usavam-na em suas práticas como filtro amoroso.

3 A farinha de aveia com que se fazia uma espécie de bolo *(mola salsa)* colocado sobre a cabeça da vítima.

4 Nas operações mágicas era costume afrouxar todos os laços.

e não têm eles na memória os favores recebidos? Admitindo-se, porém que eu o queria, quem estará disposto a receber em suas naves soberbas uma criatura odiosa? Ai de mim! Ignoras, desgraçada, quanto é perjura a raça de Laomedonte? Que fazer, pois? Ir sozinha, fugitiva, acompanhar marinheiros triunfantes? Acaso ir seguida dos tírios, acompanhada por todos os meus lançar-me em sua perseguição? E esta gente que tanto custei a tirar da cidade de Sidon empurrarei de novo para o mar e mandarei que ofereça as velas ao vento? Antes morreres, como mereces, e com o ferro evitar o sofrimento. És tu, minha irmã, que vencida pelas minhas lágrimas, tu que foste a causa primeira dos males que me afligem, e me entregaste ao inimigo. Por que não me foi permitido, como um animal selvagem, levar, longe do matrimônio, uma vida sem crime, sem que perseguissem estes tormentos! Não guardei a fidelidade prometida às cinzas de Siqueu!"

Tais eram os lamentos que lhe irrompiam do coração.

Enéias, na alta porta, já certo de partir, entregava-se ao sono, depois de feitos todos os preparativos. A imagem do deus que já vira apareceu-lhe em sonho, com as mesmas feições, e repetiu as advertências. Em tudo semelhante a Mercúrio, com a mesma voz e a mesma cor e os cabelos louros e os belos membros juvenis:

"Filho da deusa, podes em uma situação como esta, entregar-te ao sono? Não vês os perigos que te cercam no futuro! Insensato! Não ouves os Zéfiros favoráveis soprarem? Ela, disposta a morrer, acalenta no peito ardis e torpes crimes, e é arrastada pelas ondas agitadas do ressentimento. Por que não foges depressa, enquanto ainda podes apressar-te? Dentro em pouco verás o mar coberto de navios e resplandecer sinistros fachos, em breve verás a costa repleta de fogo, se a Aurora te encontrar retardado nestas terras. Vamos, parte! A mulher é sempre inconstante e mutável." Assim tendo dito, desapareceu na escuridão da noite.

Então, Enéias, assustado com essa súbita aparição, acorda e instiga os companheiros:

"Despertai sem demora, guerreiros, e tomai lugar nos bancos de remadores; soltai sem tardança as velas. Um deus enviado do alto éter me incita pela segunda vez a apressar a fuga e cortar as sinuosas amarras e seguir viagem. Acompanhamos-te, ó augusta divindade, quem quer que sejas, e cumprimos, jubilosos, tuas ordens, pela segunda vez. Favorece-nos, traze-nos a tranqüilidade e faze brilhar no céu astros propícios." Disse e desembainha a espada e corta as amarras com o ferro. Todos os outros são tomados do mesmo ardor: pegam as armas e se precipitam: afastam-se da costa; o mar desaparece sob a frota; os remadores esforçados vergam-se cortando as águas azuis.

E já Aurora, deixando o leito dourado de Títon, esparge sobre as terras a nova luz. A rainha, do alto do palácio, quando a luz começa a branquejar, vê a frota que parte, de velas pandas e a costa vazia e o porto sem remos, e três e quatro vezes ela esmurra o belo peito e arranca os louros cabelos. "Ó Júpiter! — exclamou — Ele partirá, este estrangeiro zombará de nossa realeza? E não se acorrerá às armas e a cidade inteira não o perseguirá e não sairão do porto meus navios? Ide, levai fachos, dai de vela, impeli os remos! Que digo? Onde estou? Que delírio te transtorna o espírito, desventurada Dido? Só agora sua malvadez te afeta? Antes afetasse quando lhe entregaste o cetro. São estas a promessa e a fidelidade, daquele que, segundo dizem, trouxe consigo os Penates pátrios e carregou nos ombros o pai abatido pela velhice? E já não posso fazer seu corpo em pedaços e dispersá-lo nas ondas? Não posso matar seus companheiros e o próprio Ascânio, para apresentar

como um banquete a seu pai?[1] Na verdade, seria duvidosa a sorte da luta. Que importa? De que pode ter medo uma moribunda? Incendiaria seus barcos, aniquilaria o filho e o pai com sua raça, e depois eu mesma seria morta também. Sol, que iluminas com tua luz todas as obras da terra, e tu Júpiter, intérprete e testemunha de minhas provações, e tu Hécate, invocada à noite nas encruzilhadas, pelas cidades, vós, Fúrias vingadoras e deuses de Elisa moribunda, ouvi estas palavras, voltai vossa justa potência para nossos males e atendei às nossas preces. Se é mister que o perverso alcance as terras e entre no porto, se tal é a vontade de Júpiter e o decreto inexorável do destino, seja ele ao menos atormentado na guerra pela audácia e pelas armas, expulso de suas fronteiras, separado dos abraços de Iulo, que implore ajuda e que assista à indigna ruína dos seus, que somente depois de haver sofrido os ditames de uma paz ultrajante, goze do reinado e da luz procurada; que morra, porém, prematuramente, e seja enterrado no meio da areia.[2] Peço-vos isto, estas são minhas últimas palavras exaladas com meu sangue. Quanto a vós, ó tírios, odiai sempre essa estirpe e essa raça inteira; que não haja amizade nem aliança entre os dois povos. Que de nossos ossos saia um vingador que persiga, a ferro e a fogo, os colonos dardânios, agora, algum dia, em qualquer tempo em que haja forças para a luta. Costa contra costa, ondas contra ondas, armas contra armas, suplico; lutem eles e seus netos."

Assim falou e com toda a sorte de pensamentos lhe agitando a alma, quer livrar-se o mais cedo depressa de uma vida odiosa. Dirige então algumas palavras a Barce, ama de Siqueu (pois havia deixado na pátria as negras cinzas da sua): "Chama minha irmã Ana, cara ama; dize-lhe que se apresse em banhar o corpo com água corrente e trazer consigo vítimas e oferendas expiatórias; assim venha; e tu mesma cinge a testa com a ínfula sagrada. Tenho intenção de cumprir o sacrifício a Júpiter Estigiano,[3] cujos preparativos comecei, a fim de pôr fim aos meus tormentos, e entregar às chamas a efígie do dardânio." Assim falou, e a outra apressou-se a cumprir a ordem.

Dido, porém, fremente, exasperada pela horrível resolução, com os olhos desvairados e injetados de sangue, as faces trêmulas e cobertas de manchas lívidas, pálida diante da morte próxima, entra no palácio e sobe, furibunda, até o alto da fogueira, e desembainha a espada dardânia, que não se destinava a esse uso. Então, depois de contemplar as vestes troianas e o leito familiar, e as lágrimas e a saudade retardam-na por algum tempo; lança-se depois ao leito e diz estas últimas palavras:

"Despojos que me eram amáveis, enquanto permitiram os fados e os deuses, recebei minha alma e livrai-me de meus tormentos. Vivi e percorri a rota que me fora destinada pelo destino; e agora uma grande sombra do que fui descerá sob a terra. Fundei uma cidade ilustre; vi as minhas muralhas; vingando meu esposo, castiguei um irmão inimigo. Feliz, ai de mim!, grandemente feliz se nosso litoral jamais tivesse recebido as naves dardânias!" Disse, e com a boca apertada contra o leito: "Morrer sem vingança! — exclama. — Morramos, porém. Ainda assim, ainda assim, é bem doce descer para as sombras. Que o cruel dardânio veja do mar esta fogueira e lhe traga um augúrio a nossa morte."

---

1 Provável alusão ao episódio que é narrado por Ovídio no Livro VI, versos 411 a 674, das "Metamorfoses" e em que Progne, para vingar-se do marido, Tereu, dá-lhe a comer as carnes do próprio filho, Ítis.

2 Estas profecias baseiam-se nas lendas romanas sobre Enéias, aliás contraditórias umas com as outras em vários pontos.

3 Plutão.

Disse, e, enquanto ainda falava, as que a rodeavam viram-na cair sob o ferro, e a espada coberta de sangue e os braços abertos. Elevam-se gritos pelo alto átrio; a notícia espalha-se pela cidade agitada; as casas estremecem com as lamentações, os gemidos e ululos das mulheres; o éter ressoa com os altos ruídos, como se Cartago ou a velha Tiro, invadida pelo inimigo, se desmoronasse e as chamas se agitassem furiosas nas moradas dos homens e dos deuses.

Pálida diante da morte próxima, entra no palácio e sobe furibunda, até o alto da fogueira, e desembainha a espada dardânia... (pág. 75)

A irmã ouviu a notícia, atônita, aterrada, e correndo, trêmula, arranhando o rosto e esmurrando o peito, atravessa a multidão e chama por seu nome a moribunda: "Era isto, então, minha irmã? Procuravas enganar-me? Para isto me mandaste preparar a pira, os fogos e os altares? De que, abandonada, me queixar primeiro? Desdenhaste a minha companhia para morrer, minha irmã? Se me chamasses para o mesmo destino, o ferro teria infligido a ambas a mesma dor e a mesma hora nos levaria. Então, eu mesma construí a fogueira com as minhas mãos e

invoquei os deuses pátrios, para que depois nela morresses, cruel, na minha ausência? Destruíste-me também contigo, e o povo e os senadores sindônios[1] e a tua cidade. Deixa-me lavar as feridas em água corrente e que eu colha o último alento que ainda resta, talvez, em tua boca." Assim tendo dito, galga os altos degraus da pira, e apertando entre os braços a irmã moribunda, aquece-a, gemendo, e seca com as vestes o escuro sangue. Dido tenta abrir as pálpebras pesadas e desfalece de novo; o sangue escapa com um ruído da ferida aberta no peito. Por três vezes ela se ergue, apoiando-se nos cotovelos, por três vezes torna a cair no leito e, com os olhos vagos, procura a luz no alto céu e geme quando a encontra.

Então, Juno onipotente, condoída de seu prolongado sofrimento e de sua morte penosa, mandou do Olimpo Íris para libertar aquela alma em luta com os liames do corpo. Eis que ela não perecia de uma morte merecida, mas, desgraçada, antes do dia e presa de um súbito furor, e Prosérpina não lhe cortara ainda da cerviz o cabelo louro[2] e destinara sua cabeça ao Orco estígio. Íris, então, desdobrando pelo céu as asas cor de açafrão e orvalhadas, que refletem ao sol os matizes de mil cores, voou e se deteve em cima da cabeça de Dido: "Por ordem divina levo-te a Plutão e livro-te deste corpo." Assim disse e com a destra corta-lhe o cabelo; o calor dissipa-se de súbito e a vida perde-se no ar.

---

1 No original *populumque patrosque*, expressão usada em Roma no sentido de "o povo e o Senado".

2 Assim como os sacerdotes cortavam um tufo de pêlo entre os chifres das vítimas, Prosérpina cortava o cabelo do moribundo, vítima destinada ao sacrifício infernal.

Livro V

Entrementes, Enéias, decidido, já se encontrava em caminho com sua frota e cortava as ondas escuras sob o sopro do Aquilão, e olha a muralha, onde já brilhavam as chamas ateadas pela desventurada Elisa. Ignora-se a origem daquele grande fogo; conhece-se, porém, a dor de um grande amor profanado e quanto pode fazer uma mulher enfurecida, e os corações dos teucros guardam um triste pressentimento.

Desde que as naves alcançaram o mar-alto, e que não mais se avistava terra alguma, mas apenas o mar por toda a parte e por toda a parte o céu, uma nuvem escura se deteve sobre sua cabeça, trazendo a noite e a tempestade, e as ondas encapelaram-se nas trevas. O próprio piloto Palinuro exclama, da alta popa: "Ai de mim! Por que o ar se carregou de nuvens tão pesadas? O que nos preparas, Pai Netuno?" Assim tendo falado, manda colher as velas e manejar os fortes remos, e diz: "Magnânimo Enéias, não, mesmo se o próprio Júpiter me assegurasse, não esperaria chegar à Itália com este céu. Os ventos que mudaram investem de lado e se levantam da banda do negro poente, e o ar se condensa em nuvens; não temos forças para lutar contra eles e resistir. Já que o destino impõe, prossigamos e tomemos o caminho onde ele nos chama. Penso que não estamos longe da fiel e fraterna costa de Érice e dos portos sicilianos, se estou bem lembrado da posição dos astros que cuidadosamente observei." O piedoso Enéias retrucou: "Realmente, já vi que é isto que querem os ventos e que lutas em vão contra eles. Muda a direção das velas. Que terra me seria mais cara e onde procurar melhor refúgio para as naves castigadas do que na terra que guarda o dardânio Acestes e que conserva em seu seio os ossos de meu pai Anquises?" Tendo assim falado, procuram o porto e os Zéfiros propícios inflam as velas; a frota é transportada rapidamente sobre o mar e os navegantes alcançam, enfim, jubilosos, uma praia que já lhes é conhecida.

Entretanto, ao longe, do alto de um monte, Acestes assiste, admirado, à chegada daqueles navios amigos e acorre, apresentando um aspecto hirsuto com seu dardo e sua pele de urso da Líbia,[1] filho de uma troiana que o concebeu do rio Criniso. Não tendo se esquecido dos antepassados, congratula-se com os recém-chegados que voltaram e oferece-lhes seu rústico tesouro[2] e reconforta com seu acolhimento os cansados amigos.

No dia seguinte, logo que o claro dia afugentou no oriente as estrelas, Enéias convoca os companheiros de todos os pontos da praia e lhes

---

1 Plínio afirmou que não havia ursos na África, mas ele próprio se contradiz em outra passagem, em que diz que os romanos mandavam buscar ursos na Líbia para os espetáculos circenses.
2 Os produtos da terra e dos rebanhos.

dirige a palavra de cima de um cômoro: "Grandes dardânios, raça insigne de divino sangue, o ano completou o círculo exato de seus meses, depois que guardamos sob a terra os restos e os ossos de nosso divino pai, e lhe consagramos altares fúnebres. Já voltou, se não erro, o dia que sempre lamento e que sempre venero, assim os deuses quiseram. Ainda que eu vivesse exilado nas Sirtes dos gétulos, ou detido no mar Argólico e cativo em Micenas, todos os anos cumprirei meus votos, e realizarei as procissões solenes e oferecerei sacrifícios em seus altares. Agora não creio que estejamos perto das cinzas e dos ossos de meu pai trazidos pelas ondas para um porto amigo, sem que fosse intenção e a vontade dos deuses. Vamos, pois, e juntos tributemos-lhe as honras; peçamos-lhe ventos propícios, e possa eu, com sua vênia, quando tiver fundado a cidade, renovar todos os anos estes mesmos sacrifícios em templos que lhe serão dedicados. Acestes, oriundo de Tróia, vos dará duas cabeças de boi para cada navio; conduzi a este banquete os Penates pátrios e os venerados por Acestes que nos hospeda. Além disto, se a nona aurora trouxer aos mortais um dia favorável e iluminar o orbe com seus raios, oferecerei primeiro aos gregos uma corrida de navios; depois, que aqueles que são fortes na corrida a pé, os que, confiantes em sua força, destacam-se no arremesso do dardo ou das leves setas, ou não receiam lutar com o cesto de couro cru, apresentem-se todos e aspirem a recompensa da merecida palma. Guardai silêncio e cingi a fronte de murta."

Assim dizendo, orna a fronte com o materno ramo.[1] Helimo faz o mesmo, e o velho patriarca Acestes, e o infante Ascânio, que é imitado por toda a juventude. Enéias dirige-se, da reunião, com seus milhares de homens, ao túmulo, acompanhado de um grande cortejo. Ali, de acordo com o rito das libações, derrama na terra dois vasos de vinho puro, dois de leite fresco, dois de sangue sagrado, depois joga flores vermelhas, dizendo: "Salve, meu santo pai, pela segunda vez; salve, cinzas em vão recuperadas, alma e sombra de meu pai. Foi vedado buscar contigo as fronteiras e os campos italianos prometidos pelos fados, e, qualquer que ele seja, o Tibre da Ausônia."

Mal dissera estas palavras, uma imensa e viscosa serpente, vinda das profundezas do santuário, e arrastando sete voltas, sete anéis, enroscou-se, tranqüilamente, no túmulo e deslizou pelos altares. Tinha o dorso marcado de manchas azuis e suas escamas refulgiam como, nas nuvens, o arco-íris lança ao sol mil cores diferentes. Com essa aparição fica estupefato Enéias. A serpente, desdobrando-se longamente, passou entre as páteras e os vasos lisos, provou dos alimentos sagrados e tornou a entrar, inofensiva, no fundo do túmulo, abandonando os altares vazios das oferendas. Enéias recomeça com mais ardor ainda o interrompido culto ao seu genitor, sem saber se se tratava de uma divindade do lugar[2] ou um servidor de seu pai[3]; sacrificou, de acordo com o uso, duas ovelhas de dois anos, outros tantos porcos, outros tantos novilhos de negro dorso e derramou o vinho das páteras e evocou a alma do grande Anquises e os manes enviados do Aqueronte. Também seus companheiros, cada um de acordo com as suas possibilidades, cobrem os altares e imolam novilhos. Outros colocam, em ordem, os vasos de bronze e, ajoelhados na relva, atiçam as brasas e assam as carnes.

Chegou o dia esperado e os cavalos de Faetonte traziam já a nona

---

1 A murta, consagrada a Vênus.
2 Os antigos acreditavam que cada lugar tinha uma divindade protetora.
3 Anquises poderia ter se tornado deus depois da morte.

aurora com sua luz serena e a notícia dos jogos e o renome do preclaro Acestes atraíra os vizinhos: estes, joviais, enchiam a praia, para ver os companheiros de Enéias, e alguns deles dispostos a concorrer. Começa-se por colocar à vista, no meio, as recompensas, tripés sagrados e verdes coroas e palmas, prêmios dos vencedores, e vestes tingidas de púrpura, e talentos de ouro e de prata. De um cômoro, a trombeta dá o sinal para o começo dos jogos.

Iniciam a competição, quatro naves escolhidas entre toda a frota aparelhada de pesados remos. Mnesteu conduz a veloz "Baleia", de ardorosos remeiros, Mnesteu depois italiano, de onde irá tirar seu nome

A serpente, desdobrando-se longamente, passou entre as páteras e os vasos lisos, provou dos alimentos sagrados e tornou a entrar... (pág. 79)

a família Mêmia; Gias, com a gigantesca "Quimera", de massa enorme, semelhante a uma cidade, impelida por três ordens de remos, manejados por jovens dardânios, em três alturas; Sergesto, de quem a casa dos Sérgio tem o nome, é levado na grande "Centauro", e na "Sila" azul, Cloanto, de onde vem tua estirpe, romano Cluento.

Ao longe, no mar, diante da praia espumante, fica um rochedo que as ondas castigam e submergem parcialmente, quando os ventos de noroeste do inverno escondem as estrelas; em tempo calmo, emerge tranqüilo do mar, oferecendo uma plataforma muito apreciada pelos mergulhões. Ali o patriarca Enéias faz erguer, como meta, uma frondosa azinheira, sinal aos marinheiros, de onde devem voltar depois de fazer um longo rodeio. Depois, são sorteados os lugares, e, nas popas, os comandantes resplandecem de ouro e de púrpura; os demais jovens

têm a fronte coroada de folhas de álamo e os ombros nus e untados de óleo reluzente. Assentam-se nos bancos, seguram os remos e, atentos, esperam o sinal, e o coração bate de medo e sob o impulso do ardente desejo de triunfo. Logo que soa a sonora trombeta, todos avançam, sem demora, de seus lugares; os gritos dos nautas chegam ao éter; o mar espuma batido sob o movimento dos braços. Abrem no mar sulcos paralelos e o rasgam todo com seus remos e seus esporões tridentados. As bigas não são tão precípites nas contendas do circo, quando, depois de partirem da barreira, investem pela liça e não se mostram tão ardorosos os cocheiros quando depois de soltarem as parelhas, agitam as rédeas e se curvam, fustigando os cavalos. Então, toda a floresta ressoa com os aplausos e o frêmito dos espectadores, e as vozes partidas das praias vão ecoar nas colinas que as rodeiam.

Ultrapassando os outros, deslizando nas ondas, passa primeiro Gias, no meio da multidão frenente; depois Cloanto o segue de perto, superior pelos remos, mas retardado pelo peso da embarcação; atrás deles, a "Baleia" e o "Centauro" esforçam-se para superar um ao outro, e ora a "Baleia" ocupa o primeiro lugar, ora a passa o enorme "Centauro", ora os dois avançam emparelhados e suas compridas quilhas sulcam as águas salgadas.

Já se aproximava do rochedo e chegavam à meta, quando Gias, que está à frente e é vencedor, em pleno mar grita ao piloto Menetes: "Por que me levas tanto para a direita? Corta por aqui, aproxima-te da praia e permite à esquerda os remos roçarem os rochedos; deixa o mar-alto para os outros." Disse, mas Menetes, receando os escolhos ocultos, volta a proa para as ondas do mar-alto. "Onde vais com esta volta?" pergunta o outro, pela segunda vez. "Aproxima-te do rochedo, Menetes!" repetia Gias com altos gritos, e olhando para trás, vê que Cloanto o persegue e já o alcançou. E, tomando a esquerda, passa entre o navio de Gias e os rochedos ruidosos, ganha de súbito, a frente e, ultrapassada a meta, atinge, com segurança o alto-mar. Então, porém, uma dor violenta penetra nas entranhas do jovem Gias e as lágrimas escorrem-lhe pelo rosto, e, esquecido do próprio decoro e da segurança dos companheiros, agarra o tímido Menetes e o atira ao mar do alto da popa; ele próprio toma o leme, torna-se ele próprio o piloto, estimula os homens e vira a proa para a terra. Entrementes tendo voltado não sem dificuldade do fundo do mar, com o peso da idade e das vestimentas molhadas, Menetes sobe ao alto de um rochedo e assenta-se na pedra seca. Os teucros haviam rido vendo-o cair na água e nadar, e riem vendo-o vomitar a água salgada.

Uma alegre esperança anima, então, os dois últimos, Sergesto e Mnesteu, de ultrapassarem Gias, retardado. Sergesto toma a frente e aproxima-se do rochedo. Não ultrapassa o outro com toda a quilha, mas apenas com uma parte: a proa da "Baleia" faz pressão sobre a parte posterior do navio. Mnesteu caminha pelo navio, no meio dos companheiros, exortando-os: "Agora, agora, remais com força, companheiros de Heitor, vós que no momento supremo de Tróia escolhi por companheiros; é o momento de mostrar vossa força, o momento de afirmar o ânimo que mostrastes nas Sirtes dos gétulos e no Mar Jônio e nas ondas encapeladas do Málio.[1] Mnesteu já não pretende o primeiro lugar, não me porfio em ser o vencedor. Se, porém... Mas que vençam aqueles que protegeste, Netuno; livremo-nos da vergonha de sermos os

---

1 O Cabo Málio, extremidade meridional da Lacônia, era muito temido pelos navegantes.

últimos: consegui isto, companheiros, e evitai o opróbrio." Os homens, num esforço supremo, debruçam-se sobre os remos; sob suas pancadas tremem as proas de bronze sulcando o mar; a respiração ofegante sacode os membros e resseca as bocas, e o suor escorre em bicas.

O acaso trouxe a ele próprio a honra cobiçada pelos homens. Com efeito, enquanto arrastado por seu ardor excessivo Sergesto aproximava a proa do rochedo e penetrava na estreita passagem, o desventurado encalhou e bateu em escolhos ocultos. O rochedo retumba e os remos, chocando-se com as arestas, espedaçam-se, e a proa quebrada fica pendente. Erguem-se os marinheiros, lançando altos brados; pegam arpéus e croques e recolhem no mar os remos despedaçados. Entretanto, Mnesteu, alegre, animado pelo próprio sucesso, ajudado pelo destro grupo dos remadores e pelos ventos que invocou, vira a proa para o alto-mar e corre pelas águas sem obstáculos. Como a pomba, expulsa de súbito da gruta ou das cavidades dos penhascos onde faz o seu amável ninho, voa para os campos e, aterrorizada, foge de sua morada, depois, deslizando no ar sereno, segue seu caminho sem mover as rápidas asas, assim era Mnesteu, assim a própria "Baleia" corta o mar na última parte de sua rota; assim o ímpeto a impele em seu vôo. E primeiro deixa para trás Sergesto, às voltas com o alto rochedo e os baixios, pedindo em vão por ajuda e tentando navegar com os remos quebrados. Depois, alcança Gias e a própria "Quimera" de massa enorme; esta, desprovida do piloto, cede.

Resta a vencer, no fim, apenas Cloanto, Mnesteu se empenhou nesse sentido, lançando mão de todas as suas forças. Ergue-se, então, altos gritos, todos os espectadores, entusiasmados, estimulam os concorrentes e o éter ressoa com o clamor. Alguns exasperam-se ante a possibilidade de perderem uma glória que já é sua e uma honra que já lhes pertence e que estão dispostos a sustentar com sua vida; o sucesso anima outros: podem porque acreditam poder. E talvez com as proas igualadas tivessem ambos conquistado o prêmio, se Cloanto, estendendo os braços para o mar, não tivesse erguido preces e invocado os deuses, prometendo-lhes oferendas: "Deuses, que tendes o império deste mar, cuja superfície eu percorro, sacrificarei, jubiloso, em vossos altares, na praia, um touro branco, se atenderdes meu voto; atirarei as entranhas na água salgada e farei libações de vinho." Disse e, sob as ondas profundas, o ouviram todo o coro das Nereidas e de Forco e a virgem Panopéia, e o próprio pai Portuno com sua grande mão impeliu o navio: este, mais rápido que o Noto ou que a seta veloz, fugiu para a terra e recolheu-se ao fundo do porto.

Então, o filho de Anquises, tendo convocado todos os concorrentes, de acordo com o costume, pela alta voz do arauto, proclama Cloanto vencedor e cinge-lhe a fronte de verde coroa de louro: como recompensa distribui a cada navio três novilhos à escolha, vinho e um peso considerável de prata. Ajunta presentes especiais para os comandantes: para o vencedor uma clâmide enfeitada de ouro, em torno da qual, com pregas duplas sinuosas como as do Meandro, corre a púrpura, abundante de Melibéia. Nela estava tecida a imagem do infame real[1] que, no nemuroso Ida, persegue com seus dardos e com sua carreira os velozes cervos: impetuoso, parece ofegante, quando do alto do Ida cai sobre ele o escudeiro de Júpiter;[2] que o eleva nos ares com suas garras aduncas; em vão seus velhos guardiães estendem os braços para os

---

1 Ganimedes.
2 A águia.

astros e o latido furioso dos cães sobe pelos ares. Em seguida, aquele que pelo seu valor conquistou o segundo lugar recebe uma couraça tecida de tríplice fio de ouro, que o próprio Enéias, vencedor, tomara de Demóleo, junto do rápido Simoento, sob a soberba Ílion: servir-lhe-á de ornamento e de defesa nos combates. Com dificuldade os servos Fegeu e Sagáris, juntando suas forças, carregam nos ombros essa armadura de malhas múltiplas; envergando-a, porém, Demóleo outrora perseguia os troianos afugentados. O terceiro prêmio é constituído por duas bacias de bronze e vasos de prata com lavores.

Já todos se retiravam, levando os prêmios, orgulhosos de seus troféus e com as frontes cingidas de fitas tingidas de púrpura, quando, tendo se livrado com muito custo do perverso rochedo, e perdido os remos, faltando-lhe uma ordem inteira deles, Sergesto traz o seu navio, sem honras, entre risadas. Assim é, muitas vezes, uma serpente, surpreendida à margem do caminho, e sobre qual, em sua marcha oblíqua passou uma roda de bronze ou que algum viajante deixou quase morta, ferida por violenta pedrada. Em vão ela tenta fugir, estendendo o corpo ou contorcendo-se, por um lado, feroz, com os olhos chamejantes, e sibilando, levanta o pescoço, furiosa; por outro lado, é retida pelo ferimento, esforçando-se para mover-se e contorcendo os anéis e dobrando-se sobre si mesma. Assim se movia o navio, retardado pelos remos. Alça as velas, porém, e com velas pandas entra no porto. Enéias dá a Sergesto a recompensa prometida, satisfeito por ver a nave salva e os companheiros de regresso. Dá-lhe uma escrava que não ignora os trabalhos de Minerva, da nação cretense, e os gêmeos que ela está amamentando.

Terminando essa competição, o piedoso Enéias dirige-se a uma planície coberta de relva, que os bosques cercavam por todos os lados em arredondadas colinas; no meio do vale havia uma liça, em forma de anfiteatro, onde o herói ocupa um elevado lugar no meio da multidão assentada em torno dele. Ali anima o ardor dos que desejam participar da competição de corrida de velocidade e estabelece os prêmios. Acorrem de todos os lados, confundidos, teucros e sicilianos, sendo os primeiros Niso e Euríalo, Euríalo notável por sua beleza e sua juventude, e Niso pela profunda afeição que dedica ao jovem; atrás deles vinha Diores da real e insigne estirpe de Príamo; depois Sálio juntamente com Pátron, um da Acárnia,[1] outro de sangue árcade, de uma família de Tegeu; em seguida, dois jovens sicilianos, Helino e Panopes, familiarizados com as florestas e companheiros do velho Acestes; muitos outros ainda, dos quais não persistiu a fama.

Enéias, no meio deles, assim fala:

"Ouvi-me e guardai no coração jubiloso o que vos digo. Nenhum de vós retirar-se-á sem haver recebido um presente. Darei a cada um dois dardos de Creta com pontas de ferro reluzente e um machado de dois gumes cinzelado com entalhes de prata. Estas recompensas caberão a todos. Os três primeiros receberão prêmios e terão as cabeças coroadas com a loura oliveira. O primeiro vencedor receberá um cavalo ricamente ajaezado; o outro uma aljava de amazona repleta de setas trácias, com o grande boldrié de ouro que o cerca e é preso por uma fivela de fina pedra preciosa; o terceiro partirá satisfeito com um capacete argivo."

Tendo assim falado, os concorrentes tomam seus lugares, e dado o sinal, todos de súbito deixam a barreira e devoram o espaço e se espa-

---

1 Região da Grécia.

lham como uma nuvem, com os olhos e os pensamentos voltados para a meta. Em primeiro lugar e deixando em pouco todos bem longe dele sobressai-se Niso, mais veloz do que os ventos e do que as asas do raio; segue-o Sálio, o mais próximo dele, embora separado por grande intervalo; em terceiro, Euríalo, a certa distância; Helimo segue a Euríalo; depois, bem perto de Helimo, corre Diores que se debruça sobre seus ombros; se houvesse mais espaço a percorrer ele o ultrapassaria com um impulso ou tornaria duvidosa a vitória. Já quase no fim da corrida, eles chegavam à meta, fatigados, quando o desventurado Niso escorrega no sangue, onde os novilhos tinham sido mortos, umedecendo o chão e a verde relva. Ali o jovem, já vencedor, não pode se firmar no chão em que titubeavam seus passos e cai de bruços na lama imunda e no sangue dos sacrifícios; não se esquece, porém, de Euríalo, não se esquece do grande afeto, pois se coloca diante de Sálio, erguendo-se da imundice; o outro tropeça e cai na pegajosa areia. Euríalo avança e, vencedor graças ao amigo, alcança a meta em primeiro lugar, voa entre os aplausos e as aclamações. Depois vem Helimo, e a terceira palma pertence agora a Diores. Então Sálio enche com seus clamores toda a liça, reclama dos próceres que ocupam a primeira fila e exige que lhe seja restituída uma honra que lhe foi arrebatada pela fraude. Euríalo é favorecido pelas preferências, e pelas lágrimas que o decoram e pelo encanto que um belo corpo acrescenta ao valor. Diores o apóia e reclama com ele em altos brados, ele que se aproximou da palma e que não conseguiria o último prêmio se as honras do primeiro fossem concedidas a Sálio. Então, disse o patriarca Enéias: "Vossos prêmios vos serão garantidos, jovens, e não se muda a ordem das recompensas; seja-me permitido, porém, consolar um amigo que não mereceu a desventura." Assim dizendo, entrega a Sálio a pele enorme de um leão da Gétula, trazendo compridos pêlos e as garras cor de ouro. Então disse Niso: "Se tão grandes são os prêmios dos vencidos, e se te apiedas dos que caíram, que digna recompensa darás a Niso, a quem caberia a primeira coroa, se o destino inimigo não tivesse me traído, como a Sálio?" E, assim dizendo, mostra o rosto e o corpo cobertos da sórdida lama. Riu, benevolente, o patriarca e mandou trazer um escudo, obra de Didimaone, retirado pelos gregos das portas sagrada de Netuno.[1] Tal foi o magnífico presente que ofereceu ao jovem.

Depois acrescenta, quando a corrida terminou e os prêmios foram distribuídos: "Agora, se alguém sente no peito valor e ânimo, aproxime-se, e levante os braços com as mãos presas ao cesto." Assim falou e oferece um duplo prêmio para a luta: para os vencedores, um touro enfeitado de ouro e de fitas; uma espada e um magnífico capacete como consolo para o vencido. Não há demora; sem tardança apresenta-se Dares; exibindo sua grande força, levanta-se no meio de um murmúrio de admiração. Era ele o único que costumava lutar com Páris e foi ele que, perto do túmulo em que jaz o grande Heitor, derrubou o gigantesco Butes, sempre vencedor, que se gabava de descender da família Bebrícia de Amico, e o deixou estendido moribundo na fulva areia. Assim, em primeiro lugar, Dares, erguendo altivamente a cabeça, apresenta-se para a luta, ostenta os largos ombros, estende ora um ora outro braço e desfecha pancadas no ar. Procura-se para ele um adversário; ninguém, contudo, entre tanta gente, se atreve a enfrentar o homem e amarrar o cesto nas mãos. Então, jubiloso, julgando que todos lhe cediam a palma, pára diante de Enéias, e, sem perder tempo, agarra

1 Virgílio não explica como o escudo foi parar nas mãos de Enéias.

o touro pelo chifre com a mão esquerda e assim fala: "Filho da deusa, se ninguém se atreve e apresentar-se ao combate, que tenho de esperar? Até quando serei retido? Ordena que eu leve o prêmio." Todos os dardânios, ao mesmo tempo, faziam ouvir um murmúrio de aprovação e exortam que lhe seja concedido o prêmio prometido.

Então, Acestes censura vivamente Entelo que se encontra sentado perto dele em um verde leito de relva: "Entelo, em vão terás sido outrora o mais valoroso dos heróis, e resignar-te-ás que um tão grande prêmio seja ganho sem luta? Onde está, pois, aquele deus, o mestre que conosco exaltavas em vão, Érix?[1] Que é dessa fama que se estendia por toda a Sicília e destes despojos que pendem de teu teto?" Retrucou o outro: "Não, o gosto do renome e a glória não foram expulsos do meu coração pelo medo; em verdade, o sangue se embota gelado com a preguiçosa velhice, e as forças combalidas esfriam em meu corpo. Se eu tivesse hoje minha mocidade de outrora, essa mocidade que dá a esse insolente tanta confiança exultante, decerto não lutaria induzido por este belo touro; não me prendem as recompensas." Assim tendo falado, atirou à liça dois cestos de enorme peso, com os quais o ardoroso Érix costumava armar as mãos para a luta e que prendia ao braço com uma dura correia. Todos os corações ficaram atônitos: nada menos de sete couros de boi endurecidos com lâminas de chumbo e de ferro. Atônito mais que todos os outros, o próprio Dares, que se esquiva, de longe. O magnânimo filho de Anquises volve e revolve a massa enorme e verifica o seu peso. Depois o velho assim fala: "Que seria então se algum de vós visse os cestos e as armas do próprio Hércules e o horrível combate que se travou aqui mesmo nesta costa? Estas são as armas que usou outrora teu irmão Érix; vês que ainda estão manchadas de sangue e de fragmentos do cérebro; com elas, enfrentou o grande Alcides; com elas, eu próprio costumava lutar, quando um sangue melhor me dava forças e a velhice invejosa não havia ainda encanecido as minhas têmporas. Mas, se o troiano Dares recusa esta nossa arma, e se agrada ao piedoso Enéias, e Acestes aprova, igualemos a luta. Desisto dos cestos de Érix; e tu põe de lado os cestos troianos." Assim tendo dito, tira dos ombros o manto de tecido espesso, desnuda as grandes articulações de seus membros, a pesada ossatura e os músculos e detém-se, enorme, no meio da liça. Então o patriarca filho de Anquises pegou cestos iguais e entregou-os aos dois combatentes igualmente armados.

Ambos imobilizam-se, firmando-se na ponta dos pés, e, impávidos, erguem os braços para o alto. Afastaram para trás a cabeça a fim de fugir às pancadas e entrelaçam os braços, começando a luta. Um tem maior agilidade nos pés e a confiança da juventude, o outro é forte graças aos músculos e ao peso, mas já lhe vacilam os joelhos tardos e trêmulos e uma respiração penosa abala-lhe os vastos membros. Os dois homens, tanto um como o outro, desfecham muitos golpes em vão; muitos golpes gemem nos flancos cavos e retumbam nos amplos peitos; as mãos erram incessantemente em torno das orelhas e das têmporas, as mandíbulas estalam sob as rudes pancadas. Entelo mantém-se pesado e imóvel; esquiva-se e mantém os olhos vigilantes. O outro, é como quem ataca com máquinas altas muralhas, ou que investe contra redutos montanhenses, e tenta ora uma investida, ora outra, acometendo com empenho toda a praça. Entelo, erguendo-se, desdobra o braço direito e estende-o em toda a altura; o outro vê, sem demora, o

---

1 Érix, filho de Vênus e Butes, morto por Hércules na luta de cesto.

golpe suspenso sobre sua cabeça e o evita, movendo o corpo. A força de Entelo esperdiçou-se no ar e, além disso, arrastado por seu grande peso, ele próprio cai pesadamente no chão, assim como o pinheiro oco desaba às vezes desenraizado no Erimanto ou no grande Ida. Levantam-se, excitados, os jovens teucros e sicilianos; sobe ao céu um clamor e, antes de todos, acorre Acestes, que levanta da terra, lamentando-o, seu contemporâneo e amigo. O herói, porém, não se retardou nem se atemorizou com o desastre, e volta à luta mais ardoroso, e a ira estimula-lhe a força; então a vergonha e a consciência do seu valor inflamam-lhe o vigor e, ardoroso, persegue Dares que foge por toda a liça, desfechando golpes, ora com a mão direita, ora com a esquerda. Não há trégua nem descanso; assim como as nuvens pesadamente carregadas de granizo crepitam nos telhados, assim, com pancadas sucessivas, o herói martelava Dares, sem parar.

Então, o patriarca Enéias não permitiu que a ira fosse mais longe e que Entelo entregasse o coração a um furor perverso, mas pôs fim ao combate e, tendo salvo o exausto Dares, consolou-o com estas palavras: "Desventurado! Que acesso de loucura apoderou-se de teu espírito? Não percebes que as forças são outras e a vontade dos deuses mudou? Cede a um deus." Disse e suas palavras separaram os lutadores. Companheiros leais conduzem, para os navios, Dares, que se arrasta, com os joelhos doloridos, a cabeça pendente e vomitando sangue, que escorre entre os dentes; chamados, recebem o capacete e a espada; deixam para o Entelo a palma e o touro. Então, diz o vencedor, animado com a superioridade, e orgulhoso com o touro: "Filho da deusa e vós, teucros, conhecei o que foi minha força na juventude e de que morte escapou Dares." Disse, e, colocando-se junto do touro, que fora o prêmio da luta, levanta o braço e com o duro cesto desfecha uma pancada entre os chifres, que faz saltar o cérebro, com os ossos quebrados. O boi tomba por terra, morto, palpitante. Entelo acrescenta estas palavras: "Ofereço-te, Érix, em vez de Dares, esta vítima que preferirás; e aqui deponho, vitorioso, o cesto e a arte de lutador."

Sem demora, Enéias convida os que querem disputar a veloz flecha e oferece os prêmios; ergue, com seu braço poderoso, um mastro do navio de Seresto e prende ao alto em uma corda uma pomba batendo as asas para servir de alvo. Os homens concorrentes reuniram-se e um capacete recebeu os nomes que seriam tirados por sorte; o primeiro que sai, acolhido por um clamor favorável, foi o de Hipoconte, filho de Hirtaco; o segundo foi o de Mnesteu, que acabara de vencer a competição naval, Mnesteu coroado de verde oliveira. Em terceiro, o de Eurítio, teu irmão, ó muito ilustre Pândaro, que, mandado outrora pôr fim à paz confirmada, foste o primeiro a lançar um dardo no meio dos aqueus. No fundo do capacete ficou o nome de Acestes, que se atreveu ele mesmo a experimentar esse exercício de jovens. Então, cada um recurva, com todas as forças, o arco flexível e tira a seta da aljava. A primeira seta lançada através do céu pela corda sibilante e que corta o ar com seu vôo é a do jovem filho de Hirtaco, que atinge o alvo e se crava na haste. O mastro estremece, a ave espantada bate as asas e o ar ressona com os grandes aplausos. Depois, o ardoroso Mnesteu ficou imóvel, com o arco distendido, visando alto, com a mesma tensão nos olhos e na arma. O desventurado não conseguiu, porém, atingir a própria ave; o ferro apenas corta o nó e o cordão de linha que a prendia pelo pé ao alto mastro. A pomba voa, fugindo para os Notos e as nuvens escuras. Então, rápido, já tendo de há muito preparado o arco e a seta, Eurítio faz um voto, invocando o irmão; acompanhando com os olhos, na vastidão do céu vazio a pomba que, alegre, batia as asas, ele a atinge sob

a nuvem negra. Ela tomba e inanimada, deixou a vida nos astros etéreos e, ao cair, trouxe a flecha atravessada.

Acestes ficará só, tendo perdido a palma; o velho, no entanto, lançou uma seta para as brisas do ar, a fim de mostrar a sua perícia e o seu arco sibilante. Surge, então, aos olhares, um súbito prodígio, que seria no futuro um grande augúrio; um magno acontecimento e os terríficos adivinhos explicaram tarde o presságio.[1] Eis que a flecha que voa se inflama nas límpidas nuvens, riscou com a chama o seu trajeto e desapareceu consumida pelas brisas: assim como os cometas que, desprendendo-se, atravessam o céu arrastando uma cauda. Atônitos, teucros e sicilianos hesitam e dirigem preces aos deuses superiores; o grande Enéias não recusa o presságio; ao contrário, abraçando o jubiloso Acestes, cumula-o de presentes e diz-lhe: "Toma, meu pai; porque o grande rei do Olimpo quis, com tais augúrios, ver-te recompensado, embora excluído pela sorte. Terás este presente do próprio velho Anquises, uma cratera ornada de figuras em relevo, que o trácio Cesses ofertou, outrora, a meu pai Anquises, com grande liberalidade, como recordação e prova de afeto." Assim tendo falado, cingiu-lhe a fronte com verde louro e, antes de todos os outros, proclama Acestes o primeiro vencedor. E o bom Eurítio não se mostrou invejoso dessa honraria, embora somente ele tivesse abatido a ave no alto do céu. Recebe o prêmio em seguida aquele que cortou a corda; por último o que prendeu no mastro a veloz seta.

Entretanto, o patriarca Enéias, antes que terminasse o certame, chama para junto de si o guardião e companheiro do menino Iulo, Epitides, e diz-lhe ao ouvido: "Vai dizer a Ascânio se tem consigo a tropa juvenil e se já preparou as corridas de cavalo. Que ele traga as turmas para homenagear seu avô e que ele próprio se apresente com as armas." Ele mesmo dá a toda a multidão que se espalhara pela liça ordem de se afastar e de deixar o campo livre. Os meninos avançam, e todos armados e trajados igualmente, e diante dos olhos dos pais resplandecem nos cavalos dóceis ao freio. Toda a juventude da Sicília e de Tróia murmura de admiração ante os que chegam. Todos, de acordo com o costume, têm a cabeleira cingida por uma coroa recortada;[2] cada qual traz dois dardos de cerejeiras com ponta de ferro, alguns carregam nos ombros leves aljavas; flexível colar de ouro lhes cai do pescoço ao peito. São três as turmas de cavaleiros e três os chefes que as dirigem; são seguidos por doze meninos, que resplandecem formados em coluna dupla, com um número igual de escudeiros. Uma coluna de jovens avança com orgulho comandada pelo jovem Príamo, que revive o nome do avô, tua ilustre estirpe, ó Polite, que terá descendentes na Itália;[3] cavalga um cavalo da Trácia de duas cores, com manchas brancas e que mostra, fogoso, a ponta branca dos pés e magnífica cabeça branca. Outro é Átis, de onde veio a estirpe latina dos Ácios o menino Átis, muito querido pelo menino Iulo.[4] O último, que sobrepuja a todos

---

1 Ignora-se a que acontecimentos Virgílio queria se referir nesta passagem bastante obscura. Admite-se, geralmente, que se trate das Guerras Púnicas, que começaram na Sicília. Alguns comentaristas, no entanto, preferem ver uma alusão ao incêndio da frota de Enéias.

2 No original: *tonsa coma pressa corona.* Trata-se de uma coroa cujas folhas são cortadas de modo a ficarem iguais. A coroa era colocada na parte inferior do capacete, de sorte que ficava em contacto com os cabelos.

3 No original: *auctura Italos*, literalmente: "Que aumentará o número dos italianos."

4 A mãe de Augusto era da família dos Acios. A amizade entre Iulo e Átis anuncia, assim, a aliança entre as duas famílias.

pela beleza, é Iulo, montado em um cavalo sidônio, que a bela Dido lhe oferecera como lembrança e prova de seu afeto. Os demais jovens montam cavalos sicilianos do velho Acestes.

Os dardânios acolhem com aplausos os intimidados jovens, contemplam-nos jubilosos e reconhecem neles os traços dos antepassados. Depois de terem se mostrado aos olhos dos seus, desfilando a cavalo diante de toda a assembléia, eles se prepararam: Epitides dá-lhes o sinal, de longe, e um chicote sibila. Os jovens avançam em três tropas de duas fileiras, e, a uma nova ordem, invertem as posições e investem uns sobre os outros de lança em riste. Começam, depois, outras evolu-

Os meninos avançam, e todos armados e trajados igualmente, e diante dos olhos dos pais resplandecem nos cavalos dóceis ao freio (pág. 87)

ções para diante e para trás, enfrentando-se mais à distância e formando círculos que se entrelaçam e simulam, com as armas, um combate. Ora, fugindo, mostram o dorso, ora investem brandindo as lanças, ora, fazendo a paz, avançam em filas paralelas. Assim, outrora, na soberba Creta, o Labirinto, dizem, oferecia entre paredes cegas,[1] seu caminho entrelaçado, e o artifício ambíguo de seus mil desvios, onde o extraviado não podia corrigir o erro voltando para trás: assim os filhos dos teucros cruzam seus trajetos a galope e confundem no jogo as fugas e as batalhas, semelhantes aos delfins, que, nadando, cortam os mares dos Cárpatos ou da Líbia e brincam entre as ondas. Ascânio teve a iniciativa de reviver a tradição dessas corridas e essa competição, quando rodeou Alba Longa de muralhas e ensinou os antigos latinos a celebrar esses jogos, como fazia ele próprio quando menino, e como

---

1 Isto é, paredes que interceptavam inteiramente a vista, por não terem portas nem janelas.

fazia, com ele, a juventude troiana. Os albanos os ensinaram aos seus descendentes; dali a recebeu a grande Roma e a conserva como tradição nacional. A competição tem hoje o nome de Tróia e as hostes dos meninos são chamadas de troianas. Assim terminaram as competições em homenagem a um venerável patriarca.

Mudou-se, então, a Fortuna e não mais foi leal. Enquanto se prestam honras solenes ao túmulo, em competições variadas, Juno, filha de Saturno, envia Íris do céu rumo à frota troiana e faz soprar ventos favoráveis; agitam-na mil intentos e não se consolou ainda do antigo ressentimento. A virgem avança pelo arco de mil cores, sem ser vista por quem quer que fosse, e desce pelo caminho. Avista a enorme reunião, percorre a costa e vê o porto deserto e a frota abandonada.

Entretanto, ao longe, em recanto solitário, isoladas, as mulheres troianas lamentavam a morte de Anquises e contemplavam juntas, chorando, o mar profundo. "Ah! Fatigadas como estamos, resta-nos ainda atravessar tantos escolhos e tantos mares!" — são as palavras que todas dizem. Aspiram uma cidade; estão cansadas de suportar as fadigas do mar. Então, a deuxa Íris, conhecedora da arte de fazer o mal, lança-se no meio delas e deixa de lado as feições e as vestes de deusa; torna-se Beroe, a velha esposa do ismário Dorciclo, que teve outrora posição, um nome e filhos. E assim se apresenta ante as matronas dardânias: "Ó desgraçadas, diz, aquelas que as mãos dos aqueus não arrastam para a morte, na guerra que travaram sob as muralhas da pátria! Ó raça infeliz! Que desgraça final te reserva o Destino? É o sétimo verão que se passa depois da queda de Tróia, percorremos os mares, todas as terras, e os inóspitos rochedos e climas e fomos levadas pelas ondas, procurando pela vastidão do mar uma Itália fugidia. Aqui é a terra do irmão Érix e temos Acestes por hospedeiro: o que nos impede de erguer as muralhas e oferecer uma cidade aos concidadãos? Ó pátria e Penates em vão arrancados ao inimigo! Não haverá, então, outra cidade com o nome de Tróia? Não verei em parte alguma os rios de Heitor, o Xanto e o Simoente? Vamos, vinde queimar comigo estas naves funestas. Eis que a imagem da pitonisa Cassandra me apareceu em sonho e entregou-me fachos inflamados: "Procurai Tróia aqui — disse-me ela. — Aqui está vosso lar." Chegou o momento de agir, tal prodígio não admite demora. Eis quatro altares dedicados a Netuno; o próprio deus nos oferece os fachos e a coragem."

Assim falando, antes de todas, agarra um sinistro facho e, erguendo o braço direito, agita-o com força e o atira longe. Paralisa-se o espírito e espanta-se o coração das troianas. Então, diz uma dentre muitas, a mais velha, Pirgo, ama real de tantos filhos de Príamo: "Não, não é Beroe, não é a roteiana esposa de Doriclo, matronas; notai os sinais da beleza divina e os olhos brilhantes; vede que espírito, que porte, que tom de voz e que andar. Eu própria há pouco deixei Beroe enferma lamentando-se de ser a única excluída das merecidas honras prestadas a Anquises."

Assim falou. E as matronas, a princípio hesitantes, contemplavam as naves com olhar malévolo, partilhadas entre o mísero amor à terra onde se encontram e o reino aonde as chamam os fados, quando a deusa subiu ao céu desdobrando as asas e deixou em sua fuga entre as nuvens um imenso arco. Então, estupefatas com esse prodígio e tomadas de furor, as mulheres gritam ao mesmo tempo e apoderam-se dos fogos acendidos nos santuários das casas vizinhas: algumas despojam os altares e atiram as folhas, os ramos e as tochas: o fogo atiçado alastra-se pelos bancos dos remadores, pelos remos e pelas pintadas popas de abeto.

Eumelo leva ao túmulo de Anquises e ao anfiteatro a notícia das naves incendiadas; e os próprios troianos, olhando para trás, vêem esvoaçar em uma nuvem a negra cinza. Em primeiro lugar, Ascânio que, jubiloso, conduzia a corrida de cavalos, lançou seu fogoso corcel em direção ao acampamento conturbado, e seus escudeiros, ofegantes, não podem retê-lo. "Que estranho furor é este? — pergunta. — Aonde ides? Que pretendeis, desventurados cidadãos? Não é o acampamento inimigo dos argivos, queimais vossas esperanças. Eis-me aqui, vosso Ascânio." Atira aos pés o capacete inútil, sob a proteção do qual, nos jogos, participava dos combates simulados. Enéias acorre ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo a multidão dos teucros. As mulheres, porém, amedrontadas, fogem por todos os lados pela costa e escondem-se nos bosques e nas grutas que encontram, envergonham-se do que causaram e da luz, voltando a si, reconhecem os seus, e Juno foi expulsa de seus corações.

As chamas e o incêndio, porém, haviam perdido sua força indomável; sob a madeira úmida a estopa continua a arder, vomitando espessa fumaça, o pesado vapor devora as quilhas e o flagelo estende-se em toda a extensão. Não adiantam os esforços dos heróis e a água derramada. Então, o pio Enéias arranca e rasga as vestes, invoca a ajuda dos deuses e levanta os braços: "Júpiter onipotente, se não detestas até o último troiano, se tua velha piedade ainda olha as provações humanas, livra, agora, a frota das chamas, ó Pai, e livra da destruição os parcos recursos dos teucros! Ou, então, para completar, lança sobre mim teu raio, se o mereço, e esmaga-me com a tua destra." Mal acabara de proferir estas palavras, desaba negra tempestade, com uma violência desacostumada, e tremem com os trovões as montanhas e os campos; cai de todo o éter uma chuva torrencial, que os austros contínuos tornam negríssima; as popas submergem-se, a madeira meio queimada se embebe de água; o fogo é, afinal, extinto em toda a parte e os navios são todos salvos do incêndio, com exceção de quatro.

Entretanto, o patriarca Enéias, abalado pelo lamentável acontecimento, hesitava entre as graves preocupações que lhe afligiam o coração, sem saber se deveria, esquecido dos fados, fixar-se nos campos sicilianos, ou procurar as costas da Itália. Então, o velho Nautes, que a Tritônia Palas havia instruído e tornado insigne em sua grande arte (era ela quem dava as respostas, de acordo com o que dispunha a ira dos grandes deuses ou o que exigia a ordem dos fados), consola Enéias com estas palavras: "Filho da deusa, sigamos para onde o destino nos impele e torna a impelir; seja o que for que acontecer, pode-se sempre, com perseverança, triunfar das dificuldades. Tens junto a ti o dardânio Acestes de estirpe divina; entra em entendimento com ele e alia-te a ele, que se mostrará propenso; fiquem com ele os que superam o número dos navios[1] e os que se desgostam de tua grande aventura; separa os velhos abatidos pela idade e as matronas cansadas da viagem por mar, e todos os que, junto de ti, são inválidos ou receiam o perigo, e deixa-os, pois estão fatigados, construir muralhas nesta terra; com permissão chamarão a cidade de Acesta."

Animado por estas palavras do venerável amigo, foi então que verdadeiramente Enéias partilhou o coração em preocupações diversas. E a negra Noite arrastada por sua biga percorria o eixo da abóbada celeste, quando ele viu a sombra de seu pai Anquises descer de súbito do céu e

---

1 Isto é, os que ficaram sem acomodação em vista da destruição de navios pelo incêndio.

dizer-lhe estas palavras: "Meu filho, que me foi mais caro do que a vida, quando me restava a vida, tu que conservas os destinos de Ílion, aqui venho a mandado de Júpiter, que afastou o fogo da frota e que do alto do céu apiedou-se, finalmente, de ti. Segue os ótimos conselhos que te deu agora mesmo o venerando Nautes: leva à Itália jovens de escol, de grande coragem. É um povo valente e de costumes rudes que terás de vencer no Lácio. Antes, porém, procura a morada subterrânea de Plutão e, através do profundo Averno, vem se reunir comigo, meu filho: eis que não me guardam as tristes sombras do nefando Tártaro, mas habito o Eliseu, na amável companhia dos piedosos. Para ali te conduzirá a casta sibila, desde que derrames em quantidade o negro sangue das vítimas. Ficarás conhecendo, então, toda a tua posteridade e os baluartes, as cidades que te caberão. E agora, adeus: a úmida noite está em meio de seu curso e o fero Oriente me faz sentir o bafo de seus cavalos arquejantes." Disse, e perdeu-se como uma fumaça nas virações. "Para onde corres? — exclamou Enéias. — Aonde vais? De quem foges? O que te faz esquivar de meus abraços?" Assim dizendo, reanima as brasas ocultas sob as cinzas e o fogo amortecido, e, com a farinha sagrada e o incensório repleto, venera, suplicante, os Lares de Pérgamo e os santuários da venerável Vesta.

Sem demora, convoca os companheiros e, antes de todos, Acestes e comunica-lhes as determinações de Júpiter, as palavras de seu querido pai e a deliberação que tomara em seu coração.

Sua resolução não se retarda, Acestes não recusa sua cooperação. São alistadas as matronas para a cidade, nela são deixadas as pessoas que desejarem, os corações que não anseiam por grandes glórias. Os outros renovam os bancos de remadores, consertam as partes dos navios destruídas pelo fogo e preparam os remos e as enxárcias. Era um número reduzido, mas de gente valorosa na guerra. Entrementes, Enéias fixa com o arado os limites da cidade e sorteia as moradas: determina que aqui seja Ílion e ali Tróia. Rejubila-se com seu reino o troiano Acestes, indica o fórum e expõe as leis aos senadores convocados. Depois, no alto do Ericino, vizinho dos astros, construiu um santuário de Vênus Idália e ajuntou um sacerdote e um bosque sagrado ao túmulo de Anquises.

Já, durante nove dias, todos haviam celebrado os banquetes fúnebres e sacrifícios tinham sido feitos nos altares; o mar mostrava-se inteiramente calmo sob os ventos leves[1]; e, soprando de novo, sem descanso, Austro os chama ao largo. Um imenso gemido eleva-se pela sinuosa costa: as despedidas prolongam-se por dias e noites.[2] Já as próprias matronas, aquelas mesmas às quais o mar outrora mostrara sua fisionomia feroz e que não toleravam o seu poder, querem partir e enfrentar todas as provações da viagem. O bom Enéias consola-as com palavras afetuosas, e lacrimoso, recomenda-as a seu parente Acestes. Manda, depois, sacrificar três novilhas a Érix e um carneiro às Tempestades e soltar as amarras, sucessivamente. Ele próprio, com a cabeça cingida de folhas de oliveira recortadas, de pé no alto da proa, segurando uma pátera, atira as entranhas à água salgada e derrama o vinho puro. À porfia, os companheiros ferem as ondas com os remos e avançam pelo mar. O vento pela popa acompanha seu avanço.

---

1 No original: *placidi straverunt aequora venti*, textualmente: "Os plácidos ventos aplainavam o mar."

2 No original: *Complexi inter se noctemque diemque morantur*, textualmente: "Retardam-se abraçando-se entre si noite e dia."

Entrementes, Vênus, atormentada por preocupações, dirige-se a Netuno e queixa-se com estas palavras vindas do coração: "A grande ira de Juno e seu coração insaciável obrigam-me, Netuno, a dirigir-te todas estas preces; não a abrandam a passagem do tempo nem qualquer sinal de piedade; não se aquieta vencida pelo domínio de Júpiter nem pelo destino. Não lhe é bastante para seu ódio ter destruído a cidade no meio da nação frígia, nem de arrastar todos na desgraça: persegue as cinzas e os ossos de Tróia aniquilada. Ela deve saber a causa de tanta fúria. Tu mesmo foste testemunha, há tempos, de que terrível tempestade ela desencadeou nas águas líbias: confundiu todo o mar com o céu, sustentada, inutilmente, pelas procelas de Éolo, ousou tal coisa em teu reino. E eis que, além disso, por intermédio das matronas troianas, criminosamente incitadas, incendiou ignominiosamente as naves e obrigou, com a perda da frota, a abandonar companheiros em uma terra desconhecida. Peço-te que os que restam possam dar de vela em segurança pelas ondas e alcançar o Tibre laurenciano, se é lícito o que peço, e se as Parcas asseguram aquelas muralhas."

Então, o filho de Saturno, domador dos mares profundos, replicou: "Tens todo direito, Citeréia, de confiar em meu reino, de onde nasceste.[1] Mereço, também, a tua confiança; muitas vezes contive os furores e a ira formidável do céu e do mar. Na terra, tomo o Xanto e o Simoente por testemunhas, não foi menor minha preocupação por teu Enéias. Quando Aquiles perseguia as destroçadas coortes troianas, lançando-as contra as muralhas, inflingindo-lhes milhares de mortes, e os rios gemiam repletos de cadáveres, e o Xanto não podia encontrar o seu curso e rolar para o mar, quando Enéias combateu contra o bravo filho de Peleu, eu o envolvi em uma nuvem, pois nem os deuses nem suas forças permitiam enfrentá-lo, muito embora eu desejasse destruir de alto a baixo as muralhas da perjura Tróia, construídas por minhas mãos.[2] Ainda conservo os mesmos sentimentos; não tenhas medo. Ele chegará em segurança ao porto do Averno. Somente haverá um homem cuja perda no abismo lamentarás; um só oferecerá a cabeça por muitos."

Depois de ter acalmado e alegrado com estas palavras o coração da deusa, o Genitor atrela os cavalos ao carro de ouro, põe-lhes nas bocas os freios cobertos de espuma, e solta de todo as rédeas. O leve carro voa sobre o mar azul. As ondas acalmam-se, e o mar se estende todo plano sob o ruidoso carro; as nuvens fogem para o vasto éter. Figuras variadas acompanham-no então, as imensas baleias, o velho coro de Glauco, Palemon, filho de Ino, os velozes Tritões e todo o exército de Forco; à sua esquerda, encontram-se Tétis e Melite, a virgem Panopéia, Nésea, Éspio, Tália e Cimodoce.[3]

Doce alegria penetra, então, no espírito ansioso do patriarca Enéias; manda, sem demora, erguer os mastros e enfunar as velas nas vergas. A um tempo todos largaram as escotas; soltam os rizes ora à direita ora à esquerda, ao mesmo tempo dobram e desdobram as vergas; a viração propícia conduz a frota. À frente de todos os outros, Palinuro dirige a fila cerrada dos navios; é por ele que os outros recebem ordens de ajustarem o curso.

Já a úmida Noite havia quase alcançado o meio do céu; os mari-

---

1 Alusão à lenda segundo a qual Vênus nasceu da espuma do mar, donde seu nome de Afrodite (grego, *afros* = espuma).

2 Netuno e Apolo ajudaram Laomedonte a fundar Tróia. Este último cometeu um perjúrio.

3 Deuses e ninfas marítimas.

nheiros deitados sob os remos nos duros bandos descansavam os membros em um repouso tranqüilo, quando o leve Sono desceu dos astros, afastou as trevas do ar e dispersou as sombras e procurando-te, Palinuro, apresentou a ti, inocente, funestas visões. O deus assentou-se na elevada popa, semelhante a Forbante, e assim falou: "Palinuro, filho de Iaso, o próprio mar conduz a frota; a viração é propícia; é hora de repousar. Recosta a cabeça e poupa ao trabalho os teus olhos cansados. Eu mesmo, por algum tempo, ocuparei o teu lugar." Mal levantando os olhos, Palinuro lhe diz: "Queres acaso que eu ignore o que oculta o aspecto tranqüilo do mar e estas ondas serenas? Acaso devo confiar neste prodígio? Haveria eu de entregar Enéias às falazes auras, quando tantas vezes fui enganado pelo céu sereno?" Assim falou, sem largar o leme por um instante, com os olhos postos nos astros. Eis, porém, que o deus sacode sobre suas têmporas um ramo umedecido de água do Leto, soporífera pela virtude do Estige e fecha-lhes os olhos, apesar da resistência. Mal o imprevisto descanso começara a afrouxar-lhes os membros, o deus o acomete e o atira às límpidas ondas, juntamente com uma parte da popa e com o leme. Precipitado, é em vão que ele chama os companheiros. O deus voa e desaparece no céu.

A frota continua a seguir no mar uma rota segura e avança sem medo, de acordo com as promessas do Pai Netuno. Já se aproxima, agora, dos escolhos das Sereias, perigosos outrora e branquejando de muitas ossadas; já estes rochedos, constantemente batidos pelo mar, reboavam, quando o patriarca Enéias percebe que o barco navegava desgovernado, tendo perdido o piloto, e ele próprio a dirige sobre as ondas noturnas escuras, muito se lamentando, abalado no coração com a desgraça do amigo: "Por teres confiado demasiadamente na serenidade do céu e do mar, tu vais, ó Palinuro, jazer despido em uma praia desconhecida!"

Livro VI

Assim fala, lacrimoso, e solta rédeas à frota e chega afinal às praias eubéias de Cumes.[1] Voltam-se as proas para o mar; depois, a âncora, com seu dente firme, segura as naves e as recurvadas popas colocam-se diante do litoral. Um ardoroso grupo de jovens salta na terra da Hespéria: uma parte procura a semente da chama escondida nas veias da pedra sílex; outra apanha lenha e descobre os escuros covis das feras e os regatos e os dão a conhecer.

O piedoso Enéias, porém, dirige-se à elevação onde se ergue o templo de Apolo e, mais longe, à caverna pavorosa, morada da temível Sibila, onde o profeta de Delos lhe inspira o grande espírito e o coração e lhe revela o futuro. Já penetram nos bosques sagrados de Trívia e no templo dourado.

Dédalo, segundo se conta, fugindo do reino de Minos e ousando confiar-se ao céu com asas leves, seguiu por uma rota desconhecida para as gélidas Ursas e desceu afinal levemente na elevação de Cálcis. Apenas desceu em terra, consagrou a ti, Apolo, as asas com que voara e te ergueu um enorme templo. Nas portas, em baixo-relevo representou a morte de Androgeu; depois os Cecrópidas condenados (ó miséria!) como castigo a pagar todos os anos os corpos de sete de seus filhos; lá se encontra a urna de tirar a sorte. Em frente, ergue-se, sobre o mar, a terra de Creta: ali está o cru amor do touro, o conúbio furtivo de Pasifae, sua prole de sangue misturado, o filho biforme, o Minotauro, monumento de uma paixão nefanda; ali se vê o labirinto com suas dificuldades e seus inextricáveis meandros. Condoído, porém, do grande amor de uma rainha,[2] o próprio Dédalo desvenda os ardis e rodeios do palácio. Com um fio dirige os passos cegos.[3] Tu também, Ícaro, terias uma grande parte em tal obra, se o permitisse o sofrimento.[4] Por duas vezes ele tentou, em outro, reproduzir a queda; por duas vezes se afrouxaram suas mãos de pai. Os troianos teriam continuado a admirar tudo isso, se não tivesse se apresentado Acates, enviado na frente, e, com ele, a sacerdotisa de Debo e da Trívia, Deifobe, filha de Glauco, que se dirige ao rei com estas palavras: "Não é o momento de se deter diante deste espetáculo; convém antes sacrificar agora sete novilhos de um rebanho intacto e outras tantas ovelhas de dois anos escolhidas, segundo o costume." Assim tendo falado a Enéias (e os homens cumprem suas ordens sem demora) a sacerdotisa chama os teucros ao interior do templo.

O enorme flanco do rochedo de Eubóia é talhado em caverna e

---

1 Cumes era colônia de Cálcis, cidade da Eubéia.
2 Ariadne.
3 Isto é, os passos de Teseu.
4 A dor de Dédalo pela morte do filho.

para ele conduzem cem entradas, cem portas, por onde passam outras tantas vozes, respostas da Sibila. Havia-se chegado ao limiar, quando a virgem exclamou: "É o momento de interrogar os fados: deus, eis o deus!" Enquanto dizia estas palavras diante da porta, alteram-se, de súbito, sua fisionomia, sua cor, seus cabelos espalharam-se em desordem; seu peito se torna ofegante, seu violento coração enche-se de fúria; ela parece maior, sua voz não tem mais a entonação humana, já se sentiu inspirada pelo poder divino com a aproximação do deus. "Deixas de oferecer votos e preces, troiano Enéias? Deixas? Na verdade, as grandes portas desta casa atemorizadora não se abrirão antes." E, ditas estas palavras, calou-se. Um calafrio correu pelos duros ossos dos teucros e o rei do fundo do coração disse esta prece: "Febo, que sempre te condoeste das pesadas provações de Tróia, tu que dirigiste o dardo e a mão dardânia de Páris para o corpo do descendente de Eaco, foi levado por ti que penetrei em tantos mares que rodeiam tão grandes terras, e até o fundo das plagas recuadas habitadas pelo povo massiliense e até os campos limitados pelas Sirtes; já chegamos afinal às praias da fugidia Itália e que só até aqui nos acompanhe o destino de Tróia. Também vós todos podeis poupar agora a gente de Pérgamo, deuses e deuses a quem se opuseram Ílion e a formidável glória da Dardânia. E tu, ó santíssima profetisa, que sabes de antemão o futuro (não reclamo um reino que o destino não me atribua), permite que os teucros se fixem no Lácio com seus deuses errantes e as perseguidas divindades de Tróia. Erguerei, então, a Febo e Diana Trívia um templo de mármore maciço e estabelecerei dias festivos consagrados a Febo. Também a ti está reservado em nosso reino um grande santuário; ali colocarei teus oráculos e as profecias que fizeres sobre o meu povo[1] e te dedicarei, insigne virgem, homens escolhidos. Não confieis, porém, às folhas as tuas profecias, para que elas não se dispersem, joguetes dos velozes ventos: peço-te que me digas de viva voz." Pôs fim, então, às suas palavras.

A profetisa, no entanto, ainda indócil diante de Apolo, vagueia furiosa pela caverna, como uma bacante, e procura tirar do coração o poderoso deus: ele atormenta mais sua boca raivosa, domina-lhe o feroz coração e impõe-lhe a vontade. Já estão escancaradas espontaneamente as cem portas enormes da morada e as palavras da sibila ressoam pelo ar: "Ó tu que escapaste dos grandes perigos do mar! Maiores, contudo, te estão reservados em terra. Os dardânios chegarão ao reino da Lavínia, tira do peito esta preocupação; desejarão, porém, não ter chegado. Vejo a guerra, a horrível guerra, e o Tibre espumante de muito sangue. Não te faltarão nem o Simoente, nem o Xanto, nem os acampamentos dos dóricos; já nasceu no Lácio um outro Aquiles, filho também de uma deusa[2] e Juno não cessará jamais de perseguir os teucros: quando tu, no meio da desgraça, que povos e que cidades da Itália não implorarás suplicante! A causa de tantos males para os teucros será, pela segunda vez, uma esposa estrangeira e pela segunda vez um matrimônio estranho. Quanto a ti, não cedas à adversidade, mas a enfrente com mais audácia quanto te permitir o destino. O primeiro caminho para a salvação, o que não podias imaginar, ser-te-á aberto por uma cidade grega."[3]

Assim, do fundo de seu santuário, a Sibila de Cumes anunciava

---

1 Alusão ao culto dos livros sibilinos.
2 A ninfa Venilia, mãe de Turno.
3 A cidade do árcade Evandro.

seus horríveis enigmas e rugia de sua caverna, misturando obscuridades com fatos verdadeiros: tais são os freios com que Apolo move seu furor e os aguilhões que ele volta contra seu peito.[1] Desde que passa seu furor e aquieta-se a boca raivosa, o herói Enéias começa: "Não há provação, ó virgem, que apresente diante de mim um aspecto novo ou inesperado; tudo imaginei e com antecipação estudei em meu espírito. Só peço uma coisa: uma vez que é aqui, segundo dizem, a porta do rei do inferno e o tenebroso paul, transbordamento do Aqueronte, que me seja permitido ir à presença de meu querido pai e com ele entreter-me; ensina-me o caminho e abre as portas sagradas. Eu o arranquei ao inimigo, carregando-o nos ombros, através das chamas e de mil dardos perseguidores; ele, acompanhando-me na viagem, enfrentou comigo todos os mares e todas as ameaças do pélago e do céu, inválido vencendo as forças e as condições da velhice. Foi ele, além disso, quem me mandou procurar-te, suplicante, e transpor o limiar de teu templo. Tem piedade do filho e do pai, imploro-te, virgem insigne (eis que tudo podes e não foi em vão que Hécate te atribuiu os bosques do Averno), se Orfeu pôde buscar os Manes da esposa graças à cítara trácia de cordas melodiosas; se Pólux redimiu o irmão com a morte alternada[2] e se tantas vezes foi e voltou por esse caminho. Para que lembrar o grande Teseu e o grande Alcides? E eu sou descendente do altíssimo Júpiter."

Assim orava ele, segurando os altares, e a pitonisa retrucou-lhe nestes termos: "Descendente do sangue divino, troiano filho de Anquises, a descida para o Averno é fácil. A porta de Plutão fica aberta noite e dia: mas voltar e retornar à atmosfera superior, aí está o trabalho, aí a dificuldade. Conseguiram tal coisa poucos mortais filhos de deuses que foram amados pelo justo Júpiter ou cuja ardente virtude os fez subir até o éter. Florestas cobrem todo o espaço intermediário e o Cócito em seu curso o cerca com uma negra volta. Se tens tanto desejo no espírito, tanta vontade de atravessares duas vezes o lago do Estige e contemplar duas vezes o negro Tártaro, se queres entregar-te a tão insano trabalho, aprende antes o que deves fazer. Há, oculto em uma árvore frondosa, um ramo de ouro nas folhas e na haste flexível, consagrado a Juno infernal[3]; oculta-o todo um bosque sagrado e rodeiam-no as sombras de um vale obscuro. Não poderás, porém, descer às profundidades da terra senão quando tiveres cortado esse ramo da dourada folhagem da árvore que o produziu. A bela Prosérpina ordenou que ele lhe seja levado como presente. Arrancado um, não falta outro ramo de ouro e folhas do mesmo metal em sua haste. Procura, pois, com os olhos, no fundo do bosque e colhe-o com a mão, segundo o rito;[4] ele próprio virá se oferecer com facilidade se os fados te chamarem; do contrário, não haverá força com que possas vencê-lo, nem valerá aplicar o duro ferro. Além disso, o corpo de um amigo teu jaz sem vida, ah! ignoras, e contamina a frota inteira, enquanto tu nos fazes consultas e demoras em nosso templo. Antes de mais nada, dá-lhe sepultura e ergue-lhe um túmulo. Conduz para lá ovelhas negras; que sejam estas o primeiro sacrifício. Então, finalmente, verás os bosques do Estige e o reino sem caminho para os vivos." Disse e fechou a boca.

---

1 Isto é, Apolo, agitando o freio, obriga a sibila a seguir seus impulsos, quer dizer: a envolver a verdade com palavras enigmáticas.

2 Quando Castoo morreu, Pólux conseguiu de Júpiter que ele compartilhasse sua imortalidade, vivendo cada um deles em dias alternados.

3 Prosérpina.

4 O ramo tinha de ser arrancado com a mão, e não cortado com ferro.

Enéias, triste, de olhos baixos, afasta-se, deixando a caverna e medita no fundo do coração sobre aqueles fatos obscuros; o fiel Acates o acompanha e caminha ao seu lado, presa das mesmas preocupações. Conversaram os dois fazendo muitas conjecturas a respeito de que companheiro morto, de que corpo insepulto se referiria a pitonisa. E eis que mal chegam à praia, vêem Miseno atingido por imerecida morte, Miseno, filho de Éolo, que não tinha rival para convocar os guerreiros ao som da trombeta ou para inflamar com seu canto o ardor guerreiro. Fora companheiro do grande Heitor; ao lado de Heitor arrostava os combates, insigne pelo clarim e pela lança. Depois que Aquiles vitorioso tirou a vida de Heitor, o herói, cheio de bravura, tornara-se companheiro do dardânio Enéias, sem decair de posição. Quando, porém, sua tuba sonora fazia ressoar o mar, louco!, e o seu som convocava os deuses para a luta, Tritão, com ciúme, se tal coisa pode ser acreditada, o surpreendera e o mergulhara nas ondas entre os rochedos cobertos de espuma. Todos então se lamentaram em torno, com grandes gritos, sobretudo o piedoso Enéias. Apressam-se, depois, chorando, em cumprir, sem demora, as ordens da Sibila e tratam de levantar com as árvores um altar funerário e erguê-lo até o céu. Dirige-se à velha floresta, profunda morada de feras; tombam pinheiros, retumbam as azinheiras com as machadadas, os troncos dos freixos e dos carvalhos são fendidos por cunhas e cortados em trave, ulmos enormes rolam pelas encostas. Enéias, participando dos trabalhos, é o primeiro a exortar os companheiros e mune-se de instrumentos iguais. Tem no coração entristecido sérias preocupações e olhando a floresta imensa assim exclama: "Se agora o ramo de ouro nos aparecesse na árvore deste grande bosque! Eis que tudo quanto disse a profetisa era bem verdade, ó Miseno, a teu respeito!"

Apenas dissera estas palavras, duas pombas,[1] por acaso, desceram voando do céu diante dos próprios olhos do guerreiro e pousaram no verde chão. Então o grande herói reconhece as aves maternas e pede, jubiloso: "Sede meus guias, e, se há algum caminho, dirigi, do ar, os meus passos até o bosque sagrado onde o precioso ramo sombreia a terra feraz! E tu, à deusa minha mãe, não me faltes nesta indecisão." Assim tendo falado, detém os passos, observando os sinais que lhe dão as aves e para onde vão. Apanhando o alimento, elas vão voando até onde podem ser acompanhadas com a vista. Depois, chegando às malcheirosas margens do Averno, voam, elevando-se no ar límpido, e pousam no lugar procurado, no alto de uma árvore dúplice[2] onde o brilho do ouro resplandece entre os ramos. Assim como se vê nos bosques, no frio hibernal, reverdecerem com novas folhas o visco, que não é a árvore que o sustenta,[3] e cujos frutos cor de açafrão se enrolam em torno dos troncos arredondados, assim era o aspecto das folhas de ouro na frondosa azinheira; assim suas folhas metálicas crepitavam sob a leve aragem. Enéias, ávido, o colhe, sem demora, apesar da resistência, e o leva ao templo da Sibila profetisa.

Entrementes, na praia, os teucros não deixam de chorar Miseno e preparam as honras supremas às suas cinzas insensíveis. Antes de mais nada, levantam uma enorme pira, feita de troncos, resinosos e achas de carvalho, em cujos lados estão entrelaçados galhos escuros; erguem diante ciprestes funerários, cujas copas ornam das refulgentes armas.

---

1 As pombas eram consagradas a Vênus.
2 Árvores de natureza dúplice, que têm ramos comuns e um ramo de ouro.
3 O visco é uma planta parasita.

Alguns esquentam a água e fazem ferver nas chamas os vasos de bronze, lavam o corpo gelado e o perfumam. Ouvem-se lamentações. Depois de o prantearem, colocam o corpo no leito e sobre ele colocam as túnicas de púrpura, suas vestes familiares. Outros carregam o grande esquife — dolorosa incumbência! — e, voltando a cabeça, abaixam os fachos funerários, segundo o costume dos antepassados. Queima-se tudo que se amontoou, oferendas de incenso, as vítimas, crateras cujo óleo se derramou. Depois que as cinzas se desmoronaram e as chamas se aquietaram, lavaram-se com vinho os restos e a cinza que absorve o vinho, e Corineu recolheu os ossos e os guardou em uma urna de bronze. Por três vezes ele passa a água lustral em torno dos companheiros, espargindo-os com um leve ramo de rosmaninho e um ramo da venturosa oliveira, depois os purifica e diz as últimas palavras. Entrementes, o piedoso Enéias ergue ao companheiro um sepulcro de enormes proporções, ornado com as armas do guerreiro, com seu remo e sua tuba, no sopé de um alto monte, que hoje é chamado Miseno em sua honra e que através dos séculos guardará eternamente o seu nome.

Feito isto, Enéias apressa-se em executar o que determinara a Sibila. Havia uma profunda caverna, escabrosa, com enorme abertura, protegida por um negro lago e pela escuridão dos bosques, sobre a qual nenhuma ave poderia voar impunemente: tais eram as emanações que saem dessas negras gargantas e se elevam para o céu! A sacerdotisa, antes de mais nada, faz trazer quatro novilhos de dorso negro e derrama vinho sobre sua fronte e corta-lhes entre os chifres um tufo de pêlos que lança ao fogo sagrado, como primeira oferenda, e invoca Hécate, poderosa no céu e no Erebo. Outros empunham facas e recolhem nas páteras o sangue tépido. O próprio Enéias abate com a espada um cordeiro negro para a mãe das Eumênides e sua grande irmã e para ti, Prosérpina, uma vaca estéril. Ergue, depois, altares noturnos ao rei do Estige e entrega às chamas todas as vísceras dos touros, derramando um óleo espesso sobre as entranhas ardentes. Eis, porém, que às primeiras luzes do sol nascente, o solo começou a retumbar debaixo de seus pés e o alto da floresta a mover-se, e cães pareciam ladrar nas sombras, à aproximação da deusa. "Para longe, afastai-vos para longe, profanos — ordenou a profetisa. — Retirai-vos todos do bosque sagrado; tu, segue o caminho e tira a espada da bainha: e agora, coragem, Enéias, agora, tem firmeza no coração." Assim tendo falado, entrou, tomada de furor, na ampla caverna; ele a acompanha com passos resolutos.

Deuses que tendes o império das almas, Sombras silenciosas, Caos e Flegeton, caladas paragens noturnas, seja-me lícito dizer o que ouvi e, com vossa vênia, desvendar as coisas escondidas pela terra e pelas trevas.

Marchavam escondidos na noite deserta, através das sombras e das moradas vazias e do estéril reino de Plutão: assim se caminha nos bosques com uma lua incerta, sob a débil luz, quando Júpiter escondeu o céu nas sombras e a escuridão da noite esconde tudo. No vestíbulo, à entrada das gargantas do Orco, fizeram seu leito o Luto e os vingadores Remorsos, ali habitam as pálidas Enfermidades, a triste Velhice, o Medo, a mal avisada Fome, a torpe Miséria, formas horríveis de se ver, e a Morte, a Fadiga, depois o Sono, irmão da Morte, os maus Prazeres da mente, e no limiar em frente, a mortífera Guerra, e as câmaras de ferro das Eumênides e a Discórdia demente, com os cabelos de víboras arrumados em tranças sangrentas. No meio, um ulmo frondoso, enorme, estende seus galhos e seus ramos seculares, abrigando, segundo dizem, os Sonhos que se prendem a todas as folhas. Além disso, ali se encon-

tram inúmeras formas monstruosas e variadas de feras, Centauros guardados em estrebaria na entrada, Silas biformes e Briaréu de cem braços, o monstro de Lerna rugindo horrivelmente, a Quimera armada de chamas, as Górgonas, as Harpias e a forma da Sombra de tríplice corpo. Enéias sentiu, então, um súbito arrepio de medo e, desembainhando a espada, enfrentou os monstros que se aproximavam; e se a esclarecida companheira não o tivesse advertido que se tratava de espíritos sem corpo, que esvoaçam sob uma forma vã, ele se precipitaria contra elas e esgrimiria em vão a espada contra as sombras.

Dali parte o caminho que leva às ondas do infernal Aqueronte, agitado sorvedouro, com um abismo de lama que vomita todo seu limo no Cócito. Um barqueiro horrendo guarda aquelas águas e o rio, Caronte, de horripilantes imundice, de cujo queixo cai comprida barba branca descuidada; seus olhos lançam chispas, em seus ombros está amarrado um manto sórdido. Ele mesmo empurra com a vara o barco, dirige as velas e transporta os corpos em uma barca cor de ferro. É velho, mas sua velhice é viva e bem disposta como a de um deus. Ali, uma multidão inteira precipitava-se apressada para a margem do rio, matronas e varões, corpos sem vida de heróis mangnânimos, meninos e donzelas impúberes, jovens que foram levados à pira funerária diante dos olhos dos pais: são tantas as folhas que revoluteiam e caem nos bosques aos primeiros frios do outono, ou as aves que, vindas do alto-mar, se ajuntam em terra quando a estação fria as expulsa do pélago para plagas mais quentes. De pé, pediam todos para passar em primeiro lugar e estendiam os braços ansiosos para alcançar a outra margem. O sinistro piloto, porém, recebe ora estes, ora aqueles e expulsa os outros para longe da praia.

Enéias (em verdade abalado e comovido com este tumulto) pergunta: "Dize, ó virgem, que quer dizer essa disputa pelo rio? O que procuram as almas? Por que há essa diferença, sendo umas afastadas da margem, e outras agitam com os remos as negras águas?" A velha sacerdotisa assim lhe responde, em poucas palavras: "Filho de Anquises, estirpe indiscutível dos deuses, estás vendo as águas profundas do Cocito e o paul do Estige, por cujo poder os deuses receiam perjurar. Todos aqueles que vês estão abandonados e sem sepultura; aquele é o barqueiro Caronte; os que a água transporta são os sepultados. Não lhe é permitido fazê-los passar estas margens horrendas e estas águas surdas antes que seus ossos tenham descansado em um túmulo. Durante cem anos eles erram e esvoaçam em torno destas margens; então, afinal, admitidos, vêem e revêem as almejadas águas..." O filho de Anquises deteve os passos e refletiu longo tempo, deplorando no coração o destino iníquo daquelas almas. Ali vê, tristes e privados das honras da morte, Leucaspim e Oronte, chefe da frota lícia, que partidos de Tróia com ele e transportado sobre o mar tempestuoso foram atacados pelo Austro e engolidos pela água com seus navios e seus homens.

Eis que se aproxima o piloto Palinuro que, há pouco, na travessia do mar da Líbia, quando observava os astros, caíra da popa e desaparecera no meio das ondas. Mal o reconheceu na espessa sombra, assim triste, Enéias disse logo: "Qual dos deuses, Palinuro, te arrebatou do nosso convívio e te mergulhou no mar? Dize, responde. Eis que Apolo, que jamais me enganara antes, iludiu, dessa vez somente, minha credulidade, anunciando que atravessarias incólume o mar e chegarias aos confins da Ausônia. Foi assim que ele manteve a promessa?" O outro, porém: "Não te enganou a tripeça de Febo, chefe, filho de Anquises, nem deus algum atirou-me às águas. Eis que o leme, cuja guarda me confiaras e sobre a qual me debruçava para dirigir o curso, quebrou-se,

por acaso, e precipitei-me, arrastando-o comigo. Juro-te pelos mares encapelados que não tive tanto medo por mim como por teu navio, que, despojado de sua aparelhagem e privado do piloto, poderia não suportar as fortes agitações das ondas. Durante três noites tempestuosas Notos me arrastou com violência pelas águas do mar imenso; mal nascia o quarto dia, erguido muito alto por uma onda, avistei a Itália. Nadei aproximando-me pouco a pouco da terra: já me encontrava em segurança, se homens perversos, vendo-me com as vestes encharcadas e pesadas, tentando agarrar-me às ásperas saliências dos rochedos, não tivessem me atacado, de ferro em punho, na esperança enganosa de uma presa. Agora, estou à mercê das ondas e os ventos me revolvem

Enéias sentiu, então, um súbito arrepio de medo e, desembainhando a espada, enfrentou os monstros que se aproximavam... (pág. 99)

na praia. Por isso imploro-te pela alegre luz do céu e pelas brisas do ar, por teu pai, pela esperança que representa o jovem Iulo, arranca-me dessa desgraça, ó invicto: ou lança terra sobre mim, pois o podes, e procura o porto de Velinos, ou então, se houver um meio, se a deusa tua mãe te indicar (pois não creio que é sem o beneplácito dos deuses que te preparas para atravessar tão vasto rio e os paludes do Estige), estende a mão direita a um desgraçado e leva-me contigo através destas ondas, a fim de que ao menos na morte eu descanse em uma morada tranqüila."

Tais foram as palavras que disse, quando a pitonisa começou: "De onde vem, Palinuro, tão espantoso desejo? Tu, insepulto, verias o Estige e o horrível rio das Eumênides e, sem seres mandado, descerias na outra margem? Não mais esperes mudar com preces os desígnios dos deuses; mas escuta e guarda estas palavras, consolo para tuas duras provações: eis que os povos vizinhos, levados pelos prodígios celestes que se estenderão em grande extensão pelas cidades, homenagearão com sacrifícios teus ossos e oferecerão honras solenes ao túmulo, e o lugar terá eternamente o nome de Palinuro." Estas palavras vencem as preocupações e expulsam por um momento a dor do triste coração: ele se regozija porque uma terra terá o seu nome.

Prosseguem, então, a marcha iniciada e aproximam-se do rio. Desde que o banqueiro, nas águas do Estige, os viu caminhar pelo silencioso bosque e dirigir seus passos para a margem, toma primeiro a palavra e os repreende mesmo: "Sejas quem fores, tu que te diriges armado a este rio, dize-me o que te traz, de onde estás, e detém teus passos. Este é o lugar das Sombras, do Sono e da Noite sonolenta, não me é lícito transportar corpos de vivos neste barco. Na verdade, não tive motivos para me regozijar por haver recebido neste lago, quando aqui vieram, Alcides, Teseu e Pirito, embora fossem filhos de deuses e invencíveis pela força. O primeiro com suas mãos acorrentou o guardião do Tártaro e arrancou, tremente, do trono o próprio rei; os outros tentaram tirar a rainha da câmara nupcial de Plutão."

Em poucas palavras retrucou a profetisa de Apolo: "Não temos tais intentos insidiosos; não te perturbes; estas armas não carregam a violência: o gigantesco porteiro pode soltar do fundo de seu antro estes latidos eternos que aterram as sombras exangues; a casta Prosérpina pode permanecer nas câmaras de seu tio.[1] O troiano Enéias, insigne pela piedade e pelas armas, desce para ver seu pai nas sombras profundas do Erebo. Se o espetáculo de uma tal piedade não te comove, este ramo (mostrou o ramo que trazia escondido nas vestes) ao menos reconhece." O coração de Caronte, repleto de cólera, apazigua-se então. Ela nada mais diz: ele, admirando o dom venerável do ramo fatal marcado pelos fados, que há muito tempo não via, vira para a água a popa escura e aproxima-se da margem. Repele, em seguida, as outras almas que estavam assentadas ao longo dos bancos, evacua o convés e ao mesmo tempo recebe a bordo o gigantesco Enéias. O frágil barco geme sob o peso e entra pelas fendas a água do paul. Finalmente transporta sãos e salvos a sacerdotisa e o herói para o outro lado do rio, sobre o lodo informe e verdes caniços.

Ali ficam as plagas que o enorme Cérbero fez retumbar com as suas três goelas, deitado, horrível, na caverna em frente. A profetisa vendo já se assanharem as serpentes em seu pescoço atira-lhe um bolo soporífero feito de mel e grãos preparados. Ele, com sua fome insaciá-

---

1 Sendo filha de Júpiter, Prosérpina era sobrinha de Plutão.

vel, abre as três goelas, engole o que lhe foi atirado, estende em terra seu dorso monstruoso, que encheu, enorme, todo o antro. Enéias atravessa a entrada, enquanto o guardião dorme, e afasta-se rapidamente das margens do rio que não se atravessa de volta.

Sem demora, ouviram-se vozes e um imenso vagido, almas de crianças em pranto no limiar, que foram em dia negro arrancadas do seio materno e mergulhadas na acerba morte. Perto delas, os inocentes condenados à morte. Em verdade, estes lugares não lhes foram atribuídos sem o sorteio e sem juízes: Minos preside e agita a urna,[1] convoca o conselho dos silenciosos e julga-os conforme suas vidas e suas culpas. Próximos estão, abatidos de tristeza, os que, inocentes, se mataram com suas próprias mãos e que, odiando a luz da vida, dela se privaram. Como desejariam agora, na atmosfera superior, sofrer a pobreza e os pesados trabalhos! Opõe-se o destino, prende-os o odioso paul de tristes ondas e o Estige os aprisiona com suas nove voltas.

Não distantes dali estendem-se por todos os lados os Campos das Lágrimas, como são chamados. Ali, aqueles que o impiedoso amor fez perecer em um langor cruel escondem-se nas aléias misteriosas e a floresta de murtas estende em torno as suas sombras; a própria morte não lhes dá repouso. Ali, Enéias vê Fedra e Prócris, e a triste Erifilo, mostrando a ferida que recebera de um filho cruel, e Evadne e Pasifae; acompanha-as Laodomia e Ceneu, outrora homem e jovem e, agora, mulher tornada pelo destino à antiga forma.

Entre elas, a fenícia Dido, com a ferida ainda aberta, errava no grande bosque; logo que o herói troiano dela se aproxima e a reconhece, obscura, entre as sombras, como, no princípio do mês, se vê, ou se acredita ter visto, a lua entre as nuvens, não conteve as lágrimas e disse-lhe com amor e doçura: "Desventurada Dido, era verdade, então, a notícia que não vivias mais e com o ferro tomaste uma resolução extrema? Ai de mim, fui a causa da tua morte! Juro pelos astros, pelos deuses superiores e por tudo que há de sagrado nestas profundidades da terra, que foi obrigado que deixei tuas plagas. Tive apenas de obedecer aos deuses, que agora, com suas ordens impiedosas, me fazem caminhar entre as sombras, no meio destes sarçais repulsivos e da noite profunda; não podia acreditar que minha partida tamanha dor te causasse. Pára, não te escondas de nossos olhos. Por que foges? É a última vez que o destino me permite dirigir-te a palavra." Com tais palavras, Enéias procurava aplacar essa alma ardente, de aspecto ameaçador, e lhe secar as lágrimas. Ela virava a cabeça e tinha os olhos fixados no chão, e não se comovia menos com estas palavras se fosse de dura pedra ou um penhasco do Marpésia. Afinal, corre e refugia-se, hostilmente, no sombrio bosque, onde seu primeiro esposo Siqueu compadece de suas dores e compartilha de seu amor. Enéias, no entanto, comovido pela iniqüidade de tal desgraça, a contempla ao longe, lacrimoso, apiedando-se dela.

Retoma, depois, com esforço, o caminho que lhe foi traçado. Já chegava aos campos extremos, onde se encontram, afastados, os que se destacaram na guerra. Ali a ele se apresentam Tideu, Partenopeu, insigne nas armas, e a imagem do pálido Adrasto; lá estão os dardânios tombados na guerra e tão chorados no mundo superior, e Enéias não

---

1 Virgílio supõe aqui que Minos, encarregado de presidir o julgamento (no original *Quaesitor Minos*, isto é, "o questor Minos"), tira à sorte, em uma urna, os nomes dos juízes que devem assisti-lo, depois chama a multidão dos mortos que devem ser julgados (no original *vitas et crimina discit*, isto é, "fica conhecendo suas vidas e seus crimes") e, finalmente, designa a região em que devem ficar.

contém um suspiro vendo-os desfilar em longa coluna: Glauco, Medonte, Tersiloco, os três filhos de Antenor, Polibetes consagrado a Ceres e Ideu, ainda com o carro e com as armas. As almas, em grande número, cercam-no à direita e à esquerda; não lhes basta tê-lo visto uma só vez; comprazem-se em retardá-lo, em acompanhar-lhe os passos e indagar as causas de sua vinda. Os próceres gregos e as falanges de Agamenon, todavia, mal avistaram o herói e suas armas resplandecentes, são tomados de pânico; alguns viram as costas, como quando fugiam para as naves; outros lançam gritos; a voz se perde na garganta.

E lá também vê o filho de Príamo, Deífobo, com o corpo todo dilacerado, o rosto cruelmente despedaçado, o rosto e as duas mãos, as orelhas arrancadas das têmporas e o nariz mutilado por um horrível ferimento. Mal o reconheceu, tremendo e escondendo as medonhas feridas, logo lhe disse, com voz familiar: "Valoroso Deífobo, filho do nobre sangue dos teucros, quem ousou te infligir suplício tão cruel? Quem se atreveu a tratar-te desse modo? Ouvi dizer que, na noite suprema, cansado de grandes estragos nas matanças de pelasgos, caíste sobre um montão confuso de mortos. Então, eu mesmo te ergui um túmulo vazio na praia de Reteu e invoquei teus manes em altas vozes. Teu nome e tuas armas consagram o lugar; mas não pude encontrar-te, amigo, e, ao partir, enterrar-te em solo da tua pátria." Responde o filho de Príamo: "De nada esqueceste, meu amigo; tudo fizeste por Deífobo e sua sombra. Meu destino, porém, e o crime fatal da lacônia,[1] arrastaram-me a estas desgraças; ela me deixou esta lembrança. Sabes em que enganosas alegrias passamos a noite derradeira; não é mister lembrar-te. Quando o fatal cavalo penetrou na soberba Pérgamo, e levou os infantes armados que lhe enchiam o ventre, ela, simulando um coro, comandava a ronda orgíaca das bacantes frígias; suspendia, no meio delas, um enorme facho e, da cidadela, chamava os gregos. Enquanto isto, eu, consumido por preocupações e pesado de sono, dormia estendido no mal-aventurado tálamo, invadido por um doce e profundo descanso, semelhante à morte. Entrementes, minha excelente esposa retira todas as armas do palácio, e da cabeceira do meu leito subtraiu minha fiel espada. Chama Menelau ao palácio e abre-lhe as portas, certamente esperando prestar ao amante um grande serviço e apagar, se puder, a lembrança das antigas culpas. Para que continuar? Invadem meu quarto e com eles vem o insuflador de crimes, o descendente de Éolo.[2] Castigai de igual modo os gregos, ó deuses, se é uma boca piedosa que reclama vingança! Dize-me, porém, por tua vez, que fatos te trouxeram, vivo, até aqui. Vens trazido por teus cursos errantes no mar ou por ordem dos deuses? Que destino te obriga a visitar estas tristes moradas sem sol, estes lugares funestos?"

Enquanto trocavam estas palavras, Aurora, em sua quadriga rosada já havia, em sua rota etérea, atravessado a metade do céu e os dois talvez consumissem no colóquio o tempo concedido se a Sibila não os tivesse advertido em algumas palavras: "A noite aproxima-se, Enéias; passamos as horas a chorar. Aqui é o lugar onde o caminho se bifurca; o da direita, que se estende pela cidade do grande Plutão, é o caminho que nos conduz ao Elísio; no da esquerda, porém, são infligidos os castigos aos maus e ele conduz ao sinistro Tártaro." Retruca Deífobo: "Não te irrites, grande sacerdotisa; vou partir, voltar ao rebanho das sombras,

1 Deífobo casara-se com Helena depois da morte de Páris.

2 Ulisses, às vezes assim chamado depreciativamente, por ser tido como filho bastardo de um filho de Éolo.

que minha ausência torna incompleta, e regressar às trevas. Vai, glória de Tróia, vai. Vai para melhores destinos." Nada mais disse e afastou-se, mal se calou.

De súbito, Enéias olha para trás e vê à esquerda, no sopé de um rochedo, grandes casas circundadas por uma tríplice muralha, que um rio veloz, o Flegeton do Tártaro, rodeia com sua corrente de chamas, rolando pedras ressonantes. Defronte fica uma porta enorme e colunas de aço, maciço,[1] tal que não poderiam forçar qualquer humano nem os próprios celícolas; uma torre de ferro ergue-se nos ares, morada de Tisifone, que com sua sangrenta túnica arregaçada guarda insone o vestíbulo, dia e noite. Ouvem-se sair de lá gemidos e o sibilar de bárbaras chibatadas, depois o tinir de ferros e o arrastar de correntes. Enéias detém-se e escuta, horrorizado, este barulho. "Que crimes são aqui punidos? Dize-me, ó virgem. Que castigos são infligidos? Que clamor tão grande é este?" Então a profetisa assim falou: "Insigne chefe dos teucros, não é permitido a nenhum homem inocente transpor o limiar do crime; mas Hécate, confiando-me a guarda do bosque sagrado do Averno, ensinou-me, ela própria, os castigos impostos pelos deuses e levou-me a toda a parte. Ali o cretense Radamante tem o seu horripilante reino, castiga e interroga os criminosos e os obriga a revelar os crimes cometidos entre os homens e cuja expiação adiam até a tardia morte. Sem demora, a vingadora Tisifone, de açoite em punho, chicoteia, insultante, os culpados, apontando-lhes com a mão esquerda as sinistras serpentes e chamando a feroz companhia das irmãs. Então, finalmente, escancara-se a porta sagrada rangindo em seus gonzos horrivelmente. Vês quem é a sentinela posta no vestíbulo? Vês que figura guarda o limiar? Dentro reside uma hidra monstruosa, mais feroz ainda, com cinqüenta bocas negras e escancaradas. Depois, o próprio Tártaro se estende nas profundidades e pelo império das sombras em um espaço duas vezes maior do que o espaço que o olhar abrange no céu dirigindo-se ao Olimpo. Ali, os habitantes primitivos da Terra, os Titãs rolam no fundo do abismo, derrubados pelo raio. Ali, eu vi os corpos gigantescos dos dois filhos de Alous, que com as mãos tentaram derrubar o grande céu e expulsar Júpiter de seu reino nas alturas. Vi Salmoneu que sofreu cruel castigo, enquanto imitava as chamas de Júpiter e o ruído do Olimpo. Levado por quatro cavalos e agitando o archote, atravessava, em triunfo, os povos gregos e a cidade de Elide, reclamando honras divinas. Louco! Acreditava que com o tropear dos cascos dos cavalos conseguiria imitar a tempestade e o raio inimitável. O Pai onipotente, porém, atirou-lhe, de dentre as nuvens espessas, não um archote, não um facho fumegante, mas um raio e o precipitou em um horrendo turbilhão. Já se podia ver, então, Títio, filho da Terra que é mãe de todos, cujo corpo ocupa o espaço inteiro de dez jeiras, e um horrível abutre de bico adunco despedaça-lhe o fígado imortal e as entranhas fecundas em sofrimentos, explora-as para achar o que comer e mora ali dentro do peito; não dá descanso às fibras, que renascem sempre. Para que falar de Lapitas, Ixiona e Pirito?[2] Sobre eles está pendente uma negra pedra que rola constantemente. Rebrilham diante deles, em altos leitos, colunas de ouro e são-lhes servidas iguarias com um luxo real; a

---

1 No original: *solido adamante*, isto é, de ferro ou aço, qualquer metal extremamente duro e resistente.

2 Toda esta passagem, até a menção feita a Teseu, e que corresponde aos versos 602 a 620 do Livro VI, é muito controvertida. Vários comentaristas alteram a ordem dos versos.

mais velha das Fúrias está deitada perto e os impede de levar as mãos às mesas, levanta-se agitando a tocha e faz retumbar a sua voz. Ali estão os que, em vida, odiaram os irmãos, ergueram as mãos contra o próprio pai ou iludiram a boa-fé de um cliente, ou aqueles que acumularam riquezas somente para si e as negaram aos seus, e que constituem uma vasta turba e cujo número é muito grande; os que foram mortos por causa de adultério, e os que, seguindo armas ímpias, não hesitaram em trair o juramento prestado a seus senhores,[1] presos ali, e aguardam o castigo. Não procures saber qual é o castigo ou que forma de crime ou que destino ali lançou estes homens. Alguns rolam enormes pedras ou pendem de rodas puxadas para todos os lados; o desventurado Teseu ali está sentado e ficará eternamente; Flégias, o mais desgraçado de todos, adverte e diz, em altas vozes, nas sombra: "Aprendei, com o castigo, a respeitar a justiça, e a não desprezar os deuses." Aquele que vendeu sua pátria por ouro e lhe impôs um senhor poderoso; aquele que, a troco de pagamento, fez e desfez as leis; aquele que invadiu o quarto da própria filha e consumou a união proibida: todos meditaram grandes crimes e ousaram pô-los em prática. Nem mesmo se eu tivesse cem línguas e cem bocas e uma voz de ferro poderia descrever todas as formas de crimes e mencionar, pelo nome, todos os castigos."

Depois de ter dito estas palavras, acrescentou a velha sacerdotisa de Febo: "Mas, vamos, prossegue o teu caminho e acaba o que começaste com o meu presente; apressemo-nos; estou vendo as muralhas saídas das forjas dos ciclopes e diante de nossa porta abandonada onde temos ordem de depor as oferendas." Disse e, avançando passo a passo pela escuridão do caminho, rapidamente transpuseram o espaço intermediário e aproximaram-se das portas. Enéias penetra no pórtico, espalha água fresca sobre o corpo e prende o ramo na soleira em frente.

Cumpridas estas prescrições, entregue a oferenda à deusa, chegam aos lugares aprazíveis e às risonhas veredas dos bosques afortunados, morada dos bem-aventurados. Um éter mais amplo veste esses campos de uma luz purpúrea; os moradores têm um sol e astros que lhe são próprios. Alguns, na relva, exercitam os membros em jogos de destreza, medem suas forças e lutam sobre a fulva areia; outros batem os pés cadenciadamente e cantam versos. O vate da Trácia,[2] com sua túnica comprida, acompanha os cantos e danças com os acordes da lira,[3] que faz vibrar ora com os dedos, ora com o plectro de marfim. Lá se encontra a velha progênie de Teucro, formosa posteridade, heróis magnânimos, nascidos em melhores tempos, Ílus e Assaraco e Dardano, fundador de Tróia. Enéias admira de longe as armas e os carros sem corpo dos guerreiros;[4] as lanças estão cravadas na terra e os cavalos desarreados pastam aqui e ali pelo campo: os que, quando vivos se compraziam com seu carro e suas armas, que apreciavam fazer pastar os luzidios cavalos, conservam os mesmos gostos depois de colocados sob a terra. Eis que Enéias avista outros, à direita e à esquerda, banqueteando-se na relva e entoando, jubilosos, em coro, um peã, no meio de um oloroso bosque de loureiros, de onde o grande Eridano,

1 Alusão à guerra sustentada por Sexto Pompeu, à frente de um exército composto, em grande parte, de escravos fugidos.
2 Orfeu.
3 No original: *Obloquitur numeris septem discrimina vocum,* isto é, "faz ouvir sete diferenças de som", que correspondem às cordas da lira.
4 Os carros e as armas, como as sombras dos heróis, não passam de fantasmas.

entre a floresta, sai para a superfície da terra.[1] Aqui está uma coorte de guerreiros que se cobriram de feridas combatendo pela pátria; ali, sacerdotes que foram exemplares em vida; lá, poetas piedosos cujos versos foram dignos de Febo; e os que cultivaram as artes para embelezar a vida e os que, pelo que fizeram, merecem viver na memória dos outros: todos têm a fronte cingida por uma ínfula cor de neve. A Sibila dirige-se a estas sombras espalhadas em redor, e, acima de todas, a Museu, que ela via no meio de grande multidão, ultrapassando a todos pela altura: "Dizei-me, almas felizes, e tu, ó melhor dos poetas, em que lugar, em que região se encontra Anquises? Por causa dele é que viemos e atravessamos os grandes rios do Erebo." E o herói respondeu-lhe assim, em poucas palavras: "Ninguém possui morada fixa; habitamos estes bosques frondosos, vagamos pelas margens dos rios[2] e nos prados banhados pelos arroios. Se tal é, porém, a vontade de vosso coração, galgai esta colina e ensinar-vos-ei um caminho fácil." Disse, e, caminhando diante deles, mostrou-lhes, do alto, os verdejantes campos; descem logo do alto do outeiro.

Entretanto o patriarca Anquises, no fundo de um verdejante vale, contemplava, com interesse a atenção, as almas ali reclusas e destinadas a sair à luz do alto, e, casualmente, examinava o grande número dos seus, de seus queridos descendentes, os destinos, a fortuna dos homens, os seus hábitos e suas façanhas. E desde que avistou Enéias, que caminhava diante dele atravessando o relvado, jubiloso, estendeu-lhe os braços; lágrimas desceram-lhe dos olhos e da boca saíram-lhe estas palavras: "Vieste, afinal, e tua piedade, tão esperada por teu pai, triunfou de uma difícil viagem! Posso ver o teu rosto, meu filho, ouvir tua voz familiar e responder-te! Em verdade assim o esperava e calculava o futuro contando o tempo, minha preocupação não se enganou. Depois de atravessares tantas terras e tão grandes mares te recebo! Quão grandes perigos enfrentastes! Quanto temi que o reino da Líbia te prejudicasse!" E Enéias retrucou: "Foi tua imagem, meu pai, foi tua triste imagem, que, aparecendo muitas vezes me levou a transpor o limiar destas plagas. A frota encontra-se em águas do Tirreno. Dá-me a tua mão, dá-me, meu pai, para que eu a aperte e não te subtraias ao nosso amplexo." Enquanto falava, lágrimas copiosas escorriam-lhe pelo rosto. Por três vezes tentou apertá-lo nos braços; por três vezes fugiu a imagem de suas mãos impotentes, igual à brisa, semelhante a um sonho. Entrementes, avistou Enéias em um vale afastado, um bosque solitário, uma mata de sonoros caniços e o rio Letes que banha aquelas paragens amáveis. Em torno, inúmeras pessoas e povos volteavam como, em um sereno dia de verão, as abelhas pousam nas variegadas flores e espalham-se em torno dos lírios resplandecentes de brancura, e toda a planície ressoa com os seus zumbidos. Enéias horroriza-se com esta repentina visão e indaga as causas desse mistério, qual é o rio que se estende para além e quem são os homens que em tão grande número enchem as suas margens. Retruca o patriarca Anquises: "As almas a quem o destino atribuiu outro corpo, bebem nas ondas do rio Letes uma água tranqüila e longo esquecimento. Em verdade, há muito tempo desejo lembrar-te, e apresentar diante de teus olhos e enumerar essa progênie dos teus, para que te regozijes, ainda mais comigo por teres chegado à Itália." "Ó pai, será acreditável que estas almas sobem daqui pelos ares para o céu

---

1 Virgílio segue a opinião de que os rios têm origem no fundo da terra.
2 No texto *Riparumque toros*, literalmente: as partes salientes das margens, os barrancos à margem do rio.

e voltam de novo ao grosseiro corpo? Que triste desejo de vida é esse?"
"Dir-te-ei, meu filho, não te deixarei na dúvida" — replicou Anquises: e expôs o sistema, em cada uma de suas partes, pormenorizadamente.[1]

"A princípio anima, internamente, de dentro, o céu e as terras, as planícies líquidas, o luminoso globo da lua, o astro filho do Titã e infundido em suas partes, esse espírito agita toda a matéria e mistura-se com

"Dá-me a tua mão, dá-me, meu pai, para que eu a aperte e não te subtraias ao nosso amplexo" (pág. 106)

esse grande corpo. Daí nascem a raça dos homens, dos animais quadrúpedes e as raças das aves e dos monstros que o mar esconde sob a sua superfície marmórea. Há nessas sementes da vida um vigor ígneo e uma origem celeste, enquanto os corpos nocivos não retardam e as contingências terrestres e os membros perecíveis não o embotem! Daí

---

1 Anquises expõe, aqui, as idéias de Pitágoras. Com muito mais felicidade, aliás, Virgílio expôs o sistema cosmogônico de Epicuro na VI Égloga, pela boca de Sileno.

nascem os temores e os desejos, a dor e o prazer, e as almas, enclausuradas nas trevas e em um cárcere escuro, não vêem a atmosfera. Além disso, quando no dia derradeiro a vida nos deixa, as desventuradas não ficam, porém, inteiramente livres de todo o mal e de toda a contaminação corporal, pois tendo ficado por muito tempo ali, deixam lá necessariamente, raízes de espantoso tamanho. São, então, submetidas ao castigo e expiam em suplícios seus velhos males: algumas, suspensas, são entregues ao sopro dos leves ventos; outras lavam o crime nefando no fundo de um vasto abismo ou se desembaraçam no fogo: sofremos cada um, em nossos manes, os castigos que merecemos.[1] Depois disso, somos enviados ao amplo Elísio, cujos alegres campos ocupamos, afinal, em número reduzido, quando um longo dia, completado o círculo do tempo, apaga a impureza e purifica o sentido etéreo, centelha do fogo primitivo. Quando todas essas almas viram girar a roda durante mil anos, um deus as convoca em longa fileira no rio Letes, para que, esquecidas do passado, revejam a abóbada do alto e comecem a querer voltar a um corpo."

Anquises falou e leva seu filho e a Sibila para o meio da rumurosa multidão e colocou-se em uma elevação de onde Enéias possa ver todos passarem em longa fila, diante de seus olhos, e conhecer a fisionomia dos que passarem.

"Dir-te-ei, agora, que glória espera, no futuro, a raça de Dardano, quais serão os nossos descendentes de raça itálica, almas ilustres que deverão ter nosso nome e vou revelar-te teu destino.

"Vês aquele jovem que se apóia em uma lança sem ferro, a sorte lhe deu o lugar mais próximo da luz;[2] ele será o primeiro a surgir aos sopros do ar de sangue italiano misturado ao nosso, é Sílvio, nome albano, teu filho derradeiro; ser-te-á dado por tua esposa Lavínia tardiamente, no fim de tua velhice; ela criará nos bosques este rei, pai de reis, donde descenderá a nossa estirpe que dominará em Alba Longa.

"Aquele próximo dele é Procas, glória da raça troiana, e eis Cápis, e Numitor, e um que fará reviver teu nome, Sílvio Enéias, igualmente notável pela piedade e pelas armas, se finalmente vier a reinar em Alba. Que juventude! Vê: quanta força ostentam! E suas frontes estão cingidas das coroas cívicas de carvalho. Aqueles fundarão para ti Nomento e Gábio e a cidade Fideba, aqueles construirão nas montanhas a cidadela de Colácia, Pomécio, Castro de Inuo, Bola e Cora. Tais serão os nomes dessas terras hoje anônimas.

"Depois, ao seu avô junta-se Rômulo, filho de Marte, que terá como mãe Ilia, do sangue de Assaraco. Vês o duplo penacho erguendo-se sobre sua cabeça e como o próprio pai dos deuses superiores o assinalou por sua majestade? Será sob seus auspícios, meu filho, que a insigne Roma atingirá as terras com seus impérios e o Olimpo com sua glória e uma só muralha circundará sete colinas, mãe afortunada de heróis; assim Cibele, levada no carro e coroada de torres, atravessa as cidades frígias, jubilosa por ter gerado deuses e abraçando seus netos, todos ceícolas, todos habitando as alturas superiores.

"Agora, volta os olhos, olha esta nação, são os teus romanos. Eis César e toda a descendência de Iulo que hão de vir sob a grande abóbada celeste. Eis o herói, homem, eis aquele que ouves sempre ser

---

1 No original *Quisque suos patimur manes*, literalmente: "cada um sofre seus manes". Os manes são as almas dos que desceram ao mundo infernal.

2 Quer dizer: é o primeiro que deve voltar à luz.

prometido, Augusto César, filho de um deus,[1] que restabelecerá a idade de ouro no Lácio, nos campos onde outrora reinou Saturno, e levará o império além do território dos garamantos e dos índios, terras que se estendem além dos astros,[2] além da rota do Sol e onde Atlas, que sustenta o céu, faz girar sobre os ombros o eixo do mundo repleto de estrelas brilhantes. Já agora, à notícia de seu advento, os reinos do Cáspio atemorizam-se ante a decisão dos deuses e a terra metócia e a foz do Nilo com sete bocas grandemente se perturbam. Em verdade, nem Alcides percorreu tantas terras, embora tivesse ferido a corça dos pés de bronze, apaziguado os bosques de Erimanto e feito tremer Lerna com seu arco; nem Baco, que conduziu, vencedor, seu carro com rédeas de pâmpano, trazendo tigres do elevado cume do Nisa. E ainda hesitamos em eternizar nosso valor com grandes feitos? E o medo impede-nos de nos fixarmos nas terras da Ausônia?

"Quem é, ao longe, aquele homem que ramos de oliveira assinalam e que conduz objetos sagrados? Reconheço a cabeleira e a barba branca do rei romano,[3] enviado da pequena Cures que dará leis à cidade e fará de uma terra pobre um grande império. Aquele que lhe sucederá, Túlio, interromperá a tranqüilidade de sua pátria e chamará às armas os homens aquietados e o exército já desacostumado de triunfos. Seguir-se-á o vaidoso Anco, muito sensível, desde agora mesmo, aos aplausos da multidão. Queres ver os reis Tarquínios e o espírito soberbo do vingador Bruto e a insígnia do poder reconquistada?[4] Ele será o primeiro a receber o poder de cônsul e as ferozes machadinhas;[5] tendo seus filhos desencadeado uma rebelião, o pai os entregou ao castigo em prol da bela causa da liberdade. Desventurado! Qualquer que seja o julgamento da posteridade, triunfarão o amor à pátria e a imensa ambição de glória.

"Vê ainda, ao longe, os Décios, e os Drussos, Torquato armado da feroz machadinha[6] e Camilo trazendo as insígnias. Estas duas almas que vês resplandecer em armas iguais, de pleno acordo agora que a noite as oprime, ah! que luta ingente não se travará entre elas, se alcançarem a luz da vida, quantos exércitos formados para a batalha, quantas carnificinas! O sogro desce dos contrafortes alpinos e da cidadela de Monecos, o genro[7] apóia-se nas legiões orientais. Não vos habitueis com tais guerra, meus filhos, não volteis contra as entranhas da pátria as suas grandes forças! E tu, o primeiro, tu cuja estirpe vem do Olimpo, poupa-a, depõe as tuas armas, meu sangue! Aquele,[8] conquistada Corinto, conduzirá seu carro nas alturas triunfais do Capitólio, notável pelo morticínio dos aqueus. Este outro[9] abaterá Argos e Micenas de Agamenon e o próprio descendente de Eaco,[10] estirpe do belicoso Aquiles, vingando os

---

1 Filho adotivo de Júlio César, que se tornou deus depois de morto.

2 No original: *jacet extra sidera tellus*, literalmente: "estende-se a terra além dos astros". É a terra que, por um excesso de imaginação, Virgílio supunha ter sido conquistada por Augusto e que seria iluminada por outros astros.

3 Numa Pompílio.

4 No original: *faces... receptos*, isto é, "os feixes de varas (que eram símbolo do poder dos magistrados) recuperados".

5 Também símbolo do poder. Ferozes porque com elas foram mortos seus próprios filhos.

6 Torquato matou o próprio filho que contra ele se rebelara.

7 Sogro — César; genro — Pompeu.

8 L. Mômio Acaico.

9 Paulo Emiliano.

10 Perseu, que se dizia descendente de Aquiles.

antepassados troianos e o templo profanado de Minerva. Quem poderia esquecer-te, grande Catão, ou tu, Cosso? Quem poderia esquecer a família dos Gracos, ou estes dois raios da guerra, os Cipiões, flagelos da Líbia, ou Fabrício, poderoso em sua pobreza, ou tu, Serrano, semeando teus campos? Fatigado, aonde me conduzireis, ó Fábio?[1] Aí estás, famoso Máximo, que, contemporizando, salvarás a república.

"Outros saberão, com mais arte, não duvido, modelar e animar o bronze; tirar do mármore figuras vivas; pleitear com mais eloqüência e melhor calcular os movimentos do céu e prever o curso dos astros: tu, romano, lembra-te de governar os povos sob teu domínio; tuas artes consistirão em impor as condições da paz, poupar os vencidos e subjugar os soberbos."

Assim falou o patriarca Anquises e acrescentou estas palavras, ante a admiração dos ouvintes: "Vê como Marcelo[2] avança, carregado de ricos despojos e como este vencedor se sobrepõe a todos os heróis! Manterá a potência romana no meio de um grande tumulto, e, cavaleiro, abaterá os púnicos e os gauleses rebeldes e, pela terceira vez,[3] oferecerá ao pai Quirino as armas capturadas."

Então, Enéias pergunta (pois vira caminhar com ele um jovem de formoso porte e armas refulgentes, mas com a tristeza estampada no rosto e os olhos baixos): "Quem é, meu pai, aquele que assim acompanha o herói em sua marcha? É seu filho ou algum dos descendentes que pertencem à sua grande estirpe? Que murmúrio de admiração entre o seu séquito! Que aspecto augusto! A atra noite, porém, cerca sua cabeça de uma triste sombra." Então, o patriarca Anquises começou, lacrimoso: "Ó meu filho, não procures conhecer o grande luto dos teus; os fados apenas mostrarão aquele à terra e não permitirão que continue a viver. A nação romana vos teria parecido demasiadamente poderosa, deuses superiores, se esse bem tivesse sido durável. Quantos gemidos ele fará ouvir no campo próximo à grande cidade de Marte! E tu, ó Tibre, que funeral verás quando banhares o túmulo recente![4] Nenhum filho da raça de Ílion elevará tão alto a esperança de seus avós latinos, jamais a terra de Rômulo se orgulhará tanto de um de seus rebentos. Ó piedade! Ó prisca virtude e braço invicto na guerra! Ninguém enfrentaria impunemente armado, quer ele marchasse a pé contra o inimigo, quer quando cravava as esporas nos flancos de seu corcel espumante. Ah, jovem digno de seres lamentado! Que possas triunfar dos duros fados! Tu serás Marcelo. Dai lírios a mancheias e que eu esparja flores purpurinas, para que ao menos essa oferenda eu faça à alma de meu neto e cumpra um doloroso dever." Foi assim que caminharam por aqui e por ali através de toda a região dos campos tenebrosos, olhando tudo em torno. Depois de ter feito o filho visitar cada lugar, e de ter-lhe incentivado o coração com o amor da glória vindoura, Anquises fala-lhe sobre as guerras que teria de travar, dá-lhe explicação sobre os povos do Laurêncio e a cidade dos latinos, e como ele pode evitar ou suportar os labores.

O Sono tem duas portas, uma, segundo dizem, de chifre por onde as sombras verdadeiras encontram uma saída fácil; a outra brilhante, feita de marfim reluzente, mas pela qual os manes só enviam para o céu

1 Isto é: como poderei vos louvar?
2 M. Cláudio Marcelo, chamado "A Espada de Roma".
3 Os terceiros despojos opimos.
4 Trata-se de M. Cláudio Marcelo, descendente do seu homônimo e sobrinho e genro de Augusto, morto prematuramente.

falsas visões.[1] Anquises, ainda falando, acompanha seu filho e também a Sibila e os faz sair pela porta de marfim. Ele se dirige às naves pelo caminho mais curto e encontra os companheiros. A âncora é lançada da proa; as popas encostam-se na praia.

---

1 No original a palavra empregada é *umbrae,* as sombras, isto é, as almas dos mortos que aparecem nos sonhos e, por extensão, os próprios sonhos. *Verae umbrae,* "sombras verdadeiras", são os sonhos nos quais devemos confiar.

Livro VII

Também tu, Caieta, ama de Enéias, deste, com a tua morte, renome eterno às nossas costas; e agora a honra tributada guarda a tua sepultura e, magna glória, os teus ossos imortalizam teu nome na grande Hespéria.

Entrementes, o piedoso Enéias havia, de acordo com os ritos, terminado os funerais e feito levantar o cômoro do túmulo e, como o profundo mar aquietara-se, faz-se de vela e deixa o porto. Sopram os ventos noturnos, e a branca lua não se recusa a iluminar a viagem, e tremeluzem as águas sob seus raios. Os troianos costeiam de perto o litoral da terra de Circe, onde a opulenta filha do Sol ressoa constantemente seu canto pelos bosques inacessíveis e em seu soberbo palácio ilumina a noite com uma tocha de oloroso cedro, enquanto passa o pente sonoro nos finos tecidos. Ouvem-se, vindos de lá, os gemidos e a fúria dos leões que sacodem as correntes e rugem até altas horas da noite; javalis e ursos agitam-se ferozmente em suas jaulas e uivam lobos de grande porte; tinham eles a fisionomia humana, mas Circe, a deusa cruel das ervas poderosas, deu-lhes figuras e dorso de feras. A fim de que os piedosos troianos não sofressem tais prodígios, se fossem levados ao porto, e não descessem naquela costa inóspita, Netuno sopra as velas com ventos propícios, apressa-lhes a fuga e os transporta para além dos agitados cachopos.

Já o mar enrubescia com os raios do dia e Aurora, no alto do éter, fugia, cor de açafrão, em sua biga cor-de-rosa,[1] quando os ventos se acalmaram e toda a viração cessou de repente, e os remos passam a ferir a marmórea superfície marítima. Dali mesmo das ondas, porém, Enéias avista um enorme bosque. O Tibre, com seu curso amável, atravessa-o, em rápidas voragens e amarelo com a grande quantidade de areia, desaguando no mar. Em torno e acima dele, mil aves diversas, familiarizadas com suas margens e com o curso do rio, alegram o ar com seus cantos e voam no bosque. Enéias ordena aos companheiros virar as proas para a terra e entra jubiloso na umbrosa corrente.

E, agora, Erato, direi quais eram os reis, a situação e o estado do antigo Lácio, quando a frota de estrangeiros armados aportou pela primeira vez às praias da Ausônia, e relembrarei a origem das primeiras lutas. A ti, deusa, a ti cabe instruir o poeta. Falarei das horríveis guerras, falarei dos exércitos, dos reis levados por seu ardor à carnificina, da coorte tirrena e de toda a Hespéria[2] arrastada às armas. Uma ordem de coisas mais ampla se me depara agora, maior empresa é a minha agora.

---

1 No Livro VI, Virgílio fala da quadriga de Aurora, aliás mais de acordo com a tradição.

2 Hipérbole. A guerra descrita nos últimos livros do poema não se estendeu além das fronteiras da Etrúria e do Lácio.

O rei Latino, já velho, governava seus campos e suas cidades tranqüilas em prolongada paz. Nascera, conforme sabemos, de Fauno e da ninfa Marica; Pico era o pai de Fauno; e se vangloriava de ter-te como pai, Saturno; tu és a origem da estirpe. Latino, por decreto dos deuses, não tinha filhos varões, o filho que tivera lhe fora arrebatado muito jovem ainda. Só uma filha ficara para herdar sua casa e os vastos domínios, já madura para o matrimônio, já em plena idade núbil. Muitos a cobiçavam no grande Lácio e em toda a Ausônia; cobiça-a, entre eles, Turno, o mais belo de todos, poderoso por seus avós e antepassados, o qual a real esposa[1] ardentemente almejava ter como genro; opõem-se, entretanto, vários prodígios aterrorizantes dos deuses.

Havia, no meio do palácio, nos santuários domésticos, um loureiro de folhagem sagrada, conservado pelo temor durante muitos anos, que o venerável Latino, contam, encontrara quando construíra a cidade e consagrara a Febo, e era desse loureiro que os colonos haviam tomado o nome de laurêncios. Abelhas em densa nuvem (coisa admirável!) atravessaram o límpido ar com grande rumor e pousaram no alto da árvore, tendo as pernas entrelaçadas entre si, e o enxame ficou pendurado a um verde ramo. Logo o adivinho anuncia: "Vemos chegar um herói estrangeiro e um exército partido do mesmo lugar[2] dirigir-se para o mesmo lado e dominar a alta cidadela." Além disso, quando a virgem Lavínia, de pé ao lado do pai, acende com puras tochas o fogo do altar, vê-se, ó horror! — o fogo atear-se aos seus compridos cabelos e as chamas crepitantes consumirem todos os seus ornamentos, queimar sua faixa real, queimar sua coroa resplandecente de pedras preciosas; depois é envolta de fumaça e de uma névoa fulva e espalha-se o fogo por todo o palácio. Eram, dizia-se, presságios de acontecimentos horríveis e admiráveis; porquanto auguravam para ela própria renome e um destino brilhante, mas que uma grande guerra ameaçava o povo.

Entrementes, o rei, perturbado com os prodígios, vai procurar o oráculo de Fauno, seu profético genitor, e consulta, no sopé da alta Albunéia, a maior da fonte do bosque sagrado, que ali faz ouvir seus ruídos e escurece o ar com emanações mefíticas. Ali os povos da Itália e toda a terra da Eunótria vão, em suas dúvidas, procurar resposta; ali, o sacerdote, depois de ter trazido as oferendas, e quando se deita, na calada da noite, sobre as peles das ovelhas imoladas e concilia o sono, vê esvoaçar inúmeros fantasmas de formas estranhas, ouve vozes variadas, goza do colóquio dos deuses e evoca o Aqueronte das profundezas do Averno. Foi ali também que o patriarca Latino, procurando ele próprio as respostas, sacrificou, de acordo com os ritos, cem ovelhas de dois anos conservando a lã e deitou-se sobre os velocinos que cobriam a terra. De súbito, uma voz lhe chega das profundezas do bosque: "Meu filho, não ligues tua filha por matrimônio aos latinos e não creias que esteja preparado o seu tálamo. Virá um genro estrangeiro, cujo sangue elevará nosso nome até os astros, e cujos descendentes verão prostrado e abatido sob seus pés tudo que o Sol olha em seu curso de um a outro Oceano." Latino não guarda em silêncio esta resposta de seu pai Fauno, recebida na calada da noite; já esvoaçando pelas paragens em torno, a Fama havia levado a notícia às cidades da Ausônia, quando os descendentes de Laomedonte amarraram a frota às margens verdejantes do rio.

Enéias, os chefes principais e o formoso Iulo estendem os corpos

---

1 A rainha Amata, esposa de Latino.
2 Isto é, vindo do mesmo lado das abelhas, que, sem dúvida, tinham vindo do lado do mar.

sob os galhos de uma alta árvore, preparam a refeição, colocam, sob as iguarias, na relva, bolos de puro trigo[1] (assim determinava o próprio Júpiter) e colocam frutas silvestres sobre esse chão de trigo[2] Consumidas todas as iguarias, a fome os levou a morder aqueles leves bolos e quando com as mãos e os dentes audaciosos rompiam a borda da crosta fatal, e não pouparam aquela leve casca, "Oh! devoramos as próprias mesas!" exclamou Iulo, gracejando e sem mais insistir. Ouvindo estas palavras, que anunciavam o fim das provações, e as acolhendo pressurosamente, seu pai detém-se atônito com a manifestação divina. E exclama, sem demora: "Salve, terra que me eras devida pelo destino, e salve, vós, ó fiéis Penates de Tróia!" Aqui é a morada, aqui é a pátria. Meu pai, lembro-me agora, confiou-me estes segredos do destino: "Meu filho, quando levado a plagas desconhecidas, esgotadas as provisões, a fome obrigar-te-á a devorar as mesas, espera, então, um abrigo após tantas fadigas e lembra-te de ali lançares os alicerces e ali traçares os limites de uma cidade e ergueres os tetos." Eis tal fome; eis essa prova suprema que deveria pôr termo aos nossos sofrimentos. Vamos, pois, e, jubilosos, desde os primeiros clarões do dia, tratemos de reconhecer estas plagas, o povo que as habita, a situação das cidades e partir do porto seguindo diversas direções. Agora, fazei libações a Júpiter, invocai em vossas preces meu pai Anquises e colocai vinho nas mesas."

Assim tendo falado, cinge a fronte com um ramo verdejante, e invoca o Gênio do lugar, a Terra antes de todas as outras divindades, as Ninfas e os Rios que lhe são desconhecidos; depois invoca, sucessivamente, a Noite, os astros, signos que nascem na noite. Júpiter do Ida, e a Mãe frígia[3] e os pais no céu e no Erebo[4]. Então, o Pai onipotente do alto do sereno céu, faz trovejar três vezes e[5], agitando-a com sua própria mão, mostra no céu uma nuvem inflamada com raios de luz e de ouro. Espalha-se logo, nas fileiras troianas, a notícia de que chegara o dia de se erguer as prometidas muralhas. À porfia, recomeçam o banquete, colocam as crateras e coroam o vinho.

Na manhã seguinte, desde que o dia nascente iluminava terras com sua lâmpada, dispersam-se para reconhecer a cidade e o território e as praias daquela nação; eis as águas estagnadas da fonte do Numício, eis o rio Tibre, os lugares habitados pelos valorosos latinos. Então, o filho de Anquises, depois de haver escolhido nas fileiras de todo o exército, cem embaixadores, ordenou-lhes que fossem, todos cingidos com os ramos de Palas[6], à augusta cidade do rei, oferecer-lhe presentes e oferecer a paz em nome dos teucros, e eles partem sem demora, caminhando com passo rápido, ansiosos por cumprirem as ordens. Ele próprio marca o lugar das muralhas, abrindo um fosso no chão, fortifica o lugar, levanta as primeiras construções e cinge a cidade, construída à feição de um acampamento, de uma muralha com ameias.

Já os jovens, tendo feito o percurso, e avistando as torres e os altos tetos dos latinos, aproximam-se da muralha. Diante da cidade, os meni-

---

1 Estes pães ou bolos de farinha de trigo, leite, ovos e óleo, que os troianos vão comer para cumprir a profecia de Celeno, serviam para sobre eles serem postas as oferendas que se colocavam diante das imagens dos deuses.

2 No original *Cereale solum"*, os pães colocados em cima da relva.

3 Cibele, mãe dos deuses, cultuada em particular na Frígia.

4 No original: *duplices... parentes,* isto é, Vênus no céu e Anquises nos Campos Elísios.

5 Raramente a trovoada em um céu sereno é, para Virgílio, augúrio favorável; aqui, porém, é este o caso.

6 Ramos de oliveira, emblema da paz.

nos e jovens na flor da mocidade exercitam-se em cavalos e manobram carros na poeira, distendem arcos poderosos, brandem flexíveis dardos nos braços musculosos, ou se enfrentam na luta ou na corrida: um dos cavaleiros leva ao idoso rei a notícia que haviam acabado de chegar homens de elevada estatura, trajando vestes desconhecidas. Ele ordena que tais homens sejam chamados ao palácio e assenta-se no meio de sua corte, no trono ancestral.

Erguia-se no meio da cidade um majestoso palácio, enorme, sustentado por cem colunas, residência real do laurenciano Pico, que a floresta e a veneração herdada dos antepassados rodeavam de um terror sagrado.[1] Era ali que os reis costumavam[2] receber o cetro e ver se levantar diante deles os feixes de varas;[3] ali ficava o templo da cúria, a sala dos festins sagrados. Estátuas de velho cedro apresentavam a linha dos antepassados de Latino: Ítalo e o patriarca Sabino, que plantou a vinha, trazendo ainda a recurvada foice, e o velho Saturno, e Jano bifronte erguiam-se no vestíbulo, assim como outros reis que, desde a origem, haviam recebido ferimentos na guerra, combatendo pela pátria. Além disso, nas portas sagradas estão pendurados muitas armas, carros tomados ao inimigo, machados recurvados, penachos de capacetes, enormes trancas de portas,[4] dardos, escudos redondos, rostros arrancados das naves. O próprio Pico, trajando uma toga curta, lá estava assentado, com o bastão de Quirino na mão direita, o broquel na mão esquerda, Pico, domador de cavalos, que sua esposa Circe, dominada pelo ciúme, tocou com sua vara de ouro e transformou em uma ave de asas multicores[5]. Foi neste templo dos deuses e assentado no trono dos antepassados, que Latino recebeu os teucros e disse-lhes estas palavras de boas-vindas:

"Dizei, descendentes de Dardano (pois não desconhecemos vossas cidade e vossa origem e ouvimos falar de vós antes de chegardes por mar a estas plagas), que desejais? Que motivo, que forte necessidade voz conduziu, através de tantos mares azuis, até o litoral da Ausônia? Quer tenhais vos afastado de vossa rota ou sido empurrados pela tempestade, coisas que acontecem freqüentemente com os nautas em alto-mar, penetraste através das margens no curso do nosso rio e entraste em nosso porto, não fugi à hospitalidade, não ignoreis os latinos, povo de Saturno, que praticam a justiça não pela necessidade ou pela severidade das leis, mas por sua própria vontade, para seguir os costumes que o deus lhes ensinou. E lembro-me mesmo (uma tradição obscurecida pelos anos) ter ouvido velhos auruncos dizer que Dardano, nascido nestas plagas, penetrou até as cidades frígias do Ida e em Samos da Trácia, hoje chamada Samotrácia. Saindo de sua morada de Corito, no Tirreno, ele se acha agora em um trono no palácio de ouro do céu constelado e aumenta o número dos deuses venerados em nossos altares."

Disse, e Ilioneu respondeu-lhe com estas palavras: "Rei, da ilustre estirpe de Fauno, não fomos empurrados pela tempestade e obrigados a aportar a vossas terras, nem os astros ou as costas nos fizeram perder a rota: foi por nossa vontade e disposição que viemos a esta cidade, ex-

---

1 No original: "*Horrendum silvis et religione parentum*", literalmente: "temível pelas florestas e pela veneração (ou superstição) dos antepassados".
2 Quando eram coroados. No original, *omen*, um costume de feliz augúrio.
3 Os feixes de varas, símbolo do poder. Virgílio atribui aos laurencianos os usos e costumes dos romanos.
4 Das portas de cidades conquistadas.
5 *Picus* em latim é o nome do pica-pau.

pulsos do maior reino que o Sol iluminava outrora, vindo da extremidade do Olimpo[1]. A origem de nossa raça vem de Júpiter; a mocidade dardânia rejubila-se de ter Júpiter por antepassado; foi o próprio rei troiano Enéias, da estirpe suprema de Júpiter, que nos enviou ao teu palácio. Que tempestade foi desencadeada nos campos do Ida pela feroz Micenas, como os dois mundos da Europa e da Ásia foram lançados um contra o outro pelo destino, todos ouviram falar, mesmo os que habitam uma terra longínqua, afastada pelo Oceano e os que vivem, no meio das quatro zonas, em uma plaga distante consumida por um sol inclemente[2]. Tendo escapado dessa devastação, depois de termos sido arrastados por tantos mares, imploramos um pequeno asilo para os deuses pátrios, uma plaga onde possamos viver inofensivos, a água e o ar oferecidos a todos. Não deixaremos de trazer lustro ao vosso reino, vosso renome não será diminuído e o reconhecimento de tão grande benefício não se apagará; os ausônios não se arrependerão de terem acolhido Tróia em seu seio. Eu te juro pelo destino de Enéias e por seu braço poderoso, que todos puderam pôr à prova, quer nos tratados, quer na guerra: uma multidão de nações (não nos desprezes porque te procuramos com ínfulas e as palavras dos suplicantes) pediram e desejaram nos ter como aliados; os decretos dos deuses, no entanto, nos ordenaram procurar vossas terras. Aqui nasceu Dardano, para aqui o chama Apolo e nos impõe, imperiosamente, que alcancemos o Tirreno e o Tibre e as águas sagradas da fonte de Numício. Além disso, Enéias oferece-te estes pequenos presentes, restos de sua antiga fortuna, arrancados de Tróia em chamas. Com este copo de ouro, seu pai Anquises fazia as libações diante dos altares; Príamo usava este cetro e esta tiara sagrada quando fazia justiça a seus povos convocados; estas vestes são frutos do trabalho das mulheres troianas."

Ouvindo estas palavras de Ilioneu, Latino fica imóvel, de cabeça baixa, entregue as meditações, com os olhos postos no chão. A púrpura bordada e o cetro de Príamo não o comovem tanto quanto a idéia do matrimônio e das núpcias de sua filha; e volta ao seu coração o velho oráculo de Fauno. É o genro anunciado que os fados lhe enviam de uma terra estrangeira e convocam a compartilhar seu trono sob os mesmos auspícios, aquele cuja estirpe há de ilustrar-se pelo seu valor e dominar o mundo inteiro pela força. Diz, enfim, jubiloso: "Que os deuses protejam nossos projetos e seus augúrios! Ser-te-á dado, troiano, o que pedes e não desdenho teus presentes: enquanto Latino reinar, não vos faltarão a riqueza de um solo fértil e a opulência de Tróia. Quanto a Enéias, se tanto desejas nos ver, se se apressa em aliar-se pela hospitalidade e tornar-se nosso associado, que venha e jamais receie a presença de um amigo. Para mim, a aliança estará em parte concluída quando eu apertar a mão de vosso chefe. De vossa parte, levai, agora, minha mensagem ao vosso rei. Tenho uma filha que não me permitem unir a um homem de nossa nação os oráculos saídos dos santuários de meu pai e muitos prodígios aparecidos no céu; eles anunciam que está reservado ao Lácio um genro vindo de plagas estrangeiras, que elevará nosso nome até os astros: creio que ele é o homem que o destino reclama e o escolherei, se é verdade o que meu espírito augura."

Assim tendo falado, o patriarca faz uma escolha entre os seus cavalos. Havia trezentos, reluzentes, em amplas estrebarias: sem demora manda levar a cada um dos teucros um desses corcéis de pés alados e

---

1 Isto é, do oriente.
2 A zona tórrida.

recobertos de xairéis bordados; peitorais de ouro pendem-lhes do pescoço: estão ajaezados de ouro e seus dentes mastigam um freio de ouro fulvo. O ausente Enéias terá um carro atrelado a dois cavalos de origem celeste,[1] que lançam fogo pelas narinas, da raça que a artificiosa[2] Circe criou, cruzando, furtivamente, sua égua com os garanhões de seu pai.[3] Com esses presentes e as palavras de Latino, os companheiros de Enéias voltam, montados nos cavalos e levando a paz.

Eis, porém, que a furiosa esposa de Júpiter, regressando de Argos, terra de Inaco, atravessa os ares com seu carro e avista ao longe, até do siciliano Paquino, o jubiloso Enéias e a frota. Vê os troianos já construindo casas, já se confiando à terra, tendo deixado os navios. Detém-se, tomada de viva dor; depois, sacudindo a cabeça, arranca do peito estas palavras:

"Ah, estirpe odiosa e destinos dos frígios contrários aos nossos destinos! Por que não pereceram nas planícies do Sigeu, por que não foram feitos cativos? Por que Tróia incendiada não consumiu estes homens? Abriram caminho no meio dos combates e dos incêndios! Entretanto, creio, minha vontade divina está esgotada ou meu ódio exausto. Ao contrário, em meu ódio, tendo os expulsado de sua pátria ousei persegui-los, em sua fuga, por todo o pélago; esgotei contra os teucros as forças do céu e do mar. De que me serviram as Sirtes, ou Sila, ou a vasta Caribde? Estão abrigados no leito almejado do Tibre, protegidos do mar e de mim! Marte pôde destruir a horrível raça dos lapitas; o próprio pai dos deuses entregou a velha Calidônia às iras de Diana: Que crime tão grande tornava os lapitas ou Calidônia merecedores do castigo? No entanto, eu, insigne esposa de Júpiter, não deixei de lado meio algum de os punir que estivesse ao meu alcance, desventurada! Sou vencida por Enéias! Se meu poder não é suficiente, não duvidemos de implorar o socorro seja de que deus for. Se não posso arrastar os deuses superiores, moverei o Aqueronte. Não me é dado afastar Enéias de Latino e os fados reservam-lhe inexoravelmente Lavínia por esposa: ser-me-á permitido, porém, dificultar e retardar a execução desses grandes desígnios; ser-me-á permitido, porém, exterminar povos de dois reis. Que o genro e o sogro firmem sua aliança a esse preço. O sangue troiano e o rútulo será teu dote, ó virgem, e Belona te espera para madrinha do casamento[4]. A filha de Cisseu não será, a única a ter, como fruto de matrimônio, engendrado uma tocha fatal:[5] da mesma maneira, Vênus tem em seu filho um outro Páris e uma tocha funesta para a Pérgamo renascente."

Tendo dito estas palavras, dirige-se à terra, furiosa, e da sede dos deuses ferozes e das trevas infernais, convoca a funesta Alecto, que se compraz com a lamentável guerra, com as iras, as insídias e as acusa-

---

1 No original: *Semine ab aetherio*, literalmente: "de semente etérea".

2 No original *daedala Circe*, isto é, Circe semelhante a Dédalo, artificiosa como Dédalo, que construiu o labirinto e conseguiu voar.

3 O Sol.

4 No original: *Et Bellona manet te pronuba*. *Probuna* era o epíteto de Juno, que presidia aos casamentos. A deusa o aplica ironicamente a Belona, deusa dos combates, que era representada com uma cabeleira de serpentes.

5 A idéia, segundo Benoist, é a seguinte: Hécuba (filha de Cisseu) não foi a única a pôr no mundo um filho que, acendendo os fachos do himeneu, ateará fogo à pátria. A expressão usada, *ignes jugales*, dá uma idéia, ao mesmo tempo, das tochas do matrimônio que Páris acenderá e do próprio Páris. Hécuba sonhou que tinha uma tocha no ventre e os adivinhos predisseram que ela teria um filho que incendiaria toda a Ásia.

ções caluniosas. O próprio pai Plutão[1] a odeia; suas irmãs do Tártaro odeiam esse monstro; ora ela assume aspectos diferentes, ora sua fisionomia é horrível, tantas serpentes pululam em sua medonha cabeleira! Juno a incita, dizendo-lhe estas palavras: "Faze por mim um esforço supremo, virgem gerada pela Noite, presta-me o serviço de impedir que nossa honra e nosso renome sejam ultrajados, que os companheiros de Enéias possam enlear Latino com o matrimônio e se estabelecer nas terras italianas. Tu podes armar para o combate irmãos que vivam em harmonia e incitar o ódio dentro dos lares; tu podes lançar o flagelo e tochas funerárias sobre os tetos; tens mil pretextos, mil artifícios para fazer-lhes mal. Agita teu coração fecundo, destrói a paz preparada, semeia as causas da guerra: que toda a juventude queira a guerra, e a reclame, e a faça!"

Ora ela assume aspectos diferentes, ora sua fisionomia é horrível, tantas serpentes pululam em sua medonha cabeleira! (pág. 118)

Infetada logo dos venenos da Górgona, Alecto trata de dirigir-se ao Lácio, ao soberbo palácio do rei laurenciano e pára na silenciosa câmara de Amata, que, pensando na chegada dos teucros e no casamento de Turno, entregava-se, ardente, a preocupações e ódios próprios da mulher. A deusa atira-lhe uma das serpentes de sua cabeleira escura e a faz penetrar até o fundo do coração, para que os furores provocados pelo monstro abalem toda a casa. A serpente, deslizando entre as vestes e o liso peito, sem a tocar, excita-lhe o furor, soprando-lhe seu hálito envenenado, sem que ela o perceba; a enorme cobra torna-se um colar

---

1 No original, *pater Pluton*, o que não quer dizer que Plutão seja pai de Alecto. O título de *pater* cabe aos deuses superiores.

de ouro que lhe rodeia o pescoço, torna-se a fita da comprida rede que lhe prende os cabelos e estende-se, viscosa, pelos seus membros. E, enquanto os primeiros ataques do veneno agitam os sentidos e levam o fogo às entranhas, sem que o espírito perceba a chama em todo o coração, fala com mais doçura, como é costume das mães, derramando muitas lágrimas pela filha e por seu matrimônio com o frígio:

"É, então, a um teucro exilado que dás Lavínia em casamento, ó pai? Não te apiedaste da filha nem de ti? Não te apiedas de uma mãe que esse pérfido deixará ao primeiro Aquilão,[1] ganhando o alto-mar e levando consigo a virgem? Não foi assim que o pastor frígio penetrou na Lacedemônia e levou Helena, filha de Leda, para as cidades troianas? Que é de tua palavra sagrada? Que é de tua antiga preocupação pelos teus e tua destra tantas vezes estendida a teu parente Turno? Se terá de ser procurado pelos latinos um genro em nação estrangeira, se isto está determinado e se as ordens de teu pai Fauno te obrigam, penso que toda terra independente de nosso cetro é uma terra estrangeira e que assim entendem os deuses: e Turno, se for examinada a origem de sua casa, tem por antepassados Inaco e Acrísio do centro de Micenas."

Depois de haver, com tais palavras, procurado, em vão, convencer Latino, quando o vê inflexível, e quando o veneno procedente das Fúrias lhe penetrara até o fundo das vísceras e a percorre inteira, então a desventurada, presa de horríveis visões, vaga, delirante, desordenadamente, pela cidade imensa. Assim sob as chibatadas volteia um pião, que as crianças, atentas ao jogo, passeiam no amplo espaço de um átrio redondo (expulso pela correia, ele descreve curvas; os meninos debruçam-se, sem compreender, extasiados diante dos movimentos que admiram; as chibatadas reanimam o brinquedo); assim também a rainha apressadamente avança, indo de cidade em cidade, entre populações belicosas. Mais ainda, fingindo sentir a influência da divindade de Baco, não temendo cometer um maior sacrilégio e tornada mais furiosa, corre e esconde a filha nos montes cobertos de frondosas árvores, para roubá-la ao matrimônio com o teucro e retardar a cerimônia nupcial.[2] "Evoé, Baco!" vocifera, fremente "somente tu és digno desta virgem; por ti, na verdade, ela ergue o flexível tirso, executa as danças em torno de ti,[3] por ti cuida de sua cabeleira consagrada."[4] Corre a notícia e o mesmo ardor arrasta todas as matronas, tomadas de fúria no coração, a procurar novos lares. Abandonam as casas, entregam ao vento a nuca e os cabelos; outras enchem os ares de urros que estremecem tudo e, recobertas de peles, agitam pâmpanos. A própria Amata, no meio delas, empunha, fogosa, um galho de pinheiro e anuncia o casamento da filha com Turno, e, de olhar feroz, exclama, com voz soturna, de súbito: "Eia, matronas latinas, escutai onde quer que vos encontrardes; se resta em vossos piedosos corações algum afeto pela desventurada Amata, se o direito das mães ainda vos preocupa, soltai as fitas que vos prendem os cabelos e entregai-vos à orgia comigo." Assim, no meio das florestas, nas selvas habitadas pelas feras, Alecto por toda a parte incita a rainha com os aguilhões de Baco.

---

1 O Aquilão é ou era o vento mais favorável à navegação da Itália central para a Sicília.
2 No original *taedasque moretur*, literalmente: "e retardar os fachos nupciais".
3 As bacantes supunham que Baco se encontrava no meio delas.
4 As donzelas, pouco antes do casamento, cortavam os cabelos e os consagravam a um deus. As bacantes deixavam crescer os seus.

Depois que lhe pareceu ter excitado suficientemente o furor e alterado as disposições e toda a casa de Latino, a nefasta deusa de asas escuras voou para as muralhas do audacioso Rútulo, cidade que, segundo dizem, foi fundada por colonos conduzidos por Dânae, filha de Acrisíono, para ali levada pelo violento Noto. O lugar foi outrora chamado de Ardéia por nossos antepassados; e hoje se mantém o grande nome de Ardéia, mas não mais a fortuna. Ali, em seu grande palácio, Turno já gozava o repouso de uma noite escura. Alecto despojou-se de sua horrível fisionomia e de seu corpo de Fúria; assume as feições de uma velha, sulca de rugas a fronte repulsiva, cobre a cabeça de cabelos brancos amarrados por uma ínfula, depois os rodeia com um ramo de oliveira: torna-se Calibe, a velha sacerdotisa do templo de Juno, e apresenta-se diante dos olhos do jovem, dizendo-lhe estas palavras: "Turno, resignar-te-ás que tantos esforços tenham sido feitos em vão e que teu cetro passe a colonos dardânios? O rei recusa-te um consórcio e um dote adquiridos com sangue[1] e procura para seu reinado um herdeiro estrangeiro. Vai, agora, escarnecido, oferecer-te a ingratos perigos; vai, extermina os exércitos tirrenos, protege a paz dos latinos. Foi a própria filha onipotente de Saturno que, quando eu descansava no seio da noite tranqüila, ordenou-me que te falasse abertamente. Vai, então, manda, com entusiasmo, que a juventude se arme e se encaminhe para as portas, derrota os frígios que se instalaram à margem do belo rio e incendeia suas naves pintadas. Assim ordena o grande poder dos celestes. Que o próprio rei Latino, se recusa dar-te a filha em casamento e honrar a palavra, compreenda e experimente o que é Turno com suas armas."

Então o jovem, rindo-se da profetisa, toma a palavra, por sua vez, e diz-lhe: "Não penses que ignoro haver penetrado nas águas do Tibre uma frota: não julgues que tenho, por causa disso, tanto temor quanto dizes[2]. A rainha Juno não nos esquece. A ti, ó mãe, a decrepitude e a incapacidade de discernir a verdade atormentam-te com inúteis preocupações e entre o estrépito de armas dos reis, zombam de ti, sacerdotisa, por teus infundados alarmas. Trata de cuidar das imagens dos deuses e do templo; deixa a guerra e a paz aos cuidados dos varões, que fazem a guerra."

Ao ouvir estas palavras, Alecto inflama-se de raiva. O jovem ainda falava, quando um súbito tremor lhe toma os membros; seu olhar torna-se fixo; sua fisionomia vai se contraindo à medida que Erine faz silvar as serpentes! Então, torcendo os olhos congestionados, enquanto ele hesita e procura responder, ela o empurra, tira duas cobras da cabeleira, faz vibrar a chibata e diz, raivosa: "Eu sou aquela que a decrepitude e a incapacidade de discernir a verdade no meio dos combates dos reis tornam alvo da zombaria pelos infundados alarmas. Olha: venho da morada das irmãs implacáveis; trago na mão a guerra e a morte."

Tendo assim falado, atira um facho ao jovem e lhe enfia no peito archotes fumegantes com seu fogo sinistro. O pavor o desperta, o suor escorre-lhe por todo o corpo, inunda-lhes os ossos e as articulações. Desvairado, clama por armas, procura armas no leito e pelo palácio; alucinam-no o desejo de empunhar a espada, o criminoso furor guerreiro e a ira acima de tudo; assim é quando a grande chama crepitante produzida por uma fogueira de ramos leves esquenta uma panela de

---

1 Turno derramara seu sangue para defender os latinos contra os etruscos.

2 No original: *Ne tantos mihi finge metus*, "não cries tantos temores para mim".

bronze borbulhante e o calor levanta o líquido; a água, dentro da vasilha, referve e fumega e sobe escumando, depois não cabe mais e sobe como vapor escuro pelo ar. Ele anuncia, então, aos chefes dos seus guerreiros que vai marchar contra o rei Latino, que violou a paz e ordena-lhes que preparem as armas, para defender a Itália e expulsar o inimigo das fronteiras; ele sozinho é bastante forte para enfrentar os teucros e os latinos. Assim tendo falado, implora aos deuses que atendam seus votos, e, à porfia, os rútulos mutuamente se exortam a pegar em armas. Este é sensível à sua bela constituição e à sua mocidade, aquele aos reis seus antepassados, aqueloutro ao seu braço insigne pelas façanhas.

Enquanto Turno estimula os rútulos com um audacioso entusiasmo, Alecto batendo as asas estígias, voa para junto dos teucros e, tramando uma nova artimanha, descobre um lugar na costa onde o belo Iulo caça os animais selvagens, com armadilhas ou perseguindo-os na carreira. Ali a virgem do Cocito insufla nos cães uma súbita raiva e leva-lhes ao faro que conhecem, para os lançar, fogosos, na pista de um cervo, que foi a primeira causa das desgraças e inflamou para a guerra o coração dos camponeses.

Era um cervo de grande beleza e chifres enormes, que, tendo sido tirado da mãe ainda mamando, fora criado pelos filhos de Tirreu e pelo próprio Tirreu, intendente dos rebanhos do rei, que lhe confiara seus vastos domínios. A irmã dos jovens, Sílvia, o amansara, tratava-o com grande cuidado, enfeitava-lhe os chifres com flexíveis grinaldas, penteava-lhe o rude pêlo e lavava-o com água límpida. O animal, muito dócil, habituado à comida do dono, errava pelos bosques e voltava sozinho para a casa com que se acostumara, mesmo alta noite. Os furiosos cães da matilha de Iulo perseguiram-no quando, errando ao longe, se deixava ir levar pelo curso do rio, procurando a frescura de uma margem verdejante. O próprio Ascânio, arrastado por um ardente desejo de renome, disparou contra ele uma seta com seu recurvado arco; sua mão não deixou de ser dirigida por um deus; a flecha, com forte ruído atravessou as ilhargas e o ventre. O quadrúpede ferido procurou refúgio em casa e entrou gemendo em seu estábulo e ali, ensangüentado, semelhante a um suplicante, enche toda a casa de lamentos. A irmã Sílvia arranhando os braços de desespero, é a primeira a gritar por socorro e a chamar pelos rudes camponeses. Eles (a horrível Fúria conserva-se escondida nos bosques silenciosos) aparecem prestos, este armado com um tição aceso, outro com um nodoso bastão; em sua raiva, cada um apanha a arma que encontra. Tirreu, que, por acaso, estava rachando com uma cunha um tronco de carvalho, convoca os camponeses e inspira o terror, tendo se munido de um machado.

Entrementes, a feroz deusa, que, de atalaia, esperava o momento de fazer o mal, sobe o elevado teto do estábulo e, do alto, dá o sinal dos pastores,[1] sopra sua voz infernal através da recurvada tuba, que faz tremer ao longe todos os bosques e retumbar as impenetráveis florestas: ouve-a o distante lago da Trívia, ouvem-na o alvo ribeiro do Mar de águas sulfurosas e a fonte de Velino; e as mães, tremendo, abraçavam-se com os filhos. Então, na verdade, céleres a essa voz, acorrem ao lugar onde a buzina deu o sinal os rudes camponeses, empunhando dardos: e também os jovens troianos correm para fora do acampamento, em socorro de Ascânio. Alinham-se para a batalha. Já não é um embate rústico em que se vibrem rijos varapaus ou azagaias endurecidas

---

1 O sinal que convocava os pastores quando ocorria um perigo.

no fogo; manejam-se machadinhas de dois gumes, uma escura seara de espadas nuas estende-se em grande extensão, os bronzes fulgem batidos pelo sol e se refletem nas nuvens: assim é quando, ao primeiro sopro do vento, a onda começa a enbranquecer, o mar levanta as vagas, pouco a pouco e cada vez mais alto e, afinal, se ergue do fundo do abismo até o céu. Uma sibilante seta mata o jovem Almon, filho primogênito de Tirreu, que avançava na primeira fila; a ponta cruel cravou-se em sua garganta, fechou o úmido caminho da voz e deteve o sopro da vida. Em torno dele tombam muitos homens, entre os quais o velho Galeso, quando se interpunha pela paz, o homem mais justo e mais rico que houve nos campos da Ausônia; cinco rebanhos de ovelhas e cinco de bois entravam em seus estábulos, e ele revolvia a terra com cem arados.

Enquanto através dos campos desenrolava-se a guerra com possibilidades iguais, a deusa, tendo cumprido a sua promessa,[1] vendo que havia derramado o sangue da guerra e feito vítimas mortais no primeiro embate, deixa a Hespéria e, atravessando as virações do céu, vitoriosa dirige-se a Juno com estas orgulhosas palavras: "Eis que, segundo tua vontade, a discórdia acendeu a terrível guerra! Dize-lhes para fazer amizade e firmar aliança, agora que derramei nos teucros o sangue dos ausônios. Eu iria ainda mais longe, se estivesse certa de tua vontade. Espalharia intrigas pelas cidades vizinhas à guerra e inflamaria os corações com o desejo insensato e combates, e de todos os lados acorreriam em socorro; semearia armas pelos campos." Replica-lhe Juno: "Basta de fraudes e artifícios: já existem as causas da guerra; já se travaram os combates corpo a corpo; um sangue novo tinge as primeiras armas oferecidas pelo acaso. Que o ilustre filho de Vênus e o próprio rei Latino celebrem tal consórcio e tal himeneu. Quanto a ti, o Pai soberano do soberbo Olimpo não consentiria que erres livremente sobre as brisas do éter. Retira-te. Eu mesma determinarei, se houver ainda necessidade de sobrepor-me ao destino." Assim falou a filha de Saturno: a outra ergueu as asas sibilantes de serpentes e dirigiu-se à morada no Cocito, deixando as alturas.

Existe, na Itália, no sopé de elevadas montanhas, um lugar célebre e conhecido pela fama em muitos países, o vale de Ansanto; dos dois lados é rodeado por sombrias florestas e, no meio passa um torrentoso rio, com grande ruído entre os rochedos. Ali se vê uma caverna horrível, respiradouro do cruel Plutão, imensa garganta por onde o Aqueronte transbordando mostra suas gargantas pestíferas, onde Erínia, divindade odiosa, escondida livrava as terras e o céu de sua presença.

Entrementes, a rainha filha de Saturno não deixa de dar o último impulso à guerra. Toda a multidão de pastores corre do campo de batalha para a cidade, levando os cadáveres do jovem Almon e de Galéas, de rosto desfigurado, imploram os deuses e apelam para Latino. Turno lá se encontra e, no meio das acusações de matanças e incêndios, redobra o terror: os teucros são chamados ao reino; a raça frígia intromete-se; e ele é afastado do palácio. Então aqueles cujas mães, possuídas por Baco, dançam pelo bosque em honra do deus (pois a influência de Amata não era vã) reúnem-se vindos de todos os lados e reclamam a guerra. Na verdade, todos, em oposição aos decretos dos deuses, ao contrário da vontade divina, exigem a guerra ominosa e à porfia, cercam o palácio de Latino. Este resiste, como um rochedo no

1 No original: *Promissi dea facta potens*, literalmente: "a deusa tendo se tornado senhora da coisa prometida".

mar que, assaltado com grande fragor, batido por muitas ondas que o cercam, rugindo, mantém-se pela sua grandeza; em vão estremecem em torno dele os escolhos espumantes e as pedras e as algas se despedaçam ao seu encontro. Vendo, porém, que não há meio algum de vencer aquela cega obstinação e que os fatos são governados pela vontade da inclemente Juno, o patriarca exclama, depois de haver invocado os deuses e os céus insensíveis: "Ah! Somos derrotados pelos fados e arrastados pela procela. Vós mesmos expiareis com sangue este sacrilégio, desventurados! A ti, Turno, estará reservado o castigo que espera os ímpios e oferecerás aos deuses votos por demais tardios. Quanto a mim, já conquistei o repouso, estou no limiar do porto e privam-me apenas de uma morte tranqüila." Nada mais disse, fechou-se em seu palácio e abandonou as rédeas do poder.

Havia um costume no Lácio da Hespéria, que as cidades albanas consagraram, sem interrupção, e que hoje conserva a portentosa Roma, quando inicia uma guerra, seja se se dispõe a levar a dolorosa luta aos getas, aos hircanos ou aos árabes, quer pretenda avançar contra os indianos, penetrar no Oriente ou retomar aos partas nossas insígnias[1]. Há duas portas da Guerra, como são chamadas, consagradas pela religião e pelo temor ao implacável Marte; são fechadas por cem trancas de bronze e barras de ferro indestrutíveis e o guardião Jano não se afasta do limiar. Quando a decisão de combater foi tomada irrevogavelmente pelos senadores, o próprio cônsul, trajando manto quirinal e cinto gabino, as faz girar em seus rangedores gonzos; proclama ele mesmo o estado de guerra: a juventude o acompanha então e as cornetas de bronze juntam seu estridente assentimento. De acordo com esse costume, Latino foi então convidado a declarar guerra aos companheiros de Enéias e abrir as sinistras portas. O patriarca abstém-se de tocá-las e foge desse triste mister, escondendo-se nas profundas trevas. Então, a rainha do deuses, tendo descido do céu, empurra com as próprias mãos as portas emperradas e, fazendo-as girar sobre seus gonzos, a filha de Saturno abriu as trancas de ferro da guerra. Incendeia-se a Ausônia, dantes pacífica e tranqüila: compraz-se em desdobrar os estandartes e em ouvir o som das trombetas. Cinco grandes cidades forjam nas bigornas novas armas, a poderosa Atina, a soberba Tibur, Ardéia, Crustumério e Antena coroada de torres. Alguns preparam capacetes e, com ramos de salgueiros recurvados, constroem os redondos escudos; outros recobrem com lâminas de prata as armaduras de bronze ou as lisas grevas. Eis em que deram sua afeição pela relha e pela foice e todo o seu apego ao arado; retemperam no fogo as espadas dos pais. Já soam as trombetas dando o sinal; espalha-se a senha[2]. Alguns preparam-se para marchar a pé pelos campos; outros, cobertos de pó, cavalgam altos corcéis; todos procuram as armas. Este pega, apressadamente, o capacete em sua casa; aquele põe sob o jugo os fogosos cavalos, cinge um escudo e uma couraça de tríplice tecido de ouro e arma-se com a fiel espada.

Abri-me, agora, o Helícon, ó Musas, e entoai vossos cantos, dizei que reis partiram para a guerra, que exércitos os acompanharam cobrindo os campos, que guerreiros já então fez florescer a terra sagrada

---

1 Assustados com os preparativos de uma expedição que Augusto vinha fazendo, os partas devolveram os estandartes romanos que haviam tomado quando derrotaram Crasso.

2 No original: *it bello tessera signum*, isto é, faz-se circular a tabuinha na qual estava escrita a senha e que os soldados chamados *tesserarii* passavam de mão em mão.

da Itália, em que armas se abrasou; eis que vós sabeis, ó deusas, e podeis relembrar e até nós chegou apenas o leve sopro da fama.

O fero Mezêncio, desprezador dos deuses, vindo das margens do Tirreno, foi o primeiro a entrar em guerra e a armar suas coortes. Tem

O fero Mezêncio, desprezador dos deuses, vindo das margens do Tirreno, foi o primeiro a entrar em guerra... (pág. 124)

ao lado seu filho Lauso, cuja beleza não é ultrapassada por ninguém, exceto pelo laurenciano Turno, Lauso domador de cavalos e vencedor de feras, conduz mil soldados que em vão[1] o acompanharam da cidade

1 Em vão, porque deveriam todos, como seus chefes, perecer na guerra.

de Agilina, digno de ter um pai mais virtuoso do que Mezêncio[1].

Depois deles, mostrando sobre a relva o carro enfeitado de palmas e seus cavalos vitoriosos, avança o magnífico Aventino, filho do magnífico Hércules, que traz o famoso escudo paterno, com as cem serpentes de que a Hidra é rodeada; na floresta da colina do Aventino, a sacerdotisa Réia, mulher unida a um deus, o deu à luz furtivamente, depois que o herói tiríntio tendo matado Gerionte, alcançou os campos laurencianos e banhou no Tirreno as vacas da Ibéria. Seus homens trazem dardos e sinistros chuços e combatem com a espada e a lança sabélia. Ele próprio caminha a pé, envolto na pele enorme de um leão, com a cabeça coberta por seus pêlos terríveis e os dentes brancos; assim ele avançava, terrível, rumo ao palácio real, com o manto de Hércules preso ao ombro.

Vêm, em seguida, procedentes das muralhas de Tíbur, nação assim chamada do nome de seu irmão Tibúrcio, dois gêmeos, Catilo e o impetuoso Coras, jovens argivos, que avançam na primeira fila, entre os cerrados dardos: assim são dois centauros, filhos da nuvem[2], quando descem dos elevados cumes das montanhas, deixando para trás, em seus cursos rápidos, o Homoleu e o nevoso Oltrim; a imensa floresta lhes dá passagem e as ramagens cedem com fragor.

Nem faltou o fundador de Prenesto, Ceculo, rei, gerado por Vulcano, entre rebanhos e encontrado em uma lareira, segundo se acreditou em todos os tempos. Acompanha-o grande legião de camponeses, os habitantes da alta Prenesta e dos campos consagrados a Juno gabiniana e do glacial Ânio e das penedias da Hérnica, banhados por regatos, e os que alimenta a opulenta Anaguia e tu, venerável Amaseno. Nem todos eles têm armas, não fazem ressoar escudos e carros; a maior parte lança alvas balas de chumbo; outros trazem dois dardos na mão; têm na cabeça um fulvo gorro de pele de lobo, trazem o pé esquerdo descalço[3] e o outro coberto de um couro grosseiro.

Entrementes, Messapo, domador de cavalos, filho de Netuno, que não pode ser morto pelo fogo nem pelo ferro, convoca de súbito às armas seu povo de há muito desacostumado com a guerra e pega de novo a espada. Acompanham-no os esquadrões dos fescininos, dos équos[4] faliscos, dos habitantes das elevações de Soracte, dos campos Flavínios, do monte junto ao Lago Cimino e dos bosques Capenos. Avançavam em fileiras iguais e entoam louvores ao rei: assim, algumas vezes, entre as claras nuvens, os alvos cisnes, quando voltam do pasto, arrancam dos compridos pescoços sons melodiosos; o rio ressona e ao longe agita-se o palude asiático. Não se acreditaria que são coortes de bronze que marcham para o combate, e sim um bando de aves voando entre as nuvens e que, vindas de alto-mar, procuram a praia.

Eis Clauso, do velho sangue dos sabinos, à frente de um grande exército e que vale, ele sozinho, um grande exército, de quem se propagou no Lácio a tribo e a família Cláudia, depois que Roma foi dada

---

1 No original ...*dignus patriis qui laetior esset/Imperiis, et cui pater haud Mezentius esset*, literalmente: "digno de ser mais feliz com as ordens de seu pai e cujo pai não fosse Mezêncio".

2 Os centauros eram filhos de Axion e de uma nuvem a que Júpiter dera a aparência de Juno.

3 No original: ... *Vestigia muda sinistri/Instituere pedis*, isto é: "pisam com a sola do pé esquerdo nua".

4 Não se sabe exatamente o que significa a palavra "*aequos*" que aparece no verso 695 do Livro VII. Aventa-se a explicação, pouco satisfatória, de que a cidade dos faliscos era situada na planície, *in aequo*.

em parte aos sabinos[1]. Com ele avançam a enorme coorte de Amiterna, os velhos quirites, todo o exército de Ereto e de Mustuca, rica de olivais, os que habitam a cidade de Nomento e os campos roseanos do Velino, e os ásperos rochedos de Tetrica, o Monte Severo, o Caspério, Fórulos e o rio Himela; os que bebem no Tibre e no Fabáris; os que enviou a frígida Núrsia, os contingentes de Hortina e os povos latinos; os que separa o curso do Ália, nome infausto:[2] são tão numerosos como as ondas formadas no marmóreo mar da Líbia, quando o implacável Órion agita as suas águas hibernais; como as densas espigas crestadas pelo sol de verão nos campos do Hermo ou nas fulvas planícies da Lícia. Ressoam os escudos e a terra treme sob seus passos.

Halseio, filho de Agamenon, inimigo do nome troiano, atrela ao carro os cavalos e leva a Turno mil povos ferozes; os que cultivam a Mássica fértil em vinhedos e os auruocos mandados por seus pais das altas colinas e seus vizinhos da planície sidicina; os que vieram de Cales; e os que habitam o arenoso rio Vulurno e igualmente o rude satículo e os bandos obscuros. Trazem por armas de arremesso dardos curtos, mas têm o costume de prendê-los a uma correia flexível; um pequeno escudo de couro cobre-lhes o braço esquerdo; de perto usam uma espada recurvada.

Também tu não serás esquecido em nossos versos, Ebalo, que, segundo dizem, Telon gerou da ninfa Sebétis, quando, já velho, reinava sobre os televoenos de Capréia; seu filho, porém, não se contentando com o patrimônio herdado, já submetia, então, ao seu domínio os serrastes e a planície banhada pelo Sarno e os rufros e os batalos e os campos de Celene e os que dominam as muralhas de Abela, rica em macieiras: têm o costume de atirar o dardo à moda dos teutões; cobrem a cabeça com um capacete de cortiça, rebrilham seus pequenos escudos de bronze e suas espadas de bronze rebrilham.

Também a ti a montanhosa Nersa enviou ao combate, Úfens, ilustre pela fama e pela sorte nas armas; tens, como força principal, um povo selvagem, acostumado a caçar nos bosques, os equículos, que vivem em campos difíceis de serem cultivados. Armados aram a terra e estão sempre dispostos a se apoderar de uma nova presa e a viver da rapina.

Vem, ainda, um sacerdote da nação marrúvia, com o capacete recoberto de galhos e um ramo de benigna oliveira, enviado pelo rei Archipo, o muito valoroso Umbro; costumava, com cantos e acariciando com a mão, adormecer as víboras e as hidras de respiração pesada, acalmava-lhes a ira e curava as mordeduras, com sua arte. Não pôde, porém, medicar o ferimento que lhe produziu uma lança dardânia e não tiveram efeito os cantos adormecedores e as ervas colhidas nos Montes Marsos. Choraram-te o bosque de Angícia, o Fucino de água transparente, choraram-te os límpidos lagos.

E avançava para a guerra o magnífico filho de Hipólito, o insigne Vírbio, enviado por sua mãe Arícia, e que havia sido criado perto das frescas margens, sob o bosque sagrado de Egéria, onde se ergue o altar da clemente Diana. Contava-se, com efeito, que Hipólito, depois de haver sido morto pelos artifícios da madrasta e satisfeito pelo sangue o ultraje paterno, esquartejado pelos cavalos espantados, voltou à luz dos

1 Isto é, quando Roma se aliou aos sabinos, quando este povo se incorporou à nação romana.

2 À margem desse rio, os romanos foram derrotados pelos gauleses, em 390 a.C.

astros etéreos e sob as altas brisas do céu, revivido pelas ervas de Peon e pelo amor de Diana.[1] Então, o Pai onipotente, indignado porque um mortal voltara das sombras infernais à luz da vida, precipitou ele próprio com o raio nas ondas do Estige o filho de Febo, inventor da medicina e de tais artifícios.[2] A benevolente Trívia,[3] porém, esconde Hipólito em um lugar secreto e o mantém no fundo do bosque consagrado à ninfa Egéria, onde, sozinho e desconhecido, passaria a vida nas florestas da Itália, tomando o novo nome de Vírbio. Daí provém o fato de se manterem ainda afastados do templo da Trívia e dos seus bosques sagrados os cavalos, porque foram eles que, espantados com o monstro marinho, deixaram cair na praia o carro e o jovem. O filho, entretanto, incitava os fogosos cavalos pela planície e dirigia-se, em um carro, para a batalha.

O próprio Turno, de porte magnífico, avança nas primeiras filas, empunhando as armas e ultrapassando em altura todos os outros. Seu alto capacete de três penachos sustenta uma Quimera que lança o fogo do Etna pela garganta; tanto mais ela treme e lança chamas sinistras, tanto mais é encarniçado o combate e mais sangue corre. O ouro de seu liso escudo representava, assunto magnífico, Io, com os chifres levantados, já coberta de pêlos, já transformada em vaca[4] e o guardião da virgem Argos, e seu pai Inaco derramando a água do rio com a uma cinzelada. Seguem-no nuvens de infantes e coortes armadas de escudos redondos que cobrem os campos, a juventude argiva, as tropas dos auruncos, os rutídos, os veteranos sicanos, e as coortes dos sacrânios e os lábicos de escudos pintados; os que cultivam teus prados, ó Tibre, ou as margens sagradas do Numício e os que trabalham com o arado nas colinas rútulas e no Monte Circeu; os que vêm dos campos protegidos por Júpiter Anxuro[5] e Ferônia, alegre com seus verdes bosques; dos gélidos lugares onde se estende o escuro pântano do Saturo e o Úfens procura caminho através de vales profundos e se perde no mar.

Atrás deles, avança a guerreira Camila, da nação volsca, à frente de uma legião de cavaleiros e bandos rutilantes de bronze; suas mãos de mulher não são afeitas à roca e às alcofas de Minerva, mas é uma virgem habituada a suportar os duros combates e ultrapassar os ventos na corrida. Voaria por cima das verdejantes searas sem as aflorar nem ferir, na carreira, as tenras espigas; correria sobre o mar, suspensa nas ondas levantadas, sem molhar as plantas dos velozes pés. Toda a juventude, vinda das casas e dos campos e uma multidão de mulheres contemplam-na com admiração enquanto ela passa, pasma de espanto diante de seu manto real de púrpura que cobre seus belos ombros, do broche de ouro que lhe prende os cabelos e da graciosidade com que ela maneja o escudo lício e a lança pastoril de murta, de afiada ponta.

---

1 Fedra, madrasta de Hipólito, apaixonada por ele, dele se queixou, caluniosamente, a seu marido, Teseu. Este pediu a Netuno que o castigasse e o deus enviou um monstro marinho, que espantou os cavalos.
2 Esculápio, que ajudara Diana e Peon, médico dos deuses, a reviver Hipólito.
3 Diana.
4 Io foi metamorfoseada por Juno em uma novilha, como conta Ovídio, no Livro I das Metamorfoses, versos 568 a 747.
5 Anxuro — epíteto dado a Júpiter, cultuado perto de Anxur, no país dos volscos.

Livro VIII

Quando Turno hasteou o estandarte da guerra[1] no alto da fortaleza laurenciana, e ecoou o som estridente das trombetas, quando incitou os fogosos cavalos e fez retinir as armas, sem demora os corações palpitaram, com um só impulso todo o Lácio se agita e a intrépida mocidade se exalta. Os chefes principais, Messapo e Úfens e Mezêncio, desprezador dos deuses, ajuntam tropas de socorro vindas de todas as partes e despovoam os vastos campos de seus cultivadores. Vênulo é enviado à cidade do grande Diomedes, a fim de pedir-lhe ajuda e comunicar-lhe a chegada dos teucros ao Lácio, a vinda de Enéias com sua frota, trazendo seus penates vencidos e dizendo-se chamado a reinar pelos fados, a aliança de muitos povos com o herói dardânio e sua fama grandemente espalhada pelo Lácio: ele deveria perceber mais claramente que o rei Turno ou o rei Latino quais as intenções de Enéias, qual o resultado da luta, se a Fortuna o favorecer.

Tal era a situação no Lácio. O herói troiano, percebendo-a em seu conjunto, flutua no grande mar agitado das preocupações, detém o diligente espírito, ora nisso, ora naquilo, hesita entre várias deliberações, agita-se em todos os sentidos: assim é, quando, em um vaso de bronze a trêmula luz da água reflete o sol ou a imagem da radiosa lua, e volteia por um amplo espaço em todos os sentidos, projeta-se no ar e alcança o ornamentado teto. Era noite e um sono profundo dominava, em toda a terra, os homens fatigados e a raça dos quadrúpedes e das aves, quando o patriarca Enéias, com o coração perturbado pela guerra funesta, deitou-se à margem do rio sob a frialdade da abóbada celeste e deixou que um tardio descanso penetrasse em seus membros. Apareceu-lhe, então, o próprio deus daquelas plagas, o Tibre do belo rio, erguendo sua velha cabeça entre a folhagem dos choupos; o linho fino de um manto esverdeado o vestia e uma coroa de caniços sombreava-lhe os cabelos. Falou, então, e afastou as preocupações com estas palavras: "Ó filho da estirpe dos deuses, que nos trazes a cidade troiana arrancada ao inimigo e que conservas a eterna Pérgamo, eis a morada que te está destinada, em solo laurenciano e nos campos latinos; eis os penates; não te afastes; não receies as ameaças de guerra; cessaram a perseguição e a cólera dos deuses. E para que não te creias presa das vãs fantasias do sonho, sabe que irás encontrar sob as azinheiras da margem do rio, uma enorme porca, com os trinta leitões que pariu, toda branca, deitada no chão, dando de mamar aos alvos leitõezinhos. Ali será o local de tua cidade, o descanso fixado às tuas prova-

1 Quando estalava, inesperadamente, a guerra, *tumultus*, nas vizinhanças de Roma, o chefe do exército dirigia-se ao Capitólio e hasteava uma bandeira vermelha para convocar os infantes e uma bandeira azul para convocar os cavaleiros e obrigava todos a prestar o juramento militar, o que se chamava *conjurare*.

ções; será ali que, no fim de trinta anos, Ascânio fundará a cidade de Alba, de nome ilustre. É certo o que te anuncio. Atenta, agora, que vou dizer-te, em poucas palavras, o que deves fazer para seres vencedor. Árcades, saídos da estirpe de Palante, companheiros do rei Evandro, que seguem o seu estandarte, escolheram um lugar nestas plagas e construíram nas montanhas uma cidade chamada Palantéia em homenagem ao seu antepassado, Palante. Estão constantemente em guerra com a nação latina; torna-os teus aliados e firma com eles um tratado; eu próprio te conduzirei diretamente entre as margens do rio e ajudar-te-ei a subir seu curso com os remos. Levanta-te, pois, filho da deusa, e logo que os astros comecem a se pôr, faze as preces rituais a Juno e abranda-lhe com votos suplicantes a ira e as ameaças. Quando fores vencedor, prestarás a mim as honras devidas. Eu sou o cerúleo Tibre, rio gratíssimo ao céu, que vês correr com toda a água, cortando as ribanceiras e atravessando pingues terras cultivadas. Aqui tenho minha grande morada, minha nascente fica entre altas cidades."

Assim falou o Rio, depois mergulhou em seu soberbo leito, procurando o fundo; a noite e o sono abandonaram Enéias. Ele se levantou e, olhando para a etérea luz do sol nascente, com água do rio no côncavo das mãos, segundo o rito, ergueu para o alto estas palavras: "Ninfas, Ninfas laurencianas, onde têm origem os rios, e tu, ó Tibre, genitor com teu rio santo, acolhei Enéias e afastai finalmente os perigos. Seja qual for a fonte de onde mana o lençol de água em que estás, misericordioso, seja qual for o solo de onde sais, magnífico, hás de ser sempre honrado por mim, receberás sempre as minhas oferendas, rio cornígero[1], rei de todas as águas da Hespéria. Sê-me propício, apenas, e confirma, mais perto, a tua proteção." Assim falou e escolheu na frota duas birremes, tripulando-a com os remadores; ao mesmo tempo, fornece armas aos companheiros.

Eis que (repentino prodígio e coisa admirável de ser vista!) através da floresta, aparece uma porca inteiramente branca, deitada entre a verdura da margem do rio com uma ninhada de leitõezinhos da mesma cor: então o piedoso Enéias a sacrifica a ti, grande Juno, e a dedica a ti, com os filhotes, no altar.

O Tibre, durante a noite, acalmou seu curso intumescido e, refluindo as águas silenciosas, aquietou-se, assemelhando-se a uma lagoa ou a paul tranqüilo, aplainando a superfície das águas, de maneira a facilitar o esforço dos remos. Os troianos avançam, pois, rapidamente, com um alegre rumor. O abeto alcatroado desliza sobre a água; as ondas admiram, espantam-se os bosques desacostumados com os escudos dos guerreiros rebrilhando ao longe no rio e as quilhas pintadas que o navegam. Os troianos não param de remar, noite e dia, vencem as compridas curvas do rio, à sombra das mais variadas árvores, e cortam a verde floresta refletida nas águas tranqüilas. O ardente sol subira à metade da abóbada celeste, quando eles avistam ao longe as muralhas, a cidadela e algumas raras casas dispersas, que agora o poderio romano ergueu até o céu; era então o pobre reino de Evandro. Viram, sem demora, as proas e aproximam-se da cidade.

Por acaso, o rei árcade, naquele dia oferecia um sacrifício solene ao grande filho de Anfitrião[2] e aos deuses, no bosque sagrado diante da cidade. Com ele, Palante, seu filho, os principais chefes da juventude e

1 Os deuses dos rios eram representados com chifres. Ignora-se, exatamente, por que motivo.

2 Hércules.

seu pobre senado queimavam incenso e o tépido sangue fumegava nos altares. Ao verem os altos navios avançando entre os sombreados bosques e os marinheiros silenciosos curvados sobre os remos, espantam-se com o que vêem e se levantam juntos, deixando as mesas; o audacioso Palante proíbe-lhes de interromper o sacrifício e corre sozinho, tendo empunhado um dardo, e grita, de longe, do alto de um cômoro: "Jovens, que motivos vos impeliu a experimentar estes caminhos desco-

Uma porca inteiramente branca, deitada entre a verdura da margem do rio com uma ninhada de leitõezinhos da mesma cor... (pág. 129)

nhecidos? — pergunta. — Aonde ides? De que nação sois? De onde vindes? Por acaso trazei a paz ou a guerra?" Então o patriarca Enéias, assim fala da alta popa, mostrando o ramo de oliveira que tem na mão: "Vês troianos e armas inimigas dos latinos, que, desdenhosos, declararam guerra a estes fugitivos. Procuramos Evandro. Leva-lhe esta mensagem e dize-lhe que os chefes de escol dos dardânios vieram solicitar-lhe aliança na guerra." Palante fica perplexo ao ouvir um nome tão insigne. "Desembarca, quem quer que sejas, diz ele, vem falar frente à

frente com meu pai e sê hóspede de nossos Penates." Estende-lhe a mão e aperta a sua e o abraça. Caminham para o bosque, afastando-se do rio.

Então, Enéias dirige ao rei estas palavras amistosas: "Ó tu, o melhor dos gregos, a quem a Fortuna quis que eu suplicasse e oferecesse estes ramos ornados de fitas[1], não me assustei sabendo que era um dos chefes dos gregos e árcade e que tua estirpe é a aparentada com os dois Átridas; o meu valor e o santo oráculo dos deuses, o parentesco de nossos antepassados, e tua fama espalhada pela terra, ligaram-me a ti e leva-me a aceitar de boa vontade os fados. Dardano, primeiro patriarca e fundador de Ílion, filho, segundo os gregos, de Electra, filha de Atlas, chega a terras dos teucros; Electra deve a vida ao grande Atlas, que sustenta a abóbada celeste nos ombros. Vós sois filho de Mercúrio, a quem a branca Maia deu à luz depois de o haver concebido no cume gelado do Cilena; e Maia, se acreditamos no que se diz, gerou Atlas, este mesmo Atlas que sustenta os astros celestes. Assim, as nossas duas famílias vêm do mesmo sangue. Não me utilizei de mensageiros nem de artifícios para sondar tuas disposições; eu, eu mesmo, em pessoa, me apresento, e venho à soleira de tua porta como suplicante. A mesma nação dauniana[2] que te persegue nos persegue com uma guerra cruel; se nos expulsarem, acreditarão que coisa alguma os impedirá de colocar toda a Hespéria sob o seu jugo e dominar o mar que banha o litoral no alto como em baixo. Recebe a minha palavra e dá-me a tua. Temos conosco homens valorosos na guerra, corações valentes e uma juventude experimentada nos combates." Calou-se Enéias. O outro, enquanto ele falava, contemplava seu rosto, seus olhos, todo o seu corpo. Afinal, retrucou, em poucas palavras: "Com que júbilo te acolho e te conheço, ó mais valoroso dos teucros! Como me trazes à memória as palavras de teu pai, a voz e a fisionomia do grande Anquises! Lembro-me, realmente, que Príamo, filho de Laomedonte, dirigindo-se a Salamina, para visitar o reino de sua irmã Hesiona, passou pelos confins gelados da Arcádia. A juventude revestia então minhas faces com sua flor, e eu admirava os chefes teucros, admirava o próprio filho de Laomedonte; Anquises, porém, caminhava ultrapassando os outros todos em altura. Meu espírito juvenil ardia de desejo de interpelar o herói e apertar-lhe a mão; aproximei-me e conduzi-o, com entusiasmo, para dentro das muralhas de Fenéia. Ao partir, ele me ofereceu uma esplêndida aljava, setas da Lícia, uma clâmide bordada de ouro e dois freios de ouro, que pertencem agora a meu filho Palante. Essa aliança que me solicitais, portanto, eu já a selei com a minha mão, e, amanhã, quando a luz brilhar primeiro sobre a terra, de boa-vontade eu vos enviarei ajuda e meus recursos estarão ao vosso dispor. Entrementes, visto que aqui viestes como amigos, celebrai conosco, de bom grado, este sacrifício anual que seria impiedade adiar, e vinde já agora assentar-vos à mesa de vossos aliados."

Tendo dito estas palavras, manda pôr de novo os pratos e os copos que haviam sido retirados, faz ele próprio os guerreiros se acomodarem nos assentos de relva, e convida Enéias, como sinal de distinção, a assentar-se em uma alta cadeira de bordo recoberta com felpuda pele de leão. Então, jovens escolhidos e o sacerdote do altar servem as vísceras assadas de touros, colocam nos cestos os pães e servem vinho.

1 Os mensageiros de paz levavam ramos de oliveira, enfeitados de fitas.
2 Dâunio, epíteto que caracteriza Turno, sua irmã e seu povo. Vem de Dauno, rei lendário dos rútulos, filho de Piluno, esposo de Venília e pai de Turno.

Enéias e os jovens troianos comem o lombo inteiro de um boi e as vísceras lustrais[1].

Depois de terem saciado a fome e satisfeito o apetite, disse o rei Evandro: "Esta solenidade, este banquete tradicional, este altar consagrado a tão alta divindade, não nos foram impostos por uma vã superstição que ignore os velhos deuses! foi por termos escapado de horríveis perigos, hóspede troiano, que assim fizemos e renovamos este merecido culto. Olha, primeiro, para aquela pedra suspensa nos rochedos, aquelas massas dispersas ao longe, aquela casa abandonada que se ergue na montanha, aquelas rochas arrastadas por um enorme desmoronamento. Ali havia uma caverna, de grande profundidade, inacessível aos raios do sol, onde morava Caco, homem apenas pela metade, de aspecto hediondo; o chão estava ali sempre tépido de uma carnificina recente e das soberbas portas pendiam cabeças humanas, lívidas e cobertas de sangue apodrecido. Vulcanọ era pai daquele monstro; sua boca vomitava o fogo sinistro e seu corpo era descomunal. Chegou o dia em que nos foram concedidas a presença e a ajuda de um deus. Com efeito, o grande vingador, orgulhoso da matança e dos despojos do tríplice Gerionte,[2] aqui estava. Alcides,[3] vencedor, conduzia diante de si os enormes touros, e os bois espalharam-se pelo vale e pelas margens do rio. Caco, porém, com o espírito dominado pela fúria, inclinado a praticar todos os crimes e fraudes, tirou dos estábulos quatro touros de grande força e outras tantas novilhas de grande beleza; para que eles não deixassem pegadas, caminhando para a frente, arrastou-os pela cauda para a caverna e tendo se apoderado deles depois de ter virado suas pegadas em sentido inverso, ocultou-os no escuro rochedo.

"Entrementes, o filho de Anfitrião já ajuntava o rebanho saciado e preparava a partida, quando, no momento de sair, os bois mugiram, enchendo com sua voz lamentosa todos os bosques e queixando-se de deixarem as colinas. Uma novilha responde à voz dos bois, e muge dentro da grande caverna e mata a esperança de Caco, seu guardião. Uma negra cólera fora, porém, insuflada pelas Fúrias no coração de Alcides; pega as armas, a nodosa clava de carvalho, e corre ao cume do elevado monte. Então, pela primeira vez, os nossos viram Caco tremendo, com os olhos arregalados; foge, logo, mais veloz do que o Euro e chega à caverna; o medo põe-lhe asas nos pés. Mal entrou, fez cair, soltando as correntes de ferro, a enorme pedra que pendia graças à arte de seu pai, e obstruído assim fortemente a porta da caverna, o Tiríntio[4] lá estava com o coração em fúria e, procurando um acesso por todas as partes, olhava para aqui e para ali, rilhando os dentes. Por três vezes, fremente de cólera, fez a volta do Monte Aventino; por três vezes tenta em vão forçar a porta de pedra; por três vezes volta ao vale, fatigado. Atrás da caverna, erguia-se até enorme altura, um rochedo pontudo, cercado de todos os lados por íngremes penhascos, lugar muito apropriado para os ninhos de aves de rapina. Como seu cimo inclinado pendia para a esquerda, para o lado do rio, Hércules, com toda a sua força, o abala do lado oposto, à direita, e arranca as profundas raízes que o prendem; depois, empurra, de súbito; sob esse impulso desmedi-

---

1 Entre os romanos, as vísceras das vítimas sacrificadas a Hércules eram comidas pelos fiéis. Chamavam-se lustrais porque o culto de Hércules tinha o caráter de uma purificação ou expiação.
2 Monstro de três corpos e três cabeças morto por Hércules.
3 Hércules é assim chamado por ser descendente de Alceu.
4 Cognome de Hércules, criado na cidade de Tirinte.

do, o céu retumba, as duas margens estremecem e o rio assustado recua. Surgem, então, à vista a gruta e a enorme morada de Caco e sombrias cavernas estendem-se no interior. Não seria diferente se a terra se rachasse sob o efeito de um tremor violento e aparecessem as moradas infernais e se desvendassem os sombrios reinos odiados pelos deuses; ver-se-ia do alto o imenso abismo e os manes tremeriam diante da claridade.

"Assim surpreendido de repente por essa luz inesperada, dentro da caverna rochosa, Caco solta rugidos desusados, enquanto, de cima, Alcides ataca-o com armas de arremesso, lança mão contra ele de tudo que encontra e persegue-o com grandes ramos e pedras. O outro, vendo que não pode mais escapar ao perigo, vomita da garganta (coisa maravilhosa!) enorme fumarada que o esconde, e amontoa em seu antro uma noite feita de fumo, em que as trevas se misturam com o fogo. Alcides não se contém e precipita-se de um pulo no meio do fogo, onde a fumaça mais ondeia e onde uma nuvem escura se estende pela enorme caverna. Ali, agarra Caco, que vomita em vão nas trevas o incêndio, aperta-o entre os braços e o estrangula até que os olhos saltem fora das órbitas e que o sangue falte à sua goela dessecada. Abre-se sem demora a negra morada com as portas arrancadas e aparecem à luz os bois furtados e outros frutos de rapinagens, e o horripilante cadáver é arrastado para fora, pelos pés. Os habitantes da vizinhança não se fartam de contemplar os olhos terríveis, o peito cabeludo do monstro e a garganta com os fogos apagados.

"Desde então é o deus celebrado e os pósteros, de boa vontade, mantiveram a tradição; Potiro foi quem tomou a iniciativa e a casa Pinária, guardiã do culto de Hércules, neste bosque ergueu um altar, sempre por nós chamado Máximo e que há de ser sempre o máximo.[1] E agora, jovens, para comemorar uma tão gloriosa façanha, cingi vossas cabeleiras de folhas e apresentai o copo com a mão direita, invocai nosso deus comum e derramai o vinho, de bom grado."

Disse; o choupo de duas cores, caro a Hércules, cobre-lhe a cabeça com sua sombra, folhas pendiam-lhe em torno da cabeça, e ergue na mão a taça sagrada. Sem demora, todos fazem com alegria a libação sobre a mesa e dirigem preces aos deuses.

Entrementes, inclinando-se no céu, Vésper se aproxima: já os sacerdotes, e Poticio à sua frente, caminham, cingidos de peles, segundo o costume, carregando archotes. Recomeça-se o banquete; saborosas iguarias são servidas na sobremesa e cobrem-se os altares de bandejas cobertas de oferendas. Então os sálios,[2] com ramos de choupo na fronte, colocam-se em torno dos altares acesos para cantar; aqui se ouve um coro de jovens, ali um dos velhos, que erguem hinos em louvor a Baco: como ele estrangulou com as mãos os primeiros monstros, duas serpentes de sua madrasta; como também destruiu na guerra as cidades famosas de Tróia e de Ecalia; como, sob o reinado de Euristeu, teve de se submeter a um milhar de duros labores, por imposição da iníqua Juno. "És tu o herói invencível que matas com tua mão os centauros filhos da nuvem, Hileu e Folo, e o monstro de Creta e o enorme leão da caverna de Neméia. Tu fazes tremer os lagos do Estige e o porteiro do Orco, deitado em seu antro sangrento sobre ossos meio comidos:

1 A Ara Maxima.

2 Os sálios eram sacerdotes de Marte, criados, segundo a tradição, por Numa Pompílio. Virgílio, porém, como em tantos outros casos, faz remontar a instituição aos tempos de Enéias.

coisa alguma te atemorizou, nem mesmo Tifoeu, com sua elevada estatura e suas armas; não te fugiu a razão quando a hidra de Lerna enrolou em torno de ti a multidão de suas cabeças. Salve, verdadeiro filho de Júpiter, que aumentas a glória dos deuses; assiste-nos, benigno, nós e este sacrifício." Tais façanhas celebravam em seus cantos; relembram ainda, em último lugar, a caverna de Caco e ele próprio soprando fogo, e todos os bosques ressonam com o clamor e as colinas fazem eco.

Depois disso, tendo terminado a cerimônia divina, regressam todos juntos à cidade. O rei caminhava vergado pela idade e, ao avançar, apóia-se em Enéias e no filho, e lhes alivia a fadiga da caminhada, com a variedade dos assuntos que lhes conta. Enéias, surpreso, passeia em torno o olhar complacente e, encantado com a paisagem, ouve, com satisfação, a história de cada uma das recordações dos heróis antigos. Então, diz-lhe o rei Evandro, fundador da cidadela romana: "Estes bosques eram ocupados pelos faunos e pelas ninfas indígenas e por uma raça de homens nascidos do duro tronco do carvalho, que não conhecia leis nem cultura;[1] não sabiam jungir os touros, ou ajuntar algo com que viver, nem poupar as provisões, mas os ramos das árvores e uma caça difícil lhes fornecia com que viver. Saturno foi o primeiro a vir, do Olimpo etéreo, fugindo das armas de Júpiter e deposto de seu reinado, exilado. Ele congregou esse povo indócil e dispersado pelas altas montanhas, deu-lhes leis e escolheu para o lugar o nome de Lácio, por haver nestas plagas encontrado um esconderijo seguro.[2] Foram chamados de ouro os séculos de seu reinado; tanto ele governava os povos em paz e tranqüilidade! Pouco a pouco, porém, vai chegando uma idade menos brilhante,[3] com os ódios da guerra e a cobiça dos bens. Chegaram os bandos de ausônios e os povos da Sicânia e muitas vezes mudou de nome a terra de Saturno; houve, então, reis, entre os quais o feroz Tibre, de enorme estatura, do qual veio o nome que, depois, nós, italianos, demos ao rio Tibre; o velho Albula perdeu então seu nome, verdadeiro. Quanto a mim, expulso da pátria e arrastado à extremidade do mar, a onipotente Fortuna e o inelutável destino trouxeram-me a estas plagas, para onde me mandavam a terrível ordem da Ninfa Carmenta, minha mãe, e do deus que a inspirava, Apolo."

Mal dissera estas palavras, tendo avançado, mostra a Enéias o altar e a porta a que os romanos dão o nome de Carmental, velha homenagem prestada à Ninfa Carmenta, a sacerdotisa profética que foi a primeira a anunciar a futura grandeza dos descendentes de Enéias e a glória de Palantéia.[4] Mostra mais adiante o enorme bosque sagrado que o ardoroso Rômulo transformou em asilo[5] e, sob o seu rochedo gelado, a Lupercal,[6] assim chamada segundo o costume arcádico de Pã. Mostra-lhe também o bosque sagrado de Argileto e, tomando o lugar por testemunha, conta a morte de seu hóspede Argos. Depois, leva-os à rocha Tarpéia e ao Capitólio, hoje de ouro, então coberto de hórridos

---

1 As duas palavras latinas são: *mos*, a maneira de viver determinada pelo sentimento do belo e do justo, e *cultus*, formas de civilização que dizem respeito à vida externa: a indumentária, hábitos alimentares, etc.

2 *Latium* — Lácio, *latere* — esconder-se.

3 A Idade da Prata.

4 Palantéia — cidade lendária, fundada por Evandro.

5 No original... *quem Romulus acer asylum/Rettulit*, literalmente: "que o ardoroso Rômulo fez de novo asilo".

6 Gruta situada no sopé do Palatino, onde, segundo a tradição, a loba amamentou Rômulo e Remo.

sarçais. Já então um respeito supersticioso por aqueles lugares amedrontava os tímidos camponeses; já então eles tremiam diante da floresta e do rochedo. "Este bosque, diz Evandro, esta colina de cume arborizada, é habitado por um deus (não se sabe que deus). Os árcades acreditam ter visto o próprio Júpiter agitar, muitas vezes, com a mão direita, a égide que escurece e ajuntar as nuvens. Aquelas ruínas dispersas de duas fortificações que vês mais longe são restos de monumentos de velhos heróis. Ali o pai de Júpiter, ali Saturno ergueu a cidadela; uma se chamava Janícula, a outra Satúrnia."

Assim conversando, aproximavam-se da morada do pobre Evandro e viam, aqui e ali, rebanhos mugir no Fórum romano e no bairro das Carenas.[1] Quando chegaram a casa, disse Evandro: "Eis a soleira onde penetrou Alcides vitorioso, eis o palácio que o recebeu. Aprende, meu hóspede, a desprezar a opulência e mostra-te, também tu, digno de um deus, entra e sê indulgente para com nossa pobreza." Disse, e conduziu o gigantesco Enéias para dentro da acanhada moradia e estendeu um grande leito de folhas e uma pele de urso da Líbia.

Desce a Noite e envolve a terra com suas asas escuras. E Vênus, cujo coração materno não se alarmara em vão, assustada com as ameaças dos laurencianos e com a belicosa agitação, fala a Vulcano e, na dourada câmara do esposo, inspira-lhe um amor divino com estas palavras: "Enquanto os reis da Argólia devastavam, na guerra, Pérgamo prometida pelo destino e seus baluartes destinados a se desmoronarem com o fogo ateado pelo inimigo, não implorei para os desventurados nem tua ajuda nem armas, armas que sabes e podes fazer, nem quis, ó caríssimo esposo, que te entregasses em vão ao trabalho, embora muito devesse aos filhos de Príamo e muitas vezes chorasse com as duras provações de Enéias. Hoje, por determinação de Júpiter, encontra-se ele na terra dos rútulos: venho, pois, agora como suplicante, como mãe, implorar à tua divindade, que venero, armas para o meu filho. A filha de Nereu e a esposa de Titon puderam comover-te com suas lágrimas.[2] Vê quantos povos se juntam, quantas cidades fortificadas, tendo fechado suas portas, afiam armas contra mim e para a ruína dos meus."

Disse, e, vendo-o indeciso, passa em torno do pescoço os níveos braços e o acaricia com o suave amplexo. Ele, de repente, sente a chama costumeira, um ardor bem conhecido penetra-lhe nas entranhas e corre através do corpo enlanguecido: assim, quando irrompe a trovoada, o risco luminoso do raio percorre, algumas vezes, as nuvens. A esposa fica satisfeita com o ardil, cônscia do poder de sua beleza. Então o deus lhe diz, arrastado pelo eterno amor: "Por que buscar motivos tão longe? Perdeste, deusa, a confiança em mim? Se tivesses tido outrora o mesmo cuidado, mesmo então nos teria sido possível armar os teucros; nem o Pai onipotente nem os fados impediriam Tróia de conservar-se de pé ou Príamo de reinar por mais dez anos. E agora, se prepara a guerra e seja o que for que tenhas em mente, posso prometer-te tudo que esteja ao alcance de minha capacidade, tudo que se pode fazer de ferro e de eletro[3] fundido, tudo de que são capazes minhas forjas e meus foles; cessa de pedir, duvidando de tuas forças."

---

1 Um dos bairros mais elegantes de Roma, na extremidade ocidental do Monte Esquilino.

2 Vulcano forjou as armas de Aquiles, a pedido de Tétis, e as de Memnon, que foi socorrer Príamo, a pedido de Aurora.

3 Liga de ouro e prata.

Tendo dito estas palavras, entregou-se ao desejado amplexo e, aconchegando-se ao seio da esposa, deixou um doce sono insinuar-se por todo o corpo.

Já estava pela metade a segunda parte da noite, o sono já fora expulso para os que repousavam, era a hora em que a mulher que não conta, para ganhar a vida, senão com sua roca e os trabalhos de lã, remexe as cinzas e as brasas, ajuntando ao labor as horas da noite, e entrega às servas grande quantidade de fios, a fim de poder conservar casto o leito conjugal e sustentar os filhos: não de outro modo e não menos diligente, o deus do fogo levanta-se de seu macio leito para ir trabalhar nas forjas.

Perto da costa siciliana e da eólia Lípare ergue-se uma ilha escarpada de rochedos fumegantes, sob a qual troam ampla gruta e cavernas carcomidas pelos fogos dos ciclopes, semelhantes às do Etna; ouvem-se as fortes pancadas vibradas nas bigornas que gemem e o fogo crepita nas fornalhas; é a morada de Vulcano, e a terra se chama Vulcânia. Para ali, pois, dirigiu-se o deus do fogo, descendo do alto céu. Em um vasto antro, os ciclopes Brontes, Esteropes e Pirecmon, nus, trabalhavam o ferro. Já havia, construído, em parte polido e em parte ainda imperfeito, por suas mãos, um dos raios que Júpiter lança muitas vezes de todo o céu sobre a terra. Haviam ajuntado três raios de granizo, três de nuvens chuvosas, três de fogo rutilante e do Austro veloz; agora, misturam à sua obra aterrorizadores relâmpagos, o ruído, o medo e a ira acompanhada das chamas.[1] Outros empenhavam-se em construir para Marte o carro e as velozes rodas com que ele desperta os homens e as cidades; polia-se, com afã, a horrífica Égide, arma da irada Palas, com escamas de réptis e ouro e as serpentes entrelaçadas e, sobre o peito da deusa, a própria Górgona, com os olhos ainda se movendo na cabeça cortada. "Tirai tudo, disse Vulcano, levai estes trabalhos começados, Ciclopes do Etna, e prestai atenção. Precisamos construir armas para um bravo varão. Agora tereis de mostrar vossa força, a rapidez de vossas mãos, uma habilidade consumada.[2] Não vos retardeis." Nada mais disse; todos, sem demora, inclinaram-se sobre as bigornas e dividiram o trabalho entre si. Correm como rios o bronze e o metal de ouro, e o mortífero aço derrete-se na vasta fornalha, delineiam um escudo imenso, suficiente sozinho contra todos os dardos dos latinos e ajuntam, entrelaçando-as, sete lâminas circulares de metal. Alguns manejam os foles, outros mergulham na água o bronze que chia. A caverna geme sob o peso das bigornas. Os ciclopes levantam com grande força seus braços, cadenciados, e revolvem a massa com mordentes tenazes.

Enquanto Vulcano acelera destarte os preparativos nas costas eólicas, a clara luz do dia e os cantos matutinos dos pássaros aninhados sob o seu teto chamam. Evandro para fora de sua humilde morada. O velho levanta-se, veste a túnica e prende correias tirrenas às plantas dos pés;[3] depois prende ao flanco e ao ombro uma espada árcade e levanta a pele de uma pantera que caía sobre seu braço esquerdo. Dois cães de guarda saem diante dele da soleira elevada e acompanham o dono. O herói dirige-se à morada afastada de Enéias, lembrando-se de sua conversa e suas palavras e de seu pedido de ajuda. Enéias, não menos

---

1 No original: *flammisque sequacibus iras*, isto é, "e as iras com as chamas sequazes". Como explica Benoist, as chamas parecem seguir a cólera dos deuses como ministros obedientes.

2 No original: *arte magistra*, "com uma arte que ensina os preceitos".

3 Sandália presa com correias.

madrugador, caminhava ao seu encontro. Ao primeiro acompanha seu filho Palante, ao outro o companheiro Acates. Encontram-se, apertam as mãos, sentam-se no pátio interno da residência real e gozam afinal o prazer de conversarem à vontade. O rei fala primeiro: "Grande chefe

Em um vasto antro, os ciclopes Brontes, Esteropes e Pirecmon, nus, trabalhavam o ferro (pág. 136)

dos teucros, pois enquanto viveres não admitirei que o poderio ou o império de Tróia tenham sido vencidos, temos, para vos assistir na guerra, poucas forças em comparação com o renome[1]; de um lado, somos barrados pelo rio toscano,[2] do outro o rútulo faz pressão, e retine as armas diante de nossas muralhas. Preparo-me, porém, para aliar a ti grandes povos e os acampamentos de um reino opulento, salvação

1 A idéia, segundo Benoist, é: "Minhas forças não estão de acordo com a reputação que tenho entre os povos vizinhos."
2 O Tibre.

inesperadamente oferecida pelo acaso: vens para aqui conduzido por fados propícios. Não longe daqui, construída sobre um antigo rochedo, ergue-se a cidade de Agila, onde outrora o povo lídio, ilustre na guerra, estabeleceu-se nas elevações etruscas. Florescente durante muitos anos, aquela cidade foi submetida depois por Mezêncio, com seu domínio depótico e suas armas cruéis. Relembrarei os inomináveis morticínios? Falarei sobre as atrocidades do tirano? Que os deuses os façam recair sobre sua própria cabeça e sua estirpe! Chegava ao ponto de amarrar os vivos aos mortos, com as mãos presas as mãos, as bocas presas às bocas, tortura horrível, e de os fazer morrer de morte lenta, escorrendo sangue e pus, em um amplexo horripilante. Os cidadãos, cansados, porém, dessas abomináveis loucuras, pegam em armas, cercam-no em sua casa, matam seus cúmplices, incendeiam seu palácio. Ele consegue fugir da carnificina e refugiar-se nos campos dos rútulos e Turno defende seu hóspede pelas armas. Assim, toda a Etrúria se enfureceu com uma justa indignação; disposta à guerra, exige que lhe seja entregue o rei, para ser castigado. És tu, Enéias, que darei por chefe a esses milhares de homens. Seus navios, concentrados ao longo da praia, reclamam e exigem o sinal de partida; mas um velho arúspice os detém, anunciando o destino: "Ó juventude de escol da Meônia, flor e virtude de nossos velhos heróis, que um justo ressentimento incita contra o inimigo e que Mezêncio inflama de cólera merecida, nenhum italiano pode comandar tal povo; escolhei chefes estrangeiros." As hostes etruscas detiveram-se, então, na planície, atemorizadas com essa advertência dos deuses. O próprio Tarchon enviou-me mensageiros e a coroa real com o cetro e me fez entregar as insígnias, a fim de que me dirigisse aos baluartes e assumisse o reinado da Tirrênia. Entorpecido, porém, pelo gelo da idade e sob o peso dos anos, a velhice impede-me de governar e minhas forças não se conciliam com os grandes feitos. Exortaria meu filho se, por sua mãe sabina, ele não tivesse em parte a Itália como pátria. Tu, porém, cuja cidade e cuja origem estão de acordo com os destinos, como pede a vontade dos deuses, marcha, ó valoroso condutor dos teucros e dos italianos. Ajuntarei a ti, além disso, Palante, nossa esperança e nosso consolo; que sob as tuas ordens ele se acostume a suportar a guerra e os duros labores de Marte, a acompanhar teus feitos e admirar-te desde os primeiros anos. Dar-lhe-ei duzentos cavaleiros árcades, flor de nossa juventude, e ele dar-te-á outro tanto em seu nome."

Mal havia dito estas palavras, Enéias, filho de Anquises, e o fiel Acates ficaram meditando em silêncio, com muita tristeza no coração, mas Citeréia lhes deu um sinal no céu sem nuvens. Eis, com efeito, que, de repente, um relâmpago corta o éter com fragor e ouve-se, nas alturas, o som de uma trombeta tirrena. Levantam os olhos; mais uma e mais outra vez faz-se ouvir o ingente fragor: vêem, através de uma nuvem, em uma região serena do céu claro, armas rebrilharem e se entrechocarem. Pasmam-se todos; o herói troiano, porém, reconhece o ruído e as promessas da deusa sua mãe. Diz, então: "Não procures saber, meu hospedeiro, que acontecimento anunciam estes prodígios; sou eu próprio que o Olimpo reclama. A deusa que me gerou anunciou-me que me enviaria um sinal se a guerra começasse e trar-me-ia como ajuda as armas de Vulcano, através dos ares. Ai de mim! quanta carnificina ameaça os desventurados laurencianos! Que castigo receberás de mim, ó Turno! Quantos escudos e cascos e corpos de heróis não arrastarás em tuas águas, ó venerável Tibre! Que se convoquem os exércitos e se rompam os tratados."

Tendo dito estas palavras, levanta-se de seu assento elevado e começa por espertar o fogo amortecido no altar de Hércules, depois

dirige-se, jubiloso, aos lares da véspera[1] e aos pequenos penates; e matam, segundo o costume, ovelhas de dois anos, tanto Evandro quanto os jovens troianos. Depois, Enéias regressa aos navios e revê os companheiros; deles, escolhe os mais valorosos para o acompanharem à guerra; os outros, levados pela água corrente, descem o rio sem remar, a fim de levar a Ascânio as notícias do pai. São fornecidos cavalos aos teucros, que avançam pelos campos tirrenos; para Enéias trazem um que não foi tirado à sorte,[2] todo recoberto pela pele fulva de um leão e com as unhas douradas reluzindo.

Corre a notícia, divulga-se de súbito pela pequena cidade, de que os cavaleiros se dirigem a toda pressa para o litoral do rei tirreno. As mães, assustadas, redobram seus votos, o temor aumenta com o perigo e a imagem de Marte já lhes parece maior. Então Evandro, apertando a mão do filho que parte, abraçando-o e derramando lágrimas sem conta, exclama: "Ah! se Júpiter me fizesse voltar aos anos passados, quando sob as próprias muralhas de Prenesta eu dizimava as primeiras linhas do inimigo, e queimava, vencedor, os montões dos escudos e com esta mão mandei para o Tártaro o rei Erulo, que recebera, ao nascer, de sua mãe Ferônia (espantoso prodígio!) três almas, três armaduras que tinham de ser removidas; era preciso matá-lo três vezes; no entanto, esta mão arrancou-lhe aquelas almas e despojou-o de outras tantas armaduras: em tal caso nada me afastaria do teu doce amplexo, meu filho; jamais meu vizinho Mezêncio, desafiando-me, teria causado tantos morticínios cruéis e privado a cidade de tantos cidadãos. E vós, ó deuses superiores, e tu, Júpiter supremo condutor dos deuses, tende piedade, imploro-vos, do rei árcade e ouvi as preces de um pai: se vosso poder me trouxer de volta Palante são e salvo, se os fados o conservarem, se eu viver para revê-lo e para abraçá-lo, peço-vos a vida; qualquer provação me será suportável. Se, porém, ó Fortuna, o infortúnio me reservas, seja-te lícito destruir uma vida cruel, agora, agora mesmo, enquanto são conjecturas meus temores, enquanto são apenas incertas as esperanças no futuro, enquanto te aperto nos braços, filho querido, minha única e tardia ventura, antes que me chegue aos ouvidos a notícia de uma desgraça." Tais foram as palavras que o pai dirigiu ao filho, no momento supremo da partida; os fâmulos o levaram desfalecido para casa.

Já então os cavaleiros saíam através das portas abertas, indo à frente Enéias e o fiel Acates e em seguida os outros próceres troianos; no meio da coluna, encontrava-se o próprio Palante, destacando-se por sua clâmide e por suas armas pintadas, assim como, molhado pelas águas do Oceano, Lúcifer, que Vênus prefere a todos os outros astros, mostra ao céu sua figura sagrada e dissipa as trevas. De pé sobre as muralhas, as mães, horrorizadas, seguem com os olhos a nuvem de poeira e os esquadrões resplandescentes de bronze. Os cavaleiros armados vão pelos sarçais, seguindo o caminho mais curto;[3] eleva-se um

---

1 No original: *hesterumque Larem.* Benoist explica que se trata do deus Lar ao qual, na véspera, ao entrar na residência de Evandro, Enéias dirigira as suas preces. De qualquer maneira, a passagem é obscura. Teria Enéias saído da casa de Evandro para ir à *Ara Maxima* oferecer o sacrifício a Hércules e voltado depois para cultuar os penates de seu hospedeiro?

2 Os cavalos tinham sido sorteados entre os diversos guerreiros troianos, menos, naturalmente, para Enéias, ao qual, como chefe, competia o melhor animal.

3 No original: *meta viarum,* literalmente: "o fim do caminho".

grito, alinham-se os esquadrões, e ferem o chão poeirento os cascos dos quadrúpedes.[1]

Há, perto do gélido rio Ceres, um grande bosque santificado pela devoção de nossos antepassados; colinas cercam-no, por todos os lados, formando um vale, e rodeia-o uma floresta de escuros abetos. Diz-se que os antigos pelasgos, os primeiros que outrora ocuparam os confins do Lácio, consagram esse bosque e um dia do ano ao deus dos campos e dos rebanhos, Silvano. Não longe dali, Tarchon e os tirrenos ocupavam uma forte posição e do alto da colina já se podia ver toda a sua legião e as tendas estendidas pelos campos. Para ali se dirigem o patriarca Enéias e os jovens afeitos à guerra, e, fatigados, refazem as próprias forças e as de seus cavalos.

Entrementes, Vênus, deusa radiosa, entre as nuvens, chega, trazendo presentes; e ao ver o filho, sozinho em um vale distante, perto de um gélido rio, assim lhe fala, deixando-se ver: "Eis o presente prometido, que devo à arte consumada de meu esposo; não hesites em desafiar, sem demora, para o combate, meu filho, os orgulhosos laurencianos ou o impetuoso Turno." Assim falou Citeréia e apertou o filho entre os braços; depois colocou, em frente dele, embaixo de um carvalho, as cintilantes armas.

Ali, o poderoso deus do fogo, ciente dos destinos anunciados pelos oráculos, representara a história da Itália e os triunfos dos romanos; ali figurara toda a raça dos futuros descendentes de Ascânio e as guerras que eles travariam, na devida ordem. Representara, deitada na verde caverna de Marte, uma loba parida; os gêmeos, sem medo, brincavam pendurados às sua tetas; ela, com a cabeça molemente voltada para eles, acaricia-os sucessivamente, lambendo-lhes o corpo. Não muito longe, estavam representadas Roma e as sabinas raptadas com violação do direito, no meio da multidão reunida em torno do circo, durante os grandes Jogos, e de novo irrompia nova guerra entre os súditos de Rômulo e o velho Tácio[2] e os severos cúrios. Depois, os mesmos reis, tendo cessado a luta que travaram, conservavam-se armados, de pé diante do altar de Júpiter e selavam sua aliança imolando uma porca. Não distante de lá, as velozes quadrigas haviam esquartejado Meto (por que não foste fiel à tua palavra, Albano?)[3] e Túlio arrastava através das florestas as entranhas do perjuro e os sarçais se tingiam com o seu sangue. Também Porsena intimava os romanos a receber Tarquínio expulso e impunha à cidade um sítio rigoroso; os descendentes de Enéias corriam às armas em prol da liberdade. Ve-lo-eis como que indignado e ameaçador, porque Cocles[4] ousara destruir a ponte e Clélia[5] atravessara o rio a nado.

No alto do escudo, Mânlio, guardião da cidadela de Tarpéia, conservava-se de pé diante do templo e ocupava o cume do Capitólio, e a morada real de Rômulo com um colmo que acabara de ser renova-

1 A tradução literal nesta passagem é praticamente impossível. Trata-se de um verso em que Virgílio procurou tirar um efeito onomatopaico: *Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum.*

2 Tácio, rei dos sabinos, e os habitantes de Cúria lutaram contra Rômulo, devido ao rapto das sabinas, mas depois, feita a paz, Tácio reinou juntamente com Rômulo.

3 Meto, rei dos albanos, traiu Tulo Hostílio e foi esquartejado por sua ordem.

4 Horácio Cocles defendeu sozinho uma ponte, contra as forças de Porsena, rei da Etrúria, que invadira Roma para repor no trono o rei destronado.

5 Clélia, jovem entregue a Porsena como refém e que fugiu a cavalo e atravessou o Tibre a nado.

do.[1] E ali um ganso de prata, esvoaçando sob os pórticos dourados, anunciava com seus gritos a chegada dos gauleses às portas da cidade. Os gauleses deslizaram entre os sarçais e iam ocupar a cidadela, protegidos pelas trevas, graças à escuridão da noite; seus cabelos são de ouro, suas vestimentas de ouro; reluzem com os mantos listrados; dois dardos alpinos rebrilham em suas mãos e compridos escudos protegem-lhe os corpos. Mais adiante estavam representados os sálios saltitantes,[2] os lupercos nus,[3] os flâmines[4] e os broquéis caídos do céu;[5] castas matronas, em macios carros, conduziam, através da cidade, as imagens sagradas. Mais adiante, acrescentou ainda as moradas do Tártaro, a alta porta de Plutão e os castigos dos celerados, e tu, Catilina, preso a um rochedo ameaçador e tremendo diante das Fúrias; os justos estão à parte e Catão dita-lhes as leis.

No centro do escudo estendia-se por longa extensão a imagem agitada de um mar dourado, mas cujas ondas eram brancas de espuma: ao redor, claros delfins de prata, em círculo, varriam o mar com suas caudas e cortavam as águas. No meio, viam-se as frotas de bronze, a guerra de Ácio, e Leucate[6] inteira fervendo nos aprestos da guerra e as ondas resplandecer sob o ouro. De um lado, Augusto César, arrastando ao combate os italianos, com o Senado e o povo, os Penates e os grandes deuses, de pé na alta popa; suas têmporas aventuradas lançam uma dupla chama e o astro aparece sobre sua cabeça.[7] Em outra parte, Agripa, com os ventos e os deuses propícios, comanda, de fronte erguida, o exército; suas têmporas brilham sob uma coroa naval ornada de rostros, soberba insígnia da guerra. Do lado oposto, com as forças bárbaras e armas de toda a sorte, Antônio, voltando vitorioso dos povos da Aurora[8] e do litoral vermelho,[9] trazendo consigo o Egito, as tropas do Oriente e a longínqua Bactriana; segue-o (ó infâmia!) uma esposa egípcia. Todos se precipitam ao mesmo tempo e todo o mar espuma, com o movimento dos remos e as quilhas tridentadas que o cortam. Buscam o pélago: dir-se-ia ver-se vagando sobre o mar as Cícladas arrancadas do fundo ou altos montes superpostos a outros montes; tal era a grandeza dessas naves cobertas de torres onde estão os guerreiros! Lança-se com a mão estopa inflamada, os dardos espalham o ferro que voa; os campos de Netuno enrubescem com essa inusitada matança. No meio, a rainha incita as suas forças com o sistro pátrio; ainda não se vêem atrás dela as duas serpentes. Deuses monstruosos de toda a sorte, entre os

---

1 Os romanos conservavam com cuidado e renovavam sem cessar a cabana de Rômulo.

2 Sálios, sacerdotes de Marte, a que já se fez referência no Livro VII.

3 Sacerdotes de Fauno, mais tarde identificado com Pã. Nas Lupercais, festas dedicadas àquele deus, eles se vestiam apenas com a pele dos bodes sacrificados.

4 No original: *Lanigeros apices,* literalmente: "penachos de lã", por extensão, a mitra dos flâmines ornada de penachos de lã e, no verso de Virgílio, os próprios flâmines.

5 A tradição atribuía a criação dos sálios a Numa, que lhes confiara a guarda de um escudo maravilhoso caído do céu. Para proteção contra os ladrões, foram feitos outros escudos.

6 No promontório de Leucate, não muito longe do de Ácio, travou-se a famosa batalha.

7 Depois da morte de Júlio César, apareceu um cometa e Otávio estimulou a crença, surgida entre o povo, de que se tratava da alma de César subida ao céu.

8 Povos da Aurora, isto é, povos orientais.

9 A costa do Mar Vermelho.

quais o ladrante Anúbis, combatem contra Netuno, Vênus e Minerva. Vê-se Marte enraivecido no meio da batalha, cinzelado sobre o ferro, e do alto do éter as sinistras Fúrias; a Discórdia caminha jubilosa, com as vestes despedaçadas, Belona a segue com seu açoite ensangüentado. Do alto, Apolo de Ácio olha e retesa o arco: tomados de terror, todos os egípcios, e indianos, todos os árabes, todos os sabeus voltam as costas. A própria rainha, invocando os ventos, abre as velas e solta cada vez mais o cordame. O poderoso deus do fogo a representou no meio da carnificina, pálida diante da próxima morte, levada pelas ondas e pelo vento que sopra de Iapígia; em frente, representara o corpulento Nilo, cheio de dor, abrindo inteiramente as dobras de suas vestes,[1] chamando os vencidos ao seu cerúleo seio e aos esconderijos de suas águas.

César, porém, conduzido em seu tríplice triunfo[2] às muralhas romanas, cumpria o voto imoral que fizera aos deuses italianos, com trezentos majestosos templos em toda a cidade. As ruas fremem de júbilo, de jogos e de aplausos; em todos os templos, em todos os altares, há coros de matronas; diante dos altares, juncam a terra novilhos sacrificados. Ele próprio,[3] assentado, no níveo limiar do resplandecente templo de Febo, examina os presentes oferecidos pelos povos e os suspende às soberbas portas; avançam, em longa fila, as nações vencidas, tão diversas pelo idioma quanto pela maneira de vestir e pelas armas. Aqui Vulcano esculpiu as tribos dos nômades e os africanos de túnicas desapertadas, ali os lelegas, os coras e os gelonos flecheiros; e Eufrates correndo com águas já mais mansas, os morinos na extremidade do mundo, o Reno bicorne, os indomáveis daas e o Araxe, indignado com a ponte.[4]

Eis o que Enéias admira no escudo de Vulcano, presente de sua mãe, e sem conhecer os acontecimentos, deleita-se em ver-lhes a imagem, carregando nos ombros a glória e os destinos de seus netos.

---

1 Para acenar aos amigos que chegavam ou partiam, os antigos serviam-se de um pedaço de sua túnica. Virgílio procura mostrar a angústia do Nilo, fazendo-o abrir todas as dobras de sua veste.

2 A vitória sobre dálmatas, a batalha de Ácio e a tomada de Alexandria.

3 Augusto.

4 Rio da Armênia, sobre o qual Alexandre mandou construir uma ponte, destruída, depois, pelas enchentes.

Livro IX

Enquanto tais fatos se passavam, em uma parte longínqua Juno, filha de Saturno, enviou Íris, do céu, para junto do audacioso Turno. Este encontrava-se, então, por acaso, sentado no vale sagrado, no bosque de seu antepassado Piluno. Com seus lábios róseos, disse-lhe, então, a filha de Taumas: "Turno, o que nenhum deus ousaria oferecer-te, oferece-te a própria passagem dos dias: Enéias, deixando a cidade, os companheiros e a frota dirigiu-se ao real Paladino, residência de Evandro. Não se deteve: chegou até longínquas cidades de Crotona e ajuntou e armou um punhado de lídios, camponeses. Por que hesitas? É a ocasião de reclamar os cavalos e o carro. Não percas tempo, surpreende o desgovernado acampamento.

Disse e, estendendo as asas, voou para o céu e, na fuga, traçou um arco imenso sob as nuvens. O jovem a reconheceu e erguendo para os astros os dois braços, assim falou enquanto ela fugia: "Íris, ornamento do céu, quem te fez descer, para mim, das nuvens à terra? De onde vem esta claridade tão súbita? Vejo abrir-se o meio do céu e estrelas correndo pelo firmamento. Seguirei tão grandes presságios, sejas quem fores, tu que me convocas às armas." Assim tendo falado, dirige-se ao rio, faz uma farta libação de água, dirigindo muitas preces aos deuses e encheu os ares com seus votos.

Já avançava, pelos campos abertos, todo o exército, rico em corcéis, rico em vestes bordadas e em ouro. Messapo comanda as primeiras linhas e jovens tirrenos têm as últimas sob suas ordens; Turno é o chefe do centro da coluna: assim, engrossado por sete amáveis rios, é o Ganges profundo, quando corre em silêncio, ou o Nilo quando afasta dos campos suas águas fecundas e se recolhe ao seu leito. Os teucros vêem, então, acumular-se ao longe, de súbito, uma nuvem de poeira e as trevas invadirem os campos. Caico é o primeiro a exclamar, do alto de uma torre que faz face ao inimigo: "Que turbilhão de poeira é aquele, cidadãos, que rola como uma nuvem escura? Trazei depressa armas, dai-nos dardos, subi às muralhas; eis o inimigo, alerta!" Com grande alarido, os teucros entrincheiram-se atrás de todas as portas e ocupam as muralhas. Eis que, ao partir, recomendara-lhes o experimentado Enéias: fosse o que fosse que sucedesse, não deveriam travar batalha em campo raso, não se arriscarem na planície, mas se limitarem a defender o acampamento, as trincheiras e a muralha. Assim, embora a honra e a cólera os incitem ao combate corpo a corpo, opõem suas portas ao adversário, obedecem às instruções e, armados, esperam o inimigo no interior das torres.

Turno, avançando à frente, precedia à marcha do moroso exército, e, escoltado por vinte cavaleiros de escol, chega inesperadamente diante da cidade; monta um cavalo trácio malhado de branco e um penacho vermelho orna-lhe o capacete de ouro. "Qual de vós, jovens guerreiros, avançará comigo contra o inimigo? Vamos!" exclama. Atira aos ares um

dardo, sinal do combate, e avança impetuosamente pela planície. Os companheiros respondem com gritos e o seguem com enorme alarido: pasmam-se com a inércia dos teucros: homens que não correm ao campo aberto, que não enfrentam o inimigo frente a frente, mas se conservam no acampamento. Irritado, Turno corre a cavalo por aqui e por ali, rodeando as muralhas e procurando um acesso por algum desvio. Assim como um lobo, emboscado perto de um aprisco repleto, ruge junto do redil, enfrentando o vento e a chuva, alta madrugada, enquanto, protegidos por suas mães, os cordeirinhos balem; o animal, hirsuto e perverso, enfurece-se contra a presa ausente, com a ira estimulada por longo jejum e a goela sedenta de sangue: assim a cólera do rútulo se inflama à vista dos muros e do acampamento: a dor penetra em suas duras entranhas: como achar passagem, por onde expulsar os teucros do recinto fortificado e levá-los à planície? Investe contra a frota, que se ocultava ao lado do acampamento, protegida por aterros e pelas águas do rio, e incita ao incêndio os companheiros exultantes, e, ardoroso, agarra uma acha de pinho inflamada. Eles acometem, então, impetuosamente: a presença de Turno os estimula, e todos os jovens se armam de sinistros archotes: as lareiras são pilhadas, a lenha resinosa produz uma luz pardacenta e as fagulhas sobem no ar.

Que deus, ó Musas, salvou os teucros de tão furioso incêndio? Quem livrou do fogo tantos navios? A tradição vem de longe, mas foi conservada até hoje.[1]

Quando Enéias organizava a sua frota no frígio Ida e se preparava para alcançar o alto-mar, a própria mãe dos deuses, a berencintiniana[2] assim falou ao grande Júpiter: "Atende, meu filho, tu que dominaste o Olimpo, o pedido que te faz tua mãe. Possuí uma floresta de pinheiros, que amei por muitos anos, um bosque sagrado no alto de uma colina, onde me eram oferecidos sacrifícios, à sombra de negros pinheiros e copados bordos. Dei, de boa vontade, essas árvores ao jovem dardânio, quando precisou de uma frota: agora, o temor me atormenta e me enche de angústia. Põe fim ao meu receio e ouve as preces de tua mãe, e faze com que esses navios não sejam vencidos pela tempestade nem pelos furacões: que lhes valha terem nascido em nossa montanha."

Retrucou-lhe o filho, que dirige os astros do universo: "Para que destino apelas, minha mãe? O que nos pedes para estas árvores? Queres que se tornem imortais essas quilhas construídas por mãos mortais? Enfrenta Enéias, certo de vencê-los, os incertos perigos? A que deus jamais foi concedido tal poder? Não, mas quando chegarem ao fim da viagem e estiverem nos portos da Ausônia, concederei a todas as naves que tiverem escapado das ondas e conduzido o chefe dos dardânios aos campos laurencianos que percam a forma mortal e as transformarei em divindades do grande mar, como as nereidas Doto e Galatéia que a nado cortam o mar espumante." Disse, e tomando por testemunho o rio de seu irmão Estige e as margens da corrente de paz e seus sombrios turbilhões, fez um sinal com a cabeça e todo o Olimpo estremeceu.

Eis que chegara o dia prometido, e as Parcas haviam completado o devido tempo, quando a afronta de Turno advertiu a Mãe dos deuses a afastar os archotes das naves sagradas. Uma luz desusada surgiu, então,

---

1 No original: "*Prisca fides facto, sed fama perennis*", literalmente: "é antigo o testemunho do fato, mas a fama perene".

2 Cíbele, adorada em Berencinto, no Monte Ida. A mãe de Júpiter era Réia, freqüentemente confundida com Cíbele.

aos olhares e uma nuvem imensa, vinda do oriente, pareceu atravessar o céu e os coros do Ida se fizeram ouvir; depois uma voz terrível irrompeu nos ares e chegou às hostes dos troianos e dos rútulos: "Não vos precipiteis, teucros, em defender as naves, nem armais vossas mãos: será mais fácil para Turno incendiar o mar do que o pinho sagrado. Vós, ide, livres, ide, deusas do pélago: minha Mãe o manda." E logo as naves rompem as amarras que as prendem às margens, e, à feição de delfins, mergulhando os rostros na água, procuram o fundo. Depois (coisa admirável!) aparecem sob a forma de virgens que são levadas para o mar.

Pasmam-se os corações dos rútulos: o próprio Messapo, assustado, vê se espantarem seus cavalos: o rio Tibre hesita, com um ruído rouco, e remonta o curso para as cabeceiras.[1] A confiança, entretanto, não abandona o audacioso Turno; indo mesmo além do que se poderia esperar, ele exalta a coragem dos ruídos e os incita com estas palavras: "É aos troianos que se destina este prestígio; o próprio Júpiter os priva de seus recursos habituais; já não reclamam os dardos e o fogo dos rútulos. Eis que os mares estão fechados aos teucros e não lhes resta esperança de fuga; a outra parte do mundo lhes foi negada e a terra está em nossas mãos; as nações da Itália pegam em armas aos milhares! Não me atemorizam as proféticas respostas dos deuses, de que os frígios se vangloriam: basta aos fados e a Vênus que os troianos tenham chegado aos campos da fértil Ausônia. Também eu tenho o meu destino, exterminar pelo ferro uma nação criminosa, que me rouba a esposa: não afetou apenas aos Átridas esta dor, nem coube somente a Micenas o direito de pegar em armas. Mas lhes deve bastar ter perecido uma vez... Também eles deveriam contentar-se de ser criminosos apenas uma vez e odiar quase todas as mulheres.[2] Dão-lhes coragem a confiança que depositam nas paliçadas que nos separam, nos fossos que nos retardam, fracas proteções contra a morte. Por acaso não viram desmoronar-se em chamas as muralhas de Tróia, construídas pelas mãos de Netuno? Qual de vós, guerreiros de escol, está disposto a romper com o ferro este muro, e invadir comigo o apavorado acampamento? Não preciso contra os teucros das armas de Vulcano nem de mil navios. Que se aliem a eles todos os etruscos: não têm a temer as trevas e o roubo inútil;[3] não nos esconderemos no ventre escuro do cavalo; é à luz do dia, às escâncaras, que me disponho a rodear de fogo os seus muros. Verão que não têm pela frente os gregos, aqueles jovens pelasgos, que Heitor conteve durante dez anos. Agora, porém, que passou a melhor parte do dia, tratai de aproveitar o restante para restaurar vossas forças, guerreiros, e contai comigo para preparar o combate."

Entrementes, encarrega-se Messapo de colocar as sentinelas nas

---

1 No original: *revocatque pedem Tiberinus ab alto*, literalmente: "o Tibre recua do alto mar".

2 A passagem é muito controvertida. Benoist a explica da seguinte maneira: Alguém dirá: "Mas os troianos já foram castigados por seu crime. Não será bastante?" Deve-se, então, responder: "Mas, nesse caso, eles deveriam se contentar de ser criminosos uma só vez," etc., isto é, não repetir, tomando Lavínia de Turno, o que Páris havia feito a Menelau.

3 Subentende-se: "do paládio". Trata-se da façanha de Ulisses e Diomedes na Guerra de Tróia. Benoist considera apócrifo o verso 150 do Livro IX, que diz expressamente que se trata do roubo do Paládio e da matança dos guardas troianos da cidadela:
Palladii, caesis summae custodibus arcis

portas e rodear as muralhas de fogueiras.[1] Quatorze rútulos são escolhidos para montar guarda nos muros; cada um deles é seguido por cem jovens com penachos vermelhos e resplandecentes de ouro. Espalham-se em torno, revezam-se em seus postos, saboreiam vinho deitados na relva, esvaziam as crateras de bronze. Brilham as fogueiras; os guardas passam jogando a noite de vigília.

Os troianos observam do alto estes aprestos e se conservam em armas nas torres; receosos, examinam as portas, lançam pontes entre as torres e as trincheiras, amontoam as armas de arremesso. Incitam-nos Mnesteu e o ardoroso Seresto, que o patriarca Enéias escolhera, em caso de adversidades, para orientadores da juventude e chefes do acampamento. Ao longo dos muros, estende-se uma legião inteira, assumindo sua parte no perigo, e cada um vela por sua vez no posto que lhe coube guardar.

Era guardião de uma das portas, Niso, filho de Hirtaco, de grande valor nas armas, companheiro de Enéias, enviado pela caçadora Ida,[2] que lhe ensinara a lançar o veloz dardo e as leves flechas; tinha ao lado seu companheiro Euríalo, de beleza sem igual entre os comandados de Enéias e os que levavam as armas de Tróia, jovem cujo rosto denunciava a adolescência. Nutriam os dois uma afeição recíproca e juntos combatiam; e também montavam, então, guarda à mesma porta. Disse Niso: "Serão os deuses que me inspiram o ardor que sinto, Euríalo? Ou acaso cada um faz um deus de um ardente desejo? De há muito o espírito me impele a tentar uma grande façanha e enfada-me essa sossegada inatividade. Vês como os ruídos estão confiantes de sua segurança: raras são as luzes que brilham; estão deitados, entregues ao sono e ao vinho; reina um grande silêncio. Ouve, pois, o que medito e que idéia acalento no coração. Todos, o povo e os senadores,[3] desejam que Enéias seja chamado e que lhe sejam enviados mensageiros com notícias certas. Creio que poderei encontrar daquele outeiro um caminho para as muralhas e os baluartes de Palantéia, se me prometerem o que pedirei para ti, pois para mim me basta a glória de tal feito."

Euríalo, surpreso, é tomado de um grande amor à glória; replica logo ao ardoroso amigo: "Acaso recusas associar-me a esse grande feito, Niso? Permitirei que partas sozinho a enfrentar tais perigos? Não foi desse modo que me educou meu pai Ofelte, afeito à guerra, no meio do terror argivo e das provações de Tróia, e não tenho assim me comportado ao teu lado, depois que segui o magnânimo Enéias e os azares supremos. Tenho um coração que despreza a luz do dia e que estaria disposto a pagar com a vida essa glória que procuras." Replica Niso: "Certamente, não duvidei de ti, nem me seria lícito; não: assim possa o grande Júpiter, ou outro deus que encare com benevolência o meu projeto, trazer-me de volta triunfante para junto de ti. Se, porém (como sabes que muitas vezes acontece em tais casos) o fado ou algum deus provocar a minha perda, desejaria que tu me sobrevivesses; tua juventude merece mais a vida. Que haja alguém para entregar-me à terra, arrancado do campo de batalha ou resgatado em troca de dinheiro; ou, se se opuser a costumeira fortuna, para fazer oferendas fúnebres à minha sombra errante e honrar-me com um túmulo. Não desejaria ser, meu amigo, a causa de tamanha dor para tua desventurada mãe, ela

---

1 As fogueiras dos bivaques.

2 Trata-se de uma ninfa, aliás desconhecida.

3 No original: *populusque patresque*, fórmula romana para designar o povo e o Senado.

que, única entre tantas mães, ousou acompanhar-te, desdenhando as muralhas da grande Aceste." Diz o outro: "Gastas em vão argumentos inúteis, não mudarão minha resolução já tomada. Apressemo-nos." Acorda logo as sentinelas. Elas os substituem; deixa seu posto, acompanhado de Niso, e vão procurar o rei.[1]

Por toda a terra, as outras criaturas que respiram descansavam, no sono, de suas angústias e se esqueciam dos tormentos do coração; os chefes principais dos teucros e a escol dessa juventude, porém, deliberavam sobre os problemas do reino, sobre o que fazer e que mensagem dirigir a Enéias. Estão de pé, apoiados nas compridas lanças e conservando os escudos, no centro do acampamento e da planície. Então Niso e, com ele, Euríalo, pedem, com insistência, que sejam recebidos sem demora; o assunto é de importância e seria útil consagrar-lhe alguns momentos.[2] Iulo foi o primeiro a acolher essa insistência e mandou que Niso falasse. Disse, então, o filho de Hirtaco: "Ouvi-me com benevolência, companheiros de Enéias, e não julgueis por nossa idade o que vimos propor. Os rútulos estão em silêncio, relaxados pelo sono e pelo vinho; descobrimos nós mesmos um lugar apropriado para uma emboscada, perto de onde se bifurca o caminho que dá para a porta mais próxima do mar. As fogueiras estão muito espaçadas, e lançam um negro fumo para o céu; se permitirdes aproveitar-se a oportunidade para se ir procurar Enéias nas muralhas de Palantéia, em breve o vereis aqui reaparecer, carregando despojos, após ter feito enorme carnificina. Não nos perderemos no caminho; em nossas freqüentes caçadas, temos visto as primeiras casas da cidade no fundo de um sombrio vale e conhecemos todo o curso do rio."

Exclama, então, Aletes, homem vergado sob o peso dos anos e de grande experiência: "Deuses de minha pátria, sob cuja proteção Tróia sempre esteve, não mais dispostos, apesar de tantas desgraças, a destruir os teucros, pois inspiraste tal ânimo em nossos jovens e corações tão resolutos!" Assim falando abraçava e apertava a mão dos dois jovens e cobria o próprio peito de lágrimas. "Que recompensas, que recompensas vos oferecer, guerreiros, que sejam dignas de vossa glória? A primeira e mais bela será a que vos darão os deuses e vossa consciência;[3] além disso, o piedoso Enéias ajuntará sem demora outras e também o jovem Ascânio não esquecerá jamais tão relevante serviço." "Na verdade — prosseguiu Ascânio — eu, cuja única salvação é o regresso de meu pai, tomo por testemunhas, ó Niso, os Penates, os Lares de Assaraco e o santuário da cândida Vesta; deponho em vosso seio tudo que eu possa ter pela fortuna ou pela justiça; trazei de volta meu pai, devolvei-me a sua presença; com seu regresso, nada temerei. Dar-vos-ei dois vasos de prata com baixos-relevos, que meu pai tomou na conquista de Arisba e duas tripeças, dois pesos consideráveis de ouro e uma cratera antiga, presente da sidônia Dido. Se, em verdade, a vitória permitir-me apoderar-me da Itália e do cetro, vistes o corcel que Turno cavalgava, a armadura de ouro com que avançava; pois bem, o próprio cavalo, o escudo e os penachos vermelhos não serão sorteados, são desde já vossas recompensas, Niso. Além disso, meu pai te fará presente de doze mulheres escolhidas com grande cuidado pela beleza do corpo, outros tantos cativos e todas as suas armas: além disso ajuntarei

---

1 Ascânio.
2 No original: *pretiumque morae fore*, literalmente: "e haveria um preço para o atraso", isto é: seria prejudicial adiar-se o exame do caso.
3 No original: *mores*, a virtude que tem consciência de si mesma.

os domínios do próprio rei Latino. Quanto a ti, cuja idade está mais próxima da minha, jovem merecedor de respeito, desde já te acolho de todo o coração e te recebo como companheiro de todos os meus trabalhos. Sem ti não procurarei nenhuma glória na paz ou na guerra, tua ação e tua palavra terão a minha máxima confiança." A isto, retrucou Euríalo: "Em dia algum mostrar-me-ei indigno dessa elevada empresa; que somente a fortuna não torne de propícia a contrária! Acima de todas as recompensas, porém, há uma que imploro: tenho minha mãe, de velha estirpe de Príamo, desventurada que seguiu meus passos sem que a retivessem a terra de Ílion ou as muralhas da régia Aceste. E eu a deixo ignorante do perigo que vou enfrentar e sem dela despedir-me; a Noite e tua mão direita sejam testemunhas de que eu não poderia suportar as lágrimas maternas. A ti, porém, imploro consolá-la no abandono e socorrê-la no desamparo. Faze com que eu parta levando essa esperança: terei mais coragem de enfrentar todos os perigos." Comovidos, derramaram lágrimas os dardânios; mais do que todos o belo Iulo, que sentiu um aperto no coração lembrando-se do pai.[1] Assim fala então: "Prometo que tudo será digno de teus elevados projetos. Eis que ela será minha mãe e só lhe faltará o nome de Creusa, e não merece menos quem gerou tal filho. Seja qual for o resultado da empresa, juro por esta cabeça, pela qual meu pai costumava jurar outrora, que ficará em posse de tua mãe e de tua família o que te prometo, em teu regresso, se te forem favoráveis as coisas."

Assim falou, lacrimoso e, ao mesmo tempo, tira do ombro uma espada dourada, que o cretense Licaonte fizera com extraordinária arte e que se ajusta perfeitamente a uma bainha de marfim. Mnesteu ofereceu a Niso uma pele de feroz leão; o fiel Aletes troca com ele o capacete. Sem demora partem os guerreiros; acompanham-nos até as portas todos os chefes, jovens e velhos, com suas despedidas. Ao demais, o belo Iulo, que tinha, precocemente, o espírito e as preocupações de um homem, envia muitas mensagens para o pai. A viração, porém, dispersa-os todos e delas faz às nuvens um inútil presente. Tendo saído, os dois atravessam os fossos e, sob a escuridão da noite, ganham o acampamento que lhes seria fatal, mas onde muitos, antes, serão mortos por eles. Vêem corpos estendidos, em desordem, pela relva, por efeito do sono e do vinho, carros desatrelados na praia, homens deitados entre rodas e arreios, armas e taças misturadas confusamente. O filho de Hirtaco toma a palavra primeiro, assim falando: "Temos de agir com audácia; a situação a isso nos convida. Eis o caminho. Tu, para que algum grupo não nos ataque pelas costas, vela e olha ao longe. Quanto a mim, irei abrindo caminho para que possas passar à vontade." Assim fala, e cala-se; ao mesmo tempo, ataca com a espada o soberbo Ramnete, que, deitado, por acaso, num espesso tapete, ressonava a plenos pulmões, rei ele próprio e entimadíssimo áugure do rei Turno; nenhum augúrio, porém, pode livrá-lo da morte. Perto, mata três servidores de Remo, que se encontravam confusamente estendidos entre as armas, e seu escudeiro, e, encontrando o cocheiro de seu carro, sob os próprios cavalos, degola-o com a espada; depois corta a cabeça de seu senhor em pessoa, e deixa-lhe o tronco palpitante de sangue: o escuro líquido cobre a tépida terra e o leito. Também chegou a vez de Lamiro, de Lamo e do jovem Serrano, que havia passado jo-

---

1 No original: *Atque animum patriae strinxit pietatis imago*, literalmente: "e a imagem do amor paterno aperta-lhe o coração". A afeição de Iulo por seu pai se faz sentir diante da afeição de Euríalo por sua mãe.

gando a maior parte da noite; de grande beleza, estava estendido, vencido por Baco; feliz teria sido se tivesse igualado a duração do jogo à da noite e o prolongado até o amanhecer. Assim um leão esfaimado quando lança o terror em um aprisco repleto (pois a fome feroz o impede) devora e despedaça as tímidas ovelhas caladas de medo e ruge, com a boca cheia de sangue.

Não foi menor o número dos mortos por Euríalo; arrebatou-se em fúria e, sem escolher, surpreende muito do vulgo sem nome, Fado, Herbeso, Reto e Ábaro, mortos sem que o vissem; Reto estava acordado e tudo vendo, mas amedrontado, colocara-se atrás de uma cratera; quando se levantava, Euríalo, de perto, enfiou-lhe no peito a espada até o cabo e arrancou-a deixando-o mortalmente ferido.[1] A vida esvai-se com o sangue, e restos de vinho de mistura com o sangue;[2] o outro, impetuoso, prossegue a traiçoeira matança. E já se dirigia ele para os companheiros de Messapo, onde via quase extinta a última fogueira e os cavalos, amarrados de acordo com o costume, tosavam a relva, quando Niso lhe disse em poucas palavras (pois achava que ele estava indo demasiadamente longe em sua sede de carnificina): "Cessemos; aproxima-se o dia que nos será nefasto. Já nos vingamos bastante; abrimos caminho através do inimigo." Deixam eles muitas armas dos guerreiros feitas de prata maciça, assim como crateras e belos tapetes. Euríalo toma as fáleras e o boldrié de Ramnete, que outrora o opulento Cédico mandara a Rêmulo de Tibus, prendendo-se, assim, embora ausente, pelos laços de hospitalidade; ao morrer, ele o deixou para o neto, depois da morte deste, os rútulos dele se apoderaram, como presa de guerra; Euríalo o toma e o coloca, em vão,[3] nos largos ombros põe, depois, na cabeça o cômodo capacete de Messapo enfeitado com um penacho. Saem do acampamento e cuidam de sua segurança.

Entrementes, uma guarda avançada de cavaleiros que partira da cidade latina, enquanto o resto da legião permanece no campo em ordem de batalha, ia levar mensagens ao rei Turno, trezentos, todos trazendo escudos, e tendo Volcente como comandante. Já se aproximavam do acampamento e chegavam aos muros, quando avistaram de longe os dois que seguiam um caminho à esquerda, e o capacete, na penumbra da noite, traiu o imprudente Euríalo, refletindo os raios da lua. Não foi sem conseqüências. Volcente grita no meio dos cavaleiros: "Alto, guerreiros! Por que seguis este caminho? Quem assim vos armou? Aonde ides?" Os dois nada podem fazer para se defenderem, mas fogem apressadamente rumo à floresta e confiam na noite. Os cavaleiros espalham-se aqui e ali pelas veredas que lhes são conhecidas e cercam cada saída. Havia uma floresta coberta, em grande extensão, de sarçais e de negras azinheiras, onde se alastravam espinheiros por toda a parte: algumas raras veredas aparecem nestes recantos escuros. A escuridão que cai dos ramos e os pesados despojos retardam os passos de Euríalo, o temor o desorienta. Niso avança; sem perceber a ausência do amigo, já se afastara dos inimigos e dos lugares que, mais tarde, foram chamados de Albanos, por causa de Alba: o rei Latino tinha, então, ali, grandes estábulos. Quando parou e procurou em vão atrás de si o

---

1 No original: *et multa morte recepit,* literalmente: "e a retira sendo a morte numerosa".

2 No original: *Purpuream vomit ille animam, et cum sanguine mixta,/Vina refert moriens,* literalmente: "ele vomitou a alma vermelha e lançou, moribundo, sangue misturado com vinho".

3 Em vão porque não irá aproveitá-lo por muito tempo.

amigo ausente, exclamou: "Desventurado Euríalo, em que lugar te deixei? Como encontrar-te refazendo todo esse complicado caminho nesta floresta falaz?" Volta por onde fora, observa, e segue as pegadas, erra no meio dos sarçais silenciosos. Ouve o tropel de cavalos, o ruído e os clamores da perseguição. Pouco depois, escuta um grito e vê Euríalo, que, traído pelo lugar e pela noite, desconcertado por um ataque súbito, luta em vão contra um destacamento que o surpreendeu e o arrasta.

O capacete, na penumbra da noite, traiu o imprudente Euríalo, refletindo os raios da lua (pág. 149)

Que fazer? Com que forças, com que armas salvaria o jovem? Lançar-se-ia no meio dos inimigos para morrer e apressaria com os ferimentos uma morte gloriosa? Sem demora, empunha um dardo, lançando o braço para trás e, erguendo os olhos para a alta Lua, dirige-lhe esta prece: "Tu, deusa, ornamento do céu e protetora dos bosques, filha de Latona,[1] presta-nos socorro em nossa empresa: se jamais meu pai Hir-

1 A Lua era confundida com Diana, filha de Latona.

taco levou por mim oferendas aos teus altares, se eu mesmo a elas ajuntei o produto de minhas caçadas, se suspendi donativos nas abóbadas do teu templo ou os prendi em tua cumeeira sagrada, concede-me lançar a confusão na hoste inimiga e conduze minhas armas através do ar."

Disse, e arremessou o ferro, com toda a força. O dardo, voando, corta as trevas da noite, crava-se nas costas de Sulmon, ali se quebra e, com a madeira fendida, atravessa-lhe o coração. Ele se contorce, já frio, vomitando sangue quente do peito, e contorsões sacodem seu corpo. Os rútulos olham para todos os lados. Eis que, com maior ardor, Niso empunha outro dardo à altura das orelhas. Enquanto o inimigo se alvoroça, o dardo, sibilando, atravessa as têmporas de Tago e fica preso à cabeça, ainda tépido. O terrível Volcente se enfurece, sem ver onde se encontra o autor da façanha nem saber contra o que voltar sua fúria. "Tu, pelo menos, enquanto isto, pagarás com teu sangue quente a morte de ambos", diz. E avança ao mesmo tempo contra Euríalo com a espada desembainhada. Então, fora de si, como um louco, grita Niso muito alto: "Fui eu, eu aqui presente, que o fiz; voltai contra mim as armas, ó rútulos, sou o único culpado; ele a nada se atreveu e nada pôde; tomo por testemunhas o céu e os astros que tudo vêem; ele nada mais fez que dedicar afeto excessivo ao seu desventurado amigo."

Assim falou; a espada, porém, empurrada com força, atravessou as costelas e rasgou o alvo peito. Euríalo precipita-se na morte, o sangue escorre ao longo do formoso corpo, a cabeça recai desamparada sobre os ombros: é assim que enlanguesce e morre uma vermelha flor ceifada pelo arado, ou que as papoulas se curvam, sob o peso da chuva que cai. Niso, porém, avança para o meio do inimigo e só procura, entre todos, Volcente; apenas com Volcente se preocupa. Aglomerados em círculo, em torno dele, os inimigos o acossam; ele não deixa de ameaçar o outro e faz girar a espada rutilante, até cravá-la na boca do rútulo que gritava e, moribundo, arrancar a vida ao inimigo. Então, crivado de ferimentos, lança-se sobre o amigo inanimado e ali encontra na morte tranqüilidade e descanso.

Venturosos ambos! Se valem de alguma coisa os meus versos, jamais o correr dos dias apagará no tempo a vossa memória, enquanto a casa de Enéias ocupar o firme rochedo do Capitólio e o deus romano[1] dominar o mundo.

Vitoriosos, os rútulos, senhores da presa de guerra e dos despojos, conduzem ao acampamento, em prantos, o cadáver de Volcente. Não era menor a consternação no acampamento, onde se encontrara Ramnete morto e tantos outros chefes vitimados pelo morticínio, entre os quais Serrano e Numa. A multidão se aglomera em torno dos cadáveres e dos guerreiros moribundos, no lugar onde ocorreu a recente carnificina, ainda espumantes de sangue. Reconhecem entre os despojos o reluzente capacete de Messapo e muitas fáleras recuperadas com grande esforço.

E já, deixando o leito cor de açafrão de Titon, Aurora espalhava de novo a luz sobre as terras; já o sol brilhava, e as coisas se cobriam de luz, quando Turno, ele próprio revestido de suas armas, chama às armas os guerreiros, e os chefes reúnem para a batalha suas coortes de bronze, e lhes excitam a cólera, com toda a sorte de rumores. Bem mais do que isso, erguem em lanças (horrível espetáculo!) as cabeças de Euríalo e de Niso, acompanhando-as com grande alarido. Os rudos com-

---

1 *Pater Romanus*, isto é, Júpiter Capitolino.

panheiros de Enéias estenderam as fileiras do lado esquerdo dos muros (pois sua direita é protegida pelo rio), guardam os enormes fossos e ocupam, preocupados, as torres; comovem-se, ao mesmo tempo, ao verem espetadas nas lanças as cabeças que tão bem conheciam, com o escuro sangue escorrendo.

Entrementes, esvoaçando pelo aterrorizado acampamento troiano, a alada Fama avança como mensageira e chega aos ouvidos da mãe de Euríalo. De súbito, o calor abandonou as entranhas da desventurada, caiu-lhe da mão a lançadeira e desenrolaram-se os fios. Sai a desgraçada, lançando gritos agudos,[1] arrancando os cabelos, e desvairada, corre até os muros e chega às primeiras fileiras, sem prestar atenção aos homens nem no perigo e nos dardos; e ergue, depois até o céu os seus lamentos: "É assim, Euríalo, que te revejo? Tu, tardio arrimo de minha velhice, pudeste me deixar sozinha? Cruel! Quando partiste para tão grandes perigos não pudeste dar o adeus supremo a tua desventurada mãe? Ai de mim! Estendido sobre uma terra estranha, servirás de pasto aos cães e às aves de rapina do Lácio! Eu, tua mãe, nem ao menos te prestei as honras fúnebres, fechei-te os olhos, lavei tuas feridas e cobri-te com este pano que para ti tecia dia e noite, e com que consolava as tristezas da velhice! Onde te procurarei? Que terra possui, agora, teu corpo, teus membros separados, os teus tristes despojos? É isso, pois, meu filho que me trazes de ti? Para isto te segui por terras e por mares? Feri-me, se tiverdes alguma piedade, lançai sobre mim todos os vossos dardos, ó rútulos; seja eu a primeira a ser exterminada pelo ferro; e tu, grande pai dos deuses, tem piedade de mim e atira com teu raio ao Tártaro esta cabeça odiosa,[2] já que de outro modo não me é dado pôr fim a vida tão cruel." Comoveram-se os corações com estes lamentos, tristes gemidos se fazem ouvir nas fileiras; as forças se abatem para o combate. Vendo que ela inflamava a dor de todos, Ideu e Actor, por ordem de Ilioneu e de Iulo, que derramava lágrimas copiosas, levam-na para casa.

Eis que a sonora trombeta de bronze espalha ao longe seu som assustador; responde-lhe um alarido e retumba o céu. Os volscos formam a tartaruga[3] e se preparam para encher os fossos e demolir a paliçada. Alguns procuram abrir caminho e galgar os muros com escadas, nos pontos em que a linha das tropas é menos cerrada ou apresenta vazios. Por seu lado, os teucros, acostumados, por uma longa guerra, a defender as muralhas, atiram contra o inimigo toda a sorte de armas de arremesso e os empurram com duras estacas. Também lançam pedras de grande peso, para tentarem romper em algum ponto as fileiras protegidas,[4] enquanto que os outros não se mostram menos dispostos a resistir resguardados pela carapaça dos escudos. Estas já não são suficiente, contudo: porquanto, no lugar em que é mais ameaçadora a concentração, os teucros empurram e atiram uma pedra enorme, que atinge os rútulos em grande extensão e desfaz sua carapaça de escudos. Os audaciosos rútulos não pensam mais em sustentar um combate em que não vêem o inimigo,[5] mas é com armas de arremesso que procuram expulsar os adversários das paliçadas. Em outro lugar, o temível

---

1 No original: *femineo ululatu*, literalmente: "com gritos estridentes de mulher".

2 A mãe de Euríalo devia ser odiada pelos deuses, para sofrer tal desgraça.

3 Tratava-se de uma formação de combate em que os atacantes cobriam a cabeça com o escudo.

4 Protegidas pelos escudos, pois estavam em formação de "tartaruga".

5 Porque tinham as cabeças sob os escudos.

Mezêncio sacode um galho de pinheiro da Etrúria e lança archotes fumegantes; e Messapo, domador de cavalos, filho de Netuno, demole a paliçada e reclama escadas para os muros.

A vós, Calíope,[1] imploro, inspirai os meus versos, contai os morticínios, as devastações causadas por Turno, que varões ele enviou ao Orco, e desdobrai comigo os grandes quadros da guerra:[2]

Havia uma torre de grande dimensão e pontes[3] elevadas, situada em posição favorável, que todos os italianos se esforçavam para tomar de assalto, lançando mão de grandes forças; os troianos, por seu lado, defendiam-se com pedras e, sem descanso, lançavam dardos através das largas seteiras. Adiantando-se, Turno lança um archote e ateia-se fogo à parede; com o vento forte, as chamas se espalham pelas tábuas e atingem as portas, que se consomem. Os de dentro, assustados, perturbam-se e querem em vão escapar da desgraça. Quando se aglomeram, fugindo para a parte que o incêndio poupara, a torre, com o peso, desaba de repente e um barulho enorme sobe ao céu. Moribundos, arrastados pela massa enorme, os troianos caem em terra, trespassados pelas próprias armas ou com os peitos esmagados pela dura madeira. Apenas escaparam Helenor e Lico; o mais velho deles, Helenor, filho do rei da Menônia e da escrava Licínia, que o tivera furtivamente, partira para Tróia com as armas proibidas,[4] trazendo, humilde, apenas uma simples espada nua e um escudo branco[5]. Quando se viu no meio dos milhares de guerreiros de Turno e cercado de todos os lados pelas hostes latinas, como uma fera que, cercada por cerrada fila de caçadores, investe contra as armas, e, sabendo que vai morrer, enfrenta a morte e salta por cima dos chuços, assim entrou no meio dos inimigos para morrer e corre para onde vê mais espessa a nuvem de dardos.

Lico, porém, muito melhor corredor, foge através dos inimigos e das armas, alcança os muros, esforça-se para agarrar-se ao alto das muralhas e ser sustentado pela mão dos companheiros; Turno, tão veloz quanto ele e acompanhando-o armado de um dardo, vence-o e exclama: "Esperavas escapar de nosso braço, insensato?" Ao mesmo tempo agarra-o, já suspenso, e, com ele arranca grande parte do muro: assim a ave portadora das armas de Júpiter[6] levanta com suas garras aduncas uma lebre ou um cisne muito branco ou o logo de Marte[7] rapta dos estábulos o cordeiro, que a mãe reclama, com muitos balidos. Eleva-se o clamor de toda a parte; os atacantes investem e enchem os fossos;[8] atiram fachos acesos contra o alto dos muros.

Ilioneu, com uma enorme pedra, fragmento de uma montanha, mata Lucécio, que se aproximava de uma porta, carregando um archote, Líger mata Emationa, Asilas mata Corineu, um lançando destramente o dardo, o outro com uma seta vinda de longe sem ser vista; Ceneu mata Ortígio e Turno o vencedor Ceneu e mais Ítis, Clônio, Dioxipo, Prômulo e Sagares e Ida, que se encontrava no alto de uma

---

1 O poeta dirige-se às Musas em geral e a Calíope em particular.

2 Virgílio imagina, aqui, uma tela enrolada, cuja imagem aparece inteiramente quando se desenrola.

3 As pontes que ligam as torres com a paliçada.

4 No original: *vetitis... armis*, "com armas vedadas". Benoist explica que, provavelmente, o pai de Helenor o proibira de participar da guerra.

5 Isto é, sem inscrição nem emblema.

6 No original: *Jovis armiger*, "escudeiro de Júpiter", isto é, a águia portadora do raio.

7 O lobo era dedicado a Marte.

8 No original: *fossas aggere complent*, "enchem os fossos com material de aterro".

torre; Capos mata Primevo. Este fora ferido primeiro de leve pela lança de Temilas: atirando para um lado o escudo, o insensato levou a mão à ferida; aproximou-se então uma seta alada, atravessou-lhe a mão do lado esquerdo e penetrou mortalmente nos órgãos ocultos da respiração.

Revestido de armas magníficas, vestindo uma clâmide bordada a agulha e tingida com a púrpura escura da Ibéria, estava o filho de Arcente, de grande beleza, cujo pai, que o enviara,[1] o havia criado no bosque sagrado de Cíbele,[2] em torno do rio Simeto, onde se eleva o altar de Pálico, propiciatório e fecundo.[3] Mezêncio, deixando de lado a lança, gira em torno da cabeça a funda sibilante por três vezes, com a correia distendida, e, com o chumbo que se derreteu cortando o ar,[4] racha no meio a fronte do inimigo e o estende morto em larga extensão do solo.

Foi então, segundo dizem, que Ascânio, acostumado até então a perseguir a caça fugitiva, lançou, pela primeira vez na guerra, uma seta veloz e abateu com sua mão o valoroso Numano, que tinha o cognome de Rêmulo, e havia desposado há pouco a irmã caçula de Turno. À frente da primeira linha, ele vociferava, exaltando-se e lançando injúrias, de coração arrogante com a recente aliança real, e avançava, gritando em altas vozes:

"Não vos envergonhais de continuardes sitiados em vossas paliçadas, ó frígios duas vezes cativos,[5] e de vos esconderdes da morte atrás dos muros? São estes os que querem, à custa da guerra, desposar nossas mulheres! Que deus, que acesso de loucura, vos trouxe à Itália? Aqui não há os Átridas, não há Ulisses parlapatão: somos uma raça dura, que começamos mergulhando as criancinhas nos rios e as enrijamos com a crueldade do gelo e da água; nossos meninos mostram-se vigilantes nas caçadas e se fatigam nas florestas; é sua diversão domar cavalos e atirar flechas. Nossos jovens, submissos aos trabalhos e acostumados a viver parcimoniosamente, ou domam a terra com a enxada ou atacam as fortificações na guerra. Passamos toda a vida a manejar o ferro e com o conto das lanças castigamos o dorso dos novilhos. A lerda velhice não debilita a nossa força de ânimo nem altera nosso vigor: cobrimos com um capacete as nossas cãs; satisfaz-nos sempre ajuntar despojos e viver de rapina. Vós, trazeis vestes bordadas, tingidas de açafrão e de púrpura brilhante; o ócio vos é grato; amais a dança; e usais túnicas com mangas e mitras enfeitadas de laços. Ó frígias, pois na verdade não sois frígios, ide para as alturas do Dindino, onde estais acostumados a ouvir o som da flauta dupla. Chamam-vos os tamboris e os pífaros berecentinianos da Mãe do Ida: deixai as armas para os homens e renunciai ao ferro."

Ascânio não suportou as palavras arrogantes e os insultos grosseiros e, voltando-se para o outro, ajusta a seta no arco,[6] depois, estendendo

---

1 Subentende-se: "à guerra" ou "para junto de Enéias".

2 No original: *Matris luco*, "bosque sagrado da Mãe", isto é, de Cíbele, a mãe dos deuses. Isto no texto de Benoist. No texto estabelecido por René Durand, está *Martis luco*, "bosque sagrado de Marte".

3 O altar era consagrado a princípio aos Pálicos, dois deuses, filhos de Júpiter ou de Netuno, mas, no tempo de Virgílio, só se falavam em um deus Pálico.

4 Os antigos acreditavam que o chumbo assim lançado esquentava-se e amolecia-se no trajeto.

5 Tróia foi tomada primeiro por Hércules, depois pelos gregos.

6 No original:... *nervoque obversus equino,/Contendit telum*, literalmente: "e voltado para (subentende-se Rêmulo) ajusta a seta na corda feita de pêlo de cavalo".

o braço, pára e, súplice, dirige a Júpiter esta prece: "Júpiter onipotente, protege a minha empresa audaciosa. Eu mesmo levarei ao seu templo oferendas solenes, e sacrificarei diante dos altares um novilho branco de chifres dourados,[1] já da altura de sua mãe,[2] já atacando com seus cornos e escavando a areia com as patas." O Pai o ouviu e fez trovejar à esquerda no céu sereno; sem demora ressona o arco fatal. A seta retesada parte com horrível sibilo, atinge a cabeça de Rêmulo e o ferro atravessa-lhe as têmporas. "Vai, insulta o valor com palavras arrogantes. Eis a resposta que mandam os frígios duas vezes cativos." Assim falou Ascânio; os teucros gritam, frementes de alegria, e seu coração se eleva até os astros.

Apolo de longa cabeleira encontrava-se então, por acaso, assentado em uma nuvem, olhando do alto as coortes ausônias e o acampamento, e dirige estas palavras ao vitorioso Iulo: "Revela tua nova virtude, jovem; assim se sobe aos astros, filho de deuses, que terás deuses por filhos.[3] Quer, com razão, o destino que acabam todas as guerras sob a estirpe de Assaraco,[4] és demasiadamente grande para Tróia."[5] Ao mesmo tempo que assim fala, desce do alto éter, afasta as virações que sopram e aproxima-se de Ascânio. Assume, então, as feições do velho Butes. Este fora antes escudeiro do dardânio Anquises e fiel guardião de seu lar: Enéias o fizera depois companheiro de Ascânio. Apolo caminhou, em tudo semelhante ao velho, a mesma voz, a mesma tez, os cabelos brancos, as mesmas armas que retinem ameaçadoras; e assim ele fala ao ardoroso Iulo: "Seja-te bastante teres abatido Numano com uma seta: o grande Apolo concede-te esta primeira glória e não inveja as tuas armas iguais às dele; não participes mais da guerra, meu filho." Tendo assim começado, Apolo deixa o aspecto de mortal, ainda falando, e desaparece no ar. Os chefes dos dardânios reconhecem o deus e suas armas divinas e ouvem o ruído da aljava enquanto ele se afasta, rapidamente. Obedientes, então, às palavras e ao poder de Febo, contêm Ascânio, ávido de pelejar; eles próprios voltam ao combate e expõem a vida em perigos manifestos. Ouvem-se gritos ao longo de todos os baluartes dos muros. Distendem-se os ameaçadores arcos, lançam-se dardos.[6] Todo o solo se cobre de armas de arremesso; os escudos e os côncavos capacetes entrechocam-se, retinindo, trava-se encarniçado combate: assim, vindo do poente, sob a influência do nebuloso Capricórnio, a chuva flagela a terra; assim as nuvens carregadas de granizo se precipitam sobre o mar, quando Júpiter enraivecido solta violenta tempestade sob o efeito dos Austros e desfaz no céu as nuvens ocas.

Pândaro e Bítias, filho do troiano Alcanor, que a silvestre Iera criara em um bosque consagrado a Júpiter, jovens cuja altura iguala à dos abetos e dos montes de sua pátria, abrem a porta cuja guarda lhes fora entregue por ordem de seu chefe e, confiados em suas armas, chegam até a desafiar o inimigo a entrar nas muralhas. Eles próprios conservam-se do lado de dentro, à esquerda e à direita, de pé como torres, armados de ferro e com os penachos reluzindo nas altas cabeças: assim, junto de límpidas águas, seja nas margens do Pó, seja nas riso-

---

1 No original: *aurata fronte*, "fronte dourada".
2 No original: *pariterque caput cum matre ferentem*, "e que trague a cabeça à mesma altura que a mãe".
3 Rômulo, Júlio César e Augusto.
4 Antepassado de Enéias.
5 No original: *Nec te Troja capit*, literalmente: "Tróia não te contém".
6 No original: *amentaque torquent*, "giram a correia". Trata-se de correias especiais para o lançamento de dardos.

nhas bordas do Adige, se erguem dois altíssimos carvalhos que levam até o céu as suas copas ramalhudas e embalançam-se nas alturas. Vendo a porta aberta, os rútulos se precipitam para dentro. Sem demora, Quércem, Aquículo de bela armadura, o impetuoso Tmaro e o belicoso Hêmon, acompanhados por todas as suas tropas, viraram as costas ou deixaram a vida na própria soleira daquela porta. A fúria dos combatentes aumenta, então; já os troianos se aglomeram do mesmo lado, atrevem-se a travar combates corpo a corpo e a sair dos muros.

Ao chefe Turno que, em um ponto oposto atacava com fúria e espalhava o terror entre os guerreiros, é levada a notícia de que o inimigo entregue a nova carnificina deixara as portas abertas. Ele suspende seu ataque e, presa de terrível cólera, corre para a porta dardânia onde se encontram os soberbos irmãos; e prostra primeiro, atirando um dardo, Antifáten (o primeiro que se apresentou), filho bastardo de uma tebana e do grande Sarpédon; voa o dardo de cerejeira brava da Itália sem encontrar resistência, atravessa o esôfago e desce ao alto do peito: a abertura da escura ferida solta um sangue espumante e o ferro se amorna no pulmão trespassado. Depois, mata com a espada Meropeu e Erimanto, depois Afidno, mas contra Bítias, de olhos ardentes e coração fremente, não é um dardo comum que atira, pois tal dardo não o teria matado; é uma falárica lançada com toda a força, que parte sibilando alto e cai como um raio; nem os dois couros de boi,[1] nem a dupla malha de ouro da couraça resistiram; cambaleia e cai o corpo enorme; a terra geme e sobre ela o imenso escudo retine, como um trovão: assim, às vezes, na costa de Baia desaba no mar imenso dique de pedra construído com grandes lajes; assim se desmorona a massa pendente e vai atingir o fundo das águas: agita-se o mar, as negras areias sobem à superfície; então, com o ruído, treme a alta Prochita e o Inarime, duro leito de rocha que, por ordem de Júpiter, cobre Tifeu.

Então Marte, o poderoso deus das armas, aumentou a coragem e a força dos latinos e estimula-lhes a ira no coração; aos teucros, ele manda a Fuga e o negro Temor. Os latinos ajuntam-se, vindos de todos os lados, pois lhes é dada a oportunidade de combater e o deus da guerra passou para a sua alma. Pândaro, ao ver o cadáver do irmão, e em face da mudança da fortuna e do desfecho da luta tornado incerto, faz girar a porta em seus gonzos com grande esforço, apoiando nela os largos ombros, e deixa muitos dos seus fora das muralhas, empenhados em dura refrega, ao mesmo tempo que acolhe e fecha consigo os que ali penetraram, insensato! Não viu o rei Rútulo, que avançou no meio das hostes e ele próprio o fechou no acampamento, como um tigre imenso no meio de um rebanho inerte. Sem demora, os olhos de Turno fulguraram com um brilho estranho e suas armas retiniram ameaçadoramente: o penacho cor de sangue treme no capacete e o escudo lança chispas reluzentes. Reconhecendo o aspecto amedrontador e o corpo gigantesco, perturbam-se de súbito os companheiros de Enéias. Então, avança o enorme Pândaro e exclama, enfurecido com a morte do irmão: "Não é aqui o palácio dotalício de Amata, não são os muros de Ardéia, sua pátria, que rodeiam Turno: vês um campo inimigo; dele não poderás sair." Diz-lhe Turno sorrindo, de coração tranqüilo: "Começa, se tens valor no coração e vem medir-te comigo; contarás a Príamo que encontraste um Aquiles." Disse. O outro atira-lhe, com toda a força, um grosseiro dardo ainda com os nós da árvore e a casca bruta. O ar foi o único atingido: Juno filha de Saturno desvia a trajetória do dardo que

---

1 Do escudo.

vai se cravar na porta. "É a tua vez, mas não escaparás desta arma que empunho; a arma e o ferimento infligido por esta mão não são de molde a serem evitados." Assim falou[1] e, com a espada erguida a toda altura, fende-lhe a fronte entre as têmporas e com a horrível ferida separa as suas faces imberbes. Ouve-se um estrondo; a terra é abalada pelo peso enorme; o moribundo estende-se no chão, com os membros inertes e os braços manchados pelo sangue do cérebro; cortada em duas partes iguais, sua cabeça fica presa em cada ombro.

Virando as costas, fogem tomados de medo os troianos; se o vencedor tivesse tido a idéia, imediatamente, de abrir as portas e introduzir os companheiros no recinto, aquele dia teria sido o último da guerra e da nação. Mas o furor e a insana sede de sangue o arrastaram, impetuoso, contra os inimigos. Investe primeiro contra Falerim e contra Gígen, a quem corta o jarrete; toma-lhes os dardos, que lança contra as costas dos fugitivos: Juno assegura-lhe força e coragem. Ele ajunta como companheiros às suas vítimas Hales e Fegeu, cujo escudo trepassa; depois, Alcandro, Halio, Noemonas e Pritaneu, que, ignorantes do que se passava, continuavam a combater nos muros. Linceu avançava contra ele e convocava os companheiros. Turno o ultrapassa, de espada erguida, o ataca à direita, quando ele desce do talude, e, com uma única cutilada, faz rolar ao longe a cabeça com o capacete; mata depois Amico, o terror das feras, hábil como ninguém para untar as armas de arremesso e envenenar o ferro; e Clito da Eólia e Creteu querido das Musas, Creteu o companheiro das Musas, que se comprazia sempre com os cantos e a cítara, marcando o ritmo nas cordas retesadas; cantava sempre os cavalos, as façanhas dos guerreiros e as batalhas.

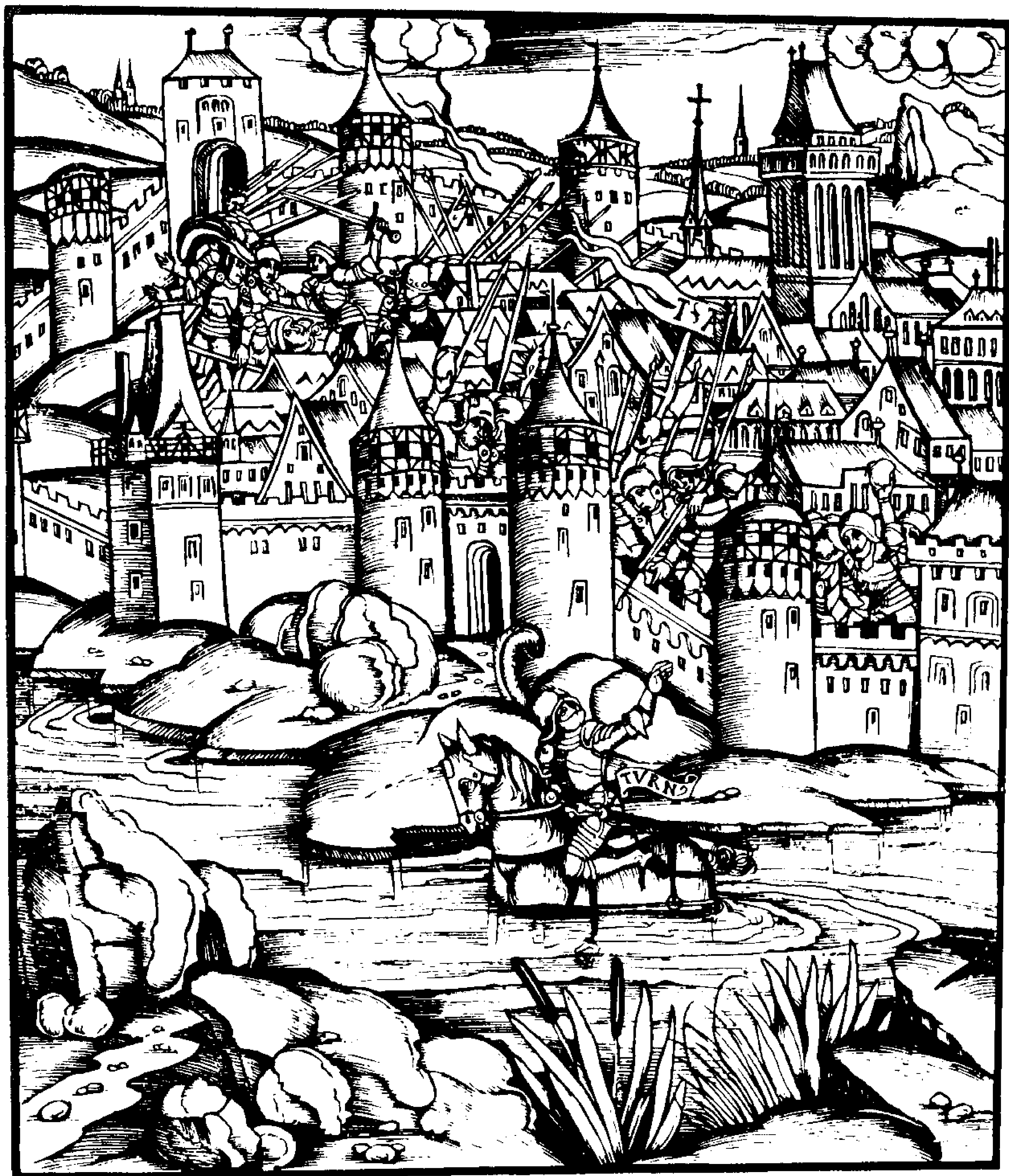
Finalmente, sabendo do morticínio dos seus, acorrem os chefes teucros, Mnesteu e o impetuoso Seresto, e vêem os companheiros fugindo em desordem e o inimigo dentro do acampamento. Disse Mnesteu: "Para onde quereis fugir, aonde ides? Tereis outros muros, outros baluartes? Um só homem, cidadãos — e vossas trincheiras o cercam por todos os lados — terá lançado impunemente tanto estrago em vosso campo? Terá mandado para o Orco tantos chefes da juventude? Não tendes, covardes, vergonha e piedade da desventurada pátria, de vossos antigos deuses[2] e do grande Enéias?" Inflamados com tais palavras, os troianos se firmam e cerram as fileiras. Turno, pouco a pouco, afasta-se do combate e dirige-se ao rio e à parte do acampamento rodeada pelas águas. Os teucros o perseguem mais encarniçadamente, com grande alarido e concentrando as forças. Assim é quando um bando de caçadores persegue um feroz leão com furiosas armas de arremesso; aterrorizada, a fera recua, terrível, de olhar raivoso; a ira e a coragem não lhe permitem voltar as costas e, apesar de sua vontade, não pode investir contra os homens, através das armas: do mesmo modo, Turno recua passo a passo e seu espírito referve de ira. Por duas vezes chega mesmo a investir contra o grosso dos inimigos, por duas vezes os põe em fuga ao longo dos muros.

Todas as tropas, porém, acorrem de todos os lados do acampamento e cerram fileiras; Juno, filha de Saturno, não se atreve mais a protegê-lo contra essas forças; eis que, do céu, Júpiter enviou a mensageira Íris, levando a irmã severas ordens, se Turno não sair dos altos baluartes dos teucros. O jovem não pode, então, com o escudo ou com o braço, resistir por mais tempo: é acossado de todos os lados pela

---

1 Subentende-se: Turno.

2 Os penates.

chuva de dardos. O casco ressoa e retine constantemente em torno das têmporas, e as pedras amassam o bronze maciço; o penacho cai-lhe da cabeça; o escudo já não basta para aparar os golpes; investe o próprio Mnesteu, fulminante, e os troianos com suas lanças. O suor escorre-lhe por todo o corpo e se enegrece com a poeira; não pode respirar; um

O rio o acolheu em seu leito barrento, ergueu-o acima de suas ondas tranqüilas e levou-o aos companheiros... (pág. 158)

arquejo penoso agita os membros cansados. Somente então ele se atira ao rio, com todas as armas. O rio o acolheu em seu leito barrento, ergueu-o acima de suas ondas tranqüilas e levou-o aos companheiros, jubiloso e lavado da carnificina.

Livro X

Entrementes, abrem-se as portas do Olimpo onipotente,[1] e o pai dos deuses e rei dos homens convoca a assembléia na mansão constelada de onde ele avista todas as terras e o acampamento dos dardânios e os povos latinos. Toma-se lugar no palácio cujas portas estão abertas de par em par; ele próprio começa:

"Grandes celícolas, por que mudastes de propósito e por que essa hostilidade entre vós? Eu recusara que a Itália fizesse guerra aos teucros. Que discórdia é essa, contra a minha proibição? Que temor levou uns e outros a se armarem e se atacarem entre si? Chegará o tempo marcado para a luta, não vos apresseis; o tempo em que a feroz Cartago lançará, através dos Alpes, um grande flagelo sobre os baluartes romanos: então, será lícito que os ódios se enfrentem e que se façam rapinas. Por ora, abstende e estabelecei, de boa vontade, a aliança que desejo." Nada mais disse Júpiter; retruca-lhe, mais longamente, a dourada Vênus: "Ó meu pai, ó potência eterna que reinas sobre os homens e os deuses, a quem poderíamos implorar senão a ti? Vês como os rútulos nos insultam, como Turno lança à luta seus excelentes cavalos e investe cioso dos favores de Marte? Os muros dos baluartes já não protegem os teucros; trava-se o combate dentro das portas e até sobre as muralhas, e os fossos inundam-se de sangue. Enéias acha-se ausente, sem saber o que se passa. Jamais os livrará de um sítio? Mais uma vez o inimigo ameaça os muros de Tróia renascente; e há um outro exército, e o filho de Tideu, vindo da etólia Arpos,[2] mais uma vez se levanta contra os teucros. Em verdade, creio, ainda me estão reservadas feridas, e, sendo tua filha, estou exposta às armas dos mortais![3] Se os troianos aportaram à Itália sem o teu beneplácito e desobedecendo teu poder, que sejam punidos por seus erros e que os prives de tua ajuda; se, porém, nada mais fizeram que seguir tantos oráculos dos deuses superiores e dos manes, por que podem agora revogar tuas ordens e traçar novos destinos? Para que lembrar a frota incendiada na praia de Ericino? E o rei da tempestades e o furor dos ventos desencadeados na Eólia? E Íris enviada das nuvens? Agora, até mesmo os manes (a única parte do mundo poupada) se movem e Alecto, mandada de repente ao mundo superior, entregou-se a seus furores no meio das cidades da Itália. Não me anima a promessa do império; esperamo-lo enquanto a fortuna foi propícia; que vençam os que desejas que vençam. Se não existe região

---

1 O Olimpo está disposto como a morada de um rei dos tempos heróicos. Cada divindade tem seu alojamento e no centro fica o palácio de Júpiter, onde os deuses se reúnem para deliberar.

2 Depois da guerra de Tróia, Diomedes fundara Arpos na Itália.

3 Vênus, ao defender Enéias, fora ferida por Diomedes, na guerra de Tróia.

alguma que a tua cruel esposa dê aos teucros, imploro-te, meu pai, pelas ruínas fumegantes de Tróia, que me seja permitido tirar Ascânio incólume do meio da guerra, que me seja permitido conservar meu neto. Que Enéias, admito, seja arrastado pelas ondas desconhecidas e siga o caminho imposto pela Fortuna: que eu possa ao menos proteger o outro e livrá-lo das batalhas. Tenho Amatunta e a altaneira Pafos e Citeréia e minha morada de Idália: faze com que, tendo deposto as armas, ele ali passe obscuramente a sua vida. Ordena que Cartago esmague a Ausônia com seu grande poderio: de meu lado, nada se oporá às cidades tírias. De que valeu aos teucros escapar dos flagelos da guerra e fugir através das fogueiras argivas, e atravessar tantos perigos nos mares e na vastidão da terra, para procurarem o Lácio e uma nova Pérgamo? Não lhes teria sido preferível pisar as cinzas derradeiras de sua pátria e o solo onde existiu Tróia? Devolve, imploro-te, o Xanto e o Simoente a esses desgraçados, e faze, ó meu pai, com que os teucros tornem a sofrer as desgraças de Ílion."

Disse, então, a rainha Juno, presa de grande ira: "Por que me forças a interromper um profundo silêncio e revelar por palavras uma dor que escondia? Foi algum homem ou algum deus que obrigou Enéias a fazer guerra e tornar-se inimigo do rei Latino? Chegou à Itália empurrado pelas ordens do destino e pelas fúrias de Cassandra, admito: por acaso, porém, o aconselhamos a deixar seu acampamento e confiar sua vida aos ventos? Acaso o aconselhamos a entregar a uma criança a direção da guerra e das muralhas, a procurar a aliança dos tirrenos e a lançar a agitação em nações tranqüilas? Foi um deus, foi o nosso poder, como se pretende, que o arrastou à desgraça? Onde estão nisso Juno e Íris enviada de entre as nuvens? É uma indignidade ver os italianos rodear de fogos Tróia renascente e Turno defender a terra de seus pais, ele que tem Piluno por avô e a deusa Venília por mãe: o que se dizer dos troianos que, empunhando os sinistro archote, espalham a violência entre os latinos, impõem seu jugo a terras estrangeiras e as saqueiam? O que dizer dos que se impõem como genros, arrancam do seio materno as esposas prometidas por um pacto, que imploram a paz estendendo o braço e guarnecem os navios de armas? Tu podes com tuas mãos livrar Enéias dos gregos e esconder teu herói em uma nuvem ou no leve vapor, e podes converter em ninfas outros tantos navios: e nós, cometeremos um crime se ajudarmos um pouco os rútulos? Enéias, ausente, de nada sabe: que continue ausente e sem de nada saber. Possuis Pafo, Idália e a altaneira Citeréia: por que procuras uma cidade sempre prenhe de guerra e rudes corações? Acaso fomos nós que nos empenhamos em destruir de alto a baixo o que resta da Frígia? Fomos nós? Ou aquele que lançou os gregos contra os desgraçados troianos? Que causa fez com que corressem às armas a Europa e a Ásia e que a paz fosse rompida por um rapto? Foi por minha ordem que o dardânio adúltero tomou Esparta de assalto? Por acaso fui eu quem lhe forneci armas ou insuflei a guerra, enchendo-o de desejo? Era então que deverias temer pelos teus; agora, é tarde para apresentares queixas injustas e acusações descabidas."

Disse isto Juno; e todos os celícolas murmuram sustentando opiniões diversas: é assim o sopro do vento, quando murmura preso na floresta e que seus surdos murmúrios se deslocam, anunciando aos nautas a chegada da viração.

Tomou, então, a palavra o Pai onipotente, a cujo poder soberano está sujeito o mundo; à sua voz, faz-se silêncio na altaneira morada dos deuses e a terra estremece em seus fundamentos; silencia-se o alto éter, imobilizam-se os Zéfiros; o mar se estende como plácida planície.

"Ouvi-me e guardai no coração minhas palavras. Visto que não é lícito aliarem-se os ausônios aos teucros e que não terá fim vossa discórdia, qualquer que seja hoje a fortuna de cada povo, qualquer que seja a esperança que cada um possa acalentar, entre troiano ou rútulo nenhuma diferença farei, quer o sítio do acampamento provenha do destino favorável aos italianos, quer de um erro funesto[1] ou dos oráculos desfavoráveis aos troianos. Não isento os rútulos.[2] Cada um deverá aos seus esforços o revés ou o triunfo; o rei Júpiter será o mesmo para todos. Os fados encontrarão seu caminho." Jurando pelo rio de seu irmão Estige, pelas margens da corrente de pez e dos negros turbilhões, inclina a cabeça, e ao seu gesto o Olimpo inteiro estremece. Nada mais foi dito. Júpiter levanta-se, então, do alto trono; os celícolas acompanham-no até o limiar.

Entrementes, os rútulos atacam ao mesmo tempo todas as portas, abatendo e matando os defensores e lançam de todos os lados dardos inflamados contra as muralhas. Por seu lado, a legião sitiada dos companheiros de Enéias não tem qualquer esperança de fuga. Os desgraçados ocupam, em vão, as elevadas torres e guardam os baluartes com um fraco círculo de defensores: Ásio filho de Imbraco, Hicetáon, filho de Timetes, o velho Timbre, juntamente com Castor, encontram-se na primeira linha; fazem-lhes companhia os dois irmãos de Sarpédon, Claro e Têmon, vindos da alta Lícia. Aquele que, com um esforço do corpo inteiro, levanta uma pedra enorme, parte considerável de uma montanha, é Acmon de Liernesso, não menor que seu pai Clício ou seu irmão Mnesteu. Estes defendem-se à porfia com dardos, aqueles com pedras: uns atiram archotes, outros disparam setas. No meio dos outros, ele mesmo, o menino dardano objeto justíssimo das preocupações de Vênus, com a encantadora cabeça descoberta, brilha como uma pedra preciosa que, engastada no fulvo ouro, orna um colo ou uma cabeça; ou como resplandece de marfim embutido artisticamente no buxo ou no terebinto de Órico: sobre a nuca leitosa cai a cabeleira presa por um leve anel de ouro. Os povos magnânimos também te viram lançando dardos e armando as flechas envenenadas, Ismaro, nobre rebento da casa de Meônia, onde os homens trabalham em terras férteis e o Pactolo corre sobre o ouro. Lá se achava Mnesteu que antes se cobrira de glória expulsando Turno do recinto murado e Cápis, do qual tira o seu nome uma cidade da Campânia.[3]

Tinham, assim, travado entre si encarniçados combates: Enéias sulcava as águas, alta madrugada. Com efeito, desde que ao sair da morada de Evandro, entrou nos acampamentos etruscos, vai ver o rei[4] e revela ao rei seu nome e sua nação; expõe-lhe o que deseja, o que o traz, põe-no a par das forças que Mezêncio arma para sua causa e dos furores de Turno; adverte sobre a falibilidade das coisas humanas e entremeia de preces o discurso: sem demora, Tarchon junta suas forças às dele e firma um tratado de aliança; então, libertada pelo destino, a nação lídia embarca, por ordem dos deuses, confiando-se a um chefe estrangeiro. O navio de Enéias vai à frente e é como que atrelado aos leões frígios que ornam seu rosto e dominado atrás pelo Monte Ida tão

---

1 Isto é, de oráculos mal interpretados.

2 Quer dizer: "não isento os rútulos da necessidade de estarem submetidos ao destino".

3 Cápua.

4 Trachon, que não era propriamente rei, mas assumira o governo da Etrúria depois da fuga de Mezêncio.

caro aos troianos expatriados.[1] Ali está sentado o grande Enéias, refletindo sobre as várias peripécias da guerra: Palante, à sua esquerda, ora lhe faz perguntas acerca dos astros que marcam sua rota na escuridão da noite, ora sobre suas aventuras em terra e no mar.

Abri-me, agora o Helicon, ó deusas, e inspirai meu canto, dizei-me que forças vindas das plagas etruscas acompanham Enéias, armam navios e singram o mar.

Massico, com o "Tigre" de bronze é o primeiro que corta as águas; tem sob suas ordens uma tropa de mil jovens... (pág. 162)

Massico, com o "Tigre" de bronze é o primeiro que corta as águas: tem sob suas ordens uma tropa de mil jovens, que saíram dos baluartes de Clúsio e a cidade de Cosa; trazem por armas setas, uma leve aljava no ombro e um arco mortal. Com eles vai o feroz Abante; toda a sua tropa tem armas resplandecentes e em sua popa brilha um Apolo de

---

1 A popa, mais elevada que a proa, de modo que o navio parecia o próprio carro de Cíbele.

ouro: sua pátria Populônia dera-lhe seiscentos jovens adestrados na guerra; e outros trezentos a ilha de Ilva, generosa em inesgotáveis minas de metal. O terceiro, o famoso intérprete dos homens e dos deuses Asilas, que pode ler nas entranhas das vítimas, nos astros do céu, na língua das aves e nos fogos proféticos do raio, traz consigo mil soldados que combatem em ordem cerrada com lanças ameaçadoras. A cidade grega de Pisa, em solo etrusco, os confiou a Asilas. Segue-os o belo Astir, confiante em seu cavalo e nas armas de muitas cores. Acompanham-no trezentos homens (cujo único pensamento é acompanhá-lo) vindos de suas moradas de Ceres, dos campos do Míncio, da velha Pirgos e da insalubre Gravisca.

Não te esquecerei, chefe dos ligúrios tão valoroso na guerra, Ciniro, nem a ti, Cupavo, acompanhado de uma pequena escolta, e em cujo capacete erguem-se penas de cisne: um afeto profundo foi a causa do mal e lembrais e metamorfose paterna.[1] Conta-se, com efeito, que quando Cicno, lamentando seu querido Faetonte, cantava sob a folhagem dos choupos, à sombra de suas irmãs[2], e consolava com a Musa a triste afeição, sua velhice encanecida cobriu-se de macias penas, ao mesmo tempo que ele deixava a terra e voava para os astros cantando. Seu filho, acompanhado por uma tropa de jovens de sua idade, dirige com remos o enorme "Centauro": este se ergue sobre a água, ameaça, desafiador, as ondas com um rochedo[3] monstruoso e a comprida carina sulca o mar profundo.

Eis que traz uma tropa das plagas paternas Ocno, filho da profetisa Manto e do rio toscano[4], que te deu as muralhas e o nome de sua mãe, ó Mântua; Mântua, rica de antepassados, mas não todos de uma origem comum; tem três raças, cada qual dividida em quatro povos, é a capital desses povos e tira sua força do sangue toscano.[5] Dali também se armam contra Mezêncio quinhentos guerreiros, que o filho de Belaco, Míncio, coroado de verdes juncos, conduzia sobre as águas em um navio ameaçador. Avança o pesado Auletes, e cem remos se levantam e ferem as águas tranqüilas, que se tornam espumantes. Leva-o o monstruoso "Tritão", cuja concha azul atemoriza as águas;[6] da cabeça à cintura seu corpo cabeludo é um homem que nada; seu ventre termina em forma de baleia; a onda murmura espumante sob seu peito de ser monstruoso.

Assim, toda a escol dos chefes ia em trinta navios em socorro de Tróia e o bronze corta as águas salgadas.

O dia já deixara o céu e a benfazeja Febe tocava o meio do Olimpo com seu carro noturno: Enéias, a quem a preocupação não

---

1 Esta passagem é uma das mais difíceis da "Eneida". O verso 188 do Livro X é: *Crimen amor vestrum, formaeque insigne paterna.* Segundo Benoist, *crimen* deve ser traduzido não por "crime", como o é geralmente, mas como "causa do mal". O sentido seria, mais ou menos, o seguinte: "O amor (isto é, a grande amizade que Cicno dedicava a Faetonte), foi a causa de sua metamorfose e, assim, a causa de vossa presença, ó penas, na cabeça de seu filho Cupavo". No texto estabelecido por René Durand, temos, no verso 186, em vez de *Cinyre* (vocativo), como no texto de Benoist, *Cinyra* (ablativo), mudando de todo o sentido da passagem. Em tal caso, o filho de Cicno seria Ciniro e não Cupavo.

2 As irmãs de Cicno foram metamorfoseadas em choupos.

3 O Centauro da proa do navio segurava um rochedo como que para atirá-lo às águas.

4 O Tibre.

5 Mântua era capital de uma confederação de doze povos, pertencentes a três raças diferentes: etruscos, gregos e, possivelmente, úmbrios.

6 Os tritões eram representados com uma concha, que servia de trombeta.

dava sossego, está ele próprio sentado, dirigindo o leme e manobrando as velas. E eis que no meio da rota vem ao seu encontro o coro de suas companheiras: as Ninfas que a benfazeja Cíbele havia, de navios que eram, transformado em divindades marinhas, e que nadavam de frente e cortavam as ondas em número igual aos das proas de bronze que antes se encontravam na praia. Elas de longe reconhecem seu rei e cercam com seus coros. Cimodocéia, a mais bem-falante, o segue, segura a popa com a mão direita e, erguendo o dorso acima do mar, afasta com a mão esquerda as ondas silenciosas. Depois dirige estas palavras a Enéias, que tudo ignora: "Velas, Enéias, estirpe dos deuses? Vela e larga as escotas. Somos os pinheiros do cume sagrado do Ida, sua frota, agora Ninfas do mar. Como o pérfido Turno nos atormentava com o ferro e as chamas, rompemos as amarras, mau grado nosso, e te procuramos pelo mar. A Mãe dos deuses, compadecida, deu-nos esta forma nova e transformou-nos em deusas para passarmos a vida sob as ondas. O menino Ascânio, porém, está cercado atrás dos muros e dos fossos, no meio dos dardos e dos latinos ardorosos no combate. Já o cavaleiro árcade junto com os valorosos etruscos sustentam as posições que lhe foram confiadas; Turno está decidido a lançar contra eles seus pelotões para impedir que façam junção com o acampamento. Levanta-te e quando chegar Aurora vai sem demora chamar às armas teus companheiros e pega o invencível escudo que o poderoso Deus do Fogo te ofertou pessoalmente e cuja borda revestiu de ouro. Se não julgares vãs minhas palavras, o dia de amanhã verá o terrível morticínio dos rútulos."

Disse; e, afastando-se, com um movimento firme da mão direita empurrou para a frente a alta popa: o navio correu sobre as ondas, mais veloz que o dardo e que a seta rival dos ventos; também os outros aceleram o avanço. O troiano filho de Anquises fica pasmo, sem compreender; o augúrio, porém, o torna mais resoluto. E então, voltando-se para a abóbada celeste, dirige esta curta prece: "Benfazejas mãe dos deuses, do Ida, que amas o Dindimo e as cidades torreadas e os dois leões atrelados, tu que me chamas agora ao combate,[1] apressa convenientemente o augúrio e vem ajudar os frígios, ó deusa!" Assim falou; e, entrementes, o dia voltava trazendo toda a sua luz, e a noite fugia. Enéias começa ordenando os companheiros a que se agrupem em torno das insígnias, aprestem as armas e a coragem e se preparem para a batalha.

De pé na alta popa, já avista os teucros e seu campo. Então, levanta com a mão esquerda o escudo brilhante, e os dardânios lançam dos muros um clamor que chega até os astros; a esperança que ele traz suscita a ira; atiram dardos e setas[2]: assim, sob as escuras nuvens, os grous do Estrimônio grasnam atravessando ruidosamente os ares e fogem do Noto gritando de alegria[3]. Isto chama a atenção do rei Turno e dos chefes ausônios, até que vêem, atrás de si, as popas voltadas para o rio e todo o mar que se aproxima com a frota. O penacho do guerreiro fulgura em sua cabeça, uma chama sai de seu capacete e seu escudo de

---

1 No original: *Tu mihi nunc pugnae princeps,* literalmente: "tu és agora para mim o guia do combate".
2 No original: *Tela manu jaciunt,* "lançam com a mão armas de arremesso".
3 No original:... *quales sub nubilus atris/Strymoniae dant signa grues, atque aethera tranant/Cum sonitu, fugiumtque Notos clamore secundo,* literalmente: "quais os grous do Estrimônio dão o sinal, sob as negras nuvens e nadam através do éter com ruído e fogem de Noto com um clamor venturoso.

ouro vomita torrentes de fogo: assim é quando, em uma noite límpida, se avermelham lugubremente os cometas cor de sangue ou o ardente Sírio, que traz aos desgraçados mortais a sede e a doença, se levanta e entristece o céu com sua luz sinistra.

A confiança, porém, não abandona o audacioso Turno que espera alcançar primeiro o rio e expulsar da costa os que chegam. Mais do que isso, ele alivia o coração dos latinos e os incita com estas palavras: "Tendes o que desejastes, podeis esmagar o inimigo em combate corpo a corpo, a guerra de verdade está em vossas mãos.[1] Que cada um pense agora em sua esposa e em seu lar; que se lembre das grandes façanhas, da glória dos antepassados. Avancemos para o mar, enquanto eles trêmulos, dão os seus primeiros passos em terra. A fortuna favorece os audazes." Assim falou e reflete sobre os que pode levar contra o inimigo e aqueles aos quais poderá confiar os muros sitiados.

Entrementes, Enéias faz desembarcar os aliados por meio de pranchas lançadas das altas popas. Muitos observam o refluxo das ondas para pular no raso; outras deslizam pelos remos. Tarchon, que observou um pedaço da praia onde não há cachopos nem as ondas se quebram ruidosamente, e sim onde o refluxo das vagas não encontra obstáculos e desliza na areia, vira de súbito a proa e pede aos companheiros: "Agora, ó guerreiros de escol, fazei força com os remos; levantai e empurrai os navios; sulcai com os rostros esta terra inimiga e que as próprias quilhas ali abram um sulco. Não me oponho a quebrar a popa neste porto, contanto que chegue a terra." Logo que Tarchon pronunciou estas palavras, seus companheiros curvam-se sobre os remos e fazem entrar os navios cobertos de espuma nos campos latinos até os rostros morderem a terra seca e fixarem-se as quilhas, todas incólumes; mas não o teu navio, Tarchon! Tendo batido no dorso saliente de um baixio, vacila muito tempo, incerto, e fatiga as ondas, depois se desfaz e deixa os homens no meio das ondas; os destroços dos remos que flutuam embaraçam os homens e as ondas, retraindo-se, os empurram para trás.

De seu lado, Turno não perde tempo; impetuoso, lança todas as suas colunas contra os teucros e se estabelece diante deles, na praia. Soa o toque de avanço. Enéias foi o primeiro a atacar aqueles pelotões rústicos, augúrio feliz para toda a guerra, e desbarata os latinos, matando Terone, o mais forte dos guerreiros, que ousara atacá-lo; atravessa-lhe, com uma cutilada, a cota de malha e a túnica recamada de ouro e atinge-o no flanco; depois fere Licas, que fora separado da mãe já morta e consagrado a ti, Febo, por haver, quando nasceu, escapado à morte pelo ferro. Pouco depois, mata o forte Cisseu e o enorme Gias, que, armados de clava, dizimavam as fileiras; não os protegeram nem a arma de Hércules, nem a robustez de seus braços, nem seu pai Melampo, companheiro de Alcides enquanto a terra lhe apresentou árduos labores. Eis Faros: enquanto lança desafios vãs, Enéias crava-lhe um dardo na boca hiante. Também tu, desventurado Cidon, enquanto seguias Clito, tua nova paixão, em cujas faces cresce loura penugem, terias sido prostrado pela mão do dardânio, e lá ficarias estendido, digno de dó, esquecido dos amores, que para ti eram sempre o dos jovens, se uma cerrada coorte de irmãos, filhos de Forco, não tivesse barrado o caminho; em número de sete, lançam sete dardos; alguns resvalam inócuos no capacete e no escudo; outros são desviados pela benfazeja Vênus e apenas afloram o corpo. Assim fala Enéias ao fiel

1 No original: *In manibus Mars ipse viris*, "o próprio Marte está nas mãos dos homens" ou: "em vossas mãos".

Acates: "Dá-me os dardos (não será em vão que minha mão os lançará contra os rútulos) que se cravaram no corpo dos gregos em Ílion." Empunha, então, um comprido dardo e o atira; ele, voando, atravessa o escudo de bronze de Meon, e rompe, ao mesmo tempo, a couraça e o peito. Seu irmão Alcanor corre para junto dele e fraternalmente o segura: seu braço é atravessado por um outro dardo, que não se detém e continua a trajetória, coberto de sangue; o braço direito moribundo fica preso ao ombro pelos nervos. Então Numitor, arrancando o dardo do corpo do irmão, o atira contra Enéias; mas também não lhe foi possível atingi-lo e a arma apenas fere ligeiramente a coxa do grande Acates. Chega depois, confiante em sua força e mocidade, Clauso vindo de Cures e, com um dardo lançado de longe, fere Dríope embaixo do queixo, arrancando-lhe ao mesmo tempo a palavra e a vida; ele cai de bruços, vomitando espesso e escuro sangue. Também abate, de maneiras variadas, três trácios, saídos da grande raça de Boreas e três outros, que tinham Idas por pai e a Ismara por pátria. Acorre Haleso com um pelotão de auruncos; é seguido pelo filho de Netuno, Messapo, que se destaca pelos seus cavalos: cada lado esforça-se para repelir o outro e trava-se o combate no próprio limiar da Ausônia. Quando no grande éter os ventos contrários travam batalha com disposição e forças iguais, não cedem eles próprios, nem as nuvens nem as ondas; o combate fica incerto por muito tempo; resistem todos os elementos em luta: assim combatem as hostes troianas e as hostes latinas; agarram-se ao terreno, pé contra pé, homem contra homem[1].

Em outra parte, porém, onde a corrente havia arrastado para longe pedras e arbustos arrancados de suas margens, quando Palante viu os árcades, que não estavam acostumados a combater a pé (a natureza áspera do lugar os aconselhara a deixar os cavalos), voltar as costas ao inimigo que os perseguia, fez a única coisa que poderia fazer em tal extremidade, e incita sua coragem, ora por súplicas, ora por amargas censuras: "Para onde fugis, companheiros? Por vós e por vossos feitos, pelo nome do chefe Evandro, pelas guerras que venceu e por minha esperança, de igualar hoje a glória de meu pai, não confieis em vossos pés. É com o ferro que precisamos abrir caminho através das hostes inimigas. Lá, onde as fileiras são mais cerradas, é lá que a pátria vos reclama com Palante à vossa frente. Nenhum poder divino nos oprime: mortais, estamos enfrentando adversários mortais; têm braços e corações iguais aos nossos. Eis o mar que nos cerca com sua grande massa de água e a terra já falta à nossa fuga: vamos nos lançar ao pélago ou ao acampamento troiano?" Assim falou e investe contra as fileiras mais cerradas do inimigo.

Foi Lagos o primeiro que encontrou em seu caminho, conduzido por um destino iníquo; enquanto arranca uma pedra de um peso considerável, Palante o atinge com um dardo no lugar em que a espinha dorsal marca a separação das costelas, e retira a arma que se cravara no osso. Hisbon não o surpreende, como esperava; eis que, quando investia contra ele, sem se precaver, furioso com a morte cruel do amigo, Palante o antecede e mergulha a espada no pulmão inflado de cólera. Ataca depois Estênio e Anquelomo, da velha família de Reto, que ousou macular com o incesto o leito de sua madrasta. Também vos tombastes ambos nos campos rútulos, Larido e Timbro, filhos gêmeos de Dauco, tão semelhante que éreis para vossos pais motivo de indecisão e

---

1 No original: *haeret pede pes, densusque viro vir* "firma-se pé a pé, homem compacto (isto é, em fileiras compactas) a homem.

doce engano; agora Palante vos diferenciou de modo bem cruel: eis que a ti, Timbro, foi cortada a cabeça pela espada de Evandro; tua mão decepada, Larido, procura seu dono, teus dedos semimortos se agitam, querendo tocar de novo o ferro. Os árcades são animados pelas palavras de Palante e pelo exemplo de seus grande feitos, uma mistura de ressentimento e vergonha os encoraja contra os inimigos. Então Palante trespassou Reteu, que passava diante dele fugindo em sua biga. Para Ilo foi apenas um pequeno atraso; pois fora contra Ilo que ele lançara de longe o forte dardo, que Reteu interceptou no meio do trajeto querendo fugir de ti, valente Teutra, e de teu irmão Tireu; rolou do carro e morrendo tocou com os pés a terra dos rútulos. É assim quando o pastor, ao soprar o vento que desejava, espalha aqui e ali o fogo pelas selvas;[1] de repente o espaço intermediário se cobre de chamas e o terrível exército de Vulcano espraia-se pelos campos; assentado em uma elevação, ele contempla vitorioso as chamas triunfantes: assim te apraz, Palante, ver todas as forças de teus companheiros não formarem mais que uma. Mas Haleso, impetuoso no combate, avança ao seu encontro, protegendo-se com o escudo. Mata Ladon, Fereta e Demodoco; corta com a espada rutilante o braço direito de Estrimônio que lhe ameaçava o pescoço; fere com uma pedra o rosto de Toanto e espalha os ossos misturados ao cérebro sangrento. Seu pai, que predizia o futuro, escondera Haleso nas selvas; quando o velho fechou os velhos olhos[2] com a morte, as Parcas puseram a mão sobre o seu filho e o destinaram às armas de Evandro. Ataca-o Palante, depois desta prece: "Faze, pai Tibre, com que a fortuna conduza o ferro que vou lançar através do peito do forte Haleso; teu carvalho terá suas armas e seus despojos." O deus o ouviu; no momento em que Haleso protegia Imaon, o desventurado ofereceu o peito inerme ao dardo do árcade.

Entretanto, Lauso, que tão grande papel desempenha na guerra, não permite que a morte de tão insigne varão lance o terror entre as fileiras. Mata primeiro Abante, que se interpõe no caminho, detendo-o e retardando o desenrolar do combate. Tombam os filhos da Arcádia, tombam os etruscos e vós também, teucros que os gregos pouparam. As hostes entrechocam-se, com comandantes e forças iguais. As últimas fileiras fazem pressão sobre as primeiras; a multidão não permite mover armas nem braços. De um lado Palante, do outro Lauso, ameaçam e acossam; não há entre eles grande diferença de idade, são ambos belos, mas a fortuna decidiu que não regressarão às suas pátrias. O soberano do soberbo Olimpo não lhes permitiu, porém, medirem forças; seus destinos os reservavam, dentro em pouco, para às mãos de inimigos mais poderosos.

Entrementes, a deusa irmã de Turno aconselha-o a ir tomar o lugar de Lauso, e ele, no carro que voa, corta as hostes dos combatentes. E, ao avistar os aliados: "É tempo de pôr fim à batalha; eu sozinho me encarregarei de Palante; só a mim Palante é devido; quisera que seu pai, como espectador, aqui estivesse presente." Assim falou; e os companheiros deixam o campo livre, como fora ordenado. Com a saída dos rútulos, o jovem, surpreso com aquela ordem arrogante, volta-se estupefato para Turno, contempla o seu corpo gigantesco, olha-o de alto a baixo ferozmente, depois replica com estas palavras às palavras do tirano: "Os despojos opimos que te arrebatarei ou uma bela morte

---

1 Os pastores, no verão, faziam queimadas nas pastagens.
2 No original: *canentia lumina*, literalmente "olhos com cãs", olhos com sobrancelhas brancas.

assegurar-me-ão a glória; meu pai será capaz de suportar uma ou outra coisa. Não ameaces mais." Diz e avança no meio da planície. Gela-se o sangue no coração dos árcades. Turno desce da biga; prepara-se para o combate corpo a corpo. Quando um leão, de alta atalaia, avista ao longe, na planície, um touro que se prepara para os combates, voa ao seu encontro: assim é a imagem de Turno avançando. Logo que o acreditou vê-lo ao alcance de seu dardo, Palante o precede no ataque, com esperança de que o destino ajude sua audácia nessa luta desigual, e dirige estas palavras ao céu: "Pela hospitalidade de meu pai e pelas mesas onde assentas-te como forasteiro, imploro-te, Alcides, sê favorável à minha ingente tarefa. Faze com que Turno moribundo me veja arrancar-lhe as cruentas armas e que, ao morrer, seus olhos tenham de contemplar seu vencedor." Alcides ouviu o jovem, contém um profundo gemido no fundo do coração e derrama lágrimas inócuas. Então o pai dos deuses dirige ao filho estas palavras amistosas: "Há um dia marcado para cada um; para todos é breve e irreparável a duração da vida; mas perpetuar a fama pelos atos, eis o que compete à virtude. Muitos filhos de deuses morreram sob as altas muralhas de Tróia; até Sarpédon, meu filho, ali foi morto: Turno também é chamado pelo seu destino e chegou aos limites da vida." Assim fala, e afasta os olhos dos campos dos rútulos.

Palante, entretanto, atira com todas as suas forças um dardo e desembainha a refulgente espada. Voando, o dardo cai onde o alto do escudo cobre o ombro e, abrindo um caminho através das bordas, fere de leve, afinal, o gigantesco corpo de Turno. Então, Turno brandindo por muito tempo contra Palante um dardo de madeira com ponta de ferro, atira-o, dizendo: "Vê se nossa arma não penetra melhor." Disse; apesar de tantas lâminas de ferro, de tantas lâminas de bronze, de tantas camadas de pele de touro de que era revestido, o escudo é atravessado pela ponta, vibrada com força, e que perfura a espessura da couraça e o formidável peito. Em vão o jovem arranca da ferida o dardo ardente: ao mesmo tempo e pela mesma via fogem o sangue e a vida. Cai sobre o ferimento (em cima dele as armas retinem) e, morrendo, beija, com a boca ensangüentada, a terra inimiga. De pé junto do cadáver, Turno exclama: "Árcades, guardai minhas palavras e levai-as a Evandro: devolvo-lhes Palante como Palante o mereceu. Concedo-lhe sem restrições as honras do túmulo, o consolo do enterramento. Custar-lhe-á caro a hospitalidade concedida a Enéias." Assim tendo dito, empurrou com o pé esquerdo o cadáver e arrancou o boldrié de enorme peso, onde estava representado um crime: um grupo de jovens imolados na mesma noite de núpcias e os tálamos ensangüentados;[1] Clono, filho de Eurito, cinzelara a imagem, na espessura do ouro; agora Turno regozija-se e rejubila-se com a presa conquistada. Ó mente humana que ignora o destino e o futuro e ignora a moderação, quando o sucesso a exalta! Chegará para Turno um tempo em que desejaria resgatar bem caro a vida de Palante e em que odiará estes despojos e este dia. Entretanto, os companheiros, em grande número, com muitas lamentações e muitas lágrimas, colocam Palante sobre o escudo e o levam. Que dor e que grande glória para teu pai quando voltares! O teu primeiro dia de guerra foi também o último, mas pelo menos deixaste um montão de cadáveres de rútulos!

---

1 Trata-se do crime das Danaides: eram cinqüenta jovens que, obrigadas a se casarem com seus cinqüenta primos, filhos de Egipto, mataram-nos na noite de núpcias, com exceção da caçula, Hipermenestra, que salvou seu esposo Linceu. Turno descendia do casal.

Não é a Fama, mas um mensageiro mais seguro que corre a anunciar a Enéias tamanha desgraça, e o perigo que correm os seus; é tempo de socorrer os teucros em fuga. De espada em punho, ele avança derrubando o que encontra, e, ardoroso, abre caminho a ferro através das fileiras, mas é a ti que procura, Turno, tu que te orgulhavas do novo morticínio. Palante, Evandro, tudo está diante de seus olhos; e a mesa em que ele se assentou pela primeira vez, como estrangeiro, e a aliança que selou. Aprisiona vivos quatro jovens filhos de Sulmon e outros tantos criados por Ufente, para os imolar aos manes de Palante[1] e regar com o sangue dos cativos as chamas da pira. Atira depois, de longe, contra Mago um terrível dardo: o outro se abaixa, ardiloso; o fremente dardo passar por cima de sua cabeça; ele então abraça os joelhos de Enéias e implora-lhe: "Pelos manes de teu pai e pela esperança do adolescente Iulo, suplico-te, conserva esta vida, preciosa a um filho e a um pai. Tenho uma grande mansão; ali se encontra profundamente enterrado grande peso de prata cinzelada; tenho muito peso de ouro trabalhado e em bruto. A vitória dos teucros não depende de minha morte, uma só vida não terá tal importância para o desfecho final."[2] Disse. Enéias assim lhe retrucou: "Poupa para teus filhos todo esse peso de prata e de ouro de que falas. Turno foi o primeiro que aboliu as relações entre os inimigos, quando matou Palante. Esta é a opinião dos manes de meu pai Anquises, e a opinião de Iulo." Assim tendo falado, levanta o capacete do outro com a mão esquerda, empurra-lhe o pescoço para trás e, apesar de suas súplicas, enterra-lhe a espada até os copos.

Não muito longe dali se encontrava Hemônides, sacerdote de Febo e de Diana, com uma fita branca prendendo nas têmporas a ínfula sagrada, rebrilhando com suas vestes e suas armas magníficas; Enéias investe contra ele, persegue-o através do campo, e, como ele tropeça, coloca-se acima dele, mata-o e o cobre com a sombra enorme da morte: Seresto recolhe e leva as armas do morto para erguer-te um troféu, ó Marte. Céculo, descendente de Vulcano, e Umbro, vindo dos Montes Marsos, reagrupam as coortes. O dardânio investe furioso contra eles. Com uma cutilada, faz cair o braço esquerdo de Anxuro e toda a barba do escudo. O outro pronunciara palavras soberbas e acreditara em seu efeito, talvez erguesse ao céu sua esperança e contava atingir a velhice e viver por longos anos. Lança-se à frente para enfrentar a investida, Tarquito filho do silvestre Fauno e da ninfa Dríope, orgulhoso de suas armas reluzentes: Enéias ergue a lança e atravessa a couraça e o pesado escudo do adversário; depois, apesar das súplicas e de tudo que diz o outro, corta-lhe a cabeça, que tomba no chão e, fazendo rolar diante de si o tronco ainda tépido, assim exala o ódio que traz no coração: "Fica aí estendido, temeroso. Uma terna mãe não te dará sepultura, nem teu corpo ocupará o sepulcro paterno; serás presa das aves de rapina, ou mergulhado no fundo das águas do mar, serás arrastado pelas ondas e os peixes famintos lamberão tuas chagas."

Persegue depois Anteo e Lucas, guerreiros da primeira fila de Turno, e o valoroso Numa, o louro Camerte, filho do magnânimo Volcente, que foi o mais rico proprietário de terras da Ausônia e rei da silenciosa

---

1 No original: *umbis*, às sombras.

2 No original: *Non hic victoria/Teucrum Vertitur, aut anima una dabit discrimina tanta*, literalmente: "a vitória dos teucros não depende disso ou uma vida oferecerá tais possibilidades decisivas".

Amiclas[1]. Assim era Egeu, com cem braços e cem mãos, e vomitando fogo de cinqüenta bocas e peitos, dizem, quando, contra o raio de Júpiter, fazia retumbar outros tantos escudos e empunhava outras tantas espadas: assim[2] Enéias, vencedor, lança sua fúria por todo o campo de batalha, desde que a sua espada se aqueceu no sangue. Eis que investe mesmo contra os cavalos que puxam a quadriga de Nifeu e contra o seu peito. E eles, logo que de longe o viram avançar e tremer de cólera, recuam aterrorizados e, fugindo, atiram fora o dono e arrastam o carro para a praia.

Entrementes, em uma biga tirada por cavalos brancos, Lucago penetra na batalha, com seu irmão Líger; o irmão, porém, segura as rédeas e dirige o carro e o impetuoso Lucago faz girar sua espada desembainhada. Enéias irrita-se com o ardor que os impele: avança e surge, ameaçador, diante deles, com a lança. Diz Líger: "Não vês os cavalos de Diomedes, nem o carro de Aquiles, nem os campos frígios: irás encontrar agora, nestas terras, o fim da guerra e o fim de tua vida." Voam longe as palavras do leviano Líger: o herói troiano, porém, não se preocupa em responder-lhe; atira um dardo contra o inimigo. Enquanto Lucago debruçado sobre as rédeas incita os dois cavalos com uma lança, ao mesmo tempo que se apresta para o combate, com o pé esquerdo para a frente, o dardo desliza pela borda inferior de seu escudo, depois lhe perfura a virilha esquerda; atirado fora do carro, ele se contorce moribundo na terra. O piedoso Enéias dirige-lhe, então, estas palavras amargas: "Lucago, não foi o curso em demasia lento dos cavalos que te traiu nem sombras vãs vindas do inimigo que te derrubaram; foi tu mesmo, saltando do carro abandonaste as rédeas." Assim falando, segura os dois cavalos. O irmão desventurado, também caído do carro, estende as mãos inermes "Por ti, pelos pais que geraram um varão como és, herói troiano, deixa-me a vida e tem piedade de um suplicante." Ia dizer mais, quando Enéias atalhou: "Não dizias antes tais palavras. Morre, e que um irmão não abandone o irmão." Mergulhou-lhe, então, a espada no peito onde a vida se esconde.

Tal era a devastação que o chefe dardânio espalhava pelo campo de batalha, semelhante em sua fúria a uma torrente de água ou ao negro turbilhão. Finalmente, saem do acampamento o jovem Ascânio e a mocidade troiana, sitiados em vão. Entrementes, Júpiter interpela, por si mesmo, Juno: "Ó minha irmã e também minha muito querida esposa, como pensavas, Vênus, e tua idéia não é falsa, sustenta as forças troianas; seus homens carecem de valor no combate, de coragem no coração e de perseverança no perigo." Juno replica, submissa: "Por que, ó magnífico esposo, atormentar uma mulher já aflita e receosa de tuas palavras amargas? Se teu amor por mim fosse tão forte quanto foi outrora e o deveria ser, não me negarias decerto, Onipotente, a graça de livrar Turno da batalha e de guardá-lo incólume para Dauno, seu pai. Que pereça agora, porém, e ofereça à vingança dos teucros o seu sangue piedoso. Nem por isso deixa de ter origem divina,[3] Piluno é seu trisavô e muitas vezes ele, com largueza, deixou oferendas em teu templo." O rei do etéreo Olimpo responde-lhe em poucas palavras: "Se me

---

1 Segundo Plínio, essa cidade foi abandonada por ter sido invadida por serpentes.

2 No original: *Sic toto Eneas desaevit in aequore victor*, literalmente: "assim com outros tantos Enéias enfurece-se vitorioso na planície", isto é, era como se Enéias manejasse cinqüenta escudos e cinqüenta espadas.

3 No original: *Ille tamem nostra deducit origine nomen*, literalmente: "Ele, porém, tira seu nome de nossa origem".

é solicitado retardar uma morte próxima e conceder algum tempo àquele jovem, se compreendes que assim posso fazer, dá fuga a Turno e livra-o do destino que o ameaça. Até aí vai a minha complacência. Se porém, sob as tuas súplicas, se esconde uma graça mais alta, se acreditas agitar e alterar o rumo da guerra, acalentas uma vã esperança." E Juno, lacrimosa: "E se teu espírito me concedesse o que tuas palavras me concedem a custo e se a vida fosse concedida a Turno? Nada porém, lhe está assegurado embora inocente, além de um fim doloroso, a não ser que meus receios sejam ilusórios. Por que não sou presa de um falso terror e tu, que o podes, não adoças teus intentos!"

Assim tendo falado, desce do alto céu, levando diante de si a tempestade, rodeada por uma nuvem através dos ares e dirige-se ao exército troiano e ao acampamento laurenciano. Então a deusa, com a nuvem oca, forma uma sombra tênue e sem força com a aparência de Enéias (prodígio admirável!), aparelha-a com armas dardânias, imita seu escudo e o penacho de sua cabeça divina, dá-lhe palavras vãs e sons destituídos de sentido e a maneira de andar de Enéias: semelhante aos fantasmas que, segundo se diz, esvoaçam depois da morte ou aos sonhos que nos enganam durante o sono. A imagem apresenta-se diante da primeira linha, jovialmente, e provoca o guerreiro com armas e palavras. Turno a persegue e atira contra ela, de longe um dardo sibilante; ela vira as costas e afasta-se. Então, Turno acredita verdadeiramente que Enéias está fugindo, e perturbado no coração, é presa de uma vã esperança: "Para onde foges, Enéias? Não abandones o matrimônio ajustado; este braço dar-te-á a terra prometida do outro lado dos mares." Acompanha-o, vociferando deste modo, faz reluzir a espada desembainhada, não vê que os ventos levam o motivo de seu júbilo. Encontrava-se, por acaso, amarrado à saliência de um elevado rochedo, com as escadas colocadas e a ponte preparada, um navio trazido pelo rei Osínio das praias de Clusino. O trêmulo fantasma de Enéias fugitivo correu a esconder-se ali; Turno não o persegue com menos ardor, transpõe os obstáculos, escala as altas pontes. Mal chegara à proa, a filha de Saturno solta as amarras e arrasta pelas ondas do mar a nave solta. Então, a leve imagem não mais procura esconder-se, mas, subindo pelo céu, confunde-se com uma negra nuvem.

De seu lado, Enéias reclama na batalha Turno ausente e envia para a Morte grande quantidade de homens: entrementes, um turbilhão arrastava Turno para o alto-mar. Ignorando o que se passara, sem se mostrar grato por sua salvação, estende para o céu, súplice, os dois braços e diz: "Pai onipotente, achaste-me, então, merecedor de tal opróbrio e quiseste me punir com tal castigo? Para onde sou levado? De onde venho? Como fugir daqui e como serei ao voltar? Verei de novo as muralhas laurencianas ou meu acampamento? Que dirá essa tropa de guerreiros, que me acompanhou e às minhas armas e que, vergonha! deixei inteira entregue a morte horrível? E agora eu os vejo espalhados em desordem e ouço os gemidos dos que tombam. Que faço? Não abrirá a terra um abismo bastante profundo para tragar-me?[1] De preferência, vós, apiedai-vos de mim, ó ventos! Atirai esta nave sobre rochedos, sobre escolhos (sou eu, Turno, que vos imploro), lançai-a sobre os baixios das selvagens Sirtes, onde não possam me seguir os rútulos nem a lembrança de meu opróbrio. Assim dizendo, seu coração hesita, sem saber se enlouquecido de vergonha atravessará o próprio

1 No original:... *aut quae jam satis ima dehiscat/Terra mihi?* literalmente: "ou que terra bastante profunda já se abrirá para mim?"

corpo com a espada,[1] ou se vai lançar-se no meio das ondas e, nadando, alcançar a costa sinuosa e de novo enfrentar as armas dos teucros. Por três vezes tentou uma ou outra das duas soluções; por três vezes o reteve a grande Juno e, apiedada, dominou-lhe o ardor juvenil. Ele desliza e fende o mar e, com a maré favorável, é levado para a antiga cidade de seu pai Dauno.

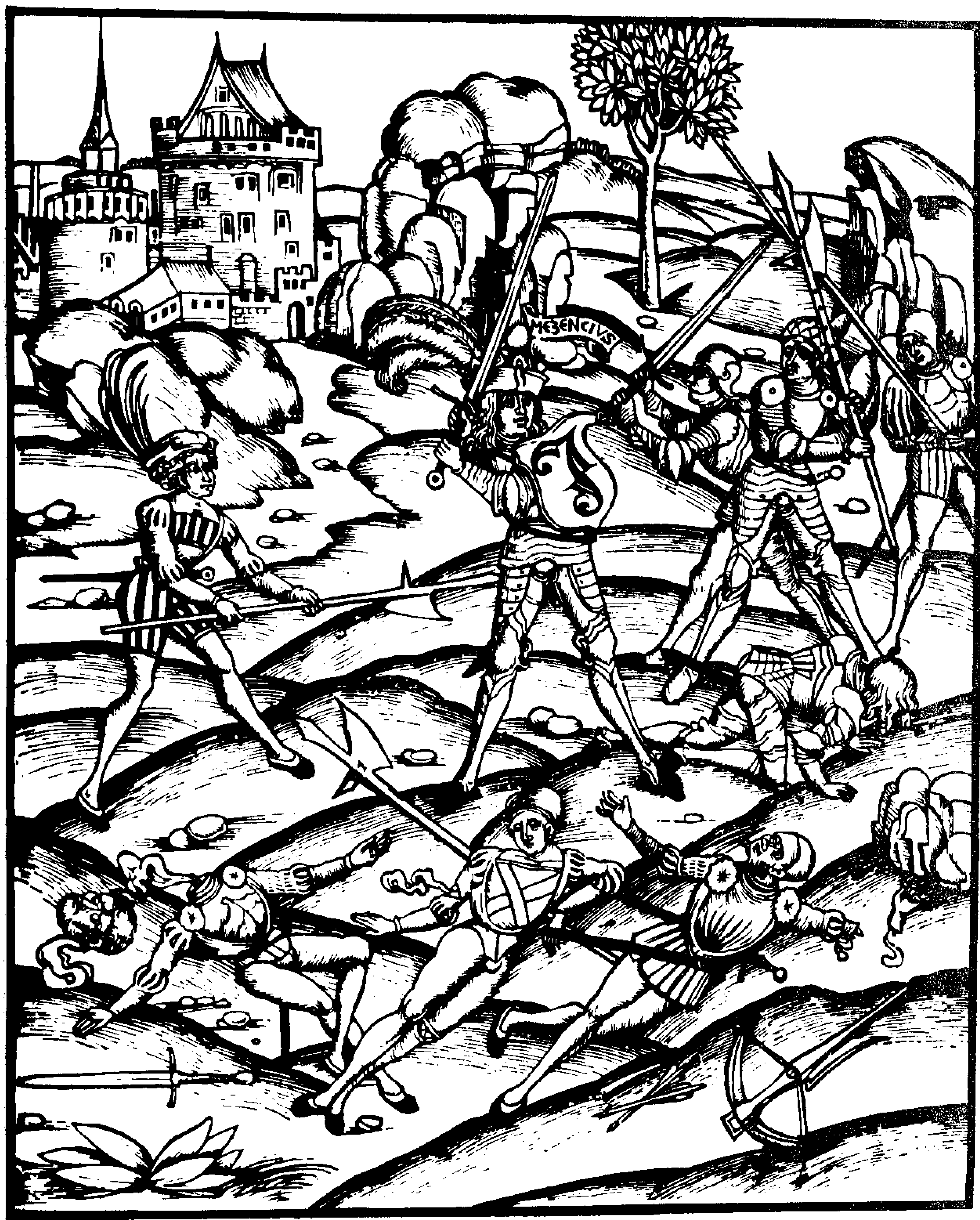
Entrementes, advertido por Júpiter, o ardoroso Mezêncio o substitui na batalha e investe contra os teucros triunfantes. Acorrem as hostes tirrenas e, unidas todas contra um só, perseguem o guerreiro com seu ódio e com cerradas cargas de arremesso. Ele (como um rochedo que avança pelo vasto mar e que se mantém imóvel ante a fúria dos ventos, desafiando as ameaças e os assaltos do céu e do mar) abate Hebro, filho de Dolicaon, e também Latago e Palmo; este fugia, mas quanto a Latago, que o enfrenta, mata-o com uma enorme pedra, fragmento de uma montanha, atingindo-o na cabeça e no rosto; corta o jarrete do covarde Palmo e o deixa rolar por terra, oferendo a Lauso as armas e o penhasco, para prender na cabeça. Não poupa também o frígio Evante, e Mimas, companheiro de Páris e da mesma idade que ele, e filho de Amico e de Teano, que o pôs no mundo na mesma noite em que a rainha, filha de Cisseu, grávida de um archote,[2] deu à luz Páris: Páris dorme na cidade natal, e Mimas jaz ignorado no litoral laurenciano. Quando expulso, pelas dentadas dos cães, das altas montanhas, o javali que, durante muitos anos, foi protegido pelos pinheirais do Vesulo, ou que os pântanos laurencianos alimentaram com sua floresta de juncos, mal se vê entre as redes, detém-se, ruge ferozmente e eriça as cerdas do dorso, e ninguém se atreve a dele aproximar-se, mas, de longe, protegidos, atiram-lhe dardos e dão gritos; ele, porém, impávido, defende-se de todos os lados, rilhando os dentes, e sacudindo os dardos de suas costas: assim, daqueles que uma justa cólera incita contra Mezêncio, nenhum tem coragem bastante para investir contra ele de espada desembainhada; atiram armas mísseis de longe, com grande alarido.

O grego Acron, obrigado pelo exílio a deixar incompleto o casamento, viera do antigo território de Corito. Mezêncio o viu ao longe misturado ao centro do exército, avermelhado com o penacho e a púrpura que sua noiva lhe havia dado: como um leão esfaimado percorrendo, muitas vezes, os confins longínquos (pois uma fome voraz o empurra) se, por acaso, avista uma cabra fugindo ou um cervo de alta galhada, rejubila-se, abrindo a boca enorme, eriça a juba e atira-se contra a presa e agarra suas entranhas, e o repulsivo sangue lava sua boca cruel: assim Mezêncio investe jubiloso contra as densas hostes inimigas. Tomba o desventurado Acron e, ao morrer, calca com os pés o negro solo e ensangüenta o dardo que se quebrara em seu corpo. Mezêncio não se dignou de matar Orodes fugitivo, nem desfechar-lhe um golpe oculto, atirando contra ele o dardo; ultrapassa-o e ataca-o de frente, enfrenta-o de homem para homem, vencendo não pela astúcia, mas pela força das armas. Depois, apoiando o pé e a lança sobre o vencido: "Eis estendido por terra, guerreiros, o insigne Orodes, grande valor desta guerra." Os companheiros o aclamam e entoam um alegre peã. Diz o outro, expirando: "Quem quer que sejas, meu vencedor, não fica-

---

1 No original: *An sese mucrone ob tantum dedecus amen/Induat, et crudum per costas exigat ensem,* isto é: "se se atravessar com a espada, louco com tal vergonha, e varar as ilhargas com o gládio cruel".

2 Já foi mencionado, no Livro VII, o sonho de Hércules com o archote.

rei sem vingança e não hás de regozijar-te: por muito tempo; um igual destino te espera e em breve estarás estendido neste mesmo campo." E Mezêncio, ao mesmo tempo sorridente e irado: "Por enquanto, morre. De mim cuidará o pai dos deuses e dos homens." Assim disse e arrancou o dardo do corpo. Um triste repouso, um sono de ferro pesa sobre as pálpebras de Orodes; seus olhos fecham-se para a noite eterna.

Advertido por Júpiter, o ardoroso Mezêncio o substitui na batalha e investe contra os teucros triunfantes (pág. 172)

Cedico mata Alcato, Sacrator mata Hidaspo, Rapo mata Partênio e o valoroso Orses; Messapo mata Clônio e Ericeses da Licaônia, aquele caído por terra com a queda de seu cavalo sem freio, este a pé. A pé avançara o lício Ágis, mas o mata Valério, digno herdeiro do valor dos antepassados; Sálio mata Trônio, e Nealces mata Sálio, ambos com astúcia, um com dardo, outro com uma flecha que vem de longe sem ser vista.

Já o terrível Marte dividia do mesmo modo a desgraça e a morte; matavam e morriam igualmente vencedores e vencidos; nem uns nem outros pensavam em fugir. No palácio de Júpiter, os deuses lamentam a ira vã dos dois lados, e tantas provações impostas aos mortais: aqui Vênus, ali Juno, filha de Saturno, contempla; a pálida Tisifones caminha feroz entre os mil combatentes.

Entrementes, Mezêncio, empunhando uma enorme lança, avança formidável pelo campo de batalha. Quando o gigantesco Órion avança a pé através das grandes águas do Néren, onde abre caminho entre as ondas que ultrapassa com os ombros, ou quando, trazendo da montanha um velho freixo, caminha com os pés no solo e a cabeça entre as nuvens: assim é Mezêncio sob suas armas. Enéias, que o espreitava na longa fila dos inimigos, prepara-se para marchar ao seu encontro; ele fica impassível, aguardando o magnânimo inimigo, e mantém-se imóvel com seu corpo enorme; depois, medindo com os olhos a distância suficiente para o lançamento de um dardo: "Que me sejam propícios meu braço direito, que é o deus que venero, e este dardo que empunho! Faço votos, ó Lauso, de revestir-te com os despojos retirados do corpo deste bandido, tu serás o troféu de minha vitória sobre Enéias."[1] Disse, e atirou ao longe o sibilante dardo; este, porém, foi detido em seu vôo pelo escudo, indo atingir ao longe o insigne Antores, entre o flanco e as costelas, Antores, companheiro de Hércules, que, mandado de Argos, juntara-se a Evandro e fixara-se em uma cidade italiana. Cai o desventurado, atingido por uma arma que visava outro, olha o céu e morre lembrando-se de sua querida Argos. Então o piedoso Enéias atira o dardo; este, atravessando o tríplice círculo côncavo de bronze, os panos de linho, o entrançado de três peles de touro, penetrou na virilha; chegou sem força, porém. Enéias tira, sem demora, a espada da bainha que trazia ao lado, satisfeito por ver correr o sangue do tirreno, e acossa com ardor o inimigo perturbado. Lauso lamenta-se profundamente ao ver o perigo que corre o pai muito amado e as lágrimas rolam por seu rosto. Não deixarei passar em silêncio o episódio de tão triste morte, nem teu admirável devotamento, se é que a posteridade poderá crer em tão bela ação, nem deixarei passar em silêncio o teu nome, jovem merecedor de seres lembrado.

Cedendo terreno, impotente, com os movimentos emperrados, Mezêncio recuava e arrastava no escuro o dardo inimigo. O jovem avançou e colocou-se no meio do combate: e como o braço direito de Enéias, erguido, ia desfechar o golpe, ele se pôs diante do gládio e o deteve; os companheiros o acompanham com grande alarido, enquanto o pai se afasta, protegido pelo escudo do filho, e atiram dardos, cobrindo o inimigo de projetis. Enfurece-se Enéias e conserva-se protegido. Quando as nuvens se precipitam em uma tempestade de granizo, fogem da planície todos os lavradores e camponeses e o viajante procura abrigo sob a margem de um rio ou sob as abóbadas de um alto rochedo, enquanto cai a chuva sobre a terra, e esperam até que possam, com a volta do sol, retornar ao trabalho quotidiano: assim, atacado de todos os lados pelos projetis, Enéias resiste à tempestade da guerra e espera que ela passe, e censura e ameaça Lauso: "Para onde corres tu, que vais morrer, e por que ousas mais que as tuas forças? O amor filial te engana até a temeridade." O louco não se contém com isto; uma cólera feroz apodera-se do chefe dardânio e as Parcas enrolam para Lauso os fios derradeiros: Enéias crava a poderosa espada no corpo do jovem e a

1 No original: *tropaeum Eneae,* troféu de Enéias.

enterra inteiramente. A ponta atravessou o escudo, fraca proteção para o arrogante, e a túnica que sua mãe costurara com fios de ouro, e encheu de sangue o peito; então a vida, pesarosa, fugiu pelos ares para os Manes e deixou o corpo. Quando, porém, o filho de Anquises viu as feições e o rosto do moribundo, o rosto que se tornara de extraordinária palidez, deu um suspiro profundo e estendeu a mão, e a lembrança do amor paterno invadiu seu espírito: "Que te dará, agora, lastimoso jovem, que te dará o piedoso Enéias que seja digno de tão nobre caráter? Guarda as armas com que te comprazias; envio-te, se com isto te preocupas, aos Manes e às cinzas de teus pais. Terás, desventurado, pelo menos estes consolo em tua triste morte: morreste pela mão do grande Enéias." Chama os companheiros do morto, que hesitam, e ele próprio levanta da terra o corpo, cujos cabelos trançados de acordo com o costume, escorriam sangue.

Entrementes, seu pai, junto do rio Tibre, lavava com água corrente os ferimentos e descansava o corpo recostando-se no tronco de uma árvore. A alguns passos dele, o capacete de bronze estava suspenso a um galho da árvore e as pesadas armas descansavam na relva. Jovens guerreiros de escol encontravam-se em torno dele; ele próprio estava enfraquecido, arquejando, com a cabeça inclinada e a comprida barba espalhada sobre o peito. Indaga constantemente a respeito de Lauso, envia-lhe muitos mensageiros para chamá-lo e levar as ordens do ansioso pai. Os companheiros, porém, chorando, trazem Lauso estendido sobre o seu escudo, herói valoroso vencido pelo valor. De longe, pelas lamentações, Mezêncio pressentiu a desgraça: suja no pó os cabelos brancos, estende ambos os braços para o céu e abraça-se ao cadáver: "Tamanho era, pois, meu filho, meu apego à vida para deixar que aquele a quem dei a vida ficasse exposto em meu lugar à fúria do inimigo? Eu, teu pai, sou salvo por teus ferimentos, estou vivo graças à tua morte? Ai de mim! Somente agora sinto a desgraça da morte![1] É agora que a ferida é profunda! Fui eu, meu filho, que manchei teu nome com o meu opróbrio, expulso, pelo ódio, do trono e do cetro de meu pai. Deveria ter pago minha dívida à pátria e ao ressentimento dos meus patrícios: oxalá tivesse eu expiado minha culpa por mim mortes. E continuo a viver, e não deixo os homens e a luz do dia. Mas deixarei." Ao mesmo tempo que falava, levanta-se apoiando na coxa ferida e, conquanto a violência do ferimento profundo o retarde, sem abatê-lo porém, manda trazer o cavalo: era sua alegria, seu consolo; com ele saíra vencedor de todas as batalhas. Vendo-o triste, assim lhe fala: "Rebo, vivemos muito tempo, se é lícito aos mortais falar em muito tempo. Hoje, ou trarás, vencedor, os despojos e a cabeça ensangüentada de Enéias e serás comigo o vingador de Lauso, ou morrerás comigo, se força alguma nos abrir caminho; pois não creio que tu, valente animal, julgues digno de ti receber as ordens de um estrangeiro e ter teucros por donos."

Disse e montou no animal, como costumava e segurou com as duas mãos muitos dardos aguçados, tendo a cabeça resplandecente sob o bronze, onde se agita um penacho de crina. Assim avançou, com rapidez, para o meio das hostes. Refervem, em seu coração, ao mesmo tempo, a vergonha e a fúria misturada ao sofrimento. E, então, chamou por três vezes Enéias, com voz retumbante. Enéias o reconhece e, jubi-

---

1 No texto seguido por Benoist está a palavra *exitium*, morte, e no de René Durand, *exilium*, exílio. A tradução, por amor à unidade, acompanhou o primeiro texto, embora, neste caso particular, o segundo pareça mais satisfatório.

loso, implora: "Que o pai dos deuses, que o Grande Apolo façam com que me provoques assim para o combate!" Diz estas palavras e investe, de lança em riste. E o outro então: "Por que procuras aterrorizar-me, assassino, depois de me teres arrebatado meu filho?[1] Era o único caminho que poderia levar-me à perdição. Não temo a morte nem respeito os deuses. Cessa: venho para morrer, e eis o que trago antes." Disse, e atirou um dardo contra o inimigo, depois mais um outro, e um outro e gira em torno dele descrevendo um vasto círculo; resiste, porém, o escudo do outro. Por três vezes, fazendo círculos para a esquerda,[2] rodeia o cavalo, lançando dardos, Enéias, que se conserva imóvel; por três vezes o herói troiano gira seu escudo de bronze, onde se ergue uma floresta de dardos. Depois, cansado de tanta demora, de tantos dardos arrancados, desejoso de pôr fim à luta desigual, com muitas apreensões no coração, ataca, afinal, e crava o dardo na cabeça do corcel de guerra. O quadrúpede empina-se, escoiceia o ar, desmonta o cavaleiro, cai para diante em cima do dono e, com o ombro quebrado, esmaga-o com o seu peso.

Chegam ao céu os gritos dos troianos e dos latinos. Enéias avança, desembainha a espada e exclama: "Onde está agora o bravo Mezêncio e sua cruel valentia?" A estas palavras, responde o tirreno, depois de ter erguido os olhos para o céu e recuperado o ânimo: "Rancoroso inimigo, para que essas injúrias e essas ameaças de morte? Não será crime matar-me; não vim ao combate com tal pensamento e meu filho Lauso não fez um pacto contigo. Só te faço um pedido, se é lícito aos inimigos vencidos implorar uma graça, peço-te que permitas que o meu corpo seja coberto de terra. Sei que os meus súditos me votam um ódio acerbo; imploro-te, pois, defende-o do furor e permite que eu compartilhe o túmulo de meu filho." Assim falando, recebe na garganta a espada que já esperava e expira com uma golfada de sangue que molha suas armas.

---

1 No original: *Quid me erepto, saevissime, nato/Terres?* literalmente: "por que, ferocíssimo, arrebatado o filho, me atemorizas?"

2 Descrevia em torno de Enéias uma circunferência, cujo centro ficava à sua esquerda. Deste modo, protegia-se com o escudo e esperava surpreender o lado direito desprotegido do adversário.

Livro XI

Entrementes, Aurora, surgindo, deixa o Oceano. Embora preocupado em dar sepultura aos companheiros, e tendo a mente transtornada com os funerais,[1] Enéias cumpre logo ao nascer do dia, sendo vencedor, os seus votos para com os deuses. Sobre um cômoro, ergue um enorme carvalho muito copado, e o cobre de refulgentes armas, despojos do chefe Mezêncio, e é a ti, deus da guerra, que dedica esse troféu; prende o penacho úmido de sangue, os dardos quebrados do guerreiro e sua couraça atingida e trespassada em doze lugares;[2] pendura à esquerda o escudo e suspende no lugar do pescoço a espada guarnecida de marfim. Dirigindo-se, depois, aos companheiros (pois o rodeava a multidão de todos os chefes), assim lhes diz, enquanto eles o aclamam:

"Está cumprida a maior parte de nossa tarefa, guerreiros; ponhamos de lado todo o temor diante do que nos resta fazer; aqui estão os despojos de um rei soberbo e Mezêncio, tal como as minhas mãos o deixaram. Agora nos está aberto o caminho para o rei e os baluartes latinos. Aprestai com ardor as vossas armas e contai de antemão com a vitória. Que nenhum obstáculo, surgindo de improviso, vos detenha e que nenhum sentimento de temor diminua vosso empenho no dia em que os deuses superiores nos permitirem levantar acampamento e fazer sair a nossa juventude. Enquanto isto, enterremos os cadáveres de nossos companheiros que se encontram insepultos; é a única honra existente no profundo Aqueronte. Ide, rendei essa homenagem suprema àquelas almas de escol, que, com seu sangue, conquistaram para nós esta pátria, e, em primeiro lugar, à consternada cidade de Evandro levemos Palante, a quem não faltava valor, mas que um dia nefasto arrebatou prematuramente para a morte."

Assim falou, lacrimoso, e volta à casa onde o cadáver de Palante estava exposto, sob a guarda do velho Acestes, que fora outrora escudeiro do árcade Evandro e depois, mas sob auspícios menos felizes, fora dado como companheiro de seu caro discípulo. Encontravam-se, em torno dele, toda a tropa de serventes, a multidão troiana e as consternadas mulheres de Ílion,[3] com os cabelos desgrenhados, segundo o costume. Logo que Enéias penetrou no alto pórtico, elas elevam até o céu dolorosas lamentações, esmurrando o peito, e a morada do rei ecoa com seus lúgubres queixumes. Vendo a cabeça recostada de Palante, pálido como a neve, seu rosto e a ferida aberta pela lança em seu peito,

---

1 Os funerais de Palante.

2 Não foi Enéias que atingiu desse modo Mezêncio. Servius, segundo Benoist, lembra que havia doze tribos etruscas e cada uma deve ter trespassado, por vingança, o cadáver do rei destronado.

3 No Livro IX, Virgílio diz que a mãe de Euríalo foi a única troiana que acompanhou Enéias até a Itália. Trata-se, porém, como se vê, de uma licença poética.

o próprio Enéias não contém as lágrimas e diz: "Seria preciso, lastimoso jovem, que no momento em que a Fortuna me sorria ela me invejasse e não te permitisse ver nosso reino nem regressar vitorioso à casa paterna? Não foi isso que prometi a teu respeito a teu pai Evandro, quando ele, abraçando-me, me mandava assumir o comando supremo e me avisava, apreensivo, que nossos adversários eram temíveis e que iríamos travar combate com uma nação valorosa. E agora, talvez ele, iludido por uma vã esperança, faça votos e encha de oferendas os altares; nós, pesarosos, cumulamos de honrarias inúteis este jovem sem vida, que já nada deve aos deuses celestes. Infortunado! Verás os tristes funerais de teu filho! Este será o regresso que anunciamos, o esperado triunfo! Eis a minha grande promessa! Pelo menos, Evandro, não terás diante dos olhos ferimentos de que poderias envergonhar-te, e, como pai, não desejarás um triste funeral para o teu filho.[1] Ai de mim! Que proteção perde a Ausônia e quanto tu perdes, Iulo!"

Depois de ter assim falado, chorando, ordena que seja levado o cadáver e encarrega mil homens escolhidos no exército a fim de prestar as honras supremas escoltando e misturar suas lágrimas às do pai, consolo para a dor, em verdade bem pequeno, mas devido a um pai desventurado. Sem perder tempo, outros homens tecem com ramos de medronheiro e carvalho uma flexível padiola, e cobrem este leito com ramos frondosos. Nele depositam o jovem, sobre uma camada de ervas silvestres: assim é, colhido por mão virginal, a flor, seja a delicada violeta, seja o lânguido jacinto, que ainda não perdeu o brilho e a beleza; a terra mãe já não a alimenta e lhe dá força. Depois, Enéias mandou trazer dois mantos bordados com púrpura e ouro, que a sindônia Dido fizera com as próprias mãos, ditosa com tal trabalho, e que realçara com um fio de ouro. Coloca um deles, com tristeza, sobre o jovem, para lhe prestar a honra suprema, e com o outro cobre os cabelos que serão devorados pelo fogo; além disso, acumula grande quantidade de despojos conquistados aos laurencianos e faz com que essa presa de guerra seja levada por uma comprida fila de guerreiros. Ajunta os cavalos e as armas que Palante tomara do inimigo. Também faz amarrar atrás das costas as mãos dos prisioneiros que serão atirados às sombras infernais, regando com o seu sangue as chamas da pira; ordena que troncos de árvores revestidos das armas do inimigo levem os despojos dos chefes vencidos e que o nome do inimigo seja neles escrito.[2] Leva-se o desventurado Acestes, abatido pela idade, que ora esmurra o peito, ora arranha o rosto, e atira-se ao chão e nele rola. Levam-se os carros manchados de sangue rútulo. Depois, o corcel da guerra, Éton, sem ornamentos, chorando, com grandes lágrimas descendo pela cara. Outros homens conduzem a lança e o capacete; porque o resto o vitorioso Turno tinha em seu poder. Seguem-se a triste falange dos teucros, todos os tirrenos e os árcades de armas inclinadas. Depois que todo o cortejo se desdobrou em grande extensão, Enéias deteve-se e, com um suspiro profundo, acrescentou: "Também a nós, o mesmo e horrível destino da guerra nos chama para fora daqui para derramar outras lágrimas. Recebe a despedida suprema, grande Palante, último adeus." Nada mais disse, dirigiu-se aos altos muros e encaminhou-se para o acampamento.

---

1 Os ferimentos de Palante não foram recebidos quando ele fugia, nem ele escapara com vida graças a um ato de covardia, o que levaria Evandro a preferir que o filho tivesse morrido.

2 São troféus semelhantes ao descrito no começo deste Livro XI, onde foram colocados os despojos de Mezêncio.

Já lá se encontravam mensageiros da cidade latina, conduzindo ramos de oliveira e solicitam uma graça: levar os corpos que jaziam na planície, abatidos pelo ferro, e dar-lhes sepultura: não se combate contra vencidos privados da luz do dia; deveriam ser poupados aqueles que antes eram chamados de hospedeiros e sogros; o bom Enéias acolheu com benevolência os que solicitavam esse favor razoável e acrescentou ainda: "Que fortuna indigna de vós, latinos, voz induziu a travar essa

"Recebe a despedida suprema, grande Palante, último adeus" *(pág. 178)*

guerra e repelir nossa amizade? Implorais-me a paz para os mortos, para aqueles que caíram nos azares da guerra? Como eu quisera também concedê-la aos vivos! Eu não teria vindo a estes lugares, se os fados não tivessem marcado aqui a minha morada; não faço a guerra a uma nação. Foi o vosso rei que abandonou a hospitalidade que nos concedia

e preferiu confiar-se nas armas de Turno: competiria antes a Turno enfrentar aqui a morte. Se ele se dispõe a acabar a guerra pela força das armas e a expulsar os teucros, com estas armas deveria enfrentar-me: viveria aquele que um deus ou o valor de seu braço poupasse. Agora, ide, e levantai a pira para vossos desventurados concidadãos."

Assim falou Enéias. Os outros ficaram estupefados, em silêncio e consultavam-se com os olhos. Depois, o velho Drances, que sempre se mostrara hostil ao jovem Turno, fazendo-lhe censuras e acusações, torna a palavra e assim fala: "Herói troiano, tão grande pela fama e maior ainda pelas armas, com que louvores te ergueria ao céu? Que admirar mais: a justiça ou tuas façanhas na guerra? Iremos, em verdade, com gratidão, levar tuas palavras à cidade natal; e, se permitir a Fortuna, unir-te-emos por uma aliança ao rei Latino: que Turno procure outras alianças. Mais ainda; com júbilo levantaremos as muralhas que o destino te prometeu[1] e erguermos nos ombros os baluartes de Tróia." Disse, e todos os outros manifestaram o seu assentimento. Concluiu-se uma trégua de doze dias e, valendo-se da paz, teucros e latinos misturados erraram impunemente pelas alturas, através da floresta. O alto freixo retumba com o ferro do machado; abatem-se pinheiros que se erguiam para os astros, não se cessa de rachar com as cunhas o carvalho e o oloroso cedro, e de se transportar os alunos em carros rangedores.

E já a Fama alada, que antes espalhava pelo Lácio o nome de Palante vitorioso, agora mensageira de tão grande desgraça, chega a Evandro e à morada e à cidade de Evandro. Os árcades correram às portas e, de acordo com o velho costume, empunharam tochas funerárias; o caminho se ilumina com uma comprida fileira de archotes cortando os campos em grande extensão. De seu lado, o grupo dos frígios que se aproximava se junta à chorosa multidão. Logo que as matronas vêem o cortejo chegar junto às casas, enchem com seus lamentos a cidade enlutada. Nenhuma força, entretanto, conseguira reter Evandro: ele vai para o meio da multidão. Tendo feito depor no chão a padiola, debruça-se sobre o corpo de Palante e o abraça chorando e lamentando-se, e diz, afinal, com uma voz que a dor a custo permite escapar: "Não eram estas, Palante, as promessas que havias feito a teu pai. Bem mais precavido terias sido ao confiar no feroz Marte! Eu não ignorava tudo de que é capaz a novidade da glória nas armas e o doce orgulho de se destacar no primeiro combate. Triste primícia de um jovem e rude aprendizagem em uma guerra tão próxima! Meus votos e minhas preces, não ouvidos pelos deuses! E tu, ó santíssima esposa, és feliz em tua morte, que não te reservou tamanha dor. Eu, ao contrário, vivi mais do que era meu destino viver, e vivi para sobreviver a meu filho. Oxalá acompanhando as forças aliadas dos troianos tivesse eu caído sob as armas dos rútulos! Teria dado a minha vida e estas honras fúnebres teriam trazido de volta a mim e não Palante! Não vos acusarei, troianos, nem a aliança, nem as mãos que apertamos em sinal de hospitalidade: este quinhão estava reservado à nossa velhice. Se, porém, uma morte prematura esperava meu filho, ser-me-á grato que ele tenha caído depois de abater milhares de volscos e conduzido os teucros ao Lácio. Nem poderia eu fazer-te funerais mais dignos de ti, Palante, que fizeram o piedoso Enéias e os grandes frígios e os chefes tirrenos e todo o exército tirreno: eles conduzem grandes troféus, daqueles que teu braço enviou à Morte. Tu também, Turno, não serias mais que um

---

1 No original: *fatales murorum attollere moles*, "levantar a massa fatal dos muros".

enorme corpo sem cabeça, coberto de armas, se Palante tivesse a mesma idade que tens e essa força que te dão os anos. Por que reténs, contudo, os teucros longe da batalha, desventurado? Ide, e lembrai-vos de levar ao vosso rei esta mensagem: "Se prolongo, depois da morte de Palante, uma vida odiosa, és tu o motivo, e vês que Turno deve ao filho e ao pai. É o único bem que posso esperar de ti e da Fortuna. Não procuro alegria na vida, nem me é lícito; quero porém dá-la a meu filho na morada profunda dos Manes."

Entrementes, Aurora trouxera aos míseros mortais a benfazeja luz, trazendo de volta os labores e as preocupações. Já o pai Enéias, já Tarchon, levantavam piras na recurvada praia. Ali colocaram, de acordo com os costumes, os corpos dos seus; são acendidos os fogos sinistros e a fumaça cobre de trevas o alto céu; por três vezes, os guerreiros, cingidos de armas reluzentes, correram em torno das fogueiras; por três vezes rodearam a cavalo os tristes fogos os funerais, lançando gritos. A terra e as armas estão banhadas de lágrimas. Sobem até o céu os lamentos dos homens e o calor das trombetas. Aqui alguns atiram ao fogo os despojos arrebatados aos latinos mortos, capacetes e espadas ornamentadas, freios e rodas de velozes carros;[1] outros oferendas conhecidas, os escudos de seus próprios companheiros mortos e as armas que não foram felizes. Junto, muitos bois de grande porte são imolados à Morte; e são degolados e atirados ao fogo porcos de pêlo eriçado e ovelhas arrebanhadas em todos os campos. Então, em toda a costa, eles assistem à cremação dos companheiros, guardando as fogueiras meio apagadas, e não podem afastar-se senão quando a úmida noite faz girar o céu ornado de refulgentes estrelas.[2]

Em outra parte, os míseros latinos também ergueram inúmeras piras, e enterram uma grande parte dos mortos e colocam outros em carros e os levam para os campos vizinhos ou de volta à cidade; o resto, enorme montão de cadáveres, é queimado sem que os corpos sejam contados e tributadas honras particulares;[3] de todos os lados, então, os campos se iluminam com as inúmeras fogueiras. O terceiro dis expulsara do céu a gélida sombra: a triste multidão remexia as cinzas e os ossos confusos entre as brasas e os cobria de uma tépida camada de terra. É, porém, nas casas da cidade do rico Latino que a dor se faz sentir mais fortemente e o luto é maior. Aqui as mães e as infelizes noras, ali as ternas irmãs de coração lancinado e os filhos que perderam os pais maldizem a guerra cruel e o himeneu de Turno; convidam-no a ir ele próprio decidir sua disputa com as armas, já que reclama o reino da Itália e as honras supremas. O feroz Drances defende com vigor essa idéia, afirmando que apenas Turno está em jogo e que somente ele deveria combater. Por outro lado, muitas vozes se fazem ouvir em favor de Turno; e o grande nome da rainha o defende; e a grande fama que o guerreiro conquistou com seus troféus o sustenta.

Entre essa agitação, no meio do flagrante tumulto, por cúmulo da desgraça chega da grande cidade de Diomedes a resposta trazida por consternados mensageiros: de nada valeram os muitos esforços e as grandes despesas; não tiveram efeito os presentes, nem o ouro, nem as muitas súplicas; os latinos devem procurar o apoio de outras forças, ou

1 No original: *ferventesque rotas*, "e rodas inflamadas".
2 No original: *caelum stellis fulgentibus aptum*, "céu unido com estrelas refulgentes". No texto estabelecido por René Durand, está *stellis ardentibus*, isto é, "estrelas ardentes".
3 No original: *Nec numero nec honore cremant*, literalmente: "cremam sem número e sem honra".

pedir a paz ao rei troiano. O próprio rei Latino sucumbe diante de tamanha dor. A ira dos deuses e os túmulos ainda recentes o advertem de que Enéias é o homem escolhido pelo destino. Dá, então, uma ordem e reúne em seu majestoso palácio o grande conselho e os próceres de sua nação. Todos eles acorrem à mansão real, passando pelas ruas cheias de gente. Latino, o mais velho e principal pelo cetro, assenta-se no meio deles, sem esconder a consternação. E ordena então aos mensageiros que regressaram da cidade etólica que relatem o que trouxeram e exponham minuciosamente as respostas que tiveram. Fez-se, então, o silêncio e Vênulo, obedecendo, assim começa:

"Vimos, cidadãos, Diomedes e os acampamentos argivos, e, depois de havermos, no decorrer de nossa viagem, superado todas as dificuldades, apertamos a mão que desfechou o golpe de misericórdia contra Tróia.[1] Vitorioso, ele fundava, nos campos, iarigianos de Gargano, uma cidade chamada Argiripa, nome de sua pátria. Depois de termos entrado e de nos ter sido concedida licença de falarmos diante dele, entregamos os presentes e dissemos nossos nomes e o de nossa pátria, a quem fizemos a guerra e que motivo nos levara a Arpos. Depois de nos ter ouvido, ele, tranqüilamente, replicou o seguinte: "Ó povos afortunados, reino de Saturno, antigos ausônios, que destino perturba vossa tranqüilidade e vos leva a fazer uma guerra cujas dificuldades desconheceis? Nós todos, que violamos com nossas armas os campos troianos (e não me refiro ao que sofremos combatendo sob as altas muralhas e nem aos homens que o Simoente levou), pagamos nossos crimes por indizíveis tormentos no mundo inteiro e por toda a sorte de castigos, miseranda gente de que o até Príamo teria piedade! Sabe-o a terrível tempestade lançada por Minerva e os penhascos de Eubaia e o Caforeu ultriz.[2] Regressando daquela expedição, empurrados para terras opostas, o átrida Menelau se viu exilado até as colunas de Proteu, e Ulisses viu os ciclopes do Etna. O próprio miceno, chefe dos grandes aqueus, encontrou a morte no momento em que transpunha a soleira da porta de seu palácio, pela mão de uma esposa criminosa;[3] um adúltero venceu o vencedor da Ásia. Falarei do reino de Neoptolomeu e dos Penates derrubados de Idomeneu?[4] Dos lócrios estabelecidos no litoral da Líbia? Direi que os deuses me invejaram a alegria de rever os altares pátrios e minha linda esposa Calidônia? Ainda agora perseguem-me prodígios horríveis e meus companheiros perdidos voaram no éter revestidos de penas, erram ao longo dos rios sob a forma de aves (ah, cruel suplício para os meus!) e enchem os rochedos com seus gritos lastimosos. Realmente, eu deveria esperar estas desgraças, desde o dia em que, alucinado, ataquei com o ferro corpos divinos e ultrajei com um ferimento a mão direita de Vênus. Não, em verdade não me arrastarei a tais combates: não é mais para mim a guerra com os teucros, depois da tomada de Pérgamo: não me lembro das antigas desgraças nem com elas me regozijo. Oferecei de preferência a Enéias estes presentes que trazeis para mim dos confins de vossa pátria. Enfrentamos as suas armas perigosas, combatemos corpo a corpo com ele: acreditai em um homem experimentado, que sabe a que altura ele levanta o escudo e com que

---

1 No original: *concidit Ilia tellus*, "destruiu a terra troiana".

2 A tempestade em que pereceu Ajax, que profanara um templo de Minerva.

3 Agamenon foi assassinado por sua esposa Clitenestra juntamente com seu amante Egisto.

4 Idomeneu, obedecendo a um oráculo, matou o próprio filho, mas foi destronado por seus súditos.

força atira o dardo. Se a terra do Ida tivesse gerado dois varões iguais. Dardano[1] teria investido, em primeiro lugar, contra as cidades de Ináquia e a Grécia teria chorado sob um destino diferente. Durante todo o tempo que nos detiveram as muralhas da implacável Tróia, foi o braço de Heitor e o de Enéias que atrasaram a vitória dos gregos e que durante dez anos nos detiveram os passos. Ambos eram insignes pela coragem e por seu valor nos combates; Enéias destacava-se pela sua piedade. Selai com ele, pois, uma aliança, enquanto é tempo: evitai, porém, que vossas armas se choquem com as suas." Ouviste, magnânimo rei, qual foi a resposta do rei, e qual é sua disposição no meio de tão grande guerra."

Mal falara o emissário, um frêmito corre entre os ausônios, testemunhando sua perturbação e a variedade de seus sentimentos: assim, quando rochedos detêm a rápida correnteza de um rio, ouve-se no fechado desfiladeiro um murmúrio, e as margens vizinhas estremecem com a trepidação da água. Depois que se acalmaram os ânimos e que se calaram as bocas agitadas, tendo invocado os deuses, assim começa o rei no alto trono:

"Em verdade, latinos, seria antes de pegar em armas que conviria deliberar sobre os interesses da nação, e não agora quando o inimigo sitia nossas muralhas. Estamos travando, cidadãos, uma guerra ingrata contra uma nação de deuses e de guerreiros invencíveis, que nenhuma luta abate: nem vencidos podem depor as armas. Se depositais alguma esperança nas armas por vós solicitadas aos etólios, renunciai a ela. Só devemos ter esperança em nós mesmos; mas vistes quanto esta é pequena. Quanto ao resto, tudo é ruína e podeis constatar com vossos olhos e vossas mãos. A ninguém acuso: a coragem fez tudo o que poderia fazer, multiplicando-se; todos os recursos do reino foram postos em jogo. Irei expor-vos, agora, que idéia acalento no espírito conturbado e explicarei (prestai atenção) em poucas palavras. Existe, perto do rio toscano, um grande campo de minha propriedade, que se prolonga para o ocidente até os limites com os sicanos. Os auruncos e os rútulos o semeiam, suas charruas aram as rudes colinas e seus rebanhos pastam nas partes mais áridas. Que toda essa região e as altas montanhas cobertas de pinheiros sejam partilhadas com os teucros tornados nossos amigos. Proponhamo-lhes condições e recebamo-los como aliados em nosso reino: que ali se fixem, já que tanto o querem, e construam suas muralhas. Se, por acaso, sua intenção é de alcançar outro território, outra nação, e poder deixar o nosso solo, construamos vinte navios de carvalho italiano, se eles são capazes de os encher; o material encontra-se todo perto do mar; que eles próprios determinem o número e o formato das quilhas; nós lhes forneceremos o bronze, a mão-de-obra, o maçame. Além disso, para apresentar nossas propostas e fazer aliança, sou de opinião que cem embaixadores latinos lhes sejam enviados, escolhidos entre as principais famílias, apresentando na mão os ramos da paz, levando presentes, apreciável quantidade de ouro e marfim e uma cadeira curul e o manto branco, insígnias de nossa realeza. Consultai-vos, levando em conta o interesse geral e aliviai a difícil situação."

Então, Drances, sempre hostil, a quem a glória de Turno atormentava com uma dissimulada inveja e mortificava amargamente, que era homem de grande riqueza e de palavra fácil, mas de fraco valor na guerra, conselheiro cuja opinião pesava nas assembléias, capaz de amo-

---

1 Isto é, os descendentes de Dardano, os troianos.

tinar a multidão[1] (a nobreza por parte de mãe o enchia de orgulho, mas era duvidosa a origem paterna), levanta-se e lança com estas palavras o peso de sua cólera:

"O caso que pões em discussão não é obscuro e não exige a nossa opinião, ó bom rei; todos admitem saber onde está a salvação do povo, mas hesitam em dizer. Que nos dê liberdade de falar e combater-lhe o orgulho aquele cujos desgraçados auspícios e cujo caráter funesto (sim, eu o direi embora ele me ameace com suas armas e com a morte) constituem o motivo de vermos a perda de tantos próceres ilustres e o luto abater-se por toda a cidade, enquanto ele, confiante na fuga, atacava o acampamento troiano e atemoriza o céu com suas armas. Ainda podes ajuntar mais um, ó melhor dos reis, aos muitos presentes que queres enviar aos dardânios; que nenhuma violência te intimide, nem te impeça, como pai, de dar tua filha em casamento a um genro ilustre e a um digno himeneu, e de concluir a paz por uma aliança eterna. Se tão grande terror domina os espíritos e os corações, imploremos a ele próprio esta graça: que ceda, que permita ao rei e à pátria usar de um direito que lhes é próprio. Por que lançar tantas vezes ao perigo evidente teus infortunados concidadãos, ó tu, origem e causa das desgraças do Lácio? Não há salvação na guerra; nós todos pedimos a paz, Turno, ao mesmo tempo que o único penhor capaz de tornar a paz inviolável.[2] Antes de todos, eu, que consideras inimigo (e não me defendo), venho como suplicante. Tem compaixão dos teus; deixa de lado o orgulho e afasta-te, já que foste vencido. Já vimos bastante morte, em nossa derrota, e assaz devastamos estes vastos campos. Se, porém, a honra te induz, se acalentas no peito tal coragem e se teu coração se prende tanto a um dote real, atreve-te e vai apresentar confiante teu peito ao inimigo. Com efeito, para que uma esposa real seja destinada a Turno, nós, vidas desprezíveis, turba privada de sepultura e de pranto, cobriremos com nossos corpos o campo de batalha! Tu, porém, se tens valor, se herdastes a bravura de teus antepassados, encara, então, aquele que te provoca."

Tais palavras inflamam a violência de Turno; ele dá um suspiro e do fundo do coração saem estas palavras: "Na verdade, Drances, sempre falaste bastante, quando são os braços que a guerra reclama; quando se convoca o conselho, ninguém chega antes de ti[3]: não se trata, porém, de encher a assembléia de frases grandiloqüentes, que lanças quando te encontras bem protegido, enquanto os baluartes mantêm o inimigo à distância e o sangue não inunda nossos fossos. Troveja tua eloqüência; estás acostumado; acusas-me de ter medo, tu, Drances, cujo braço tirou a vida de tantos teucros e cujos troféus decoram, aqui e ali, os nossos campos. Podes agora mesmo provar a tua ardente coragem: penso que não teremos de ir procurar o inimigo muito longe; ele cerca nossos muros por todos os lados. Investiremos contra ele? Por que tardas? Marte não estará, para ti, senão nas palavras vazias e nos pés ligeiros? Eu derrotado? Quem, desprezível indivíduo, teria o direito de acusar-me de ter sido derrotado, vendo as águas do Tibre aumentadas com o sangue dos troianos, toda a casa de Evandro arruinada em sua fonte e os árcades despojados de suas armas? Não foi isso que acharam Bítias e o gigantesco Pândaro e os milhares de homens que,

---

1 No original: *Seditione potens*, "poderoso na sedição".

2 O casamento de Lavínia com Enéias.

3 No original:... *patribusque vocatis,/Primus ades*, literalmente: "e convocados os chefes, chegas primeiro".

em um só dia, enviei, vencedor, para o Tártaro, cercado pelos muros e rodeado pelos baluartes do inimigo. Não há salvação na guerra! Vai dizer tal coisa ao chefe dos dardânios e ao teu partido, insensato. Continua, pois, a espalhar por toda a parte o teu grande medo e a exaltares as forças de uma nação duas vezes vencida e a depreciar, por outro lado, as armas dos latinos. Agora, os chefes dos mirmidões tremem diante das armas frígias, agora o filho de Tideu e Aquiles de Larissa têm medo, e o Áufido recua e corre diante das ondas do Adriático. Vede ainda como o manhoso celerado finge ter medo de minhas ameaças e, com esse fingimento, agrava suas falsas acusações. Tranqüiliza-te; jamais meu braço te privará de tão bela alma; que viva contigo, neste peito digno dela.

"Agora, volto a ti e às tuas grandes deliberações, meu pai. Se não tens mais esperança alguma em nossas armas, se estamos tão abandonados, e se uma única derrota nos aniquilou, e a Fortuna nos deixou para sempre, imploremos a paz e estendamos as mãos desarmadas. Se, entretanto, nos restasse ainda algo de nosso antigo valor! Para mim, é venturoso, mais do que os outros, em sua desgraça, e maior por sua coragem, aquele que, para não ver tal espetáculo, caiu morto e mordeu o pó pela vez derradeira. Se nos resta, porém, recursos e uma juventude ainda intacta, e se ainda poderemos contar com a ajuda de cidades e povos da Itália, se a glória dos troianos lhes custou muito sangue, se eles têm seus mortos e se o flagelo foi igual para todos, por que desistirmos vergonhosamente ao primeiro embate? Por que ter arrepios de medo antes de haver soado a trombeta? O tempo e as vicissitudes dos dias mutáveis têm, muitas vezes, melhorado as coisas; indo e vindo, a Fortuna costuma erguer os homens, depois de havê-los rebaixado. Não teremos o apoio do etólio e de Arpos: mas teremos Messapo e o venturoso Tolúnio, e os chefes que nos enviaram tantos povos; não será pequena a glória que espera a flor do Lácio e os territórios laurencianos. Temos também Camila, da ilustre nação dos volscos, com seus esquadrões de cavaleiros e suas hostes resplandescentes de bronze. Se sou o único que os teucros chamam ao combate, e se isto vos agrada, se vedes em mim tão grande entrave ao bem comum, a vitória não tem me destestado e fugido de mim para que eu me recue a tudo tentar em prol de tão grande esperança. Eu marcharia com coragem contra o adversário, ainda que ele se igualasse ao grande Aquiles, e estivesse, também, coberto com as armas feitas pelas mãos de Vulcano. A vós e a meu sogro Latino dediquei minha vida, eu, Turno, que não cedo em valor a nenhum dos meus antepassados. É somente a mim que Enéias desafia? Que me desafie, é o que desejo; se a ira dos deuses se volta contra nós, não compete a Drances satisfazê-la com sua morte, e nem lhe competem, também, o valor e a glória."

Assim disputavam eles sobre as dificuldades públicas: Enéias movimentava as hostes no acampamento. Eis que chega correndo ao palácio real, com grande tumulto, um mensageiro, que enche a cidade de grande alarme: os teucros e uma força tirrena descem em formação de combate do rio Tibre, estendendo-se por toda a planície. Imediatamente os corações se inquietam, a multidão se agita, rudes aguilhões incitam a ira. Procuram-se armas apressadamente, os jovens reclamam armas, os velhos aflitos choram e murmuram. Um grande clamor, feito de gritos discordantes, sobe pelos ares: é assim o ruído de um bando de aves que pousou em um cerrado bosque, assim são, no curso piscoso do Padusa, os roucos cisnes, quando gritam entre pantanais. "Muito bem, cidadãos, exclamou Turno, aproveitando a ocasião, reuni o conselho e, comodamente assentados, fazei o elogio da paz: de armas na mão o

inimigo investe contra o nosso reino." Sem mais nada fazer, retira-se e, de pronto, sai do majestoso palácio. "Tu, Voluso, diz, ordena aos manípulos dos volscos que se armem, e traze também os rútulos. Messapo e tu, Cora, com teu irmão, espalhai a cavalaria em formação de combate por toda a planície. Que uma parte das forças proteja os acessos da cidade e guarneça as torres, e o restante me acompanhe com as armas aonde eu mandar."

Sem demora, de toda a cidade se corre aos muros. O próprio patriarca Latino abandona o conselho e os grandes projetos e os adia, perturbado pelos tristes acontecimentos, e muito censura a si mesmo por não haver acolhido espontaneamente o dardânio Enéias e não tê-lo recebido na cidade como genro. Alguns escavam fossos diante das portas e carregam pedras e estacas. As roucas cornetas dão o sinal do sangrento combate. Coroa as muralhas a multidão confusa de matronas e de crianças: todos acorrem ao apelo do perigo supremo.[1] Também a rainha, acompanhada por grande séquito de mulheres, dirige-se de carro ao templo e à alta cidadela de Palas, levando oferendas; com ela vai a virgem Lavínia, causa de tantas desgraças, que traz os olhos baixos. Chegam as matronas, perfumam o templo com as nuvens de incenso e, do alto liminar, pronunciam estas dolorosas palavras: "Virgem Tritônia, deusa poderosa pelas armas, defensora na guerra, quebra com tuas mãos o dardo do salteador frígio, derruba-o também sobre o solo e faze com que ele fique estendido diante de nossas altas portas!"

Furioso, Turno cinge as armas para o combate. Já revestido de reluzente couraça, eriçado de escamas de bronze, com as pernas protegidas por grevas de ouro, a fronte ainda nua e a espada pendente do lado, desce apressadamente da alta cidadela, resplandecente de ouro, exulta-se no coração, e já avança esperançado contra o inimigo: é assim que, tendo rompido a corda que o prende, um cavalo, livre afinal, foge da estrebaria, torna-se senhor do campo aberto e ora galopa para as pastagens e para o rebanho de éguas, ora, acostumado a mergulhar na água, banha-se no rio que lhe é conhecido, estremece, com a cabeça erguida, enquanto a crina se espalha pelo pescoço. Camila avança diante dele, seguida pela cavalaria dos volscos, e, junto às portas da cidade, a rainha salta do cavalo e, imitando-a, a coorte apoia e põe pé em terra. Então assim ela fala: "Turno, se é lícito à coragem inspirar confiança, atrever-me-ei, prometo, a desafiar os pelotões dos companheiros de Enéias e enfrentar sozinha os cavaleiros tirrenos. Deixa-me correr os primeiros riscos da guerra; quanto a ti, fica com a infantaria junto dos muros e defende os baluartes." Turno retruca, sem tirar os olhos da temível virgem: "Ó virgem, ornamento da Itália, como dizer-te a minha gratidão e como recompensar-te de igual modo? Já, porém, que teu coração está acima de tudo, compartilha comigo o perigo. O perverso Enéias, a se crer no ruído que corre e nas informações dignas de confiança que trazem meus exploradores, mandou na frente a cavalaria ligeira, a fim de bater a planície. Ele próprio, atravessando o cimo da montanha pelas alturas desertas, aproxima-se da cidade. Preparo uma emboscada em um caminho escavado na floresta, postando soldados armados nos dois caminhos do desfiladeiro. Quanto a ti, enfrenta a cavalaria tirrena, concentrando as forças; terás contigo o impetuoso Messapo, esquadrões latinos e o destacamento de Tiburto: tu, também, assume os encargos do comando." Assim falou e, com palavras semelhantes, exorta Messapo para a batalha e encaminha-se para o inimigo.

---

1 No original: *vocat labor ultimus omnes*, "a última provação convoca todos".

Existe um vale de contorno recurvado, adequado às emboscadas e ciladas da guerra, cercado de ambos os lados por espessa floresta, através do qual passa um caminho estreito, entre gargantas estreitas e dificilmente acessíveis. Acima desse vale, no alto da montanha, em um lugar de onde a vista alcança grande extensão, encontra-se um planalto desconhecido, posição segura de onde se pode cair sobre o inimigo à direita ou à esquerda, se se quiser travar combate, ou, então, atirar contra ele grandes pedras. O jovem dirige-se para esse lado, por paragens que bem conhece, ocupa a posição e se mantém na áspera floresta.

Entrementes, na mansão superior, a filha de Latona chamava Ópis, uma das virgens companheiras de seu séquito sagrado e dizia estas tristes palavras: "Camila vai a uma guerra cruel, ó virgem, e em vão cingiu as nossas armas. Ela me é mais cara do que os outros: em verdade não é novo este amor que brota em Diana, nem uma súbita ternura move o meu coração. Expulso de seu reino em conseqüência do ódio à sua arrogância e despotismo, Metabo, ao sair da antiga cidade de Prenesto, fugindo através das batalhas da guerra, levou sua filha de terna idade para ser companheira de seu exílio e mudando ligeiramente o nome de sua mãe, Casmila, chamou-a Camila. Carregando-a ele próprio nos braços, com ela alcançou as longínquas encostas dos bosques solitários: de todos os lados perseguiam-no dardos e as forças dos volscos se espalhavam em torno dele. Eis que, no meio de sua fuga, o Amaseno, transbordando, escumava sobre suas margens, tanta chuva caíra das nuvens. Metabo, preparando-se para nadar, é retardado pelo amor paternal, receando pelo fardo querido que levava. Passam por sua cabeça toda a sorte de projetos e afinal toma uma decisão: pega um enorme dardo de carvalho nodoso e endurecido no fogo, que levava por acaso seu forte braço de guerreiro, envolve a filha com a casca de um sobreiro silvestre, prende-a destramente ao meio do dardo. Depois, suspendendo o dardo com o poderoso braço: "Benfazeja filha de Latona, habitante dos bosques, eu, seu pai, a ti dedico como tua servidora esta criança; conduzindo pela primeira vez teu dardo através dos ares, suplicante, ela foge do inimigo. Acolhe, imploro-te, como tua serva, ó deusa, esta que agora é confiada às duvidosas auras." Disse e, recuando o braço, atirou o dardo: as ondas ressoaram; por cima da rápida corrente a infortunada Camila fugiu sobre um dardo estridente. Metabo, já acossado de mais perto por um grande bando, atira-se ao rio e, vitorioso, arranca da relva o dardo com a criança consagrada a Trívia. Nenhuma cidade o recebeu em seus tetos ou em suas muralhas e ele próprio era muito feroz para se dar por vencido: viveu como os pastores, nas montanhas solitárias. Lá, entre os sarçais, no meio dos matagais espinhosos, criou a filha dando-lhe de mamar o leite de uma égua selvagem, cujas mamas ela sugava com os tenros lábios. Logo que a criança deu os primeiros passos, seu pai pôs-lhe nas mãos um aguçado dardo e pendurou ao seu pequeno ombro setas e um arco. Em vez de um ornato de ouro nos cabelos, em vez de longo vestido flutuante, uma pele de tigre, presa à cabeça, cai pelos ombros. Já suas delicadas mãos sabiam lançar dardos feitos de acordo com a sua idade, e uma correia delicada faz girar a funda em torno de sua cabeça e ela mata o grou do Estrimônio ou o cisne branco. Muitas matronas, nas cidades tirrenas, em vão desejaram tê-la como nora: contentando-se apenas com Diana, vota castamente um culto eterno à virgindade e às armas.[1] Eu desejaria que ela

---

1 O poeta não explica como Camila se tornou rainha dos volscos, que haviam destronado seu pai.

não tivesse se empenhado nessa guerra nem se armado contra os teucros: ela me é querida e tornou-se uma de minhas companheiras. Uma vez, contudo, que também ela é chamada, sem demora, pelo cruel destino, desce do céu, ó Ninfa, e visita os campos latinos, onde, sob um infausto presságio, se trava uma lamentável batalha. Toma estas armas e tira da aljava uma seta ultriz: por ela, pague-me com seu sangue aquele que, troiano ou italiano, tiver violado o corpo que me foi consagrado. Depois eu mesma, na concavidade de uma nuvem, levarei o corpo e as armas da desventurada e dar-lhe-ei um túmulo em sua pátria." Disse; Ópis, descendo das leves virações do céu, fez retinir as armas com o corpo envolto em negro turbilhão.

Entrementes, o exército troiano aproxima-se dos muros, assim como os chefes etruscos e toda a força dos cavaleiros, dividida em esquadrões. Por toda a planície corcoveiam os cavalos, ferindo o chão com os cascos e contidos pelas rédeas, caracolando para um lado e para o outro; ao longe o campo se cobre de lanças de ferro[1] e a planície flameja sob as armas erguidas. Do lado oposto, surgem Messapo e os velozes latinos, Coras com o irmão e a ala da virgem Camila, com o braço direito estendido para trás, de lança em riste e brandindo dardos; aumenta o ruído dos guerreiros que se aproximam, o frêmito dos cavalos. Já, depois de terem avançado até a distância de um arremesso de dardo, as duas forças se detiveram: de súbito ergue-se um clamor, estimulam-se os fogosos cavalos; é lançada, ao mesmo tempo, de todas as partes, uma chuva de dardos tão densa quanto a neve, e o céu é coberto pela sua sombra. Logo Tirreno e o impetuoso Aconteu investem um sobre o outro, reunindo todas as suas forças, de lança em riste, e são os primeiros a se entrechocarem, com enorme ruído, sobre seus animais que se embaraçam, peito contra peito. Desmontado com a rapidez de um raio ou de um projetil lançado por uma arma de guerra. Aconteu é atirado longe e exala no ar o último suspiro. A confusão toma de súbito as fileiras, os latinos, derrotados, empurram os escudos para as costas e viram os corcéis na direção às muralhas. Os troianos acossam-nos; à frente, Asilas conduz os esquadrões. Já se aproximam das portas, e os latinos de novo lançam gritos e fazem voltar os bem amestrados corcéis.[2] Os outros fogem a rédea solta. Assim é o mar quando, avançando e recuando, sucessivamente, com a grande massa de suas águas, ora investe sobre a terra e, espumando, atira suas ondas sobre os rochedos e molha a areia da praia com mais afastada, suas vagas simosas; ora, recuando rapidamente, traz de novo, com seu refluxo, as pedras que empurrou e abandona a praia deixando apenas um pequeno lençol de água que abandona a praia.[3] Por duas vezes os toscanos acossaram os rútulos fugitivos até as muralhas: por duas vezes, repelidos eles próprios, olham para traz, protegendo as costas com suas armas. Na terceira investida, porém, todas as fileiras se confundiram na batalha e cada homem enfrenta outro homem, e então, na verdade, ouvem-se os gemidos dos moribundos, rios de sangue banham as armas e os cadáveres e no meio da matança de homens escabreiam cavalos moribundos; trava-se encarniçado combate.

Orsiloco, temendo atacar o próprio Rêmulo, lança um dardo contra

---

1 No original: ... *tum late ferreus hastis/Horret ager,* literalmente: "então ao longe o campo férreo eriça-se de lanças".

2 No original: *mollia colla* e subentende-se: *equorum,* "os pescoços flexíveis dos cavalos", isto é, cavalos dóceis.

3 No original: *litusque vado labente relinquit,* "deixa a praia com uma água que escorre".

o seu cavalo e deixa o ferro cravado embaixo da orelha; o animal enfurecido com o ferimento, empina, encoiceia, corcoveia não podendo suportar a dor, e o cavaleiro desmontado rola no chão. Cartilo abate Iolas e Hermínio, de grande coragem e de grande corpo e largos ombros, que traz nua a cabeça loura e nus os ombros; os ferimentos não o atemorizam tanto ele oferece o corpo às armas! O dardo penetra vibrante entre os largos ombros do guerreiro, que se curva com a dor. Corre por toda a parte o sangue; os combatentes matam-se reciprocamente e buscam de armas na mão uma morte honrosa.

No meio do morticínio, exulta a amazona Camila, que traz a aljava e um seio descoberto para melhor combater; e ora espalha com a mão densa nuvem de dardos, ora vibra, com a incansável destra, a forte machadinha; retinem em seus ombros o arco de ouro e as armas de Diana. Mesmo quando ela é obrigada a virar as costas e fugir com o arco, dispara para trás as setas velozes. Em torno dela estão as companheiras escolhidas, a virgem Larina, Tula e Tarpéia que maneja uma machadinha de bronze, italianas que a divina Camila escolheu ela própria como guarda de honra e fiéis servidoras na paz e na guerra: são assim as Amazonas da Trácia, quando galopam pelas margens do Termodonte, e lutam com suas armas pintadas, quer em torno de Hipólita, quer acompanhando o carro de Penteléia, filha de Marte, e, com grande alarido, essas tropas de mulheres levantam e agitam seus escudos em forma de meia-lua.

Quem foi o primeiro e quem foi o último que abateste, com o dardo, virgem cruel? Quantos corpos moribundos lançaste a terra? O primeiro foi Euneu, filho de Clito, cujo peito foi trespassado quando avançava descoberto. Cai, vomitando rios de sangue, morde o chão ensangüentado e rola, morrendo, sobre o ferimento. Depois, Liro e, em seguida, Pàgaso; um atirado para trás pelo cavalo atingido no ventre, quando colhia as rédeas, o outro quando avançava e estendia ao amigo que tombava um braço desarmado, caem ambos ao mesmo tempo. Camila ajunta a eles Amastro, filho de Hipótades; ela persegue, ameaçando-os de longe com sua lança. Tereu, Harpálico, Demofo e Crômio; tantos dardos atirou a virgem, tantos foram os frígios que morreram. O caçador Ornito aparece ao longe, com armas estranhas, em um cavalo da Lapígia; a pele tirada de um jovem touro[1] belicoso cobre-lhe os largos ombros, a cabeça enorme é revestida por uma queixada de lobo com a boca aberta mostrando os alvos dentes, e arma-lhe o braço um chuço rústico; vai e vem no meio dos esquadrões e ultrapassa a todos em altura. Ela o apanha (sem dificuldade com a debandada de sua tropa), trespassa-o e acrescenta estas palavras irritadas: "Pensastes, tirreno, que estavas na selva perseguindo as feras? Chegou o dia em a mão de uma mulher pôs fim às tuas bazófias. Relatarás porém, aos manes de teus antepassados, que tiveste a glória de morrer pelas mãos de Camila." Matou, em seguida, Orsiloco e Buten, dois gigantescos teucros: quanto a Buten, atravessou-o por trás, entre o capacete e a couraça, onde o pescoço aparecia descoberto e a correia suspendia o escudo ao braço esquerdo; quanto a Orsiloco, ela fugiu dele, que traçava um grande círculo, iludiu-o com um giro menor e perseguiu o perseguidor;[2] então, levantando-se em toda a sua altura, desfecha terríveis machada-

1 No original: *juvenco pugnatori*. Benoist esclarece que se trata do touro selvagem, acostumado a combater.

2 Explica Benoist: Orsiloco persegue Camila; esta se conserva à esquerda do inimigo, corre em círculo, fazendo um circuito menor que o dele, de maneira que ele passa à sua frente e ela o ataca.

das contra a armadura e os ossos do guerreiro, que em vão, se lastimando, implora e suplica: rega-lhe o rosto o sangue quente que escorre do cérebro.

No meio do morticínio exulta a amazona Camila, que traz a aljava e um seio descoberto para melhor combater;... (pág. 189)

Camila vê surgir diante dela e deter-se, de súbito, aterrorizado ao vê-la, o guerreiro filho de Auno, habitante dos Apeninos, que não era o último dos ligúrios, enquanto os fados lhe permitissem enganar.[1] Vendo que já não pode escapar do combate pela fuga nem evitar a perseguição da rainha, trata de recorrer à fraude e à astúcia e diz: "Ainda que sejas mulher, como podes gabar-te, se fias no valor de teu corcel? Renuncia à fuga, e atreve a medir-te comigo em terra, de igual para igual,

1 Os ligúrios tinham fama de trapaceiros.

e prepara-te para um combate a pé: em breve saberás a quem será nefasta uma falsa glória." Disse; e ela, furiosa, ferida em seu orgulho, entrega o cavalo a uma companheira e espera o adversário, a pé, intimorata, tendo apenas a espada nua e o escudo sem emblema. O jovem, julgando vitoriosa a artimanha, sem perder tempo vira a rédea e calca as esporas[1] no cavalo veloz. "Ligúrio, impostor, em vão tens o coração exaltado com teu êxito, inutilmente tentaste, mentiroso, as trapaças de tua pátria e tua fraude não te levará incólume ao embusteiro Auno." Diz estas palavras a virgem e, veloz como o fogo, com os leves pés ultrapassa o cavalo em sua corrida e, detendo-o pelo freio, ataca de frente e vinga-se com um sangue que lhe é odioso: assim, e com a mesma facilidade, o açor, ave sagrada, precipita-se do alto de um rochedo sobre uma pomba que se eleva nas nuvens, segura-a e a despedaça com as garras aduncas, e as penas e o sangue se espalham pelo ar.

No entanto, o excelso genitor dos homens e dos deuses, sentado no cimo do Olimpo não contempla com indiferença o que se passa. Incita ao feroz combate o tirreno Tarchon e com poderosos aguilhões inflama-lhe a cólera. E eis que Tarchon avança com seu cavalo entre a carnificina e as colunas que recuam, estimula os guerreiros, com vários propósitos, chama cada um pelo nome, traz de novo à batalha os que foram dela expulsos: "Que medo, que covardia empolgou vosso ânimo, ó tirrenos insensíveis, à vergonha e indolentes? Uma mulher vos faz fugir em desordem e faz vossos esquadrões voltar as costas? De que valem este ferro, estes dardos inúteis que tendes nas mãos? Não vos mostrais tão indolentes para com Vênus e seus combates noturnos ou quando a recurvada flauta dá o sinal para os coros de Baco e reclamais as mesas repletas de iguarias e de copos; isso constitui o vosso prazer, a vossa preocupação, enquanto um favorável arúspice[2] anuncie um sacrifício e uma gorda vítima vos chame no fundo do bosque sagrado."

Assim tendo falado, lança o cavalo no meio da batalha, disposto a morrer ele próprio, e investe furioso contra Vênulo, desmonta-o, agarra-o e com seus braços possantes aperta-o fortemente de encontro ao peito. Um clamor sobe ao céu e todos os latinos voltam os olhos. Veloz como o fogo, Tarchon voa através do campo de batalha, levando o guerreiro e suas armas; depois, quebra o ferro da lança do próprio Vênulo e procura a parte desprotegida pela couraça para desferir o golpe mortal; por seu lado, o outro, resistindo, tenta afastar a mão que lhe aperta a garganta e opõe a força à força. Assim é quando uma fulva águia leva, voando a grande altura, uma serpente, enrolado em seus pés e segura por suas garras; a serpente ferida se contorce, arrepia as escamas e lança um silvo, lutando ferozmente; a ave, apesar de seus esforços, não a deixa de manter presa em seu bico recurvado; ao mesmo tempo, fere o éter com suas asas: assim Tarchon, triunfante, leva a presa arrebatada às hostes tiburtinas. Seguindo o exemplo de seu chefe, os meônios avançam. Então, condenado pelo destino, armado de um dardo, Arunte rodeia a veloz Camila, muito superior a ela em astúcia, e procura o meio mais fácil de atingi-la. Seja aonde for que vá a virgem, no meio da batalha, Arunte a segue e acompanha-lhe os passos em silêncio: quando ela se afasta e volta vitoriosa, o jovem afastava furtivamente seu fogoso corcel. Procura aproximar-se, ora daqui, ora dali, brandindo, traiçoeiro, o perigoso dardo.

---

1 Anacronismo. A espora não existia na idade heróica.
2 Isto é, que apresenta oráculos propícios.

Por acaso, Cloreu, consagrado a Cibele e outrora seu sacerdote, distinguia-se, ao longe, pelo fulgor de suas armas frígias, e incitava um cavalo coberto de espuma, arreado com peles de animais recamadas de ouro com lâminas de bronze imitando penas. Refulgente em sua púrpura escura estrangeira, lançava setas de Gortina com um arco lício; um arco de ouro retinia em seu ombro e tinha na cabeça um capacete de ouro; prendera com um broche de ouro fulvo a clâmide cor de açafrão e as dobras de linho fino que range, e eram bordadas a agulha a túnica e as polainas à moda bárbara. A virgem, seja para suspender em um templo as armas troianas, seja para se apresentar como caçadora com aquele ouro que conquistaria, cega a todo o resto da batalha, persegue apenas Cloreu, de todo incauta através dos combatentes, tomada de uma paixão feminil por aquela presa e seus despojos; Arunte, de emboscada, aproveita, então, a oportunidade para lançar o dardo e dirige esta prece aos deuses superiores: "Ó mais altos dos deuses, Apolo, guardião do Soracte sagrado, tu que adoramos antes de todos os outros deuses, tu para quem são acesas fogueiras de pinho e por quem nós, teus adoradores, confiastes em nossa devoção, caminhamos sobre brasas ardentes, no meio do fogo,[1] concede, ó pai onipotente, que seja apagada a vergonha de nossas armas. Não peço troféu nem despojo algum da virgem que abaterei: se cair às minhas mãos esse cruel flagelo, resigno-me a regressar sem glória à cidade natal." Febo ouviu-o e, em sua mente, resolveu acolher em parte o voto, deixando a outra dispersar-se nas auras: permitiu ao suplicante abater Camila apanhada de súbito pela morte; não admitiu, porém, que sua pátria o veja de volta; a tempestade levou suas palavras nos ventos.

Assim, quando o dardo partiu sibilando pelo ar, todos os volscos, com o coração atento, voltaram os olhos para a rainha. Ela nada percebe, nem o sibilo nem a arma que desce pelo ar. Crava-se o dardo abaixo do seio descoberto e penetrando fundo bebe seu sangue virginal. Acorrem pressurosas as companheiras e amparam a rainha que caía. Mais espantado do que todos os outros, Arunte foge, alegre e amedrontado ao mesmo tempo, não se atrevendo mais a confiar em sua lança e enfrentar os dardos da virgem. Assim como o lobo, antes que os dardos do inimigo o persigam, corre a esconder-se nas altas montanhas, por caminhos transversos, depois de haver matado um pastor e um grande novilho, e procura a selva, consciente da audácia e encostando no ventre a trêmula cauda: assim Arunte, assustado, fugiu dos olhares e sente-se feliz por se haver misturado no meio dos combatentes.

Camila, moribunda, tenta retirar o dardo; a farpa de ferro, porém, fica presa ao osso, no fundo da ferida, na ilharga. Ela desmaia, com a perda de sangue, amortecem-lhe os olhos tomados pelo frio da morte; suas faces perdem o colorido. Então, já expirando, se dirige a Aca, a companheira mais fiel e a única a quem confiava seus segredos: "Até aqui, Aca, minha irmã, pude resistir; agora a cruel ferida me mata e tudo, ao redor de mim, se enegrece com as trevas. Foge e leva a Turno esta última mensagem: que venha combater e afaste os troianos da cidade. E agora, adeus." E, ao mesmo tempo que dizia estas palavras, soltou as rédeas e caiu em terra, malgrado seu. Toda fria já, pouco a pouco se desprende do corpo, inclina o flexível pescoço e a cabeça de que a morte se apodera, larga as armas e, com um gemido, a vida indignada foge para a morada das sombras. Um clamor imenso eleva-

---

1 Era uma prática do culto dos *Hirpi Sorani*, sacerdotes de Apolo, deus de Soracte.

se, então, chegando até os astros dourados; torna-se mais encarniçado o combate com a morte de Camila. Investem em formação cerrada todas as forças dos teucros, os chefes tirrenos e as alas árcades de Evandro.

Entretanto, Ópis, a companheira de Diana, sentada há muito tempo no alto de um monte, contempla, imperturbável, a batalha. Quando viu, ao longe, no meio do clamor dos combatentes furiosos, Camila condenada à triste morte, deu um suspiro e do fundo do peito arrancou estas palavras: "Ah! foste punida, ó virgem, muito cruelmente punida, por teres ousado enfrentar os teucros no combate! Não te valeu teres, solitária, cultuado Diana nos bosques e trazeres nos ombros as nossas armas. Tua rainha, no entanto, não te abandonou sem honras no momento supremo; a glória de tua morte será conhecida pelas gentes e não se dirá que não foste vingada. Eis que aquele que violou teu corpo com um ferimento, receberá a merecida morte." Havia, no sopé de uma montanha, um enorme cômoro, túmulo do antigo rei laurenciano. Dercênio, sombreado por copada azinheira; ali se detém primeiro a linda deusa, depois de um rápido vôo, e, do alto do cômoro, espreita Arunte. E diz, logo que o vê, alegre de coração e repleto de vaidade[1]. "Por que vais para outro lado? Dirige para aqui os teus passos. Vem perecer aqui, recebendo o justo prêmio pela morte de Camila. Não deves tu também, vil mortal, perecer pelas armas de Diana?" Assim falou a ninfa da Trácia e, tirando da aljava de ouro uma seta veloz, encolerizada retesou o arco, distendendo-o muito, até que as duas extremidades se tocassem e que as mãos ficassem colocadas horizontalmente, a esquerda segurando a ponta de ferro e a direita encostando a corda ao seio. No mesmo momento em que Arunte ouviu o sibilo da seta e sentiu o deslocamento do ar, o ferro penetrou em seu corpo. Os companheiros abandonam-no na poeira ignota do campo de batalha, moribundo, a exalar o último suspiro; Ópis regressa voando ao etéreo Olimpo.

Tendo perdido sua rainha, a cavalaria ligeira de Camila é a primeira que foge; os rútulos foge em desordem, foge o impetuoso Atinas, os comandantes dispersados e os manípulos abandonados tratam de se pôr em segurança e, virando os cavalos, galopam para as muralhas. Ninguém consegue enfrentar o ataque dos teucros que trazem a morte consigo, lançando-lhes dardos ou esperando-os a pé firme; trazem os arcos frouxos nos ombros descaídos, e ferem o chão poeirento os cascos dos quadrúpedes. Um turbilhão de poeira, como uma nuvem negra, rola para os muros e, do alto das torres, as matronas esmurram os peitos e erguem gritos estridentes até os astros. Os que, correndo entram primeiro pelas portas abertas, são esmagados pela multidão dos inimigos que chegam e se misturam com sua debandada; não escapam a uma morte dolorosa e, crivados de ferimentos, exalam o último suspiro no próprio limiar da cidade, sob as muralhas da pátria e bem perto do asilo de seus lares. Outros fecham as portas; não se atrevem a abrir uma passagem aos companheiros nem recebê-los dentro dos muros apesar de suas súplicas; e começa a dolorosa matança dos que defendem a entrada de armas na mão e dos que se precipitam sobre essas armas. Detidos pelas portas fechadas, diante dos olhos lacrimosos dos pais, muitos rolam nos fossos a pique, empurrados pela multidão aterrorizada; outros investem cegamente, com toda a força, como aríetes, con-

1 No texto de Benoist, o verso 854 é: *Ut vidit laetantem animis ac vana tumentem.* No texto estabelecido por René Durand, o verso é: *Ut vidit fulgentem armis ac vana tumentem* e a tradução seria, neste caso: "logo que o vê, refulgente em suas armas e repleto de vaidade".

tra as portas e os rudes obstáculos de seus batentes. Do alto das muralhas, as próprias matronas, naquele momento supremo da guerra (o verdadeiro amor à pátria as inspira, como a Camila) atiram febrilmente dardos e, em vez do ferro, armam-se com estacas nodosas e azagaias endurecidas no fogo, avançam e anseiam por serem as primeiras a morrer para salvação das muralhas.

Entrementes, chega a Turno, na floresta, a terrível notícia, e Aca lança grande perturbação no espírito do jovem: as coortes dos volscos dizimadas, Camila morta, os inimigos avançando furiosos e, com o favor de Marte, senhores de todo o campo de batalha; o pânico já chega às muralhas. Ele, enfurecido como quer a determinação do implacável Júpiter, abandona as encostas que ocupava, sai do cerrado bosque. Mal desaparecera, e entrara na planície, o patriarca Enéias, penetrando no desfiladeiro assim desimpedido, galga a elevação e deixa a espessa floresta. Assim ambos se dirigem, rápidos, aos muros, seguidos por todas as suas tropas e somente são separados por uma longa distância. Ao mesmo tempo que Enéias avistou ao longe a planície fumegante de poeira e as hostes laurencianas, Turno reconheceu o implacável Enéias com suas armas e ouviu o ruído dos passos da infantaria e a respiração dos cavalos. Sem demora travariam combate e tentariam a sorte das armas, se o rosado Febo já não banhasse seus cavalos no mar ibérico e se o dia moribundo não estivesse trazendo a noite. Assentam acampamento diante da cidade e levantam fortificações.

Livro XII

Vendo que os latinos, abatidos pela adversidade, estão derrotados, que se exige agora que ele cumpra sua promessa e que todos os olhos se voltam para ele, Turno mais ainda se enfurece e seu valor se exalta. Assim, nos campos púnicos, gravemente ferido no peito por caçadores, o leão que somente então recorre a todas as suas armas, compraz-se em sacudir a juba sobre o forte pescoço, impávido quebra o dardo que lhe foi lançado traiçoeiramente e ruge com a boca sangrenta: assim cresce e se inflama o furor de Turno. Dirige-se, então, ao rei e tomado de cólera, assim começa: "Da parte de Turno não há hesitação; não há motivo para que os covardes companheiros de Enéias se retratem e se recusem a manter sua palavra. Marcharei para o combate; prepara o sacrifício, ó pai, e dita um tratado. Ou este braço mandará ao Tártaro o dardânio desertor da Ásia (que os latinos fiquem assentados e olhem) e sozinho repelirei com as armas as acusações que todos juntos me têm feito, ou, então, Enéias dominará os vencidos; Lavínia será sua esposa."

Responde-lhe Latino, de coração tranqüilo: "Denodado jovem, quanto mais te excedes em altiva coragem, tanto mais lícito me será ouvir as ponderações da prudência e pesar com cuidado todas as possibilidades. Tens o reino de teu pai Dauno, tens muitas cidades conquistadas pela tua bravura; e também Latino é rico e liberal.[1] Há no Lácio e nos campos laurencianos outras donzelas de origem nobre. Deixa-me expor, sem reticências, certos fatos penosos de serem revelados; guarda estas palavras no coração. Não me era lícito casar minha filha com qualquer dos antigos pretendentes, e isto me anunciavam todos os deuses e os homens. Vencido por minha afeição por ti, pelos laços de sangue[2] e pelas lágrimas de uma esposa aflita, rompi todos os vínculos; tomei de meu genro a filha prometida; peguei em armas contra a vontade divina. Depois disso, bem o vês, Turno, quantas desgraças se seguiram, a guerra, e quantas provações. Duas vezes vencidos em uma grande batalha, mal pode esta cidade acalentar as esperanças da Itália; as águas do Tibre ainda estão quentes com o nosso sangue e os ossos alvejam a imensidade da planície. Por que vario tanto? Que loucura me afeta a razão? Se, morto Turno, estarei disposto a fazer uma aliança com os troianos, por que não suspender os combates quando ele ainda está bem vivo? Que dirão os rútulos, do meu mesmo sangue, que dirá o resto da Itália (possa o Destino impedi-lo), se eu te expuser à morte, quando procuras minha filha e a aliança comigo? Pensa nos azares da guerra; tem piedade de teu pai já tão velho, saudoso e separado de ti, na longínqua Árdea." De modo algum estas palavras acalmam o furor

1 No original: *nec non aurumque animusque Latino est* "não faltam a Latino ouro e coração".

2 Amata era irmã da mãe de Turno.

de Turno; exasperam-no ainda mais e se irrita por tentarem acalmá-lo. Replica, logo que consegue falar: "Deixa, eu te peço, por mim, ó melhor dos reis, essa preocupação que tens comigo, e permite que eu pague pela glória o preço da morte. Também nós, ó pai, lançamos dardos e o ferro com o nosso braço, que não é débil, e o sangue corre das feridas que abrimos. A deusa sua mãe lá não estará para protegê-lo, na fuga, em uma nuvem bem digna de uma mulher, e ocultar-se ela própria em uma sombra vã."[1]

A rainha, porém, assustada com a nova situação da guerra, chorava e, prestes a morrer, procurava conter o ardoroso genro:

"Turno, por estas lágrimas, pela consideração que tens para com Amata, se tens alguma (tu, agora minha única esperança, único apoio de minha triste velhice; tens nas mãos a honra e o poderio de Latino e nossa casa ameaçada depende de ti) só te imploro uma coisa: desiste de enfrentar o teucro frente à frente. Seja o que for que te aguarde nesse combate, isso também me aguarda, Turno; deixaria, contigo, esta vida odiosa e não verei, cativa, Enéias como meu genro." Ouvindo o que dizia sua mãe, Lavínia inundou de lágrimas as faces ardentes; vivo rubor cobre-lhe o rosto e uma onda de calor percorre-lhe o corpo. Como o marfim da Índia colorido pela púrpura cor de sangue, como o lírio branco se enrubesce no meio de muitas rosas: assim se coloria o rosto da virgem. O amor perturba Turno, que prende os olhos na virgem; aumenta o seu ardor para o combate e diz estas poucas palavras a Amata: "Peço-te, ó mãe, poupar-me estas lágrimas e estes maus augúrios no momento em que vou para os duros embates de Marte; se o destino decidiu a sua morte, Turno não pode retardá-la.[2] Sê meu mensageiro, Idmon, e leva ao tirano frígio esta mensagem que não irá deleitá-lo: amanhã, quando Aurora enrubescer o céu, arrastada em seu carro cor de púrpura, que ele não leve os teucros contra os rútulos; que repousem as armas dos teucros e dos rútulos: decidiremos a guerra com o nosso sangue."

Tendo dito estas palavras, logo regressa à sua morada, pede seus cavalos e regozija-se ouvindo relinchar diante de seus olhos aqueles animais que Orítia oferecera, como homenagem a Piluno, e venciam a neve em alvura e os ventos em rapidez. Rodeiam-nos, diligentes, os cavalariços, afagando-lhes o peito e penteando-lhes as crinas. Ele próprio cinge uma couraça coberta de ouro e de branco oricalco; ao mesmo tempo, coloca a espada, o escudo e o capacete de penacho vermelho, a espada que o poderoso deus do fogo fizera ele próprio para seu pai, Dauno, e temperara na água do Estige. Empunha, em seguida, vigorosamente, uma forte lança que se achava encostada a uma enorme coluna, no meio do palácio, despojo do aurunco Actor, e vocifera, sacudindo-a: "Agora, ó lança para quem jamais apelei em vão, agora chegou o momento; o poderoso Actor empunhou-te, agora é a vez de Turno; faze com que eu abata o efeminado frígio e que meu braço robusto lhe arranque e lhe despedace a couraça e que eu arraste na poeira seus cabelos frisados a ferro quente e perfumados de mirra." Assim o agita o furor e todo o seu rosto ardente lança chispas; os olhos têm um brilho sinistro. Tal é o touro quando, preparando-se para o combate, lança mugidos aterradores, experimenta os cornos no tronco

---

1 Vã, porque não impediu que Diomedes ferisse Vênus.

2 Esta passagem, *neque enim Turno libera mortis,* era considerada pelo gramático Servius como um dos versos incompreensíveis da *Eneida.* A tradução foi feita de acordo com a interpretação de Benoist.

de uma árvore, desfecha chifradas contra o vento e preludia a luta levantando poeira com as patas.

Enquanto isto, não menos ameaçador, com as armas oferecidas por sua mãe, Enéias sente aguçado o ardor bélico e maior a sua ira, satisfeito em pôr fim à guerra nas condições oferecidas.[1] Acalma, então, os companheiros e os temores do desolado Iulo, lembrando-lhes os oráculos[2]; manda mensageiros levar ao rei Latino a resposta definitiva e estabelecer as condições de paz.

Na manhã seguinte, mal o dia nascente espalhava sua luz sobre as altas montanhas, à hora em que os cavalos do Sol se erguem das profundezas do mar e sopram a luz entre as narinas dilatadas, os rútulos e os teucros, sob as muralhas da grande cidade, já se preparam e medem o terreno para o combate. Erguem, no meio, as lareiras sagradas e os altares de relva para os deuses cujo testemunho invocarão igualmente. Outros trazem água da fonte e o fogo, trajando os saiotes dos imoladores e com a fronte cingida de verbena. Avança a legião dos ausônios, saem das portas os esquadrões armados de lanças. Por seu lado, acorre todo o exército troiano e tirreno, com armas variadas; estão cobertos de ferro como se chamados por Marte a uma luta feroz. No meio desses milhares de homens, passam os próprios chefes, soberbos de púrpura e de ouro, Mnesteu, da estirpe de Assaraco, e o valoroso Asilas, e Messapo, domador de cavalos, filho de Netuno. Quando, dado o sinal, cada um se retira para os seus limites, cravam suas lanças no chão e nelas encostam os escudos. Então, arrastados pela curiosidade, as matronas, a multidão desarmada e os velhos inválidos enchem as torres e os telhados das casas; outros ficam de pé no alto das portas.

Entretanto, Juno, do alto da elevação que hoje é chamada Monte Albano (e era então um outeiro anônimo sem honra e sem glória) contempla de longe o campo de batalha, os exércitos dos laurencianos e dos troianos e a cidade de Latino. Sem demora, a deusa assim fala à irmã de Turno, divindade que protege os paludes e os sonoros rios, e a quem o rei do éter Júpiter concedera essa honra em troca da virgindade que lhe roubara: "Ninfa, ornamento dos rios, que és tão grata ao nosso coração, bem sabes que, te preferi entre todas as latinas que compartilham o odioso leito do magnânimo Júpiter, e te reservei de boa vontade um lugar no céu: conhece tua desgraça, Juturna, e não acuses. Enquanto a Fortuna parecia admitir e as Parcas tolerarem o êxito dos latinos, protegi Turno e seus baluartes; agora vejo que aquele jovem enfrenta um destino superior ao seu[3] e que se aproxima o dia das Parcas e sua violência implacável. Não posso ver com meus olhos esse combate nem esse pacto. Se algo queres tentar em prol de teu irmão, apressa-te; convém que o tentes. Talvez um destino melhor aguardará o desventurado." Mal falara, Juturna desfaz-se em lágrimas e três a quatro vezes esmurra o lindo colo. "Não é ocasião para lágrimas, diz Juno, filha de Saturno; apressa-te e, se for possível, arranca teu irmão da morte; ou, então, incita a guerra e rompe o tratado concluído. Aconselho-te a ousar." Tendo assim a exortado, deixa-a hesitante e perturbada no espírito pela notícia dolorosa.

Entrementes, adiantam-se os reis:[4] Latino, de enorme estatura, le-

---

1 Isto é, por meio de um combate singular.

2 No original: *Fata docens*, literalmente: "ensina-lhes os destinos".

3 O destino de Enéias.

4 No original: *Interea reges*, "entrementes os reis", subentende-se *procedunt*, avançam ou adiantam.

vado por uma quadriga, com as têmporas cingidas por uma coroa de doze raios de ouro brilhante, símbolo do Sol, seu antepassado; Turno na biga puxada por dois cavalos brancos, empunhando duas lanças de grande ponta de ferro. Depois, o patriarca Enéias, origem da estirpe romana, cintilante com seu escudo constelado e suas armas celestes, e, com ele, Ascânio, a outra esperança da grande Roma; saindo do acampamento, todo vestido de branco, um sacerdote trouxe um leitão e uma ovelha de dois anos não tosquiada e os aproximou dos altares acesos.

O patriarca Enéias, origem da estirpe romana, cintilante com seu escudo constelado e suas armas celestes... (pág. 198)

Os reis, com os olhos voltados para o nascente, espalham a farinha ritual,[1] marcam com o ferro a cabeça das vítimas e fazem as libações com as soberbas páteras. Então o piedoso Enéias, de espada desembainhada, ergue a seguinte prece: "Que seja testemunha o Sol e esta terra que invoco e pela qual pude suportar tão grandes provações, e tu, Pai

1 Farinha misturada com sal que era espalhada sobre a cabeça das vítimas.

onipotente, e tu, sua esposa, filha de Saturno, que imploro me ser agora, sim agora, mais favorável; e tu, ilustre Marte, pai que com o teu poder moves todas as guerras; eu vos invoco, Fontes e Rios, e vós, todos os deuses do ar,[1] e vós, divindades do azulado mar: se o destino conceder a vitória ao ausônio Turno, os vencidos comprometem-se a voltar para a cidade de Evandro; Iulo abandonará o território; os companheiros de Enéias não pegarão em armas, rebelados, e não inquietarão mais este reino com o ferro. Se, porém, a Vitória consentir que Marte seja a nosso favor (como eu o creio, e que possa o poder divino confirmar!) não ordenarei aos ítalos que obedeçam aos troianos; não reivindicarei o reino para mim; que as duas nações invictas, submetidas a leis iguais, firmem uma perpétua aliança. Dar-lhes-ei meus ritos religiosos e meus deuses;[2] meu sogro Latino disporá da força militar, meu sogro terá o poder tradicional; para mim, os teucros levantarão muralhas e Lavínia dará seu nome à cidade."

Assim falou Enéias, em primeiro lugar; seguiu-se Latino, olhando para o céu e com o braço direito estendido para os astros: "Do mesmo modo, Enéias, juro pela Terra, pelo Mar, pelos Astros, pelos dois filhos de Latona, por Jano bifronte, pelo poder dos deuses infernais e pela morada sagrada do cruel Plutão: ouça-me também o Pai, que sanciona os tratados com o raio. Com a mão nos altares, juro por estes fogos colocados entre nós e as potências divinas: seja o que for que aconteça, tempo algum verá os italianos violar esta paz e este tratado; poder algum abalará minha vontade, ainda que inunde a terra com as ondas, trazendo o dilúvio, e que precipite o céu no Tártaro; assim como este cetro (sua mão direita segurava então o cetro por acaso) não mais ostentará ramos de tenras folhas nem dará sombra, desde que, separado do tronco na floresta, ficou privado de sua mãe e perdeu sob o ferro a cabeleira e os braços; árvore outrora, hoje cercado pela mão do artífice por um belo círculo de bronze, e oferecido como insígnia aos chefes latinos."

Com estas palavras firmavam eles o tratado, contemplados pelos próceres que os rodeavam. Depois, de acordo com o costume, sacrificam sobre as chamas os animais consagrados, arrancam as entranhas ainda palpitantes e enchem os altares de pratos repletos.

Desde muito tempo, porém, o combate parecia desigual aos rútulos e sentimentos diversos lhes agitavam o coração; sua preocupação aumenta ao verem mais de perto a disparidade das forças. Esse temor se agrava em face da atitude de Turno, que avança sem ruído e se inclina, diante do altar, de olhos baixos, como um suplicante, a fisionomia abatida[3] e a palidez cobrindo o rosto juvenil. Assim que sua irmã Juturna percebeu que aumentavam os murmúrios e hesitava o ânimo da multidão, tendo tomado a forma de Camerte, varão de família ilustre, cujo pai ilustrara o nome pela coragem e que era ele mesmo de grande valor nos combates, entra no meio das tropas, sabendo muito bem o que quer, espalha rumores variados e assim fala: "Não vos envergonhais, ó

---

1 No original *aetheris alto religio*, literalmente: "objeto sagrado do éter". Os latinos abrangiam com esta denominação geral todos os deuses que não podiam mencionar.

2 No original: *sacra deosque*. Trata-se da religião e do culto dos deuses nacionais, em particular de Vesta e dos Penates.

3 No texto de Benoist: *Tabentesque genae*, literalmente: "e as faces lânguidas". No texto de René Durand está: *pubentesque genae*, "faces com a penugem da adolescência", expressão muito pouco satisfatória no caso, sem dúvida alguma.

rútulos, de expor uma só vida por tantos bravos que somos? Não contamos com a igualdade do número e da força? Ei-los todos, os troianos e os árcades e a tropa mandada pelo destino,[1] da Etrúria hostil a Turno. Cada um de nós mal encontraria um adversário se a metade de nós combatesse.[2] Em verdade elevará sua glória até os deuses superiores aquele que se oferece junto de seus altares e sua fama será relembrada por todas as bocas; nós, porém, privados da pátria, teremos de obedecer a senhores soberbos nós que, agora, nos deixamos ficar inertes nos campos." Estas palavras inflamam cada vez mais o ardor da juventude e um murmúrio se faz ouvir entre as fileiras: mudaram os próprios laurencianos, os próprios latinos. Aqueles que já esperavam descansar da luta e ficar em segurança, agora querem armas, pedem que não se firme o tratado e compadecem-se do iníquo destino de Turno.

A isto Juturna acrescenta um estratagema mais poderoso, e do alto do céu lança um prodígio que não poderia ter sido mais adequado para perturbar e iludir o espírito dos italianos. Eis que a águia fulva de Júpiter persegue, no céu vermelho, as aves ribeirinhas e o bando ruidoso de velozes asas; de súbito, descendo sobre as águas, prende, sem dó, um cisne magnífico em suas garras aduncas. Os italianos ficaram atentos, e todas as aves fazem meia volta, soltando muitos gritos (coisa admirável!), escurecem o céu com suas asas e formando uma nuvem investem contra o inimigo no espaço, até que este, vencido pela força e pelo próprio peso da presa, deixa-a cair no rio e foge para o mais profundo das nuvens. Os rútulos saúdam, então, esse augúrio com grande clamor e se preparam para pegar em armas,[3] e o primeiro que fala é o áugure Tolúnio: "Eis o sinal que, em minhas orações, tanto pedi; aceito-o, e reconheço o deus. Tendo-me como guia, empunhai as armas, desventurados que um desleal estrangeiro amedronta com a guerra, como aves desprotegidas, e arruína pela força vosso litoral. Ele há de fugir e dará de vela pela imensidade do mar. Vós, unânimes, cerrai fileiras e, lutando, defendei o rei que vos querem arrebatar."

Disse, e, correndo em direção aos inimigos, atirou contra eles um dardo; a arma corta os ares silvando e avança no rumo certo. Ao mesmo tempo, eleva-se enorme alarido, a agitação espalha-se por toda a parte e todos os corações se perturbam. Voando, o dardo chega por acaso onde se encontravam nove irmãos de grande beleza, que a fiel esposa tirrena dera ao árcade Gilipo, um dos quais é atingido no meio do corpo, no lugar em que o boldrié se ajusta ao ventre e a fivela prende as duas partes, e atravessa as costelas do belo jovem de armas refulgentes e o estende na fulva areia. Então os irmãos, falange ardorosa e instigada pela dor, empunham, uns suas espadas, outros seus dardos de ferro, e investem como cegos. As hostes dos laurencianos fazem-lhes frente; do outro lado, avançam em cerradas fileiras, os troianos, os etruscos e os árcades de armas pintadas. Um só desejo empolga todos, o de pegar em armas. Arrancam-se dos altares os tições ardentes (uma agitada nuvem de dardos percorre o céu inteiro e cai uma tempestade de ferro) e são levadas as crateras e os fogões. Foge o próprio Latino, levando os deuses, ultrajados com a violação do pacto. Alguns

1 *Fatales manus:* a tropa mandada pelos etruscos, que a vontade do Destino colocara ao lado de Enéias.
2 Em outras palavras: somos quase duas vezes numericamente superiores ao inimigo. No original: *alternani si congrediamur,* "se um em cada dois combatêssemos".
3 No original: *expediunt manus,* literalmente: "desembaraçam as mãos".

atrelam os carros ou cavalgam, de um pulo, os corcéis e desembainham as espadas.

Messapo, ansioso por violar o tratado, atira seu cavalo contra o tirreno Auleste, rei e que trazia as insígnias de rei; o desventurado recua, cai e rola com a cabeça e os ombros sobre os altares. O ardoroso Messapo investe contra ele, de lança em riste, e, apesar de suas súplicas de cima do cavalo o fere brutalmente com a arma enorme, exclamando: "Tem a sua conta, eis uma vítima que há de ser bem mais agradável aos deuses." Acorrem os italianos e despojam o corpo ainda quente. Corineu tira do altar um tição inflamado e, quando Ebuso avançava para atacá-lo, ultrapassa-o e atira-lhe o fogo ao rosto; a enorme barba incendeia-se e desprende um cheiro de chamusco; Corineu, investindo, agarra o outro pelos cabelos com a mão esquerda, põe-lhe o joelho no peito e oprime-o contra a terra e, nessa posição, crava-lhe a espada na ilharga. Podalírio, com a espada desembainhada, persegue o pastor Also, que, através dos dardos, acorrera à primeira fila; o outro, porém, virando a machadinha, abre-lhe pelo meio a fronte e o queixo e o sangue escorre e molha largamente as armas. Um triste repouso, um sono de ferro pesa sobre as pálpebras de Podalírio; seus olhos fecham-se para a noite eterna.

O piedoso Enéias, porém, estendia as mãos desarmadas, com a cabeça descoberta, e chamava os seus, em altos gritos: "Aonde correis? Que repentina discórdia é esta? Dominai a ira! O tratado já está concluído e todas as condições estabelecidas; cabe somente a mim o direito de combater; deixai-me e ponde de lado todo o temor; garantirei com o meu braço o cumprimento do pacto; estas cerimônias sagradas asseguram-me Turno." No momento em que elevava a voz e dizia tais palavras, fere-o uma sibilante seta; ignora-se que mão a lançou, que força a dirigiu, quem permitiu que os rútulos conquistassem tal vantagem, se foi o acaso ou um deus; ninguém se ilustrou pela glória desse feito, ninguém se vangloriou de haver ferido Enéias.

Turno, ao ver Enéias deixando as fileiras e os chefes perturbados, sentiu-se exaltado por súbita esperança; pede ao mesmo tempo os cavalos e as armas, sobe, soberbo, de um pulo, ao carro e toma as rédeas. Volteando, lança à Morte inúmeros guerreiros valorosos; deixa muitos outros moribundos, esmaga os soldados com o carro e criva os fugitivos de dardos. É assim quando o sanguinário Marte avança sobre as águas geladas do Hebro, retinindo o escudo, e, desencadeando a guerra, incita os fogosos cavalos: eles voam pela planície descoberta, adiantando-se aos Notos e ao Zéfiro; os confins da Trácia gemem sob seus cascos; em torno dele, agita-se o séquito do deus, o Medo, de feições sombrias, as Iras e a Traição: assim o destro Turno investe com seus cavalos cobertos de suor, fazendo-os saltar, cruelmente desafiador, sobre os cadáveres inimigos; os velozes cascos espargem um orvalho vermelho e pisam uma areia misturada com sangue. Já entregou à Morte Etenelo, Tamiro e Folo, os dois primeiros de perto e o outro de longe; de longe mata os dois filhos de Imbraso, Glauco e Lades, que o próprio Imbraso criara na Lícia e aparelhara com armas semelhantes, para combaterem a pé ou para, a cavalo, ultrapassarem os ventos.

Em outra parte, atira-se à batalha Eumenes, filho, ilustre na guerra, do velho Dólon, que tinha o nome do avô, mas o coração e o braço do pai, que, outrora, para penetrar como espião no acampamento dos gregos, atreveu-se a pedir como recompensa o carro do filho de Peleu; o filho de Tideu, porém, lhe deu outra recompensa e ele não aspira mais,

agora, os cavalos de Aquiles.[1] Quando Turno o vê ao longe no campo aberto, atira primeiro contra ele, à distância, um leve dardo, detém os dois cavalos e desce do carro, debruça-se sobre o adversário moribundo e, firmando o pé em seu pescoço, arranca-lhe o gládio com a mão direita e crava-o na garganta, dizendo: "Medirás com o teu próprio corpo, troiano, os campos da Hespéria que vieste conquistar na guerra: este é o prêmio que recebem aqueles que se atrevem a levantar suas armas contra mim; assim erguem as muralhas." Dá-lhe como companheiros, a lançadas, Butes, Cloreu, Sibáris, Dares, Tersiloco e Timestes, que caíra de bruços do cavalo espantado. Assim como o sopro do Bóreas ressoa sobre o soberbo Egeu e as ondas correm até a praia e as nuvens fogem no céu, levadas pelo vento: assim Turno, diante do qual, em qualquer lugar onde ele abra passagem, recuam as tropas e fogem os combatentes; a impetuosidade o arrasta e em seu carro deixa a brisa agitar o penacho que voa. Fegeu não suporta tanto encarniçamento e tanta fúria; atira-se em frente ao carro, segura com a mão direita a cabeça dos velozes cavalos cujos freios estão cobertos de espuma e os desvia. Enquanto é arrastado, pendurado ao jugo, descoberto, a grande lança o atinge, atravessa a couraça de malha de dois fios, nela se prendendo, e produz um ferimento ligeiro. Ele, porém, protegendo-se com o escudo, volta-se e investe contra o inimigo, de espada desembainhada, pedindo ajuda: as rodas e o eixo do carro, em seu curso rápido, atiram-no por terra de bruços, e Turno investe contra ele, fere-o entre a parte baixa do capacete e a parte alta da couraça, corta-lhe a cabeça e deixa o corpo estendido na areia.

E, enquanto Turno, vitorioso, espalha a morte no campo de batalha, Mnesteu, e o fiel Acates, juntamente com Ascânio, levam para o acampamento Enéias coberto de sangue e que se apóia na comprida lança cada vez que pisa com a perna ferida.[2] Irritado, ele procura arrancar a seta, que se quebrou, e pede para ser socorrido sem tardança: que se abra o ferimento com uma grande espada, até no fundo onde se encontra a ponta da seta e que ele seja restituído ao combate. Já se achava presente Iápis, filho de Iaso, preferido entre todos de Febo, e ao qual Apolo, dominado, outrora, por um amor ardente, queria, de boa vontade, oferecer suas artes, seu dom de augurar, sua cítara e suas setas velozes.[3] Ele, porém, para prolongar os dias de seu pai, em estado desesperador,[4] preferiu conhecer a virtude das ervas e a arte de curar e exercer sem glória um mister obscuro.[5] Enéias estava de pé, cheio de impaciência, apoiado na lança, entre muitos jovens e perto de Iulo muito aflito, mas ele próprio insensível às lágrimas. O velho, com o manto levantado à maneira de Peon, em vão recorre à sua habilidade às ervas poderosas de Febo; em vão procura com a mão a ponta da seta e tenta arrancar o ferro com uma forte pinça. A Fortuna não lhe dirige os passos, e seu mestre Apolo não lhe vem em socorro; enquanto isto a matança prossegue cada vez maior no campo de batalha, e o flagelo se aproxima. Já se avista no céu uma espessa massa de poeira; a

---

1 Não é de modo algum lisonjeiro o papel que Homero atribui a Dolon no episódio, descrito no Livro X da *Ilíada*.

2 No original: *Alternos longa nitentem cuspide gressus,* literalmente: "apoiando os passos alternativos na comprida lança".

3 Apolo aparece aqui sob seus quatro aspectos: médico, profeta, músico e arqueiro.

4 No original: *depositi... parentis,* "do pai... depositado". Alusão, segundo o comentarista Servius, ao costume antigo de "depositar", isto é, expor em via pública, os enfermos em estado desesperador.

5 A medicina era uma arte obscura porque não dava fama aos que a praticavam.

cavalaria avança e faz cair no acampamento uma densa chuva de dardos. Ouve-se subir pelos ares o doloroso clamor dos jovens que combatem e que caem às mãos do implacável Marte.

Então, Vênus, comovida com o imerecido sofrimento do filho, vai, maternalmente, colher no Ida de Cetra o ditamo cuja haste é envolta de tenras folhas e coroada com uma flor cor de púrpura (esta planta não é desconhecida dos cabritos monteses quando as velozes setas os atingem no dorso): Vênus, com o corpo rodeado por uma nuvem escura, leva o ditamo; mistura-o com água do rio guardada em uma bacia de brilhante contorno e lhe transmite uma virtude misteriosa, derramando os salutares sucos da ambrósia e uma panacéia odorífera. O velho Iápis banha o ferimento com essa mistura cujo poder ignora: de súbito, naturalmente, toda a dor foge do corpo; estanca-se o sangue que escorria do fundo da chaga. Em pouco sai a seta, acompanhando a mão sem qualquer esforço e volta o antigo vigor. "Armas, trazei sem demora as armas do guerreiro! Que esperais?" grita Iápis, que é o primeiro a incitar o coração de Enéias contra o inimigo. "Este resultado não foi alcançado pelos recursos humanos nem pela minha arte consumada e a minha mão não te valeu, Enéias; um deus exerce ação mais poderosa e te chama a maiores façanhas."

Enéias, ansioso por combater, já havia colocado as grevas de ouro em ambas as pernas, e, maldizendo qualquer atraso, agita a lança. Depois de haver ajustado o escudo e a couraça, abraça Ascânio e beijando-o de leve sob o capacete, assim fala: "Aprende comigo, meu filho, a virtude e o esforço que merece a verdadeira glória,[1] aprenderás com outros a fortuna. Hoje, na guerra, meu braço te defenderá e te conduzirá entre grandes recompensas. Trata de lembrar-te, quando chegares à maturidade, e que te animem os exemplos de teu pai Enéias e de teu tio Heitor." Assim tendo falado, saiu, gigantesco, das portas, sacudindo na mão a lança enorme; ao mesmo tempo que ele, investem, com fileiras cerradas, Anteu e Mnesteu e toda a multidão avança, deixando o acampamento. A planície desaparece, então, sob a poeira e a terra abalada treme sob os pés dos guerreiros.

De uma fortificação em frente, Turno os avista, os ausônios avistam-os e corre-lhes até os ossos um arrepio de frio. Antes de todos os latinos, Juturna ouve e reconhece o rumor e foge, trêmula. Enéias investe e arrasta consigo, na planície descampada, as escuras colunas. Assim como uma nuvem, quando irrompe a tempestade, percorre o meio do mar no rumo da terra (ai dos infortunados lavradores que cheios de horror a pressentiram de longe! ela derrubará as árvores e destruirá as searas; tudo ruirá em larga extensão) e os ventos sopram do alto-mar para o litoral: assim o chefe troiano lança suas hostes contra o inimigo; todos se agrupam em formação cerrada. Timbreu abate com a espada o pesado Osíris, Mnesteu abate Arcétio, Acates mata Epuloneu e Gyas mata Úfens; cai o próprio áugure Tolúnio, o primeiro a lançar um dardo contra o inimigo que se achavam diante dele. Sobe até o céu o alarido, e os rútulos, virando as costas por sua vez, fogem pelos campos, levantando muita poeira. Enéias não se digna de matar os fugitivos, nem persegue os que esperam para enfrentá-lo de perto ou lhe atiram dardos de longe; Turno é o único que procura na escuridão, o único que desafia para o combate.

Abalada diante do perigo, a viril Juturna empurra o cocheiro Metisco, que segurava as rédeas, e o deixa atrás dela, caído no timão: ela

---

1 No original: *verum laborem*, o trabalho verdadeiro, capaz de assegurar a glória.

própria toma o seu lugar, com a voz, o corpo e as armas de Metisco. Como a negra andorinha voa pelo grande palácio de um senhor opulento e raspa com suas asas os altos átrios a procura de alimento para os chilreantes filhotes; e ora se ouve seu grito nos pórticos vazios, ora em torno dos frescos tanques: assim Juturna, que os cavalos carregam no meio dos inimigos, percorre toda a extensão no veloz carro, e mostra ora aqui, ora ali, o irmão triunfante, sem permitir que ele lute com Enéias frente à frente; foge para longe, fazendo voltas. Enéias, por seu lado, faz inúmeros rodeios para encontrá-lo, segue seus traços e o chama em altas vozes no meio dos combatentes dispersos. Todas as vezes que seus olhos avistam o inimigo e que tenta alcançar na fuga os alípedes cavalos, Juturna rapidamente muda a direção do carro. Ah, que fazer? Em vão ele vai de um sentimento a outro com o espírito arrastado por preocupações contraditórias. Messapo, que correndo destramente, guardara, por acaso, dois flexíveis dardos, com ponta de ferro, empunha com força um deles e o atira com segurança. Enéias detém-se e curva-se, protegendo-se com o escudo e dobrando os joelhos; o dardo passa, atingindo o alto do capacete e arrancando a parte superior do penacho. Ele é tomado, então, por viva cólera, e enfurecido pelo ataque insidioso, ao ver levados para longe os cavalos e o carro, invoca muitas vezes o testemunho de Júpiter e dos altares fiadores do pacto violado, penetra no meio das fileiras inimigas e, com o beneplácito do terrível Marte, executa, sem discriminação, feroz matança e solta de todo as rédeas ao furor.

Que deus, agora, contará, em meus versos, tantos horrores, tantas matanças em pontos opostos e as mortes dos chefes que, em toda a planície, perseguiam ora Turno, ora o herói troiano? Tanto te agradou, Júpiter, ver entrechocarem-se nações que deveriam viver em paz eterna?

Enéias, sem perder muito tempo, fere na ilharga o rútulo Sucro (este primeiro combate fez se deterem os teucros que fugiam) e, onde a morte é mais rápida, mergulha a sangrenta espada entre as costelas protetoras do peito. Turno combate a pé Amico, desmontado, e seu irmão Diores; fere um que avança contra ele com sua comprida lança, quando avançava contra ele, e o outro com a espada, e corta e pendura em seu carro as cabeças dos dois, e as leva escorrendo sangue. Enéias, de uma só vez, envia à Morte Talon, Tanais e o valoroso Cetego e, com eles o desventurado Onítis, filho de Echion e Perídia; Turno mata dois irmãos vindos da Lídia e dos campos de Apolo e o jovem Mentes que em vão odiou a guerra; árcade, exercia seu mister junto às águas piscosas do lago de Lerna e, filho de uma casa pobre, ignorava as honrarias dos poderosos, e seu pai cultiva a terra como rendeiro. Assim como vindo de pontos opostos o fogo devora uma ressequida floresta e os arbustos de loureiros crepitantes; ou assim como, descendo com rapidez do alto das montanhas, os torrentosos rios fazem ouvir seu ruído e correm para a planície, depois de haverem tudo devastado no caminho: assim também, não menos impetuosos, Enéias e Turno avançam no meio da batalha: a cólera referve mais que nunca dentro deles; seus corações são por ela arrebatados; correm, com todas as suas forças, a derramar sangue. Murrano blasonava-se de seus antepassados e dos velhos nomes dos reis latinos de que descendia sua família: Enéias, fazendo girar uma enorme pedra, pedaço de um rochedo, arranca-o do seu carro e o atira ao chão; as rodas o fazem cair embaixo das rédeas e do tijugo; no mesmo instante, ele é pisado pelos cascos rápidos dos cavalos que já não reconhecem o dono. Turno corre ao encontro de Hilo, que avançava tomado de formidável fúria, e atira-lhe um dardo na

fronte recoberta de ouro: a ponta, atravessando o capacete, fica cravada no cérebro. Teu braço não te livrou de Turno, ó Creteu, mais valoroso dos gregos; nem os deuses protegeram Cupenco contra o ataque de Enéias: ofereceu o peito ao ferro e o escudo de bronze não protegeu o infortunado. A ti, também, Eólo, os campos laurencianos viram-te sucumbir e cobrir com teu corpo grande espaço da terra; foste morto, o que não haviam conseguido as falanges gregas, nem Aquiles destruidor do reino de Príamo; aqui terias de morrer[1]: tinhas uma morada soberba no sopé do Ida: uma morada soberba em Lirnessa; na terra laurenciana teu sepulcro. Os exércitos voltaram-se, então, inteiramente um contra o outro, todos os latinos, todos os dardânios, Mnesteu e o impetuoso Seresto, e Messapo, domador de cavalos, e o valoroso Asilas, a falange dos tuscos, a ala árcade de Evandro: cada um por si, os guerreiros empenham-se com todas as forças; não há atraso, nem descanso; a batalha generaliza-se.

Então, a formosíssima mãe de Enéias enviou-lhe a idéia de avançar para os muros e levar mais depressa o exército para a cidade, e perturbar os latinos com um flagelo inesperado. Quando, procurando Turno no meio das hostes adversas, passeava o olhar em torno, ele avistou a cidade livre de tão grande guerra e impunemente sossegada. Sem demora, veio-lhe ao espírito a idéia de uma luta mais importante; chama os comandantes, Mnesteu. Sergesto e o valoroso Seresto, e sobe a um cômoro, para onde acorre o resto da legião dos teucros; em formação compacta, não depõem os escudos e as lanças. De pé, no meio deles no alto cômoro, Enéias fala: "Que minhas ordens sejam executadas sem demora: Júpiter nos favorece; que ninguém deixe de seguir-me com presteza, embora seja inesperado o empreendimento. Hoje destruirei aquela cidade, causa da guerra, e o próprio reino de Latino, e arrasarei seus tetos fumegantes, se os inimigos se negaram a se submeter e, vencidos, sofrer o nosso jugo. Com efeito, conviria esperar que Turno se dispusesse a medir forças conosco e aceitar outra vez a luta depois de derrotado? Ali, cidadãos, começou e ali deverá terminar uma guerra nefanda; trazei, depressa, tochas e com as chamas exigi o cumprimento do pacto."

Disse; e todos, possuídos da mesma disposição, formam uma cunha e avançam em fileiras cerradas para os muros. Imediatamente, surgem escadas e irrompe o fogo. Uns correm às portas e trucidam os primeiros inimigos que aparecem; outros lançam dardos de ferro que escurecem o ar. O próprio Enéias, na primeira fila, estende o braço direito para as muralhas e, em altas vozes, acusa os latinos, e toma os deuses por testemunhas de que é obrigado a combater, que duas vezes os ítalos o atacaram e duas vezes violaram o tratado. Surge a discórdia entre os agitados cidadãos: uns se dispõem a abrir as portas aos dardânios a acolher o próprio rei dentro das muralhas; outros pegam em armas e vão defender os muros. Assim é quando um pastor descobriu um enxame na cavidade de um rochedo, e o enche do molesto fumo, e as abelhas agitam-se desordenadamente no interior de seus baluartes de cera e mostram sua cólera com fortes zumbidos; um cheiro desagradável invade suas moradas; então, ouve-se um murmúrio abafado na cavidade da pedra, e a fumaça sobe pelo ar vazio.

E eis que um novo infortúnio cai sobre os fatigados latinos e abala-se toda a cidade com o luto. A rainha, vendo, do alto do palácio, o inimigo aproximar-se, os muros assaltados, o fogo voando sobre as

---

1 *Hic tibi mortis erant metae,* "aqui estava para ti o termo da morte".

casas, sem que as hostes dos rútulos as defendam e sem se ver qualquer força de Turno, acredita, a desventurada, que o jovem morrera no combate e, com o espírito perturbado de súbito pela dor, grita que é ela a causa, a origem de todos os males e a responsável por eles, e depois de haver-se entregue à fúria de sua dor, disposta a morrer, rasga com as próprias mãos seu manto de púrpura e suspende a uma alta trave o nó corredio que lhe dá morte horrível. As latinas logo tomam conhecimento da sorte da desventurada; sua filha Lavínia é a primeira a arrancar os louros cabelos e arranhar as róseas faces, depois, em torno, a turba se entrega a manifestações de desespero; o palácio ressoa, em grande extensão, com os seus lamentos. Dali, a notícia da desgraça corre por toda a cidade. Abatem-se os espíritos; com as vestes despedaçadas, avança Latino, desvairado com a morte da esposa e a ruína da cidade, sujando na poeira imunda os cabelos brancos.

Entrementes, o guerreiro Turno, na extremidade da planície, perseguia alguns poucos inimigos esparsos, mas já se mostra mais lento e o vigor dos cavalos o vai satisfazendo cada vez menos. O vento lhe traz um confuso clamor feito de gritos cuja causa ignora. "Ah! Que grande dor provocará essa agitação entre as muralhas? Que será esse grande clamor que se ergue na cidade?" Assim fala e, perturbado, puxa ele próprio as rédeas e detém-se; sua irmã, que sob a forma do cocheiro Metisco, conduzia o carro e os cavalos e empunhava as rédeas, assim lhe fala: "Por aqui, Turno, persigamos os troianos do lado onde a vitória se apresentou primeiro; há outros que podem defender nossas casas, de armas na mão. Enéias acomete os ítalos e desencadeia os combates; lancemos, também, com fúria, a morte entre os teucros. Não matarás menos nem terás menos glórias." Replica Turno: "Ó minha irmã, pois te reconheci desde que, com teus artifícios, violaste o pacto e provocaste a guerra, e ainda agora não me iludes, embora deusa. Mas quem te enviou do Olimpo, impondo-te tão grandes provações? Foi para assistires à morte dolorosa de teu irmão? Que fazer? Que salvação posso esperar da Fortuna?[1] Vi, diante de meus olhos, chamando-me em altas vozes, Murrano, que me era mais caro que qualquer outro, morrer, guerreiro formidável vencido por ferimento formidável. O desventurado Ufens morreu para não ver a nossa vergonha; os teucros estão de posse de seu cadáver e de suas armas. Resignar-me-ei (é a única coisa que falta) a deixar incendiar as nossas casas? Não refutarei com meu braço as palavras de Drances? Volto as costas e esta terra verá Turno fugitivo? Por acaso morrer será tamanha desgraça? Amparai-me, ó Manes, já que me é adversa a vontade dos deuses superiores! Descerei para vós com a alma pura, ignorando a culpa, jamais tendo sido indigno de meus grandes antepassados."

Mal dissera estas palavras, Saces surge correndo no meio dos inimigos, em um cavalo coberto de espuma, ferido por uma seta no rosto e se precipita, implorando a Turno: "Turno, repousa em ti a única esperança de salvação; tem compaixão dos teus. Enéias nos fulmina com suas forças, ameaça abater as altas cidadelas da Itália e tudo aniquilar; archotes inflamados já estão caindo em nossas casas. É para ti que os latinos se voltam, é para ti que dirigem o seu olhar; o próprio rei Latino pergunta baixinho que genro chamará, para que o pacto se voltará. Além disso, a rainha, que te era fidelíssima, matou-se com as suas próprias mãos e atemorizada, fugiu da luz do dia. Diante das portas, apenas

1 No original: *quae jam spondet Fortuna salutem?* "que Fortuna promete a salvação?"

Messapo e o impetuoso Atinas enfrentam as hostes inimigas; em torno deles, por todos os lados, combatem cerradas falanges e uma seara de ferro levanta seus gládios desembainhados: e tu fazes correr teu carro em um campo deserto!"

Perplexo com todas essas notícias que lhe eram trazidas confusamente, Turno fica em silêncio, com os olhos fixos; ferve no fundo do seu coração uma vergonha imensa, a cólera misturada com a dor, um amor agitado pela fúria e a consciência de sua coragem. Desde que as sombras se dissiparam e a luz voltou ao seu espírito, agitado volta para as muralhas os olhos ardentes e do alto do carro contempla a grande cidade. Eis que, nesse momento, um turbilhão de chamas, passando de andar para andar, subia ondulando para o céu e envolvia uma torre que o próprio Turno construíra com traves bem ajustadas e que ele montara sobre rodas e aparelhara com pontes elevadas. "Agora, minha irmã, agora os fados triunfam; não me retardes mais: vamos aonde nos chamam a divindade e a implacável Fortuna. Estou decidido a enfrentar Enéias, estou decidido a sofrer tudo que tem a morte de cruel; não me verás desonrado por muito tempo mais, minha irmã. Antes de morrer, imploro-te, deixa-me saciar o meu furor." Disse, e, de um pulo, desce do carro e, através dos inimigos, através dos dardos, abandonando a desolada irmã, corre no meio das fileiras. Assim como, quando um rochedo cai a pique do alto de uma montanha, arrancado pelo vento, ou rola empurrado por uma chuva muito forte, ou se desprende minado pela velhice, com a passagem dos anos; este pedaço de montanha, arrastado violentamente, leva consigo as florestas, os rebanhos e os homens: assim Turno corre para os muros, através das hostes desbaratadas, onde a terra está empapada do muito sangue derramado e o ar ressoa com o sibilo das setas; faz um sinal com a mão e diz, ao mesmo tempo, gritando: "Cessai, sem demora, rútulo; e vós, latinos, detende as armas; seja qual for a Fortuna, ela me pertence; compete a mim expiar por vós o pacto iniciado e decidir com minha espada." Todos afastaram-se e fizeram espaço no meio.

Entretanto, o patriarca Enéias, ouvindo o nome de Turno, deixa os muros e os altos baluartes, apressa-se e, exultante de júbilo, retine as terríveis armas: tão grande quanto Atos, tão grande quanto Érix ou como o próprio Pai Apenino, quando ruge com seus robles resplandecentes ou quando se compraz em erguer ao vento os cumes cobertos de neve.[1] Já os rútulos e os troianos e todos os ítalos voltam para eles os seus olos, tanto os que ocupavam altos baluartes como os que abalavam as muralhas com o aríete, todos deixaram as armas que traziam nos ombros.[2] O próprio Latino espanta-se de ver os dois gigantescos varões, vindos das partes opostas do orbe, enfrentarem-se de armas na mão.

Os dois, desde que o campo foi evacuado, deixando-lhes espaço livre, investindo com rapidez, tendo atirado fora as lanças, travam combate, fazendo retinir os escudos de bronze. A terra geme; eles se atacam ferozmente com as espadas; o acaso e o valor se confundem. É assim quando, no enorme bosque de Sila ou no cume do Taburno, dois touros investem um contra o outro, com os chifres para a frente, e os pastores hesitam amedrontados; toda a manada fica em silêncio, com

1 Atos e os Apeninos são montanhas bem conhecidas. O Erix é um monte da Sicília, hoje *Castel San Giuliano*.

2 Os escudos.

medo, e as novilhas imaginam qual dos dois sairá vitorioso[1] e será seguido por todo o rebanho; os touros, furiosos, trocam entre si muitos golpes, dão chifradas violentas e o sangue lhes banha em grande extensão o pescoço e as espáduas; o bosque inteiro retumba com os mugidos: assim entrechocam seus escudos o troiano Enéias e o herói daniano; sobe ao céu um enorme fragor.

O próprio Júpiter segura uma balança com o fiel equilibrado[2] e nela coloca os destinos adversos dos dois campeões, para saber quem será condenado pela prova, quem se vergará sob o peso da morte. Turno investe, então, julgando-se protegido, e erguendo todo o corpo, levanta a espada e desfecha uma cutilada. Gritam os troianos e os latinos, trêmulos, e paralisam-se ambas as tropas. A pérfida espada quebra-se, porém, e abandona no meio o ardoroso guerreiro; não há outra ajuda senão a fuga. Ele fugiu mais veloz que Euro, desde que se vê desarmado, tendo na mão um copo de espada desconhecido. É fama que, no começo do combate, ele na sua precipitação de subir à biga, deixou de lado a espada paterna e pegou o gládio do cocheiro Metisco; por muito tempo este lhe foi suficiente, enquanto os amedrontados teucros lhe voltavam as costas; quando teve de enfrentar as armas divinas de Vulcano aquela espada de um mortal quebrou-se com a pancada como o frágil vidro; seus pedaços rebrilham na fulva areia. Desvairado, Turno foge, então pela planície, fazendo voltas: correndo daqui para ali, descreve círculos incertos; em verdade, os teucros o cercam em cerrada fileira e ali há um vasto pântano e mais adiante envolvem-no as altas muralhas.

Enéias não deixa de persegui-lo, embora, retardados pela seta[3] seus joelhos o impeçam, algumas vezes, e retardem a marcha, e, em seu ardor, empurra com seu pé o do fugitivo: assim o cão de caça, quando surpreende um cervo detido por um rio ou por um espantalho de penas vermelhas,[4] o persegue com seus avanços e latidos; o cervo, amedrontado com a armadilha e com o alto barranco, vai e vem, fugindo, por mil caminhos; o ardoroso úmbrio,[5] porém, aproxima-se, de goela escancarada, vai apanhar a caça em breve e, como se já a tivesse apanhado, move a mandíbula, mordendo em vão. Eleva-se, então, um grande clamor que ecoa, nos rios e lagos das redondezas e todo o céu retumba com o alarido. Fugindo, Turno censura todos os teucros, chama-os pelos nomes e reclama sua espada bem conhecida. Enéias, por seu lado, ameaça de morte, de extermínio imediato, quem quer que se aproxime; atemoriza os trêmulos rútulos, ameaçando arrasar a cidade e persegue o outro, embora ferido. Cinco vezes fazem eles a volta em sua corrida e outras tantas vêm em sentido contrário; não é, em verdade, um prêmio frívolo, como o dos jogos públicos, que disputam; estão em jogo a vida e o sangue de Turno.

Por acaso, crescia naquele lugr uma oliveira silvestre de folhas amargas consagrada a Fauno, árvore de há muito venerada pelos nautas, que, salvos das ondas, costumavam ali colocar oferendas ao deus laurenciano e suspender suas vestes como cumprimento de promessas;

---

1 *Quis nemori imperitet,* "quem irá reinar no bosque".

2 No original: *duas aequato examine lances,* "dois pratos de balança com o fiel equilibrado".

3 Isto é, pelo ferimento causado pela seta.

4 Era um espantalho usado pelos romanos nas caçadas. Virgílio também a ele se refere no verso 372 do Livro III das *Geórgicas.*

5 O cão da Úmbria.

os teucros, porém, sem fazer discriminação, haviam abatido aquele tronco sagrado para alargar o campo do combate singular. Ali se encontra a lança de Enéias; ali ele impetuosamente a cravara e ela se mantinha presa às flexíveis raízes. O dardânio curvou-se, querendo arrancar com a mão aquele ferro para perseguir com um dardo o homem que não conseguia alcançar na carreira. Então, realmente desvairado pelo medo, Turno exclama: "Fauno, imploro-te, tem piedade de mim, e tu, Terra benigna, retém este ferro, se é verdade que sempre tenho honrado vosso culto, que os companheiros de Enéias profanam com a guerra." Disse e não foi embalde que implorou a ajuda de um deus. Com efeito, depois de se esforçar por muito tempo, retardado pela madeira flexível, Enéias, apesar de sua força, não consegue arrancar a lança das raízes. Enquanto se esforça, impetuoso, e insiste, acorre a deusa filha de Dauno e, tendo retomado o aspecto de Metisco, restitui a espada ao irmão. Vênus, indignada ao ver a que se atrevia a audaciosa ninfa, aproxima-se e arranca o dardo das profundas raízes. Erectos, os dois campeões, reconquistadas as armas e o ânimo, este confiante em seu gládio, aquele impetuoso e forte com a lança, enfrentam-se, arquejantes, no combate.

Entrementes, o rei do onipotente Olimpo dirige-se a Juno, que contemplava a luta do alto de uma fulva nuvem: "Qual será o fim, minha esposa? O que, afinal, ainda resta? Bem sabes, e deves saber, que Enéias Indigeto[1] está prometido ao céu e que seu destino se eleva até os astros. O que maquinas? Que esperança te prende às nuvens geladas? Seria lícito que um mortal ferisse um deus? E essa espada (pois sem ti, de que valeria Juturna?) arrancada a Turno e a ele restituída para estimular a coragem do vencido? Cessa de agora em diante e atende às nossas súplicas; não permitas que te consuma esse sofrimento oculto, e faze com que eu não veja tantas vezes estampada a preocupação em teu rosto querido. É chegado o momento supremo. Pudeste afligir os troianos na terra e no mar, desencadear uma guerra abominável, infamar uma casa[2] e misturar o luto ao himeneu: proíbo-te de ires além." Assim falou Júpiter: e assim respondeu, de cabeça baixa, a filha de Saturno: "Foi porque tua vontade me era conhecida, grande Júpiter, que, malgrado meu, abandonei Turno e a terra. Se assim não fosse, não me verias sozinha em minha alta morada, sofrendo tantas afrontas; em vez disso, eu estaria, cingida de chamas, na batalha e arrastaria os teucros a encarniçados combates. Confesso que aconselhei Juturna a socorrer seu desventurado irmão, e aprovei que ela se atrevesse a mais para proteger-lhe a vida; não, porém, lançando dardos ou distendendo o arco; juro pela implacável nascente do Estige, único motivo de temor religioso que existe para os deuses superiores. E agora, em verdade, desisto e abandono os combates que detesto. O que, porém, não tiver proibido pelas leis do destino peço-te, pelos latinos e pela majestade dos teus: quando os dois povos, concordo, em breve façam a paz graças a um matrimônio feliz, quando forem estabelecidas as condições da aliança, não permitas que os latinos indígenas mudem seu antigo nome e passem a ser chamados de troianos ou teucros, ou troquem de idioma e de indumentária. Que haja o Lácio, que haja reis albanos através dos séculos, que exista uma nação romana, poderosa pelas virtudes itálicas; Tróia pereceu: permite que seu nome tenha com ela perecido."

Sorrindo, respondeu-lhe o criador dos homens e das coisas: "És

---

1 Os antigos chamavam Indigetos os homens que passavam a ser considerados deuses.

2 Com o suicídio de Amata.

digna irmã de Júpiter e filha de Saturno, tal é o turbilhão de ressentimentos que te agita o peito! Vamos, domina este furor inútil: concedo o que queres, e de boa vontade me entrego vencido, os ausônios conservarão o idioma e os costumes dos antepassados e seu nome será o que é; apenas se misturando ao povo, os teucros desaparecerão; dar-lhe-eis o culto e os ritos religiosos e farei a todos latinos, com um só idioma. Verás a raça que surgir, misturada ao sangue ausônio, ultrapassar em piedade os homens e os deuses; e nenhuma nação há de honrar-te mais que essa." Concorda Juno e comove-se, jubilosa. Sai, então, do céu, deixando a nuvem.

Retardado pela madeira flexível, Enéias, apesar de sua força, não consegue arrancar a lança das raízes (pág. 209)

Feito isto, o Pai dos deuses cuida ele próprio de outro propósito e prepara-se para afastar Juturna do combate de seu irmão. Conta-se que há dois flagelos, chamados Fúrias, que a escura Noite gerou, em um só parto, juntamente com a tartárea Megera, às quais cingiu das mesmas

espirais de serpente e às quais deu asas rápidas como o vento. Elas se postam junto ao sólio de Júpiter e no limiar do palácio desse rei terrível e atormentam com o medo os desventurados mortais, quando o rei dos deuses se dispõe a lhes mandar a morte e as horríveis enfermidades, ou quando aterroriza com a guerra as cidades que a mereceram. Júpiter enviou do alto do éter uma delas para levar um augúrio a Juturna. Ela voa sem demora e avança para a terra em um turbilhão. Assim é a seta lançada no nevoeiro, quando o parta a temperou com o fel de um atroz veneno, o parta ou cretense, e a lançou, arma irremediável, e que, sibilante e invisível, atravessa rápidas sombras: assim a filha da Noite avançou e alcançou a terra. Logo que vê as colunas troianas e as forças de Turno, tendo assumido de súbito a forma de uma pequena ave, que, às vezes, pousada, de noite, em cima dos sepulcros ou nos tetos das casas desertas, grita sinistramente nas trevas; sob essa forma, passa e repassa diante de Turno gritando e atinge seu escudo com as asas. Um torpor desconhecido invade-lhe os membros, os cabelos arrepiam-se de horror e falta-lhe a voz na garganta.

Por sua vez, desde que reconheceu, de longe, o ruído e as asas da Fúria, a desventurada Juturna arranca os cabelos desgrenhados, arranha o rosto e esmurra o peito. "Turno, como, agora, poderá tua irmã ajudar-te? Que esperança resta agora a mim, cruel? Com que artifício prolongaria tua vida? Como poderei enfrentar esse monstro? Desisto da luta. Não me atemorizes mais, tenho medo, aves repelentes: reconheço o batido de vossas asas e vosso grito de morte: não me enganam as ordens soberbas do magnânimo Júpiter. É este o preço de minha virgindade? Para que me deu a vida eterna? Por que me libertou da lei da morte? Poderia, ao menos, hoje ver o fim de tantos sofrimentos e acompanhar meu desventurado irmão à morada das sombras. Eu imortal! De que me vale, sem ti, tal privilégio, meu irmão? Oh! que terra bastante profunda se abriria para tragar-me, eu deusa, até abismo dos Manes!" Assim tendo falado, a deusa envolve a cabeça em um cerúleo véu e, gemendo, desapareceu no rio profundo.

Enéias investe, brandindo um dardo imenso, do tamanho de uma árvore, e arranca do coração feroz estas palavras: "Que demora é esta? Por que ainda hesitas, ó Turno? não é correndo, mas de perto e com armas implacáveis, que é mister combater. Assume todas as formas que quiseres, ajunta tudo que puderes em coragem e artimanha; nada mais te resta senão voar até os astros ou esconder-te nas profundidades da terra." Sacudindo a cabeça, responde-lhe Turno: "Não me atemorizam tuas palavras violentas, homem orgulhoso; atemorizam-me os deuses e a inimizade de Júpiter." Sem nada mais dizer, lança os olhos para uma pedra imensa, antigo e enorme rochedo, que se achava por acaso na planície, servindo de limite entre os campos, para evitar as pendências. Doze homens escolhidos, do porte que hoje os produz a terra, poderiam com dificuldade levantá-la; o herói, tendo-a agarrado com a mão febril, ergue-a contra o inimigo, a toda altura, e corre contra ele. Já não se reconhece, porém, para correr, para caminhar, ou para erguer e mover aquela pedra descomunal. Os joelhos curvam-se, o sangue paralisa-se, gelado. A própria pedra que queria atirar rola no vácuo, sem atravessar o espaço nem atingir o alvo. Assim, no sono, quando, na longa noite o cansaço nos fechou os olhos, parece-nos que queremos prolongar em vão uma rápida corrida e sucumbimos, no meio de nossos esforços: a língua não nos vale, tornam-se nulas as forças corpóreas habituais, a voz e as palavras falham: assim a Turno, a deusa cruel negava o sucesso a tudo quanto o seu valor experimentava. Sentimos variados agitam-lhe o coração; olha para os rútulos e para a cidade, hesita de

medo, treme diante do dardo que o ameaça; não dispõe de mais recursos para escapar nem de força para investir contra o inimigo, não mais vê seu carro e a irmã servindo de cocheiro.

Enquanto hesita, Enéias brande o dardo fatal, procurando o momento oportuno, e o atira de longe, com toda a força do corpo. Jamais retumbaram tão forte as pedras lançadas por um engenho de guerra, nem se elevou mais alto o estrondo do raio. Voa o dardo, à maneira de um turbilhão escuro, levando consigo a morte cruel, atravessa a extremidade da couraça, a orla do escudo formado de sete couros superpostos e penetra, sibilando, no meio da coxa. Ferido, o gigantesco Turno tomba por terra, vergando os joelhos. Erguem-se os rútulos, dando um grito de horror; e toda a montanha em torno ressoa e os cerrados bosques repetem o eco ao longe. Turno, humilde e suplicante, erguendo os olhos e as mãos, como em uma prece, diz: "Em verdade, mereci, não imploro; aproveita tua sorte. Se, porém, pode comover-te o sofrimento de um pai desventurado, peço-te (a ti que tiveste também um pai como Anquises) que tenhas compaixão da velhice de Dauno e restituas-me aos meus, ou, se preferires, restituas meu corpo já privado da vida. Venceste e os ausônios viram um vencido estender-te os braços; Lavínia é tua esposa; que o ódio não se estenda mais longe." Mobiliza-se Enéias, empunhando a arma e, com o olhar incerto, deteve a mão direita; e já hesitava cada vez mais, e as palavras do outro começavam a abrandá-lo, quando no alto do ombro aparecem o boldrié funesto e os botões resplandecentes do cinturão bem conhecido do jovem Palante, que Turno havia vencido e matado, e cujas insígnias inimigas ostenta nos ombros. Ao avistar aquela presa, lembrança de uma dor implacável, Enéias exclama tomado por um terrível acesso de cólera: "Queres, deveras, escapar à minha vingança recoberto com os despojos dos meus? É Palante, sim, é Palante que te imola, e se vinga em teu sangue celerado." Assim dizendo, crava, impetuoso, a espada no peito. O frio da morte gela o corpo de Turno[1] e, com um gemido, a vida indignada foge para a morada das sombras.

FIM

*

*   *

1 No original: *soluuntur frigore membra*, "os membros são paralisados pelo frio".

Coleção

UNIVERSIDADE DE BOLSO

Textos Integrais

Os melhores clássicos da literatura universal, a preços acessíveis e formatos convenientes que além de leves e portáteis cabem no bolso de um paletó ou na bolsa de uma mulher.

Como as demais coleções, a nossa preocupação é oferecer uma leitura agradável e, ao mesmo tempo, de utilidade para estudantes e professores. Para isso contamos com a colaboração de mestres da literatura nacional que, além das traduções impecáveis, elaboram prefácios, guias para o leitor e biografia dos autores.

Eneida

Virgílio era inovador, comparado com seus predecessores, na pintura dos caracteres. Homero desenhava-os com alguns traços sumários, insistindo numa só qualidade ou paixão preponderante. Virgílio consagra-lhes retratos matizados, modifica-os sob o impacto dos acontecimentos, atribui-lhes sentimentos complexos. E embora de modo compreensível se identifique sobremaneira com as personagens que carregam o destino de Roma, não fica insensível às razões e aos sofrimentos dos que pertencem ao campo oposto. A melhor prova disto é a sua atitude, cheia de comiseração e ternura, para com Dido. A paixão desta por Enéias e o seu abandono por ele decorrem igualmente de ordens divinas, inelutáveis: se ela não recebesse bem os fugitivos, estes não poderiam refazer-se dos estragos da tempestade; se Enéias permanecesse junto a ela, a nova Tróia nunca seria erguida. Virgílio, porém, não vê nela apenas um degrau da ascensão de seu herói, mas também, e em primeiro lugar, a mulher dilacerada entre a paixão e o dever, metamorfoseada de rainha majestosa em amante submissa, depois em pobre fêmea suplicante, por fim em fúria desencadeada — em suma uma verdadeira heroína de tragédia, cujo martírio nos arrebata e consterna.

Remanescente das velhas gerações que ainda traziam gravados na memória e no coração os versos de Virgílio, quem assina estas linhas tem-se valido mais de uma vez dos conceitos da sua viril resignação, cunhados em fórmulas imutáveis de tão lapidares.

Paulo Rónai

Capa: Enéias carregando seu pai.
Detalhe de um vaso grego